

Autora best-seller #1 do The New York Times

BARBARA FREETHY

com mais de 2 milhões de livros vendidos

Tudo o que
ela sempre
quis

A busca por um terrível segredo pode
não ser a melhor opção





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tudo o que ela sempre quís

Barbara Freethy





Capítulo 1



— Escolha uma carta, qualquer uma.

Natalie Bishop olhou para as cartas na mão do homem velho.

— Sr. Jensen, preciso mesmo ouvir os seus batimentos cardíacos. Você me disse que estava com dores no peito...

Ele ignorou o pedido e baixou a vista para as cartas. Os dedos dele eram longos, as mãos enrugadas e pálidas, com manchas senis. Os olhos escuros imploravam que ela lhe obedecesse. A sala de emergência do hospital St. Timothy's, em São Francisco, não era lugar apropriado para um carteadado. Mas Natalie aprendera, nos três anos de residência, que a cura não era somente questão de medicina e que os pacientes não eram apenas doentes. Às vezes, era somente velhice e solidão. Então, ela fez o que ele lhe pediu: escolheu uma carta. Às de espadas. A carta da morte. Sentiu um arrepio.

— Não me diga qual é, Dra. Bishop. Apenas segure-a. — O Sr. Jensen fechou os olhos e começou a tagarelar qualquer coisa bem baixinho.

Natalie teve vontade de jogar a carta para debaixo da cama, o que era ridículo. Ela não era supersticiosa. Não acreditava em truques, ilusão de ótica, nem em qualquer tipo de magia. Não acreditava em nada que não pudesse ser provado cientificamente. O ás de espadas era apenas uma carta. Se estivesse jogando pôquer ou vinte e um, teria ficado contentíssima.

Os olhos do Sr. Jensen abriram-se e viraram-se para ela, como se nunca a tivessem visto.

— Ás preto. Ás de espadas.

Ela engoliu em seco.

— Boa! Como foi que adivinhou? — E devolveu-lhe a carta.

— Você estava tremendo — havia tamanha seriedade em seu olhar que ela se espantou ainda mais. — Você está com medo.

— Não estou, não. — Ela não tinha tempo para ter medo. Fazia turnos dobrados quase todos os dias. Sempre exausta e estressada de tanto trabalhar. Não tinha energia para o medo. Mas estava apavorada de que

alguma coisa pudesse dar errado a essa hora da noite, faltando só um mês para o fim do período de residência. Depois de anos lutando contra inumeráveis adversidades para se tornar médica, ela poderia, enfim, falhar. Mas falhar estava fora de cogitação. A sua carreira era a sua vida.

— Vai acontecer algo ruim — o homem continuou. — Estou sentindo nos ossos. E esses ossos nunca mentem.

— Não sei do que você está falando. Por que você não me deixa escutar os seus batimentos? — Natalie encostou o estetoscópio no peito do homem e escutou as batidas constantes do coração. Parecia estar tudo bem. Porém o coração dela tinha disparado. Muita cafeína, disse a si mesma, nada além disso.

— O coração está bom — disse, concentrando-se no presente. — Está sentindo alguma dor?

— Agora não.

Natalie não se surpreendeu. O Sr. Jensen era paciente assíduo da sala de emergência e, por ora, ambos conheciam o procedimento.

— O que você comeu no almoço?

— Pizza de pepperoni.

Na mosca.

— Está explicado. Por acaso, foi uma dor que sentiu bem aqui? — apontou o peito dele.

Ele concordou com a cabeça.

— Sim, bem aí.

— Bem, parece ser a mesma indigestão da semana passada e da semana anterior. Está na hora de parar de comer pizza, Sr. Jensen. — Apanhou o bloco de receitas. — Posso receitar algo contra indigestão, mas o senhor precisa fazer dieta.

— Talvez devesse ficar mais um pouco aqui, caso a dor volte.

Natalie sabia que deveria dar-lhe alta. Não havia nada fisicamente errado com ele e o hospital precisava liberar os leitos para as próximas horas. Afinal, era sexta-feira, noite em que tudo acontece num hospital. Mas o Sr. Jensen tinha quase 80 anos e vivia sozinho. Com certeza, precisava mais de companhia do que de tratamento médico.

"Não se envolva", disse a si mesma. A sala de emergência era para

tratar de problemas específicos e não para se envolver emocionalmente com os pacientes. Por isso, escolhera aquela especialidade: era boa em situações de emergência, mas péssima em relações pessoais.

— Posso fazer outro truque. — O Sr. Jensen se dispôs, embaralhando as cartas. — Eu era mágico, você sabe, um dos bons. Cheguei a trabalhar em Las Vegas.

— Nunca fui a Las Vegas.

— E não acredita em mágica — disse com um suspiro.

— Não.

Ele fez um movimento com a cabeça, considerando-a com seus olhos velhos e sábios, o que a deixou nervosa.

— Quando você parou de acreditar?

— Não sei do que você está falando.

— Em Papai Noel, fadas madrinhas e duendes.

— Nunca acreditei nessas coisas.

— Nunca? Nem mesmo quando era pequenininha? — perguntou, surpreso.

Ela pensou em dizer-lhe que nunca tivera infância, quando, então, se lembrou de uma camisola cor-de-rosa. Não devia ter mais de sete anos. O pai dela a pegara nos braços para que ela prendesse as meias na lareira e eles a enchessem de chocolate para o Papai Noel. Foi o último Natal que passaram juntos. Sentiu tristeza. Havia quase esquecido. E não sabia o que era pior: ter quase se esquecido ou ter se lembrado.

Natalie olhou para o bloco de receitas e esforçou-se para terminar de escrever. Rasgou uma folha e entregou-lhe:

— Isso vai resolver.

— Não me sinto tão bem pra ir pra casa agora — disse bem devagar, pondo a mão no peito.

Os olhos solitários dele suplicavam que lhe entendesse. E ela entendeu. Ela sabia que ele vivia sozinho e sabia que a solidão era dureza. Mas o atendimento na emergência tinha suas regras, que incluíam liberar o paciente o quanto antes e o seu superior adoraria ter um motivo para advertir-lhe. "Só falta um mês para o fim da residência", repetiu para si. Poderia se preocupar em trocar de hospital depois. Mas agora...

— Bem, sabe — as cartas ainda não lhe saíram da cabeça —, acho que algumas crianças no setor pediátrico adorariam ver alguns truques. Vou ver se alguma voluntária pode acompanhá-lo até lá.

Ele sorriu levemente:

— Isso é muito bom. Obrigado, Dra. Bishop.

— Sem problemas. — Natalie deixou a sala e parou na enfermaria para largar o boletim médico e procurar uma enfermeira que quisesse acompanhar o Sr. Jensen até pediatria.

— Ele a convenceu — disse, com um olhar de sabedoria, Gloria, a enfermeira de plantão.

Natalie deu de ombros:

— É uma situação em que todos saem ganhando. As crianças vão adorar as mágicas e ele vai poder conversar com alguém. Talvez se ele se tornasse voluntário, nós o veríamos menos nesse andar.

— Você está querendo tapar o sol com a peneira. Há centenas de caras iguais ao Sr. Jensen que aparecem aqui todas as semanas. Você vai mandar todo mundo pra pediatria?

— Só se eles souberem mágica. Posso fazer um intervalo? — perguntou, verificando um quadro na parede.

— Bem pequeno — Gloria respondeu.

— Você sabe onde me encontrar.

Natalie seguiu pelo corredor até a sala de repouso. Uma estudante de medicina solitária, Karen Gregg, estava comendo um sanduíche em frente ao pequeno televisor. Ela pediu que Natalie fizesse silêncio, assim que esta lhe disse "oi". Natalie pôs os olhos na tela para verificar o que era assim tão interessante. Era um programa sobre lançamentos de livros e havia um homem sentado diante de uma mesa de autógrafos numa livraria e um romance de capa dura a seu lado. O título do livro era *Fallen Angel* e o autor era Garrett Malone, um homem de meia-idade, barba grossa, óculos de intelectual e uma expressão séria.

Ela estava a ponto de se virar, quando ele começou a falar. Sua voz era estranhamente familiar. Ou talvez fossem as palavras que lhe faziam lembrar-se de algo.

"Elas permaneceram à porta do céu, as calouras de um lado e as iniciadas de outro", ele leu. "Elas eram mulheres lindas vestidas de branco, coroas de flores na cabeça. O rosto iluminado pela luz das velas que

seguravam. O vozerio fornecia uma bela harmonia à cerimônia de iniciação noturna.

Uma das garotas era estranha. Queria muito escapar dali, mas suas amigas a circundavam. Elas eram conhecidas como as Quatro Fantásticas, inseparáveis desde o primeiro dia de aula na faculdade e depois como membros da comunidade.

Uma queria ser médica; a outra, modelo; uma terceira queria um marido e filhos. Ela só queria que suas amigas a conhecessem de verdade.

Queria parar de fingir ser outra pessoa. Somente ela poderia ser corajosa o suficiente para tirar a máscara, mostrar-se como era realmente. Tinha medo de que as amigas a julgassem e tinha motivos para tanto."

Garrett Malone parou e olhou diretamente para a câmera. Natalie prendeu a respiração e lembrou-se, subitamente, da previsão do Sr. Jensen, segundo a qual alguma coisa ruim aconteceria.

"Em alguns minutos elas entrarão para a fraternidade", continuou Malone. "Antes de raiar o dia, uma delas morrerá."

— Emily! — Natalie sussurrou, balançando a cabeça como que descrente. Era a história de Emily. Era a história delas. Elas eram as Quatro Fantásticas: Madison, Laura, Emily e ela própria. Elas se conheceram na faculdade. Frequentaram o segundo ano na mesma classe. Mas o homem estava lendo um livro. Era ficção, não era? Claro que sim. O enredo era estranhamente semelhante. Uma coincidência bizarra? Não poderia ser nada além disso, não é mesmo?

— Há algo errado, Dra. Bishop? — perguntou Karen.

Natalie percebeu que a colega olhava para ela com espanto.

— O quê?

— Você está branca como cal. Está passando bem?

— Estou bem, tudo bem.

— Você já leu o livro? — Karen vira-se para a TV.

— Não tenho tempo pra ler.

— Eu também não, mas adoro romances criminais. Esse aqui teve uma crítica positiva no Tribune.

No Tribune? O jornal da família Parish? Eles não publicariam uma crítica de um livro a respeito da morte de um membro da comunidade, o

que significa que não era sobre Emily. Natalie respirava com dificuldade.

— Soube que a história vai virar filme — continuou Karen. — Já sei o porquê. Comecei a lê-lo ontem e estou vidrada. Mal posso esperar pra descobrir o que vai acontecer.

— É sobre o quê? — perguntou Natalie, mas em seguida não queria mais saber. Não queria saber mais nada. Porém era tarde demais para retirar a pergunta.

— É sobre uma morte na associação de moças. Uma garota chamada Ellie caiu do segundo andar na noite da iniciação.

Natalie sente cólicas. Ellie, não Emily, mas os nomes eram parecidos.

— Nenhuma das amigas ou parente sabe o que aconteceu. Pelo menos, é o que dizem. Não sei como vai terminar, mas acho que foi uma das garotas quem a matou.

Natalie virou-se, o coração estava disparado enquanto ouvia a frase novamente:

"Uma das garotas a matou."

E ela era uma delas.

Cole Parish deu as caras na redação do jornal San Francisco Tribune no fim da tarde de sexta, cumprimentando repórteres e jornalistas do plantão noturno, que trabalhariam noite adentro, fazendo chamadas, despachando, pesquisando um furo na internet para cobrir as páginas de sábado e domingo. A vibração na redação nunca falhava e Cole Parish era viciado nessa adrenalina, principalmente agora que ele acabou de sair de uma reunião com os contadores. Como editor-executivo do jornal, era sua função verificar se o negócio ainda era rentável, uma tarefa difícil nesses tempos de velocidade e notícias on-line.

Estudar os lucros e as perdas era a tarefa menos prazerosa do seu cargo. Ele era essencialmente um homem das notícias, não um homem de negócios, mas obrigações com a família acabaram obrigando-o a sentar-se atrás da mesa de trabalho e não mais na linha de frente, onde ele gostaria de estar. Bem, aquele barco tinha afundado faz tempo. Não adiantava chorar pelo leite derramado.

A sua secretária o observava, enquanto ele se aproximava. Mônica, uma mulher madura de cabelos escuros e olhos castanhos perspicazes, era uma funcionária antiga. Ela tinha trabalhado com seu avô, seu pai e seu tio e, provavelmente, sabia mais sobre o jornal que o próprio Cole.

— Algum recado?

— Seu pai ligou para confirmar o jantar de família na quarta-feira, quando eles voltarem de viagem.

Cole fez que sim com a cabeça. Seus pais e tios estavam passando o mês na Europa e ele suspeitava de que seu pai e seu tio, que tinham sido respectivamente diretor e presidente do jornal, estavam ansiosos para saber o que andava acontecendo na redação.

— Eu lhe disse que estava tudo tranquilo — disse Mônica. — A sua prima Cindy também ligou e... — Mônica franziu a testa enquanto lia o recadinho anotado num pedaço de papel. — Não entendi bem o que ela queria, mas era algo sobre uma crítica de livro que saiu no último domingo. Ela disse que retornaria a ligação. Estava bem chateada. Mencionou algo sobre lealdade familiar.

— Se ela ligar de novo anote o recado. Eu já tinha dito a ela que quem escolhe os livros que serão publicados é o editor de literatura e não quero mais discutir esse assunto. Alguma outra coisa?

— Tem alguém esperando por você na sua sala. Ela insistiu — Mônica acrescentou com um tom de reprovação no olhar. — Quando é que você vai encontrar uma garota legal para se casar?

— Gisela é uma garota muito legal.

— Ela é muitas coisas, mas não a qualificaria de legal.

Tampouco ele a qualificaria de simplesmente legal, pensou melhor ao entrar em sua sala. Gostosa, estonteante e sexy lhe vieram à cabeça. Na verdade, a cabeça parou de funcionar assim que Gisela encostou os seios em seu peito e deu-lhe um longo beijo de língua.

— Senti saudades, onde você esteve? — ela lhe perguntou com uma vozinha de menina que imediatamente lhe cortou o tesão. Por que será as mulheres acham essa voz sexy?

— Estive em reuniões o dia todo — respondeu, recuando um pouco.

— Sabe o que se diz sobre pessoas que trabalham muito e não se divertem? Que esses homens ficam muito chatos. — Ela sorriu-lhe maliciosamente. Ela era mesmo muito bonita, cabelo loiro-escuro, olhos castanhos, cheia de curvas. Ele apenas queria ter mais coisas em comum com ela, fora da cama. Não que ele quisesse uma relação estável, duradoura. Ele tinha desistido disso anos antes.

— Me pergunte o que eu fiz hoje.

— O que você fez hoje?

— Fui num spa em Napa Valley com a Margarita. Foi incrível. Fizemos limpeza de pele e banho de lama, e eles nos esfregaram com alga marinha.

Cole sentou-se à mesa de trabalho, enquanto Gisela lhe contava sobre a visita ao spa com uma colega, modelo de lingerie. Ele virou os monitores de TV para si e passou os olhos nas legendas das notícias principais, atualizando-se sobre os últimos acontecimentos pelo mundo. As notícias de guerra tomaram novas dimensões nos últimos anos, à medida que os repórteres acompanhavam os soldados no campo de batalha. Era perigoso, mas também excitante, ser correspondente internacional.

— Você ouviu o que eu disse? — Gisela perguntou impacientemente.

— Me desculpe — disse, ainda distraído com as últimas da CNN. Não dava para ele ouvir muito bem, mas o vento e as ondas sugeriam um furacão ameaçando a costa da Carolina do Norte.

— Cole, isso é ridículo. Você não está me ouvindo — Gisela bateu na mesa, uma batidinha de nada para não quebrar as unhas vermelhas, mas ter feito isso, mesmo de unhas pintadas, revelava que ela estava verdadeiramente irritada, o que era um tanto despropositado. Gisela era a rainha do drama.

Todo pequeno aborrecimento se transformava num problema maior.

— Qual é o problema agora? Falta de caviar no creme de limpeza?

— O problema é você.

Cole suspirou. Já tinha ouvido isso — e não somente uma vez. O comentário geralmente continuava: "Você não tem muito tempo para mim", ou "Não acho que a gente realmente se conheça", ao qual ele tendia a responder: "A gente precisa mesmo se conhecer?" ou "A gente não pode se divertir juntos, dar risada, fazer sexo e ficar nisso?". Bem, na verdade, ele jamais diria isso. Seria balançar uma bandeira vermelha na frente de um touro, ou de uma mulher irritada.

Antes que Gisela pudesse explicar com detalhes por que estava tão chateada, alguém bateu à porta. Josh Somerville entrou no escritório. Josh era um típico garoto de praia da Califórnia: um físico perfeito, sarado, surfista, skatista e outros "istas", cabelo tingido de sol, sempre despenteado, sardas que aumentavam no verão e sorriso largo. Graças a Deus Josh estava por perto. As anteninhas dele estavam funcionando. Convivendo lado a lado, como vizinhos, Josh, seu irmão gêmeo, Dylan, e Cole tinham uma estratégia com as garotas. Se algum deles estivesse em apuros, o outro viria em seu socorro.

— Josh, você chegou bem na hora. — Cole olhou firme para ele.

Josh lançou um olhar de relance para a irritada Gisela.

— Tô sacando. Oi, Gertie, beleza?

Cole suspirou discretamente. Gisela, conhecida como Gertrude Hamilstein, mudou o nome para Gisela anos atrás, mas Josh, que era repórter de esportes para o Trib, descobrira e não resistia à provocação.

— Estou tendo uma conversa particular, se não se importa — disse Gisela.

— Eu não me importo, continue. — Josh sentou-se em frente à mesa de Cole e esticou as pernas. — Sobre o que vamos conversar?

— Sobre o amor.

— Meu assunto favorito.

— Eu disse amor e não sexo. Você sabe a diferença?

— A maioria dos homens não sabe — disse Josh, rindo. — Concorde, Cole?

— Merda! — Cole tinha se distraído de novo com a televisão. — Eles atingiram a embaixada da Jordânia. — Pegou o telefone e procurou o ramal do

editor do caderno Mundo, seu primo mais novo, Randy. Felizmente, ele ainda estava lá. — O Hal está na Jordânia?

— Ele está voltando. A mulher dele entrou em trabalho de parto.

— Quem mais está lá?

— A Anita está no Líbano. Já estou cuidando disso.

— Ótimo. — Cole desligou o telefone e viu que Gisela continuava irritada. — O que é?

— Você é um viciado — Gisela respondeu. — Um drogado. As notícias são a sua droga. Você não vive sem.

— Sou um jornalista e isso é uma redação de jornal. Devemos publicar o que acontece no mundo.

— E o que acontece na sua vida? Está interessado em saber?

— Do que você está falando?

Josh limpou a garganta:

— Não acho que vocês dois precisem de mim agora. Volto mais tarde.

— Ah, você pode ficar — completou Gisela, um tanto frustrada. — Já terminei. Vou embora.

— Tá bom, vejo você mais tarde — disse Cole, enquanto ela pegava sua bolsa de marca.

Ela balançou a cabeça, bem surpresa:

— Acho que não. Você escutou o que eu disse?

— Humm... — O que diabos ela tinha dito?

— Ai, meu Deus! Você realmente não presta atenção. Acabou. Não quero ver você de novo. Entendeu? Ou precisa que eu jogue uma tonelada de tijolos na sua cabeça? — Para enfatizar, ela jogou nele o grampeador antes de sair. Cole tentou desviar, mas não foi rápido o bastante. O grampeador atingiu a cabeça e ele viu estrelas. Passou a mão no rosto. Estava sangrando.

— Que merda!

Ele mal conseguiu acompanhar o que aconteceu a seguir. Alguém lhe jogou uma toalha. Josh o levou até o elevador e depois até a garagem. Foram até o hospital mais próximo de carro. Aparentemente, a sala de emergência do St. Timothy's não se impressionou tanto com o corte na cabeça quanto seus colegas de trabalho, porque lhe deram uma bolsa de gelo e pediram-no para sentar na sala de espera lotada. Muitas daquelas pessoas não falavam inglês.

— Isso pode demorar horas — Cole resmungou. — A gente devia desistir.

— Não podemos. Você provavelmente vai levar uns pontos. — Josh sentou-se ao lado dele. — Você sabe mesmo como irritar uma mulher. Como está se sentindo?

— Está doendo pra cacete. — A dor impedia que falasse claro.

— A próxima vez que terminar um namoro, verifique se não tem nenhum objeto perigoso por perto.

— Eu não sabia que ia terminar.

— Bem, acho que o problema foi esse. — Josh deu uma risadinha.

Cole moveu a cabeça, em seguida reclamou da dor na testa.

— Merda! Era a última coisa de que precisava hoje. Tenho de sair daqui. Tenho um monte de coisas pra fazer.

— Que coisas? É sexta à noite.

— As notícias não param só porque é fim de semana. Se você ainda não sabe, o mundo está de pernas para o ar.

Josh inclinou-se para frente:

— Se você ainda não sabe, o seu mundo está de pernas para o ar.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que você deveria prestar mais atenção aos seus problemas, como a sua namorada. Talvez Gisela volte atrás, se você ligar pra ela mais tarde.

— E por que eu faria isso? Ela quase me matou.

— Se você tivesse sido mais rápido, não tinha sido atingido. Você tem de diminuir o ritmo no trabalho, cara.

— Eu não tenho de diminuir coisa nenhuma. — Muito embora ele ficasse horas na redação, sempre tinha mais trabalho para fazer. — Sinceramente, estou farto da Gisela e daquela vozinha de menininha que ela tem. É de enlouquecer.

— Ainda bem que ela o acertou. Ela estava me deixando louco nas últimas semanas. Mas é uma puta gata.

— Cole Parish? — perguntou a enfermeira, interrompendo-os. — Venha comigo.

Cole se levantou:

— Você pode esperar aqui, se quiser — disse a Josh.

— Vou ficar na sua cola; aqui está uma fauna — Josh respondeu, enquanto um bando de drag queens entrava na sala de espera.

Seguiram a enfermeira pelo corredor e entraram num quarto com três leitos, cada um deles separado por uma cortina. Um homem velho estava deitado em um deles. O outro estava vazio.

— O doutor está a caminho — disse a enfermeira. Ela mal tinha saído do quarto, quando eles ouviram uma confusão no corredor.

Um bando de médicos em roupas de hospital passou por eles, gritando termos médicos e empurrando uma maca pelo corredor. O instinto de

repórter de Cole falou mais alto que a dor de cabeça. Ele esticou o pescoço, na tentativa de entender o que estava acontecendo.

— Vou verificar — disse Josh.

Ao ver o amigo sair do quarto, Cole franziu a testa, irritado que tivesse ficado para trás. Sentou-se na cama, segurando a bolsa de gelo na testa e desejando ver a televisão. Se fossem deixar as pessoas esperando tanto tempo, pelo menos poderiam mantê-las numa sala com TV ligada nas notícias, para distraí-las da dor.

Josh voltou alguns minutos mais tarde:

— Uma vítima de tiroteio. Roubaram uma loja de conveniência no distrito de Mission. O proprietário deu um tiro no ladrão, um garoto de 17 anos.

— Ele vai sobreviver?

— Eles o levaram para a sala de cirurgia.

— Devia ligar para Blake — Cole se referia ao editor-assistente do caderno Cidade, de plantão às sextas-feiras à noite.

— Tenho certeza de que ele já sabe do assalto.

— Onde está meu celular?

— E eu é que sei! Relaxe, cara. Você vai piorar.

— Não vou piorar. Quero que o Trib cubra essa história. A gente tem muitos concorrentes cobrindo as notícias on-line e em blogs.

— A gente vai continuar na luta. — Josh sentou-se na cadeira ao lado do leito. — Além disso, tem muita gente trabalhando pra você. Deixe que eles façam o trabalho deles. — Josh inclinou-se para trás e topou com um tubo ligado a uma máquina. — O que você acha que é isso?

— Não faço ideia. Onde é que está esse médico? Poderia ter morrido de tanto sangrar.

— "Morto por um grampeador." — Josh riu. — Gostou da manchete? Ou que tal: "Top model psicopata ataca"?

Cole resmungou:

— Não é nada engraçado.

— É claro que é.

Josh estava certo. A vida pessoal de Cole era uma piada oficial. O ataque de Gisela tinha chamado a atenção para isso. Talvez ele devesse se dedicar a outra coisa além do jornal. Mas não a Gisela. Estava tudo acabado. Ele já sabia disso há algum tempo. Mas estava muito ocupado para terminar o namoro. Agora que ela tinha dado o fora, ele estava aliviado.

Cole olhou para uma mulher que entrava no quarto.

— Boa noite, Senhor... — Ela parou abruptamente diante do nome, levantando os olhos estranhamente familiares do boletim médico. — Cole?

— Natalie?

O coração dele disparou. Não podia ser ela. Não agora, não depois de todos esses anos. Não aqui, não nesta cidade.

Ela se distanciou um pouco, lentamente, passos curtos, como se não estivesse certa de que quisesse se aproximar. Os cabelos dela, lindos e vermelho-escuros, estavam presos, mostrando um perfeito rosto oval. Os olhos dela eram azuis, cintilantes; os lábios, macios e carnudos como se lembrava, mas foi o movimento no canto deles que fez com que parasse de respirar. Ele a beijaria, a beijaria agora! Deus! Natalie Bishop! A única mulher que ele... Não, ele não poderia pensar nisso, muito menos falar disso.

Poderia ter sido fácil encontrá-la. Lá se foram dez anos, mas pareciam dez minutos.

Ela era mais velha agora; uma mulher, não uma menina. Havia pequenas linhas de expressão debaixo dos olhos e em volta dos lábios. Estava mais gorda, tinha crescido e tinha voltado. Ele ainda não estava preparado para revê-la. Nem ela.

De repente, Cole se deu conta de que ela usava um jaleco branco, um estetoscópio no pescoço e trazia o boletim médico. Ela era a médica. A sua médica!

— Bem, isso é um encontro e tanto! — Josh murmurou, quebrando o silêncio entre eles. — Lembra-se de mim?

Por um momento, não se lembrou, mas logo o reconheceu.

— Claro, você é Josh, irmão gêmeo de Dylan e vizinho de Cole.

— Boa memória.

Natalie voltou-se para Cole.

— Você veio aqui por causa do livro? É mesmo sobre Emily? — Daí, percebeu o corte na cabeça. — Ah, você está ferido! Tem um corte na

cabeça. Por isso está aqui. Claro. — E continuou com um movimento de cabeça. — No que estava pensando...

— Que livro? Do que está falando?

Ela abriu a boca; depois, fechou.

— Não é nada. Você está com dores?

— Já tive dias melhores. Você é mesmo médica?

— Sim, sou. O que aconteceu? — Ela segurou o boletim médico como a um escudo.

— Me jogaram um objeto voador. — Preferiu não entrar em detalhes.

— A namorada dele jogou o grampeador na cabeça dele. — Josh ajudou.

— Ela estava querendo chamar a atenção.

— Funcionou? — Natalie perguntou impulsivamente, um pouco perturbada diante da menção à namorada. Ou talvez estivesse lidando com o fato de que eles estão no mesmo quarto. Fosse qual fosse o motivo, ela, agora, o encarava. .

— De hoje em diante, só vou usar clips — Cole respondeu.

Ela o olhou demoradamente. Ele se perguntou o que é que ela estava analisando, no que estava pensando. Não que se importasse. Por que se importaria com o que ela pensasse dele? Ele sabia o que pensava dela. E não era coisa boa.

— Vamos ter que dar uns pontos.

Quis saber como é que ela tinha diagnosticado sem nem ao menos ter visto o ferimento. Na verdade, ainda permanecia distante, sem querer se aproximar.

— Há quantos anos trabalha aqui?

— Há alguns anos.

— Alguns anos? — repetiu. Ela estava em São Francisco há alguns anos, a poucos metros da redação do jornal?

— O St. Timothy's é um excelente hospital. Eles me ofereceram uma tremenda oportunidade, melhor do que poderia encontrar em qualquer outro lugar. Por isso, vim a São Francisco — defendeu-se rapidamente. — Não teve nada a ver com você. Vou pegar o material de sutura. Já volto.

Josh deu um assobio baixo, assim que ela deixou o quarto.

— Não vi nada.

— Nem eu — Cole murmurou. Deve ser a noite de trombar com mulheres.

— Ela está ótima.

— Nem reparei.

— OK, conta essa para alguém que não sabe que você era louco por ela.

— Não acredito que ela esteja morando em São Francisco há anos. Por que viria aqui depois do que aconteceu comigo e com a Emily?

— Ela sempre adorou os bondinhos.

Cole sentiu o peito apertar. Natalie amava os bondinhos e os veleiros na marina, o camarão fresco do Fisherman's Wharf, os longos passeios pela ponte Golden Gate. Uma vez ele pensara que ela adorava a cidade ainda mais do que ele. Que inferno! Podia ser mesmo que ela só gostasse da cidade e não dele. Não que ele se importasse. Ela era notícia velha. Não há nada pior que notícia velha.

— Que livro é esse de que ela falou? — perguntou Josh.

— Não faço ideia.

Ele pensou que era a segunda vez que lhe falavam de um livro naquele dia.

Muitos minutos passaram em silêncio. Estava tudo muito quieto. Cole não estava gostando daquilo.

— Você acha que ela vai voltar?



Capítulo 2



Natalie não poderia voltar. Não poderia dar os pontos em Cole e fazer de conta que não o conhecia. Que não foram amigos, que não se beijaram, que não transaram...

Ela se apoiou na parede e tentou respirar. Não se sentia tão perturbada desde que vira o primeiro corpo morto. Era uma médica de 29 anos, não uma garota bobinha de dezenove que não resistia aos homens atraentes que via. Não era mais ingênua. Nem inconsequente. Nem estúpida. Era?

Não, não poderia voltar. Não para aquele quarto, não para o passado. Ela agora tinha o controle da sua vida e isso lhe custara caro. Cole Parish não fazia mais parte da sua vida. Ele tinha desejado isso e, agora, era ela quem desejava isso.

Por que tudo tinha de acontecer justo hoje? Primeiro, aquele autor fala, na televisão, uma história muito parecida com a de Emily e, depois, aparece Cole. Era lua cheia? Fazia três anos que ela morava e trabalhava em São Francisco e eles nunca tinham se cruzado. Já tinha quase se esquecido dele, ou fingido ter esquecido, o que não era lá muito fácil, se considerarmos que ele era o dono do maior jornal da cidade. E hoje ele aparecia: 1,80 cm, em carne e osso, na frente dela.

Ele era mais alto do que ela se lembrava. Um homem feito, costas largas, musculoso e pernas longas e finas. Mas algumas coisas não tinham mudado. O cabelo ainda era castanho e enrolado; os olhos, escuros e impenetráveis. No passado, aqueles olhos a tinham acusado de coisas terríveis. E a voz... a voz de barítono uma vez lhe tinha dito que a amava e depois que não a queria ver nunca mais.

Ela tinha amado Cole mais do que a qualquer homem e ele a havia magoado. Mesmo agora ela podia sentir uma grande dor no coração, que fora, antes, quase insuportável. Ela não poderia suportar isso de novo. Nem poderia voltar ao quarto de hospital.

— Steve — disse abruptamente quando um residente do segundo ano passou por ela —, tem um paciente que precisa levar uns pontos. Você pode cuidar disso para mim? Tenho de atender ao telefone.

— Claro, vou já para lá.

Natalie concordou com a cabeça e foi para o corredor. Era uma covarde. Não havia dúvida. Mas melhor assim. Cole seria tratado e ela trataria de pessoas que não conhecia, que não tinham lhe partido o coração.

Cole olhava fixamente o homem que preparava a agulha para costurar sua cabeça:

— Onde está a Natalie?

— A Dra. Bishop? Ela teve de atender uma ligação. Eu sou o Dr. Fisher. Vou cuidar do seu ferimento.

O residente podia ter acreditado naquela desculpa, mas Cole não acreditou.

— Você poderia permanecer imóvel, por favor? — pediu-lhe o rapaz.

Cole teve de empregar toda a sua força de vontade para respeitar o residente. A sua cabeça estava pensando milhares de coisas e todas elas se relacionavam com Natalie. Ela estava morando e trabalhando em São Francisco. Eles poderiam ter esbarrado um no outro a qualquer momento. Talvez tenham até se visto em meio a uma multidão ou quase se encontrado no supermercado ou no cinema.

Por que ela tinha vindo trabalhar em São Francisco? Ela poderia ter ido para qualquer lugar. O St. Timothy's era um bom hospital, mas havia outros dentro do estado, dentro do país, até. Será que ela teve outro motivo para fazer residência na cidade? Porque não havia dúvida de que São Francisco era a cidade de Cole. Era a sua família que era dona do maior jornal. Eles eram do meio, sempre foram. Natalie sabia disso. Ela havia passado férias e fins de semana com a família dele. Ela deveria saber que havia uma chance de eles se cruzarem. Talvez fosse isso que ela quisesse... vê-lo de novo.

Ele afastou o pensamento. Não se importava com o que ela queria. Ela não fazia mais parte da sua vida. Há muito tempo. Em alguns minutos, ele deixaria o hospital e com sorte não se veriam por mais dez anos.

O Dr. Fisher terminou de dar os pontos, entregou a Cole uma receita de anti-inflamatório e o dispensou. Cole levantou-se, ainda um pouco tonto. Suspeitou que a tontura se devesse mais a Natalie do que ao ferimento. Quando chegaram ao corredor, ele parou, sem conseguir evitar olhar para os lados. Havia algumas pessoas vestidas com roupa de hospital e aventais brancos, mas nenhuma delas tinha cabelo ruivo. Nem olhos azuis. Nem uma boca que ele quase poderia beijar.

— Você quer falar com ela antes de ir embora? — perguntou Josh.

— Não, não quero falar com ela. Por que eu quereria falar com ela? É a

última pessoa com quem quero falar — disse categórico. Julgando pela expressão de Josh, ele estava sendo um tolo.

— Está certo. Vou levá-lo pra casa.

A casa de Natalie era um pequeno apartamento sob o beiral de uma construção vitoriana de três andares, um dos mal afamados painted ladies de São Francisco. Porém Natalie não estava pensando na cidade quando foi dormir pouco depois da meia-noite. Pensava em Cole e Emily. Não tinha conseguido parar de pensar neles. No intervalo para jantar, ela foi até uma livraria e comprou um exemplar de *Fallen Angel*. Estava certa de que o livro não tinha nada a ver com Emily. O jornal de Cole não publicaria uma crítica, se fosse esse o caso. E ele não parecia saber nada sobre isso quando ela tocou no assunto.

Mesmo assim aquilo tinha virado ideia fixa. Abriu as primeiras páginas e começou a ler. A primeira cena se dava no alojamento fora do campus, onde Ellie tinha encontrado Nancy, bem como as outras companheiras de quarto, Linda e Maggie. Continuou a ler, com a cabeça encostada no travesseiro:

"A amizade entre elas tinha começado num dia ensolarado de setembro, quando Ellie e os pais chegaram à Universidade Santa Cruz, que fica uma hora e meia ao sul da casa deles em São Francisco. A universidade se espalha ao longo da praia de Boardwalk, na costa do Pacífico. Na mesma rua pode-se ver uma montanha-russa de madeira bem antiga.

Ellie estava supercontente, mas também sentia algo estranho. Ela estava preocupada em com quem dividiria o quarto 232, desde que assinara o contrato de aluguel. A casa ficava numa região fora do campus, a 800 metros da universidade, em Fontana Gardens, e era uma construção de três andares. A única coisa que sabia sobre a companheira de quarto era que se chamava Nancy e que era de Los Angeles. Seria a primeira vez que dividiria um quarto. E ela fora muito mimada pelos pais, mesmo que eles não tivessem intenção.

Ellie esperava que Nancy gostasse dela, porque, embora tivesse todo o tipo de conforto material, não tinha amigos. Ela queria, mais que tudo, que Nancy se tornasse a sua melhor amiga."

Natalie respirava com dificuldade quando fechou o livro. O coração tinha disparado como se tivesse acabado de correr uma longa distância. Os nomes tinham sido trocados, mas a história era a delas. Fontana Gardens na verdade era Paloma Gardens, Ellie era Emily e ela era Nancy. Maggie era Madison e Linda era Laura. E aquele primeiro dia na casa ainda ardia em sua memória. Ela também ficara preocupada antes de encontrar Emily. E sabia o que aconteceria em seguida.

Ela largou o livro num canto. Não precisaria lê-lo completamente... Tudo o que tinha de fazer era deitar-se e forçar a memória. Puxou as cobertas até o pescoço e ficou olhando para o teto, subitamente com medo de fechar os olhos. Será que ela queria lembrar? Será que queria voltar a Paloma Gardens, a Emily, àquele dia quando tudo começou? Seus olhos ardiam enquanto ela tentava mantê-los abertos, mas o passado a estava dragando. As pálpebras pesavam e ela não resistiu ao desejo de continuar a relembrar.

"O quarto era menor do que ela imaginava: as paredes vazias, suplicando por pôsteres. Uma penteadeira barata entre as duas camas. Era isso? Natalie se perguntou. Era isso a vida universitária? Ela tinha se esforçado tanto para entrar na faculdade, trabalhando em dois, às vezes três empregos, e ainda conseguir boas notas. Ela tinha ido parar num quarto que não era muito diferente do que dividia com a mãe num apartamento precário em Los Angeles. Mas o quarto não importava.

Ela era livre. Estava começando uma vida nova e mal podia esperar por isso. Seria tudo diferente. Ninguém saberia que sua pobre mãe estava quase sempre bêbada. Ninguém saberia que ela havia passado cinco horas num ônibus até chegar aqui e que não tinha ninguém para se despedir dela.

Ninguém saberia que ela não possuía muito mais coisas do que as que levava nas duas malas surradas que agora descansavam perto das camas.

Ela poderia ser o que quisesse; ela queria ser médica. Queria que seu pai se orgulhasse dela. Ele lhe dissera que tudo o que mais queria foi uma formação acadêmica. Mas os pais dele não tinham como sustentá-lo financeiramente, então ele começou a trabalhar como motorista de caminhão. Ele lhe disse que, com ela, seria diferente. E seria assim não por causa dele. Ele morrera quando ela tinha 8 anos. Mas o sonho dele, de que ela entrasse na universidade, tinha alimentado em seu coração, apesar de todas as tentativas da mãe de esmorecê-lo. Aquele sonho começava hoje. Ela só esperava que a companheira de quarto, Emily Parish, não fosse muito maluca ou festeira. Natalie tinha entrado na universidade, mas este era apenas o primeiro passo do plano de dez anos até que se tornasse médica, e ela precisaria de um espaço para estudar.

A porta se abriu bruscamente e uma garota entrou correndo com tanta energia que Natalie instintivamente deu um passo para trás. Cabelos castanhos ondulados e compridos, olhos castanhos vivos e um sorriso incrível; Emily Parish iluminou o quarto.

— Natalie Bishop? Você vai dividir o quarto comigo?

— Sim.

Emily a envolveu num afetuoso abraço.

— Nossa! Nem dá para acreditar que a gente está aqui! — Emily finalmente a soltou.

— É mesmo.

— A gente vai curtir pra caramba. Esperei tanto por esse dia! Nem dá para contar.

— Eu também — Natalie murmurou, enquanto os pais de Emily entravam no quarto. Richard e Janet Parish eram o retrato da riqueza e sofisticação em roupas e joias. Eles foram educados com Natalie, mas ela percebeu que eles estavam bastante preocupados sobre com quem a filha dividiria o quarto. Com a ajuda de uns garotos musculosos, os pertences de Emily foram descarregados. Quando a mudança acabou, não havia nenhum espaço livre no quarto.

— Não se preocupe. Assim que eles saírem vou fazer uma venda de garagem — disse Emily.

— Você não pode vender suas coisas.

— Não queria trazer tudo. Eles insistiram. Eles são um pouco superprotetores.

Superprotetores era o termo justo. Ambas Emily e Natalie foram instruídas exaustivamente a respeito de segurança. A Sra. Parish puxou Natalie de lado antes de sair e disse-lhe:

— Cuide da nossa Emily. Ela é muito ingênua. Não sabe muitas coisas.

Natalie prometeu que cuidaria dela porque não havia como não prometer. Além disso, ela estava acostumada a cuidar da mãe, e Emily não seria mais difícil.

Quando a porta se fechou atrás dos Paris, Emily ligou o rádio novinho, pulou na cama e começou a dançar, os cabelos compridos voando.

— Você não dança?

— Você está brincando? Vai quebrar a cama.

— E daí? Não sei quanto a você, mas pra mim é a primeira vez que posso fazer exatamente o que quero. Esperei por esse momento a vida toda.

Um pouco depois, Natalie estava tentando dançar em cima da cama. Não se lembrava de ter feito algo tão tolo e infantil. E foi aí que Laura e Madison atravessaram o banheiro que interligava os quartos, a fim de

encontrarem as novas colegas.

Laura, uma garota meio baixinha e gordinha, de cabelos loiro-escuros, ofereceu-lhes biscoitos de chocolate. Madison, uma garota alta e magra, loira, com corpo e rosto de modelo, ofereceu-lhes cerveja que o namorado tinha posto na mala. Em pouco tempo, Emily tinha apelidado as meninas de as Quatro Fantásticas. Era o início de uma amizade que deveria durar para sempre.

Só durou um ano e meio."

Natalie abriu os olhos. Passou a mão no rosto e percebeu que tinha chorado. Ela não se lembrava desses acontecimentos nos últimos dez anos. Não sabia se estava contente ou furiosa. Soltou um suspiro e olhou para o livro que folheou até dar de cara com a foto do autor na capa. Garrett Malone. Quem era e como ele sabia tanto sobre elas?

Emily não poderia ter lhe contado. Será que alguém da família Parish tinha lhe contado? Não fazia o menor sentido. Eles ficaram arrasados com a morte de Emily. Não gostariam de ter um livro publicado sobre a filha, especialmente ficção, especialmente um romance criminal.

Natalie ficou de estômago revirado ao pensar naquilo. A morte de Emily tinha sido um acidente trágico. Ela tinha caído da cobertura da sede do clube durante uma festa. Todo mundo sabia disso. Se tivesse sido de outro jeito, Cole e a família teriam feito o culpado pagar pelo crime. Ela teria de continuar a ler o livro e descobrir como a história continuava. Se o autor estava certo sobre os detalhes da morte de Emily. Será que havia algo escondido de que ninguém suspeitava? Ela voltou a ler.

Natalie acordou horas depois com uma batida insistente à porta. Ela colocou um robe sobre a camiseta fina e a calcinha e cambaleou até a porta, mal percebendo que já era manhã e que ela havia dormido poucas horas. Esperava encontrar o Sr. Bailey, o vizinho de baixo, que sempre lhe oferecia uns pãezinhos no sábado de manhã. Em vez dele, encontrou Cole.

— Por que você me abandonou? — ele perguntou.

— O quê?

— Você me ouviu. — Ele entrou no apartamento com um olhar determinado.

Usando jeans azul e uma malha preta de manga comprida, que realçava o peito e braços musculosos, Cole estava até mesmo mais deslumbrante que na noite anterior, quando vestia terno e gravata. Talvez, em roupas casuais, ele se parecesse mais com o homem que ela conhecia, o homem por quem tinha se apaixonado.

Fechando a porta atrás dele, Natalie respirou fundo, dizendo a si mesma para manter a calma. Infelizmente, o coração tinha disparado e a palma das mãos estava suando, em desacordo com a sua decisão. Era sempre assim com Cole: uma atração física forte, que ardia toda vez que ela o via. A química entre eles deveria ter desaparecido agora. Certamente, eles tinham tentado de tudo para que isso acontecesse. Mas não era isso o que estava acontecendo, e ela tinha que ficar fria.

— O que você está fazendo aqui? — disse, por fim.

— Queria saber por que você fugiu ontem à noite.

— Você estava em boas mãos, eu tinha outra pessoa pra atender.

— Isso é mentira.

— Certo. Não queria vê-lo e com certeza você não queria ser tratado por mim. Estou errada?

Ele piscou os olhos de emoção, mas ela não podia saber que emoção era aquela. Será que ele tinha pensado nela durante aqueles anos? Será que teria querido saber por onde ela andava, o que estava fazendo, com quem estava dormindo? Ou ele tinha conseguido esquecê-la como disse que pretendia fazer?

Natalie correu as mãos sobre a roupa íntima, desejando estar vestida mais apropriadamente. Estava descalça e as unhas do pé estavam sem esmalte.

Bem, ela poderia ter calçado algo. Sempre se sentia mais alta e no controle de si de sapatos.

— Você não devia ter me abandonado — Cole irrompeu.

— Por que não? Você não queria me abandonar? — Ela percebeu que ele concordava com ela em pensamento, sabia que ela estava certa. — Como foi que me encontrou?

— Sou dono de um jornal. Posso encontrar quem eu quiser.

Ele deu uma olhada ao redor, provavelmente reparando na escassa mobília, no sofá de segunda-mão, no engradado de madeira que servia de rack e nos outros que serviam de mesinha. A cama por fazer não estava muito escondida por trás da divisória oriental que ela tinha comprado no mercado de pulgas. A única coisa vagamente inspiradora no apartamento eram os pôsteres de filmes na parede. Sofrendo de insônia há vários anos, escapava das horas solitárias à noite refugiando-se em filmes antigos.

Não pediria desculpas pelo apartamento. Todo o dinheiro que

economizava era para os estudos e para a residência. Ela ainda tinha empréstimos incontáveis para pagar. Móvel de segunda-mão era a última de suas preocupações. Além disso, ela quase nunca estava em casa. Nem viveria naquele apartamento a vida toda. Ela tinha recebido ofertas de trabalho em outros lugares. Desde o momento que encontrara Cole, começara a pensar em se mudar para o sul do estado. Sentou-se no braço da poltrona e observou os passos de Cole.

Certamente, seu corpo se modificara, ajustando-se melhor à calça jeans. Os cabelos grossos e castanhos emolduravam melhor o rosto, tornando-o mais masculinamente atraente do que apenas bonito. O maxilar quadrado falava sobre sua força, paixão e senso de oportunidade. A ponta do nariz fazia com que ela se lembrasse de que ele nunca deixaria que uma bola de beisebol o atingisse ou que um nariz quebrado o impedisse de fazer o que desejasse. Cole era o tipo de homem que as garotas queriam namorar. Ela, na verdade, tentou.

Será que ele tinha se casado? Então, ela se lembrou do comentário de Josh no hospital, sobre a namorada ter lhe atirado um grampeador na cabeça. Se ela quisesse mutilá-lo, não conseguiu. Os pontos na cabeça tornavam-no semelhante a um guerreiro ferido, o que, na verdade, o tornava mais atraente. Que mulher poderia resistir a ele?

"Ela poderia. Com certeza. E o faria."

Já que ele não disse nada, ela perguntou:

— Como está o ferimento?

Era mais fácil agir como médica do que como velha amiga. Nem mesmo sabia se poderia ser considerada como amiga.

— Está tudo bem. — Seu olhar era profundo quando encontrou o dela.
— Por que aqui, Natalie? Por que São Francisco?

— Eu já disse...

— Há bons hospitais em todo o país.

Isso era verdade.

— Pensei que já havia passado tempo suficiente. E julguei que ninguém mais se importasse, muito menos você.

— Bem, eu não me importo.

— Foi o que pensei. — Com a resposta, foi-se a última dose de coragem que lhe restava e ela desejou que ele olhasse para o outro lado. Não queria ser a primeira a fazê-lo. Não lhe daria esse gostinho. — Não é?

— Não, não é. — Esperou. — Ontem à noite, você me disse algo sobre um livro e Emily. O que era?

Merda. Por que ele tinha de se lembrar disso? Se ele ainda não sabia nada sobre o livro, não seria ela a contá-lo. Por outro lado, não era assim mesmo que teria de ser? Eles tinham ficado juntos graças à amizade com Emily, e tinham se separado depois da tragédia. Em todo o tempo que estiveram juntos o elo tinha sido, sem dúvida, Emily. E eis que se encontram novamente. O círculo tinha se fechado.

— Ontem comecei a ler um livro, cujo autor vi na TV. A história parece semelhante.

— Sobre o que é?

— Está lá em cima, se quiser ver. — Virou a cabeça para a penteadeira.

Cole atravessou o quarto, abriu o livro e começou a ler a orelha. Ela duvidava de que demorasse muito para ele montar o quebra-cabeça. E foi assim mesmo. Ele balançou os ombros; os olhos enfurecidos.

— Que porra é essa? As Quatro Fantásticas, sede de clube, estudante caindo da cobertura, Ellie Parks? — Parava a cada segmento de frase. — O que isso tem a ver com Emily? — Ele olhou para ela como se ela lhe fosse dar a resposta, como se de algum modo fosse responsável. Como ela não lhe respondeu de pronto, ele esfregou o livro na cara dela. — O que isso tem a ver com a minha irmã?

— Parece que tem a ver sim.

— Não entendo.

— Nem eu. Acabei de começar o livro, que é sobre quatro colegas de universidade que se apelidaram de as Quatro Fantásticas. Os nomes das personagens são diferentes, mas começam com as mesmas letras que nós. O livro sugere que o personagem principal, Ellie — ela disse propositalmente o nome do personagem —, não caiu acidentalmente da cobertura da sede do clube. Em vez disso, o autor acredita que ela foi... — respirou fundo, ainda incerta se deveria ou não dizer.

— ... Que ela foi o quê?

— Assassinada. — A palavra saiu-lhe da boca como um tiro.

E foi direto para o coração dele. Cole pôs a mão no peito.

— Isso é impossível. A polícia fez uma investigação completa. Eu li o depoimento e meu pai acompanhou o caso de perto.

— Eu sei, foi um terrível acidente. O livro está tentando mudar a história.

— Quem foi? — perguntou, bruscamente. — Se não foi acidente, então teve um criminoso. Quem matou a minha irmã?

— É um livro de ficção, Cole. Parte é verdade; parte não. É a história de Emily; mas também não é. É um quebra-cabeça sem muito sentido.

— Então me diga o nome do assassino na ficção.

— Não sei ainda, não acabei o livro.

— E você não ficou curiosa pra saber o final?

Na verdade, ela teve medo de ler mais para frente porque não estava gostando de como as coisas estavam se encaminhando.

— Quem são os suspeitos?

— Madison, Laura e eu. O autor acredita que uma de nós matou a sua melhor amiga, mas ele está errado. Você e eu sabemos disso.

— Será mesmo? Será que eu sei?

— Claro que sabe. — Estava chocada com a resposta. — Éramos amigas, todas nós. Amávamos Emily e ela a nós.

Um silêncio tenso e doloroso se prolongou no tempo. Ela sabia que Cole a culpava por não ter cuidado da irmã, como havia prometido. Mas, certamente, não acreditava que ela pudesse magoar Emily intencionalmente. Por fim, Cole folheou o livro e ficou observando a foto do autor.

— Quem é esse cara?

— Não faço ideia. Ele deve ter conversado com alguém que conhece a gente.

Ele jogou o livro em cima da mesinha de café com tanta força que ela deu um salto.

— Não vou deixar que isso aconteça.

— O que vai fazer?

— Pra começar, vou encontrar Garrett Malone. Vou encarregar algum funcionário do jornal para isso. Tenho certeza de que dá pra desentocar um autor de livros best-seller.

— Não precisa de nenhum investigador pra isso. — Ela pegou o exemplar do Tribune de domingo e abriu na página de entretenimentos. Entregou-a para ele. — De vez em quando, você bem que poderia ler o seu próprio jornal. Vocês publicaram uma crítica no domingo passado. Você não verifica o que foi publicado?

— Não perco tempo lendo crítica de livros — pegou rapidamente a folha da mão dela. — Garrett Malone vai autografar o Fallen Angel na livraria Page One, sábado, do meio-dia às 2 horas. Ele está aqui na cidade. Olhou para Natalie com um brilho no olhar. — A que horas você entra no trabalho?

— Às 3 horas, por quê?

— Temos de ir a uma sessão de autógrafos.

— Não quero ir.

— Claro que quer. Por isso você circulou o artigo. — Ele devolveu-lhe a folha de jornal. — Você não quer descobrir a verdade, Natalie?

Claro que ela queria. Ela não conseguiu pensar em mais nada desde que soubera do livro. Só não queria passar mais tempo com Cole. Era difícil ficar ao lado dele, olhar para ele, escutar a sua voz. Tudo estava voltando: os sentimentos, o amor, o ódio, as emoções que ela tentara afogar em dez anos.

— Venha comigo — Cole disse ansioso.

As suas palavras fizeram-lhe voltar num tempo em que ela teria ido a qualquer lugar com ele, teria dito sim a todas as suas propostas. Isso fora há muito tempo, mas ela ainda hesitava.

— É sobre Emily, você deve isso a ela.

— Está bem, eu vou — disse, por fim. Quanto mais cedo desvendassem o mistério, melhor. Daí ela viveria a sua vida e Cole, a dele.



Capítulo 3



"Venha comigo." Que demônio o tinha possuído para que falasse essas palavras? Não queria passar mais tempo com Natalie. Ainda não acreditava que ela estivesse morando em São Francisco. Será que ela voltara querendo uma reconciliação? Nesse caso, por que ela não o procurara? Se ela não tivesse vindo por causa dele, então não aceitaria o convite para a livraria.

Pelo retrovisor, olhou o carro de Natalie atrás do dele. A tinta do capô estava descascando, o que o fez pensar que ela era uma mulher de poucas posses, que sempre lutara para sobreviver e, pelo jeito, ainda estava lutando. Mas agora estava formada em medicina. Ela havia chegado lá, como prometera. E ele não podia deixar de admirá-la por isso. Não que ele tivesse a intenção de dizer-lhe isso. Na verdade, quanto menos eles soubessem um do outro, melhor.

Ele não deveria tê-la convidado para a livraria. Não era preciso. Era um jornalista tarimbado. Sabia como arrancar uma história. Infelizmente, tudo aquilo era muito pessoal.

Ele ainda estava se recuperando do que lera e do que Natalie lhe contara sobre o enredo.

Como aquilo tinha acontecido? Como a vida da sua irmã tinha virado enredo de livro? Podia ser este o livro a que sua prima Cindy havia se referido no dia anterior. Ela devia ter lido a crítica e pensado em Emily. Como o autor sabia tanto sobre a sua irmã? Ele teria uma fonte interna. Quem?

Ainda cismado, Cole estacionou no fim da rua da livraria e saiu do carro. Esperou na calçada até Natalie pagar o parquímetro. Os cabelos vermelhos eram um raio de luz no dia cinzento. Ela tinha posto uma malha creme, calças largas marrons e sapato com saltinho. Ela adorava salto alto. E ele adorava que ela usasse salto alto. Detestou a ideia de que ainda sentisse atração por ela. Tudo o que eles viveram juntos deveria ter-se acabado com a morte de Emily. Mas apenas um olhar, daqueles olhos azuis vivos, e tudo retornara. Não podia deixar que aquilo acontecesse. Natalie era o passado. Não havia espaço para ela agora.

Um instante depois, Natalie se juntava a ele na frente da livraria,

onde a fila continuava até a rua.

— Essa fila é pros autógrafos? — perguntou surpresa.

— Parece que sim.

Eles foram para o fim da fila. A ansiedade de Cole aumentava à medida que a fila crescia. Ele não era um grande leitor, mas trabalhava na mídia e por isso sabia que a maioria dos eventos do gênero tinha mais de uma atração, principalmente se o autor fosse desconhecido.

— Esse cara deve ter investido bastante em publicidade — resmungou.

Checou o relógio: era quase meio-dia. A fila deveria andar rápido assim que ele começasse a autografar. Cole tinha de pensar no que dizer. Não poderia discutir com Malone na frente de todas essas pessoas. Nunca esperou que fossem tantas.

— Essa não!

"O que era agora?" Ele seguiu o olhar dela até uma mulher ligeiramente acima do peso, atravessando a rua. De estatura mediana, ela tinha cabelos loiro-escuros, na altura dos ombros. Vestia um conjuntinho preto de calça e terno. Trazia uma bolsa grande e o romance numa das mãos. Estava de óculos escuros, mas lembrava alguém conhecido.

— Laura — murmurou e tocou-o no ombro. — Acho que é Laura Hart. Está vindo pra cá.

Cole não sabia se estava mais desconcertado com o toque de Natalie ou com a visão de mais uma das Quatro Fantásticas.

— Pode não ser ela.

Ele deu um passo para trás, bem dado.

— É ela. Reconheço o seu andar.

Laura parou espantada. Olhou para eles por um momento, tirou os óculos de sol e revelou os olhos castanhos conhecidos.

— Natalie. É você?

Cole esperou pela resposta. Mas Natalie estava muda. Só olhava para Laura, sem acreditar. Enfim, limpou a garganta e disse:

— Sim, sou eu.

— Não acredito. Faz tanto tempo! — Os olhos dela se viraram para

Cole. Espantaram-se ainda mais. — Cole Parish? Vocês vieram juntos? Achei que tinham terminado anos atrás.

— Não estamos juntos — Natalie se apressou em dizer. — Encontrei Cole ontem, por acaso. Ele deu entrada na sala de emergência do hospital St. Timothy's em que trabalho.

— Você mora e trabalha aqui em São Francisco? Está brincando? — Laura balançou a cabeça. — Eu moro na Península, em Atherton. Não sabia que morava tão perto. — Ela parou por um momento. — Pensei em você tantas vezes nesses dez anos, Natalie, não dá nem pra contar. E agora você está aqui. Está super bem, igualzinha. Teria reconhecido você em qualquer lugar.

— Não diria o mesmo, mas você também está ótima.

— Tenho duas filhas. E me casei com Drew McKinney. Acredita? — perguntou com um sorriso orgulhoso.

— Você sempre disse que se casaria com ele. Como ele está?

— Está ótimo. Ele é procurador. E talvez logo, logo se torne político.

Cole pensou que McKinney era bem a cara de um político. Ele o encontrara algumas vezes, ao visitar Emily e Natalie em Santa Cruz e o julgara um tipo jogador, um homem que não media esforços para cortar caminho e chegar onde pretendia. Estava surpreso por Drew ter se casado com uma moça comum como Laura. Não teria apostado nessa relação.

— Esta fila está mesmo longa — Laura disse com uma pausa e olhando ao redor. — Não pensei que tivesse tanta gente.

— Nem eu — concordou Natalie.

Laura ficou séria.

— Suponho que ambos leram o livro.

— Li alguma coisa. Cole não começou ainda — respondeu Natalie.

— Verdade? Mas saiu uma crítica no seu jornal! — Disse Laura.

De novo. Pelo menos as pessoas liam jornal.

— Essa é a única página do jornal que não leio. Você acha que é sobre a Emily?

Laura concordou.

— Sim. Ler é um pesadelo pra memória. Você não acha, Natalie?

— Com toda a certeza. Você sabe algo sobre Malone?

— Não. Foi por isso que vim. Queria encontrá-lo pessoalmente. Talvez conversar sobre o livro. Nunca pensei que vocês estivessem aqui. — Tomou fôlego. — Você se casou, Natalie?

— Não. Sou muito ocupada pra isso.

Cole repeliu o olhar curioso de Laura. Não queria ficar dando detalhes da sua vida para elas. Não era correto nada daquilo. Nunca tivera intenção de reencontrá-las e, ainda assim, isso acontecera. Elas haviam decepcionado Emily. A sua irmã estava morta e elas estavam vivas. Lindas, cheias de energia: uma casada e com filhos; a outra, formada em medicina.

Emily morreu antes dos 20 anos. Não teve chance de se apaixonar, casar, ter filhos. Ele estava irritado com tanta injustiça.

— Cole? — Natalie fez com que se virasse para ela.

— O que é?

Ela levantou a cabeça para olhar para frente e percebeu que a fila tinha andado. Pouco depois, eles estavam entrando na livraria e tendo suas primeiras impressões de Garrett Malone. O autor estava sentado diante de uma grande mesa de carvalho e havia uma pilha de livros à sua frente, bem como uma assistente que lhe abria os livros para serem autografados. Malone era exatamente como na foto da capa. Barba espessa escura, óculos grossos, que lhe davam um ar extremamente inteligente, e cabelos castanhos muito bem penteados e longos o suficiente para lhe dar um ar criativo, de artista.

— Você o reconhece? — perguntou Natalie.

Ele balançou a cabeça.

— Não. E você?

— Ele me lembra alguém... Não sei quem. Ele é muito velho pra ter estudado conosco, ou para ter ido à festa naquela noite. Deve ter mais de 40. O que quer dizer que teria mais de 30, quando tudo aconteceu. Ele teria chamado a atenção se estivesse na festa.

— Concorde. Isso não significa que ele não tivesse amigos. Ou mesmo uma filha — disse abruptamente. — Ele pode ser mais velho do que pensam. Ele pode ter uns 50 e uma filha de 29, que na época tinha 19 e poderia estar na festa no clube.

— Pode ser. Mas não me lembro de nenhum Malone.

— Deixe-me ver o livro. — Pegou-o de Laura e abriu na página de

créditos. — Muito interessante. Os direitos do livro estão no nome de Pen Productions.

— Parece um nome comercial.

A fila andou mais uma vez e eles quase estavam chegando lá.

Garrett Malone olhou para uma mulher com um bebê, que se inclinou para o carrinho, a fim de pegar seu exemplar. Olhou para a fila e sorriu muito satisfeito. Cole não foi com a cara dele. Parecia que queria ferir a sua família.

Malone localizou Cole. Olharam-se, mas Malone não pareceu reconhecê-lo. Bom, se ele sabia tanto sobre Emily, por que não o reconheceu? Cole estava intrigado. Malone levantara os olhos e estava observando Natalie ou talvez Laura. De repente ele se levantou da cadeira.

— Ele se levantou. Será que vem na nossa direção?

— Acho que ele nos viu — acrescentou Laura.

Malone disse algo para a sua assistente, que pareceu surpresa e preocupada. Pouco depois, ele se afastou, indo para o fundo da livraria e se distanciando das pessoas na fila, se distanciando deles.

— Aonde ele vai? — perguntou Natalie.

Antes mesmo que Cole se movesse, a assistente já tinha dado um passo para a frente e, levantado a mão, pediu atenção.

— O Sr. Malone não está se sentindo bem. Ele pede desculpas, mas a sessão de autógrafos terminou. — Ela interrompeu, limpou a garganta, obviamente desconcertada com a mudança dos acontecimentos. A multidão começou a reclamar. O gerente se apresentou e ofereceu 10% de desconto nas compras.

Cole não esperou. Foi até o fundo da livraria, mas chegou atrasado. A porta dava para o estacionamento.

— Ele foi embora? — perguntou Natalie, quase pisando no pé dele.

— Acho que sim. Droga!

— Acha mesmo que ele passou mal? — Laura.

— Claro que não.

— Ele fugiu. Fugiu quando nos viu.

— Quando viu você — corrigiu Cole. — Ele não me reconheceu, mas

reagiu a uma de vocês duas.

— Mas a gente não o conhece. Conhece, Natalie? — Laura disse.

Natalie ainda estava pensando na pergunta de Laura, quando entraram na Starbucks perto da livraria. Não sabia ao certo por que aceitara o convite. Ela hesitava se deveria voltar a ser amiga de Laura. Felizmente, não precisava mais pensar em Cole. Ele tinha ido embora, resmungando qualquer coisa como "ir ao cerne do problema".

— Vou pedir café com leite descafeinado e sem nata — disse Laura. — Estou de dieta de novo, ou ainda — disse e soltou uma risada.

— E eu vou pedir um expresso grande — declarou e foi para o caixa. A cafeína fazia parte da rotina de Natalie, às vezes tomando importância maior do que a comida e por isso não se preocupava com dietas.

Esperaram pelas bebidas na mesa.

— Estava pensando em você ontem à noite, Natalie. — Sua voz era um pouco rouca. — Por causa do livro. Foi como se dez anos tivessem voltado. E ver você hoje... parece que foi ontem... quando a gente ia pro café do Pete, na Boardwalk, conversando sobre a escola e os amigos e carinhas que nos deixavam malucas. Tenho a sensação de que Madison e Emily podem aparecer a qualquer minuto. — Ficou séria. — Mas sei que isso não vai acontecer. Não devia ter dito isso. Sempre falo mais do que a boca.

— Sei o que quer dizer — Natalie respondeu, aliviando a culpa de Laura.

— Tenho a mesma sensação. Não sei por quê. Não temos mais 19 anos. E muita coisa aconteceu depois. — A amizade entre elas não tinha se desfeito naturalmente. Não tinham se afastado depois da faculdade como todo mundo. A amizade tinha se rompido por conta de uma morte, pelo comportamento delas na festa e por um sentimento de culpa. Madison fora embora antes do funeral; os pais dela a mandaram para a Europa e Natalie fora transferida, em uma semana, para uma faculdade em Los Angeles. Não demorou mais de dez dias para acabar com o que fora uma amizade intensa e bonita. A mais bela amizade que Natalie já tivera. Algo que ela duvidava que pudesse acontecer de novo.

— Tem saudades dela? — perguntou Laura.

Natalie olhou dentro dos olhos de Laura e disse com sinceridade:

— Todos os dias. Ela era a melhor de todas nós.

Laura concordou, deixando escorrer uma lágrima.

— Também penso assim. Algumas vezes tento descrever Emily para as pessoas, mas nunca encontro as palavras certas. É fácil dizer que ela era divertida, cheia de vida, entusiasmada. Que era nossa alma, nossa inspiração. Ela botava fé na gente. — Laura balançou a cabeça. — Mas isso nem é bem a verdade, porque parece que não se trata de uma pessoa de carne e osso, como se ela não se sujasse, entende? Claro que entende. Estou sendo vaga, não estou? É que não dá pra acreditar que estamos juntas aqui depois de dez anos de silêncio entre nós. — Tomou fôlego, os olhos castanhos cada vez mais lânguidos. — Senti saudades de você também. E de Madison. Da gente, de como éramos unidas. Tenho saudades de mim, das Quatro Fantásticas. Não sei se depois fui fantástica em alguma outra coisa. Percebi isso ontem, lendo o livro.

— Bom, você não era simplesmente apenas uma fantástica. — Natalie disse, tentando dissolver o aspecto emocional da conversa. Nunca se sentira muito à vontade se abrindo. — Não é que a gente tivesse uma classificação e você fosse a quarta entre nós.

— Claro que eu era a quarta! Emily era a número um, porque ela era a líder. Você era a número dois, porque era a sua companheira de quarto. Madison era a número três, porque não poderia vir atrás de mim. Não tem problema. Me contento em ter feito parte do grupo.

Laura ajeitou o pingente da correntinha de ouro, um tique nervoso que lembrava Natalie de outras ocasiões em que Laura tinha agido do mesmo modo. Laura sempre fora insegura: tinha duas irmãs mais velhas, mais bonitas, mais bem-sucedidas; seu pai era um advogado de sucesso e sua mãe esperava que a filha fosse perfeita. Ela se preocupava exaustivamente com o que dizer e fazer, se as pessoas iam continuar gostando dela, se estava sendo conveniente. Sua necessidade de agradar e o desejo desesperado por amor eram, ao mesmo tempo, ternos e irritantes desde quando estavam na faculdade; agora que Natalie ouvia a vulnerabilidade na voz de Laura, ela suspeitava de que isso não mudara ao longo dos anos.

— Você não fala nada? — Laura franziu a sobancelha. — Eu disse algo errado?

— Estava apenas pensando.

— Você sempre pensa antes de falar. Eu não sei ser assim. Drew sempre reclama que falo coisas que não deveria, principalmente no meio de advogados em coquetéis de empresa. Eu contei que Drew trabalha na empresa do meu pai?

— Fica tudo em família.

— Um pouco demais pro meu gosto. Sinto como se não tivesse saído da

casa deles. E quanto mais estou com eles, mais Drew me critica, assim como eles. Às vezes penso que acham que não tenho cérebro.

— Bem, eles estão errados. — Natalie foi categórica porque era a resposta esperada e porque era verdade. Laura poderia ter um desejo incontrolável de querer agradar, mas não era burra; nunca fora.

— Obrigada. Isso é gentil da sua parte. Mas, pra ser honesta, minhas conversas brilhantes nos últimos anos giraram em torno de filhos, fraldas, ensinar as crianças a fazer cocô na privada, falta de sono, professores da escola elementar e fofocas nas reuniões de pais e mestres. Não é algo muito cerebral. Ei, você faz isso, cirurgia de cérebro?

— Não, absolutamente. Você lembra o quanto era péssima em costura, não lembra?

Laura deu uma risadinha.

— Bem, me lembro de uma bainha muito malfeita.

Chamaram no balcão e Laura foi pegar as bebidas.

Natalie tomou um gole do café, sentindo-se mais relaxada. Elas haviam se visto, da última vez, numa situação tão delicada que ela não poderia prever esse encontro agradável. Era gostoso conversar sobre algo diferente de medicina e de hospital, com alguém com quem não precisava causar boa impressão. Os dez anos passados tinham sido bem exaustivos. Ela corria para cima e para baixo como um rato motorizado, sem parar para respirar, ou com medo de olhar para o lado e cair e nunca mais se levantar. Nunca deixava que ninguém se aproximasse o bastante do seu verdadeiro eu... o que quer que aquilo significasse. Ela não tinha tempo para namorar, nem para uma autoanálise. Na verdade, ela não pensava em nada que não fosse procedimento médico ou doença sabe-se lá há quanto tempo.

— Não acredito que a gente mora tão perto! — Laura disse, interrompendo os pensamentos da amiga. Deu um sorriso enigmático. — Não está chateada que Cole...

— Não — Natalie cortou-a. — Vivemos numa cidade grande. Muitos anos se passaram.

— Claro. Tem razão. Não me surpreende que tenha vindo pra cá. Você sempre adorou essa cidade. Depois da sua primeira viagem com Emily, voltou falando do bondinho, das ruas íngremes e estreitas, das pontes. Você adorou! "E adorou o Cole também."

— O que aconteceu com Cole? Ele está com um curativo na cabeça.

— A namorada dele jogou um grampeador nele.

— Verdade? — Laura espantou-se.

— Foi o que ele me contou na sala de emergência. O Josh veio com ele. Lembra-se dele? Era um dos gêmeos que ainda são vizinhos dos Parish.

— Um que estava sempre sorrindo, ou o que era meio carrancudo e preocupado?

— O que estava sempre sorrindo. O outro se chama Dylan.

— Certo, o mágico. O que será que aconteceu com ele?

— Não tenho a menor ideia.

— O que você fez quando viu Cole?

— Tive um baque. — Não iria além disso. Não queria contar que ela tinha ido embora e que Cole encontrara o seu endereço. Em vez disso, declarou:

— Eu lhe falei sobre o livro e a sessão de autógrafos. Por isso viemos juntos hoje.

— Alguma chama se acendeu? — perguntou com curiosidade no olhar.

— A gente mal conversou. E já faz tanto tempo!

— Sabe o que dizem sobre o primeiro amor? O primeiro amor a gente nunca esquece.

— Bem, você se casou com o primeiro namorado, então não o esqueceu.

— Natalie mudou de assunto. — Conte-me sobre seu casamento. Seu vestido de noiva tinha uma longa cauda como queria? E a cerimônia foi numa capela pequena no início da noite à luz de velas? — Laura começou a tremer e quase chorar. — Desculpe, disse algo errado?

— Mal posso acreditar que se lembre de tudo isso.

— Você só falava disso... — disse candidamente.

— Verdade. — Olhou para a xícara de café e de novo para a amiga. — O casamento foi de manhã, numa igreja grande e lotada, muitas pessoas que eu nem conhecia. Foi maravilhoso.

Natalie não acreditara muito, mas também não perguntaria nada. Era

obviamente um assunto delicado.

— Meus pais adoram Drew. Meu pai o considera o filho que não teve. — Ficou séria novamente. — Ter casado com o Drew foi a coisa mais inteligente que fiz. É o que minha mãe sempre diz. E ela está certa. Ele me deu duas filhas maravilhosas. Moro numa casa lindíssima. O que mais uma mulher pode querer? Mais nada. Minha vida é perfeita.

"Se não estivesse fazendo tanto esforço pra me convencer, era capaz de acreditar."

Tomou um gole de café. Ninguém tem uma vida perfeita.

— É que o Drew trabalha muito. Nem pude contar a ele sobre o livro. Sei que ele ficaria chocado. — Laura se inclinou para frente. — Quando leu o livro, Natalie, não parecia que era uma de nós que estava narrando? Muito louco. Não fui eu quem escreveu e acho que você também não tem nada com isso, então quem foi? A Madison?

Natalie odiava a ideia de que Madison estivesse se aproveitando da morte de Emily, mas alguém tinha conversado com o autor.

— É bem provável.

— Talvez a gente devesse encontrá-la. Ela pode estar aqui por perto. Os pais dela moravam no Condado de Marin. Seria esperado que estivesse perto da Baía. Muito embora ainda possa estar na Europa. — Laura tomou fôlego. — Você se lembra daquela vez que Emily se fantasiou de cartomante no dia de Halloween e previu o nosso futuro? Ela disse que Madison moraria em Paris, encontraria um pintor sexy e transaria a tarde inteira. Talvez isso tenha acontecido.

— Sim, talvez. Mas ela também disse que você se casaria com um príncipe de um pequeno país estrangeiro e usaria uma coroa. E eu viajaria o mundo todo, como uma aventureira, fazendo rapel, escalando montanhas e saltando de paraquedas. Foi a previsão mais boba de todas.

Elas se entristeceram porque não houvera nenhuma previsão para Emily. Por que nenhuma delas tivera o dom de prever o futuro de Emily numa bola de cristal?

Ficaram por um momento apenas se olhando. O ar era triste e pesado, coisa que fazia parte da rotina de Natalie. Ela olhou para o relógio e ficou aliviada de ter de ir para o trabalho. Era a única ocasião em que se esquecia de tudo.

— Tenho de ir para o hospital.

— OK, mas o que vai fazer com Malone? Acho que ele estava fugindo de você, não de mim.

— Por que você diz isso?

— Se tivesse avançado na leitura, saberia o porquê. — Baixou o tom de voz. — Não se importe com isso, apenas continue a ler o livro.

— O que vou descobrir? — perguntou, com certo enjoo.

Laura mordeu os lábios.

— Posso estar errada, mas desde o prólogo tudo parece apontar você como culpada.

— E como isso seria possível?

— No livro Ellie pede a Nancy para dar-lhe uma droga pra ajudar a se concentrar nos estudos. Nancy trabalha num centro de saúde e tem acesso à medicação.

— Mas eu não tinha acesso. E disse a Emily pra nunca tomar nada sem receita, que seria perigoso.

— Sei disso, Natalie, mas no livro vocês tiveram uma briga feia por causa disso. E ambas sabemos que ela conseguiu o que queria com outra pessoa.

— Mas ela não tomou nada. — O coração de Natalie estava disparado. A polícia tinha encontrado um vidro de Adderall na gaveta de Emily, um medicamento receitado para pacientes com distúrbios de atenção. Algo em que muitos jovens acabaram se viciando por quererem melhorar seu poder de concentração ao varar a noite estudando. Bem, o pesadelo estava piorando. Se alguém no seu trabalho descobrisse que ela tinha participação nessa história, se viessem a relacioná-la ao livro como alguém que facilitava o consumo de medicamentos para pessoas que morreriam, sua reputação estava arruinada. Ela poderia perder tudo o que havia conquistado.

— Poderia não ser o único frasco. Talvez ela tenha conseguido mais de um. E isso não é tudo. No livro, você e Emily discutiam por causa de Cole. Emily era contra o relacionamento entre vocês. Ela achava que você a usava para se aproximar de Cole.

— Meu Deus! — Natalie disse, ofegante. Estava cada vez pior.

— E que você estava bêbada no dia da festa, tão bêbada que mal se lembrava de onde, ou com quem estivera.

Natalie não precisava que ninguém a lembrasse como tinha se

comportado naquela noite. Tinha sido um dia marcante na sua vida. Depois da morte de Emily, ela analisou muito bem a sua própria vida, quem era, quem gostaria de se tornar e não tinha gostado muito das respostas. Então resolveu mudar. Mas isso não trazia Emily de volta. E não ter sido capaz de ser sua amiga naquele dia, não ter sido capaz de se lembrar do que fizera durante a festa, a atormentara por todos aqueles anos.

— Então sou a vilã? — disse Natalie, com certa raiva. — Quem diabos esse cara pensa que é pra me acusar assim?

— Bem, ele sabe de algumas coisas, pode ter certeza. Mas talvez ninguém, além de nós, possa reconhecer a história. — Laura disse esperançosa.

— Duvido. Tem muita gente lendo o livro. E tinha muita gente naquela festa.

— O que podemos fazer? Não dá pra recolher os livros da prateleira.

— Talvez o editor possa, se ele acreditar que houve má-fé na representação de personagens reais. Vou ligar pra um advogado e tentar descobrir quais as nossas chances.

— A gente teria de provar que a história é real? Isso significa que tudo viria a público? Será que é isso que a gente tem de fazer? Não tornaria as coisas piores?

Laura estava certa. A última coisa de que elas precisavam era levantar mais poeira sobre o caso.

— De qualquer forma, deveríamos descobrir quais as nossas chances. Deveríamos, sim, tentar achar a Madison. Se nem eu nem você conseguirmos conversar com Malone, então a Maddie poderia falar com ele.

— E por que ela faria isso?

— Por dinheiro. Se existe alguém que valoriza cada centavo, esse alguém é Maddie.

— Ela não venderia Emily.

Natalie olhou bem para os olhos de Laura.

— Se não foi ela, então alguma de nós está mentindo.



Capítulo 4



Madison Covington sentou-se à cabeceira da mesa de conferência. Três dos seus empregados esperavam as suas instruções. Desde que se transferira do escritório de Nova York, há três meses, ela tinha sido promovida para executiva-sênior das contas da Barney e Baines Relações Públicas, em São Francisco. Com sorte, pensava em mudar o nome da empresa para Barney, Baines e

Covington Relações Públicas em pouco tempo. O baile de máscaras que estava organizando, o evento a que estavam se dedicando na conferência, iria arrasar entre as celebridades que faziam ações de caridade. Madison pretendia levantar cinco milhões de dólares para crianças deficientes físicas. Estava com a vida ganha. E as crianças deficientes físicas não ficariam desamparadas.

— Quero todo mundo de máscara, sem exceção — disse. — Esse baile vai ser a sensação da cidade. — E ela seria o centro das conversas no meio dos profissionais de relações públicas, a rainha das celebridades de ações de caridade. O pensamento de ser rainha a alegrou imensamente. Mas, para isso, muito trabalho. — Lisa, como ficaram os hotéis?

A recém-formada garota de 22 anos passou os olhos nas suas anotações.

— Tudo está sob controle. O cardápio foi definido. Os itens de decoração foram pedidos. A lista de convidados está quase toda definida e seus lugares marcados nas mesas. — Lisa hesitou um instante. — Tivemos alguns cancelamentos, Srta. Covington; estou com os nomes aqui.

— Quem? — Madison perguntou, preocupada que fossem os Parish. Desde que lera a sua resposta de confirmação, temia que eles descobrissem que era uma festa organizada por ela, dando-lhes motivo para voltar atrás. Ela era uma das garotas que tinha desencaminhado Emily e nem mesmo tinha tido a decência de aparecer no funeral, embora não tivesse culpa. Seus pais, à época, não lhe deram escolha.

Sabia que voltar a São Francisco significava se deparar com os Parish em algum ponto, principalmente com Richard e Cole, os proprietários do Tribune. Seu trabalho era lidar com a imprensa e eles eram a imprensa. O chefe dela tinha lhe sugerido mais de uma vez que ela deveria cavar uma

oportunidade para que eles aparecessem pessoalmente a algum evento. Até o momento, tinha conseguido prorrogar o encontro sem maiores explicações.

— Estou esperando — voltou-se impaciente para Lisa, que ainda procurava os nomes nos papéis.

— Gwen Parker. Teve de voar às pressas para Madri, onde vai filmar.

Não era tão ruim assim. Gwen Parker não era uma superestrela.

— E Harry Stone — acrescentou Jean, uma antiga funcionária que tinha voltado ao trabalho depois de uma licença-maternidade de dez anos.

— A sua mulher está no fim da gravidez e não quer vir a mais nenhum evento.

— E quem vai substituí-los?

— O tenor Stephen Paoletti — Jean respondeu. — Ele apareceu num especial da HBO. E o zagueiro Colin Davies.

— Bom. Agora sobre as atrações. Ainda temos de achar alguém para abrir o evento. — Ela se virou para Robbie, o assistente jovem e ambicioso. — Em quem você pensou?

— Num ilusionista. Ele tem um clube no sul da cidade e seus números empregam realidade virtual e tecnomagia. Está todo mundo falando dele. O nome dele é Dylan Somerville. Conhece?

O coração de Madison bateu forte. Se ela o conhecia? Ela tinha perdido o sono várias vezes por causa dele. E isso não era algo de que se orgulhasse. Ela sabia que ele morava em algum lugar em São Francisco. Pensou até mesmo em procurá-lo, mas não tinha muitos nervos para isso. Agora, era a ocasião ideal.

— Ele é muito bom. O clube dele lota todo fim de semana — acrescentou Lisa.

— Que número ele faria no evento? Tirar coelhos da cartola? Essa é uma festa tradicional.

— Pode fazer coisas desaparecerem — disse Robbie. — Coisas grandes, como carros e pessoas. Bem na frente do seu nariz.

— Claro que pode — concordou com cinismo.

— É verdade — acrescentou Lisa. — Fui ao show dele semana passada e fiquei na primeira fila. Ele faz coisas inacreditáveis. Você devia ir. Acho que ele daria um toque de mágica ao evento.

Eram bons argumentos. Ela poderia verificar pessoalmente indo assistir ao show de Dylan. E poderia até mesmo convidá-lo para fazer uma

performance na sua festa. E se Dylan não reagisse mal, seria uma ponte para Cole. Poderia ajudá-la a livrar a barra com os Parish. Estava adorando aquela ideia.

— Está certo. Vou ver o show. — Correu a vista ao redor da mesa. — Se isso é tudo, vocês estão dispensados. Tenham um bom fim de semana.

Todo mundo saiu e Madison continuou sentada na cadeira, pensando se o passado voltaria com as cores da technicolor caso não tivesse retornado a São Francisco. Quem sabe, se tivesse permanecido em Nova York, ela conseguisse manter uma distância disso tudo, como nos últimos dez anos. Bem, agora era muito tarde. Tinha tomado uma decisão e faria o melhor possível. Esta era uma cidade grande com ótimas oportunidades. E ela era uma mulher bonita e bem-sucedida. Dylan Somerville não poderia ignorá-la dessa vez. Sem contar que agora Emily não estava por perto pra competir com ela.

Que pensamento horrroso! Coitadinha da Emily, estava morta. E não era culpa de Emily que Dylan tivesse se apaixonado por ela. Às vezes, Madison se perguntava se Emily sabia que ele era interessado nela. Com certeza ele não contara para ninguém, nem mesmo para o seu melhor amigo, Cole. Mas Madison sabia. Aos 19 anos ainda não percebera como sua atenção aos detalhes, às coisas que as pessoas eram levadas a fazer, facilitaria sua vida no mundo dos negócios.

Mas aos 29, já sabia muito bem que o melhor jeito de conseguir o que se quer de alguém é oferecer a essa pessoa algo que ela quer. A questão era: o que ela queria de Dylan depois de todos esses anos? "Uma pequena vingança", pensou com um sorrisinho nos lábios. Recompensa pelas noites insones? Talvez fosse tempo de dizer a Dylan o que ele tinha perdido...

Levantou-se, juntou os papéis da mesa e atendeu ao telefone. Ficou surpresa e depois chateada por não ter reconhecido o número. Evitara falar com a mãe a semana toda.

— Mãe, onde você está? — perguntou, seca.

— Na casa da Alice — respondeu Paula Covington, referindo-se à irmã.

— Deixei duas mensagens, ontem e hoje. Recebeu?

— Tenho andado ocupada.

— Tão ocupada que não pode falar comigo?

Madison se recusou a cair na chantagem emocional. A mãe dela só a procurava quando era conveniente, quando precisava de alguma coisa. Madison sabia disso desde o tempo em que usava fraldas.

— A gente tem de conversar sobre aquele livro. E não finja que não sabe do que estou falando.

Madison ficou tentada a brincar com a mãe, porém fingir somente implicaria uma longa explicação.

— Sei do que está falando, mas não há nada que eu possa fazer.

— Claro que há. Alguém está tentando causar um escândalo e não podemos permitir. Edward vai se candidatar este ano. Não pode haver nenhum boato contra a nossa família.

— Edward não pertence mais à família, mãe. Foi seu quarto marido e francamente não me interessa mais pelos meus padrastos.

— Madison, não seja mal-educada. Edward sempre foi muito bom pra você. Não me diga que esqueceu o que ele fez o ano passado no seu casamento, quando você saiu correndo. Deveria demonstrar alguma lealdade.

Madison suspirou. Não queria discutir a respeito dos planos desfeitos para o casamento ou sobre lealdade entre parentes.

— Olha, o livro não é sobre mim, é sobre a Natalie.

— Tem certeza?

— Absoluta. Li cada palavra.

— Ainda pode sobrar pra nós. Sei que seu nome não foi mencionado e que muito menos foi acusada de algum crime, mas poderiam relacioná-la ao livro. E isso não pode acontecer. Pensei que isso tivesse acabado dez anos atrás, quando a mandei pra Europa e a separei das meninas.

— Não se preocupe, estou bem. Preciso voltar ao trabalho. Falo com você mais tarde. — Madison desligou o telefone, apesar dos protestos da mãe. Olhou a paisagem de São Francisco pela janela. Sim, estava tudo voltando. Não havia como escapar. Pelo menos, não para qualquer uma das meninas.

Quis saber o que os outros andavam pensando, especialmente Laura e Natalie. Os momentos íntimos e pessoais delas, as conversas e os pensamentos foram publicados em livro e milhões de pessoas poderiam ler.

A vida delas foi invadida. Não era justo, mas a vida não é justa.

Natalie dizia isso sempre. Natalie, com seu cabelo ruivo e vontade incrível de se dar bem, era agora acusada de matar a melhor amiga.

Será que ela lera o livro? Quem a estaria perseguindo?

Natalie não conseguia dormir. Estava rolando de um lado para o outro na cama, desde que saíra do hospital, depois da meia-noite. Eram quase 3 horas da manhã e os olhos estavam longe de se fechar. Ela poderia ler. O livro estava ao seu alcance, do mesmo modo que o deixara. Mas ela tinha medo.

Virar aquelas páginas a levaria para um lugar que não apreciava. Um lugar onde sonhos belos haviam florescido, onde havia paixão pela vida, onde a amizade e o amor eram mais importantes do que tudo. Ela amara aquelas meninas — Emily, Laura e Madison — como a ninguém mais. Por quinze meses, um piscar de olhos, ela agora sabia, tinha feito parte de algo especial, maravilhoso e que não se repetiria. Um nó naquelas lembranças doces tornou tudo difícil de engolir. Fechou os olhos, desejando o sono, esquecimento abençoado e vindouro, entretanto o passado vinha correndo cumprimentá-la.

"Emily sentou-se na cama de solteiro e acendeu a luz. Tinha duas tranças no cabelo castanho e parecia que ela tinha 12 anos, principalmente quando vestia a camiseta pink com a estampa "garotas no poder", a calça larga do pijama e as meias que não combinavam.

— O que há de errado comigo? Natalie perguntou, piscando contra a luz forte. — São 2 horas da manhã.

— E você não consegue dormir. Está se virando de um lado pro outro.

— Desculpe. Vou me acalmar. Estou pensando em um monte de coisas.

— Sempre está preocupada. — Emily sorriu com compaixão. — O que foi dessa vez?

— Dinheiro, contas, empréstimos, aulas, notas, tudo.

— Sempre que precisar posso lhe emprestar dinheiro. Não precisa me dizer para o que é.

— Obrigada. Vou dar um jeito sozinha.

Emily gesticulou para ela.

— Mas é justamente isso que estou dizendo. Você não precisa resolver tudo sozinha. Eu estou aqui. Sou sua amiga e posso ajudá-la. Você precisa apenas pedir.

— Não gosto de pedir e você devia parar de oferecer pra todo mundo. As pessoas podem querer tirar vantagem.

— É isso o que eu quero — Emily confessou. — Passei a infância toda trancada no quarto, me protegendo dos germes e me recuperando de doenças uma depois da outra. Acabei me cansando de amigos imaginários. Eles eram muito chatos. Foram todos embora. — Solto uma risada um tanto falsa.

Natalie ficou observando o rosto bonito da amiga e pôde ver as sombras de solidão no olhar. Sabia que Emily sofrera de asma aguda quando criança. Todo resfriadozinho se transformava em pneumonia ou bronquite ou outra doença que requeria hospital. Os pais dela fizeram de tudo, mas tiveram de enfiá-la numa bolha, para salvá-la. Felizmente, quando cresceu, a asma e o sistema imunológico melhoraram e ela conseguiu convencê-los a ir para a faculdade e levar uma nova vida.

Emily abriu a gaveta embaixo da cama.

— Tenho uma ideia — disse, puxando uma caixa de papelão. — Se a gente não vai dormir, a gente devia passar cera na perna.

— O quê? — Natalie virou-se para ela, apoiando-se nos cotovelos. O relógio de ouro do pai dela no pulso. — Passar cera na perna agora? Você está louca? No meio da noite?

— Sim, no meio da noite, porque é quando os pelos crescem. — Emily estava segurando uma caixa que mostrava duas pernas lisinhas. — Vi na TV. A gente passa cera na perna, cobre com umas folhas e deixa um tempo. E puxa. Os pelos saem. Grudam na folha.

— Ótimo! A gente vai ficar com umas olheiras horríveis, mas com as pernas lisinhas. O que a gente devia fazer era estudar. — Ficou surpresa quando Emily pegou o telefone. — Pra quem você está ligando?

— Pra Maddie e pra Laura. Elas vão ficar chateadas se a gente se depilar e elas não.

Natalie ainda estava pensando no raciocínio da amiga quando Emily começou a falar:

— A gente vai se depilar, assistir à TV e comer pipoca. A Natalie não consegue dormir.

— Eu podia tentar dormir de novo — Natalie protestou, mas ninguém ouviu. — Elas não vão vir aqui por minha causa.

Ela estava errada. Minutos depois Maddie e Laura estavam no quarto

delas. Maddie estava de shorts de seda vermelho e uma blusinha combinando. Laura usava uma camisola longa de flanela. Tinha bobes no cabelo e manchas de creme para acne no rosto. Emily fez pipoca na maquininha que seus pais deram de presente para ela e Maddie estava folheando uma revista de homens nus. Com certo embaraço, elas votaram no melhor pênis, comeram as pipocas queimadas e se depilaram gritando de dor. Os Três Patetas as mantiveram acordadas e alegres até que, finalmente, dormiram uma hora antes de o despertador tocar."

Os olhos de Natalie se abriam enquanto o coração se apertava com um sentimento misto de ternura e arrependimento, uma vez que aqueles dias adoráveis, de responsabilidades leves e amizades incríveis, tinham terminado. Tinha saudades daquele tempo, das longas conversas que varavam a noite. Tinha saudades das meninas também. E, como havia dito Laura, saudades dela mesma. Mas aquela garota agora estava crescida. E o passado não voltaria. A não ser que...

Virou os olhos para o livro perto da cama. Quem sabe se lesse apenas algumas páginas.

Natalie queria fugir. Era somente nisso que pensava, quando largou o livro na manhã seguinte às 8 horas e vestiu tênis e agasalho esportivo. Passara a noite lendo cada palavra aterrorizante da história em que a estrela era ela. O enredo era a sua vida, embora distorcido e irreal. Algumas das palavras eram suas. Outras não. Alguns atos ela tinha feito, outros não tinha nem sonhado. Por debaixo dos panos, tinha a sensação de que alguém a observara, a escutara, um voyeur invisível que sabia muito mais dela do que ela poderia imaginar dele.

A adrenalina corria pelas veias por conta do instinto de sobrevivência. Ela sabia como lutar, mas não contra quem, então teria que usar o plano B: correr. Pegou a chave, saiu e desceu as escadas. Um vento frio matutino açoitou o rosto. Era essa a realidade, disse para si, este momento, esta rua, esta cidade, não o passado que revira nas últimas horas. Ela tinha de se lembrar disso.

Olhando para o céu, percebeu que a neblina estava começando a se dispersar, pedaços do céu azul e raios de sol nos galhos das árvores. Já se sentia melhor.

Aquele sentimento se foi com os pneus cantando na esquina. Era o carro de Cole. Droga! Virou-se e começou a correr na direção oposta, esperando que ele não a visse. O fato de que ele viesse significava somente uma coisa: ele também lera o livro. Meu Deus! O que ele devia estar pensando dela? Ele já tinha uma péssima opinião; agora então!

— Natalie! — gritou, diminuindo a velocidade do carro à medida que

a alcançava.

Ela se recusou a virar a cabeça e correu ainda mais veloz.

— Natalie, pare!

Voltou-se para ele e disse-lhe:

— Vá embora.

— Nem pensar. — Manteve a velocidade do carro no ritmo dela. — Quero conversar com você.

Bem, ela não queria falar com ele, não agora, não enquanto estivesse se sentindo tão vulnerável. Não queria ouvir novamente as mesmas acusações, ver a raiva nos olhos dele, ouvir a sua voz, ou mesmo a dela, irritada. Precisava de tempo para se defender, juntar munição, descobrir um modo de contra-argumentar às perguntas que sabia que seriam feitas. Virando a esquina, entrou numa ruazinha que dava para o fundo de casas e apartamentos e aumentou a velocidade.

Pensou que o tivesse despistado, mas o ouviu gritar outra vez. Seus passos estavam mais perto.

— Natalie, pare, que porra!

As pernas dela começavam a formigar de tanto correr, mas ela não diminuiu o passo. Era uma boa atleta e acostumada a correr. Cole era ainda melhor. Podia senti-lo atrás de si. Quando chegou ao fim da ruazinha, parou por um segundo, hesitando para que lado seguir: se para a marina ou para a rua Union. Foi um erro. Ele pousou pesadamente as mãos nos ombros dela. Livrou-se dele por um momento, porém ele agarrou o braço dela. Ela quase caiu para frente; foi ele quem impediu. Teria preferido se esborrachar no chão, porque enfrentar aquele olhar furioso, traído, amargurado era ainda mais dolorido.

Por um longo instante, eles buscaram avidamente por ar.

— Não diga nada — Natalie explodiu, quando finalmente conseguiu recuperar a voz.

Ele balançou a cabeça:

— Foi você? Foi você quem a empurrou da cobertura? Estavam brigando? Vocês duas estavam tão bêbadas que nem perceberam que estavam perto da beirada? Foi isso que aconteceu? — sacudiu-a.

— Não! Não!

— Então por que você fugiu de mim? Por que vejo culpa nos seus olhos?

— Não é culpa. É raiva. Não posso acreditar que justamente você me faça uma pergunta dessas.

— Isso não é resposta. Apenas os culpados fogem.

— Corri porque, no fundo, sabia que você iria acreditar em um estranho e não em mim. — Soltou-se dele violentamente. — Como pôde, Cole? Como pode pensar que eu faria mal a Emily? Eu a amava. Era a minha melhor amiga. — A dor saía dos olhos e também lágrimas, mas ela se segurou. Não choraria agora, na frente dele. Não lhe daria esse gostinho.

Cole a olhava furioso. Parecia o demônio: os cabelos em desordem, barba por fazer. Deve ter ficado acordado a noite toda. Ela forçou-se para não se importar com a sua aparência, ele devia estar arrasado com o que lera. Mas isso não lhe dava o direito de correr atrás dela.

— Droga, Natalie! Tem algo de verdadeiro no livro. Você sabe tão bem quanto eu.

— É mentira! Eu sei que é mentira.

— O quê? — Lançou-lhe um olhar demorado. — Não sei em que acreditar.

Doía saber que ele não acreditava nela. Cruzou os braços, sentindo frio e solidão. Deveria estar acostumada a esses sentimentos. Mas era pior com Cole por perto. Ela se lembrava daquele curto período quando tinha amor no coração, quando acreditava que havia felicidade no mundo. Isso tinha acabado quando Emily morreu. Na verdade, acabara um pouco antes.

— Queria que se lembrasse onde estava naquela noite — continuou Cole.

— Não ajuda nada dizer que estava bêbada trancada no banheiro da casa, sem poder se lembrar de nada do que acontecera na festa, enquanto Emily caía da cobertura.

— Pensa que não sei que isso não ajuda nada? Pensa que não desejei um milhão de vezes não ter ficado bêbada? Pensa que me sinto bem por não ter podido ajudá-la? Meu Deus, Cole! Você não pode me culpar mais do que eu me culpo por ter pensado mais nas minhas necessidades do que nas dela, por não saber com quem estava ou o que fazia. Ela era a minha melhor amiga e eu a decepcionei.

— Nunca me disse isso — falou calmamente.

— Você nunca me deu uma chance. — Sustentou o olhar por um momento. — Desculpe, Cole. Sinto muito, fico triste com isso, mas eu não sou culpada. Não machucaria a sua irmã por causa de alguns comprimidos que não peguei na enfermaria ou por conta de alguma discussão que tivéssemos sobre você. Posso provar isso? Não, não posso. Mas é a mais pura verdade. E você deveria saber disso. Porque você me conhece mais do que ninguém.

Cole passou a mão no cabelo.

— Pensei que soubesse o que tinha acontecido. Achava que Emily tivesse bebido demais, subido para a cobertura para olhar as estrelas e, simplesmente, escorregado. Entretanto, este maldito livro de suspense está virando tudo de ponta-cabeça. Emily se transformou em alguém que desconheço. O que pensava sobre a escola, os amigos, os homens... — Balançou a cabeça, confuso. — Tem coisa que bate com ela; tem coisa que não.

— Porque algumas das palavras são dela; outras não. Tive a mesma sensação quando lia, como se eu estivesse lá, mas a festa fosse diferente daquela de que me lembro. E as pessoas não eram bem as mesmas, tinham algo diferente no jeito delas.

— Você tem mais condições do que eu de dizer o que está diferente no livro. Eu só vinha de fim de semana. Não sei o que acontecia durante a semana.

— Respirou fundo. — A pior parte foi saber que eu estava por perto naquela noite. Que poderia ter evitado. Estava com Josh, no apartamento de Dylan, a menos de um quilômetro. Emily queria que eu viesse à festa. Ela me convidou pelo telefone. Não fiquei muito a fim e disse que talvez viesse mais tarde. — Via-se o sofrimento nos olhos dele e Natalie, de algum modo, incorporou sua dor. — Não fui, Natalie, não apareci até que fosse tarde demais. Emily queria que eu ficasse com ela e eu recusei.

— Por minha causa. Você não queria me ver. Eu estava levando tudo muito a sério.

Ela disse que o amava. Foi a primeira e última vez que disse isso a um homem. Ele caiu fora.

Cole olhou para baixo:

— Eu deveria ter vindo por ela. Cometi um erro.

A sua culpa era do tamanho da dela e ela começou a ficar menos intransigente.

— Ambos poderíamos ter agido diferente, mas não foi o que aconteceu. E não dá para mudar isso agora. Acabou tudo há muito tempo.

— Não acabou; não com esse livro levantando poeira. Voltei para o trabalho ontem e pesquisei tudo o que tem sobre Garrett Molone. Não existe muita informação sobre ele. Como se ele tivesse surgido do nada. Tentei falar com o seu editor e seu agente, mas é fim de semana. Não vou saber de nada até amanhã. E não tem nenhuma novidade no seu site desde ontem.

— Onde ele mora?

— No material de imprensa diz Califórnia. Nada mais específico. Vou encontrá-lo, Natalie. E ele vai conversar comigo.

— E comigo. Tenho algumas perguntinhas pra lhe fazer — disse com segurança.

— Aposto que sim. — Hesitou um pouco, mas completou: — Estou contente que esclarecemos algumas coisas.

— Eu também. — Não estava muito certa do que sentia por ele agora, ou do que ele sentia por ela, mas, pelo menos, tinham quebrado o gelo depois de dez anos.

Cole limpou a garganta:

— Então, pra onde estamos correndo?

Ela não gostou que ele a incluísse no verbo "estamos".

— Eu vou pra marina e depois pra ponte Golden Gate.

— Parece bom. Eu ia pra ginástica, mas posso mudar de ideia e fazer exercícios ao ar livre.

Ela se deu conta, com atraso, que ele estava de tênis e abrigo.

— Não vou correr com você.

— Está com medo de ficar pra trás?

— Eu me lembro de que eu sempre ganhava de você. — Correr de manhã cedo era algo que eles costumavam fazer por um tempo.

— Eu me lembro de que eu sempre deixava você ganhar.

O olhar de desafio da parte dele criou uma tensão na já conturbada atmosfera.

— OK, vamos então.

Ela começou a andar antes que ele respondesse. Era um truque velho, mas ela sabia que Cole era um forte adversário e que poderia ultrapassá-la facilmente. Em um minuto, ele já a tinha alcançado.

- Está andando meio devagar por quê?
- Estou me aquecendo.
- Você não costumava demorar tanto tempo pra se aquecer.

Natalie apertou o passo para se distanciar do seu sarcasmo e das lembranças que aquelas palavras lhe traziam. Eles tinham corrido juntos a mesma distância, até a casa dos pais de Cole em Presidio Heights, uma elegante vizinhança de casas de gente rica. A última vez que ela estivera lá fora no Natal antes da morte de Emily, que tinha ocorrido seis semanas depois, no mês de fevereiro. Quantas coisas tinham mudado naquelas semanas, principalmente o seu relacionamento com Cole, que se tornara mais sério. Na verdade, as coisas mudaram depois que eles correram juntos.

"Natalie agachou-se embaixo das escadas. Os Parish ainda dormiam. Passava das 7 da manhã na véspera de Natal. Naquela noite eles iriam ao hotel Fairmont, para a ceia. Na manhã seguinte, iriam se juntar ao redor da árvore de três metros de altura, abrir presentes, comer um brunch... E, em seguida, se empanturrar com mais comida, se divertir com os amigos, comemorar. Natalie tinha sorte de passar o Natal com eles. Era o primeiro Natal que passava em família depois de tantos anos e ela queria aproveitar cada segundo. Sentia-se, ao mesmo tempo, emocionada e esgotada.

Os Parish eram tão diferentes da sua família! Eram tradicionais, sofisticados. O jogo de talheres tinha pelo menos três garfos, duas colheres e diversos pratos e ela tinha de lembrar o que ia com o quê. Conversariam sobre negócios e política durante a festa, o que significava que ela teria de ser inteligente e saber tudo de vinhos; teria de tomar cuidado para não fazer papel de boba. Talvez ela saísse pela porta correndo...

Ela deveria parar de se preocupar tanto e curtir um pouco mais a festa, Emily diria para ela. A amiga estava dormindo em cima de travesseiros antialérgicos supercaros e confortáveis, cercada de riquezas como uma princesa. Às vezes, se perguntava como é que eram amigas. Tinham personalidades diferentes, vinham de mundos diferentes, mas a universidade era boa uniformizadora.

Natalie abriu a porta e fechou-a atrás de si. Demorou um tempo se esticando nos degraus da frente de casa e, em seguida, caminhou para a calçada. Estava se preparando para correr, quando ouviu Cole.

- Espere – disse e correu para ela. – Não ia começar sem mim, iria?

— Não podia adivinhar que viria — respondeu, agitada com o sorriso bonito dele. Toda vez que o via, ficava agitada.

— Disse que faria qualquer coisa com você neste fim de semana.

— Pensei que se referisse às festas.

— Me referia a qualquer coisa.

A intensidade na voz dele a fez perder o fôlego e abrir os lábios. Ele olhou para eles e ela soube que estava se lembrando. Eles quase tinham transado duas semanas antes, quando Cole viera até Santa Cruz. Emily os interrompera. Natalie tinha sentido um misto de alívio e desapontamento. Ela queria transar com ele. Queria se entregar a ele. Seria a sua primeira vez, mas sabia que finalmente estava pronta.

— A gente vai correr ou não?

— Vamos correr — disse subitamente. Estava pronta pra ele, mas não exatamente agora.

Descendo a rua, corriam cada vez mais depressa e o cooper se transformou em uma corrida de velocidade. Quando chegaram a Marina Greens, estavam a toda. No final, Cole mudou de direção.

— Está indo na direção errada — emendou, mas continuou seguindo-o até o Iate Clube St. Francis. — Aonde vai?

— Chegamos. — Pegou-a pela mão e puxou-a para trás de um edifício.

— Por que paramos? — perguntou, confusa.

— Porque não posso esperar mais nenhum minuto pra beijá-la.

— O qu...?

Ele a cortou para beijá-la apaixonada e demoradamente. Nenhum dos dois queria se entregar nem desistir. Por fim, Natalie procurou ar. Afastou-se dele, surpresa por ter respondido com tanta paixão e ter se desligado do que acontecia ao redor dela. Ainda bem que havia mais alguns corredores por perto. Nunca se deixara levar tanto por um homem. Estava apaixonada por ele. Meu Deus, estava mesmo apaixonada!"

— Vamos, Natalie.

Natalie piscou, percebendo que, novamente, se perdera nas lembranças do passado, ficando para trás com relação a Cole. Por um momento, quis saber se ele se lembrava desse dia. Não, ela não poderia se deixar levar. Cole não gostava mais dela, nem a amava, nem a desejava.

Fazia tempo.

Ela não deu um segundo olhar para o edifício e ultrapassou Cole, correndo em direção à ponte Golden Gate. Na verdade a ponte era vermelha e não dourada *, mas era uma construção muito majestosa, suntuosa. O Oceano Pacífico por debaixo dela na Baía, o portão para o Ocidente.

O vento açoitou os seus cabelos presos num rabo de cavalo e ela deu um tempo para esticar as pernas. Cole parou pouco mais à frente. Não tinha ganhado nem perdido. O que deveria fazer com ele agora?

Chegou mais perto e disse-lhe:

— Por que estamos juntos? — as palavras pularam da boca antes que ela pudesse impedir.

O olhar dele era firme.

— Por causa do livro. Preciso saber o que vai acontecer.

— Eu não posso lhe dizer o que realmente aconteceu.

— Você pode me ajudar a descobrir.

— Acredite em mim, quero tanto quanto você, mas penso que não vamos descobrir nada. Não havia ninguém com a Emily naquela noite. Ninguém a viu cair. A polícia perguntou a todos.

Os olhos dele continuavam fixos.

— Mas alguém estava lá. Deveria haver alguém lá. Malone menciona um bando de gente que falou com Emily, pessoas que declararam que não tinham trocado uma palavra com ela.

Natalie havia percebido isso também, mas o caso é que muitas daquelas coisas eram mentiras. Não sabia em que acreditar.

— Ele pode ter inventado.

— Ou alguém está mentindo. Laura disse algo depois que eu fui embora ontem?

— Não. Parecia tão confusa quanto eu.

— E Drew?

— Laura disse que ainda não conversou com ele sobre o livro.

— Talvez ele já saiba. Ele estava lá. Não era apenas o namorado de Laura; era amigo seu e de Emily. Pense nisso, Natalie. Havia mais alguém que soubesse de vocês quatro tanto quanto Drew?

— Acho que não — disse pausadamente. — Nunca pensei nisso.

— Bem, eu sim. Drew estava na festa. E tinha participado de muitas conversas íntimas entre vocês.

— Isso é verdade. Eu e Emily encontramos Drew primeiro. Tínhamos aula de química juntos. Fizemos alguns trabalhos em grupo.

— Então ele a conhecia desde o começo, quando moravam juntas.

— Sim, mas a gente nunca foi muito chegado. Ele era meio falso. Não confiava muito nele.

Cole concordou com a cabeça.

— Penso o mesmo. E Emily? O que achava dele?

— Ela gostava dele. Fazia-a rir. Eram bons amigos, até que Laura e Drew assumiram o namoro no segundo ano. — Natalie parou para pensar na equação proposta por Cole. — Não faz muito sentido. Por que Drew ajudaria alguém a escrever um livro de ficção? Ele é casado com a Laura. E ela não está muito feliz de ser incluída na história. Ela disse que ele vai se candidatar nas eleições. Não entendo como ele pode estar envolvido nisso.

— Bons argumentos. Nada disso faz sentido. Mas a gente tem de começar de algum lugar. Acho que a gente podia fazer uma visitinha para a Laura e o Drew hoje.

De novo, ele a incluía nos seus planos. Natalie não queria passar mais tempo com ele nem queria que ele fosse conversar com Drew e Laura sozinho. Se Drew tinha algo a ver com o livro, ela queria estar lá para saber.

— Tudo bem. Vou ligar pra Laura.

— Tenho uma ideia melhor. Não ligue. É sempre bom pegar os seus inimigos de surpresa.

— Laura e Drew não são meus inimigos.

— Bom, alguém tem que ser; do contrário, você não seria a vilã da história.

Ele estava certo.

— É verdade.

- Quer ir agora?
- Vamos por outro caminho.
- O que tem de errado com o caminho pelo qual viemos?
- Já conheço, só isso – disse e agora ele teria de criar um novo caminho.



Capítulo 5



Laura abriu a porta do estúdio de Drew e não se surpreendeu ao pegá-lo sentado na frente do computador. O trabalho era a sua paixão, quer estivesse em casa ou no escritório de advocacia e mesmo que fosse domingo não fazia a menor diferença. Com certeza, estava trabalhando desde manhã bem cedo. O quarto escuro; apenas uma luminária clareava o computador e os cabelos loiros dele.

Os olhos azul-escuros focados na tela. Ela não sabia se ficava impressionada com o seu poder de concentração ou irritada porque ele nem sequer a percebia. Entrou e bateu a porta com força. Ele tomou um susto e desaprovou aquelas medidas.

- Precisa de alguma coisa? — perguntou, bruscamente.
- Pensei que quisesse fazer um intervalo, comer algo.
- Estou ocupado. Ainda tenho muito o que fazer hoje.

Ela havia se esquecido de que ele pegaria o avião para Los Angeles e ficaria fora três dias. Ele viajava tanto nesses últimos seis meses que ela pensava que a casa deles era uma espécie de pit stop.

- Quase nem nos vemos mais — ela resmungou.

Ele ficou ainda mais sisudo:

- Laura, realmente não tenho tempo pra isso.
- Tempo pra quê? Pra mim? — Odiou como disse aquilo, meio desesperada, mas não havia como voltar atrás.
- Não vai ser sempre assim, entretanto, se vou me tornar sócio do escritório, vou ter de me dedicar a isso. Seu pai é um homem exigente. Espero que me entenda.

— Eu entendo. — Principalmente a parte que se referia a seu pai. Só Deus sabe! Ela nunca estava à altura. Não surpreende que Drew estivesse estressado. Laura se sentiu culpada e começou a fazer uma massagem na nuca dele.

— O que está fazendo? — afastou-a e desligou o computador de repente. — Obrigado por pensar em mim, mas eu preciso me concentrar nisso.

— No quê? — Ela olhava para a tela preta e perguntava-se por que ele não deixava que ela visse o que ele estava fazendo. — Você anda muito misterioso.

— Tenho de respeitar a privacidade dos meus clientes.

— E pra isso precisa esconder de mim? — Foi para a frente dele, inclinando-se na beira da mesa. — Você deveria confiar em mim.

— Não é questão de confiança.

Ela queria lhe falar exatamente o que estava sentindo, mas não agora, não aqui, porque ele estava muito distraído.

— Dê um tempo, Drew. Tem um show de graça no parque. A gente pode ir até lá, fazer um piquenique. Seria divertido.

— Não tenho tempo pra isso. Já disse. Você não tem nada mais importante pra fazer do que ir a um show ou fazer um piquenique?

Ela fazia um milhão de coisas para que a vida deles funcionasse como um relógio, mas agora não queria ir para a lavanderia, ou pagar as contas, ou verificar o dever de casa das crianças, ou a última decisão da reunião de pais e mestres, ou limpar a casa. Queria falar com Drew fora de casa. Sobre o livro, sobre Natalie e Cole. Mas antes disso o telefone de Drew tocou.

Ele atendeu bem rápido.

— Alô.

Ele ficou mais tranquilo. Sorriu até. Laura nem se lembrava de quando fora a última vez que o vira sorrir.

— Você é o máximo, Valerie. Fico devendo essa. — Interrompeu-se. — Tenho certeza de que vai conseguir. Espere um pouco. — Virou-se para Laura e disse-lhe: — Isso vai demorar. Você se importa?

Ela se importava, sim. Não porque ele quisesse continuar seu telefonema de trabalho, mas porque Valerie Cain o fizera sorrir.

— A gente precisa conversar.

— Depois. Tudo bem?

Ela tinha escolha? Assim que Laura deixou o estúdio ficou tentada a se esconder para ouvir a conversa, mas decidiu fechar a porta. Ela deveria

confiar no marido. A confiança é a base de um bom casamento. Ele nem tinha tempo de ter uma amante. Trabalhava doze horas por dia. Bem, Valerie trabalhava com ele... E a maioria dos casos acontecia no ambiente de trabalho.

Tinha de parar de pensar nessas coisas. Drew não a estava traindo. Só porque eles não estavam mais dormindo sempre juntos, não significava nada. Eles estavam juntos há dez anos. Natural que transassem menos, certo?

Será que ela havia feito algo de errado? Ela cuidava bem da casa. Preparava uma alimentação saudável. Tentava facilitar a vida de Drew dentro de casa. Será que ela tinha engordado muito? Estava mais gorda quatro quilos e meio desde que se casaram, mas ela estava tentando comer direito e fazer exercícios e estava sempre bem-vestida. Talvez ela devesse fazer uma lipo ou injetar Botox. Parou na frente do espelho do corredor e reparou nas linhas de expressão ao redor dos olhos e da boca. Ela estava beirando os 30, não tinha mais 19 anos, como quando Drew se apaixonara por ela. Bom, talvez fosse tudo fruto da sua imaginação. Sabe-se lá o que Drew andava pensando ultimamente!... Não dava para adivinhar.

Balançou a cabeça, subiu as escadas e procurou as filhas, que deveriam estar lendo. Em vez disso, estavam brincando com a casinha de bonecas.

— Meninas, e os livros? — A regra era que elas lessem todo dia por pelo menos uma hora. Elas resmungaram um pouquinho, mas os livros estavam debaixo da cama.

Laura continuou andando até o quarto. Ela o tinha decorado em tons pastel e com estampas florais que supostamente deveriam acalmar. Porém, hoje, as estampas a irritavam ainda mais. Sua mãe lhe diria que ela não tinha nada do que reclamar. Ela tinha marido, casa, filhos. Era tudo o que podia desejar, assim a ensinaram, porque, afinal, ela não tinha a inteligência das irmãs. Seu pai brincava que ela fora para a faculdade para arranjar marido. E era meio verdade. Às vezes, pensava que estava tão desesperada para arranjar um marido que se casou com o primeiro que encontrara. Não que ela não amasse mais Drew; ela ainda o amava.

Mas desde que encontrara Natalie e Cole na livraria ontem estava muito ansiosa. Natalie era médica; Cole era proprietário de um jornal. Drew estava trabalhando duro para virar sócio da empresa. Todo mundo que conhecera na faculdade tinha virado alguém importante. Menos ela. Não que ser mãe não fosse importante. Sabia que era. Também sabia que era boa mãe. As meninas eram bem-educadas, estavam sempre bem-vestidas. Ela fazia trabalho voluntário na escola e em outras instituições. Mas será que era mesmo isso a que ela estava destinada?

Ver Natalie a fez pensar no passado e em quem era naquela época. No tempo em que era uma das Quatro Fantásticas tinha explorado algumas facetas da sua personalidade. Madison, Natalie e Emily propuseram-lhe novas atividades, desafiando-a, instigando-a e apoiando-a no que decidisse fazer. Lia livros, discutia política e religião, frequentava aulas de arte, tocava flauta numa orquestra da faculdade. Aquelas garotas a convenceram de que não era burra como seus pais lhe diziam. Talvez ela não tirasse sempre dez, talvez tivesse dificuldade em matemática, mas ela podia fazer outras coisas. Ela era criativa e musical. Era um pouco mais do que uma inteligência abaixo da média.

Pensou que se casar com Drew a livraria de determinadas expectativas dos pais, mas ela tinha apenas trocado as expectativas deles pelas do marido. E bem no fundo sabia que tinha se casado com um homem muito parecido com o pai, uma pessoa que valorizava mais as coisas materiais que o caráter, a bondade ou a compaixão.

Como foi que isso aconteceu?

Agora, ela sabia por que seus pais tinham gostado de Drew logo de cara. O pai dela o tinha pegado pela mão, ajudara com o curso de direito, ofereceu emprego assim que ele se formara... Drew era o filho que eles sempre quiseram. Ela, afinal, não o tinha desapontado, casando-se com Drew. Tinha, finalmente, feito a coisa certa.

Entretanto, ela tinha perdido algo dela mesma naquela vida perfeita que ela criara. Tinha se tornado escrava da rotina, de uma vida organizada, das contas e dos impostos de alguns seriados na TV toda noite. Aceitava migalhas da atenção do marido e sempre escondia as suas preocupações das outras mulheres.

Sentada na cama, tomou cuidado para não bagunçar a disposição dos travesseiros que arrumara naquela manhã. E, então, percebeu o absurdo daquela situação. Ela não se permitia nem mesmo relaxar em cima dos travesseiros. Num acesso de raiva, começou a atirar os travesseiros, as almofadas, o edredom, os lençóis para tudo quanto era lado, até que virou uma bagunça. Sentiu-se apenas ligeiramente melhor.

Foi para o closet e procurou por cima de roupas, sapatos e outras tranqueiras um estojo preto de instrumento musical. Puxou-o da última prateleira e acabou espirrando com a poeira que levantou. Bom, talvez nem mesmo boa dona de casa ela fosse. Mas dentro do estojo havia uma flauta promissora. Laura ficou contente ao rever sua velha companheira.

Ajoelhou-se no chão do closet e começou a montar o instrumento. Adorava fazer isso, tocar os dedos no metal lisinho. Ainda sabia tocar? Tocaria muito mal? Será que queria mesmo tentar?

Ficou insegura e hesitou. Queria mesmo saber se ainda podia tocar? Não seria melhor se continuasse com a cabeça enfiada debaixo da terra?

Fechou os olhos por um momento e pensou em Emily.

"— Você podia tocar numa banda — disse Emily, assim que Laura guardou a flauta no estojo. A última nota ainda ressoava no ar.

— Não sou muito boa. E não pagam nada.

— Mas se você está feliz... É isso o que importa.

— A felicidade não importa; sucesso, reconhecimento, isso sim. Todo mundo sabe que viver de música é quase impossível.

— A vida não é só ganhar dinheiro. É fazer o que se gosta. Não se venda fácil, Laura. Não deixe ninguém definir a sua personalidade. Nós duas temos muito em comum. Passamos muito tempo olhando a vida passar da janela, observando todo mundo se divertir. Agora, finalmente, tenho saúde. E você está longe dos seus pais e de todas as pessoas que a convenceram de que, a todo momento, deve perseguir um futuro de felicidade. E, depois, todo mundo diz que esta é a melhor fase da vida. Vamos fazer isso valer."

— O que está fazendo, mamãe? — perguntou Jennifer, de 6 anos.

— Posso brincar também? — Suzanne, de 7 anos, completou. — Deve ser legal.

— Você é mesmo muito boa — declarou Jennifer.

Isso a comoveu. As suas filhas pensavam que ela tocava bem. Ela enxugou uma lágrima boba e sorriu.

— Acho que está na hora de vocês aprenderem a tocar.

— Hoje? — disseram as duas.

— Sim, hoje, mas mais tarde — decidiu abruptamente. — Primeiro, têm de ouvir boa música. Vão calçar os sapatos. Nós vamos ao parque.

— Não tem ninguém em casa — disse Natalie, ao perceber que a porta da casa de Laura continuava fechada. — Não adiantou muito o seu ataque-surpresa. — Foi um pouco para trás, a fim de observar a vila de sobrados cor de salmão, muito parecidos com as construções bem projetadas na vizinhança ao sul de São Francisco. — Certamente Laura e Drew estão bem de vida.

— Não é má se considerarmos que é uma casa de subúrbio. Eu prefiro

morar na cidade.

Natalie também. Ou quem sabe estivesse apenas mais acostumada ao ambiente urbano. Da última vez que vivera numa casa ligeiramente parecida com esta, seu pai ainda era vivo. Depois da sua morte, ela e a mãe trocaram de casas muitas vezes, tendo de dividi-las com parentes ou com algum namorado da mãe.

— Talvez não tenham ouvido a campainha. É uma casa enorme. — Cole tocou três vezes seguidas. Tão alto que Natalie pensou que até os vizinhos podiam ouvir.

A porta abriu-se de repente. Ela pulou para trás quando viu Drew parecendo nada contente de vê-los. De calça larga marrom-claro, camisa branca de manga comprida, parecia um homem de negócios tradicional, bem diferente do playboy sorridente e galanteador que costumava usar calça jeans, camiseta e sandália de dedo. Tirando a pele bronzeada e os cabelos loiros, era outra pessoa.

— Que diabos estão fazendo aqui? — resmungou, olhando atentamente para eles.

Natalie não sabia o que responder. Não podia culpar Drew por estar zangado. Tinham se passado dez anos desde que os vira e agora eles apareciam do nada. Não era para menos que estava assustado.

— Podemos entrar? — perguntou Cole.

Drew deu uns passos para trás e abriu caminho. A casa era tão bonita por dentro quanto por fora, Natalie pensou, notando o piso bem encerado da entrada, os detalhes finos do corrimão, os arcos que davam para a sala de estar e de jantar. Drew levou-os à sala de estar, onde um grande piano roubava um canto da parede. O resto do cômodo estava decorado com mobília antiga e vasos, lâmpadas e mesinhas escolhidos a dedo. Tudo combinava, desde o papel de parede até a cortina com motivos florais.

— Muito lindo. A Laura está? — disse Natalie.

— Deve estar em algum lugar pela casa, embora eu não saiba por que não veio atender a porta. — Drew foi para a escada e chamou-a, em vão. — Volto já.

Natalie sentou-se no sofá, enquanto Cole percorria com os olhos os retratos e as fotografias sobre a cornija da lareira. Podiam ouvir Drew chamando por Laura, ainda em vão. Pouco depois, voltou irritado.

— Ela deve ter saído com as crianças. Então, o que posso fazer por vocês?

— Encontrei Laura ontem. Ela não lhe contou nada? — Natalie perguntou.

— Não. Mas neste fim de semana estamos ocupados com outras coisas. Na verdade, estou indo viajar a negócios. — E olhou para o relógio.

Natalie virou-se para Cole como a perguntar por que ele não estava liderando a conversa. Não fora ele quem tivera a ideia de vir aqui? Quando o silêncio ficou longo demais, falou:

— Isso é ruim. Pensamos que poderíamos conversar sobre o passado.

— Geralmente, essas conversas são marcadas na agenda. — Drew franziu o cenho. — O que está fazendo aqui, Natalie? Você foi embora sem se despedir. Por que voltou? O que quer?

— Eu me despedi das pessoas. — Estava surpresa com tanta animosidade no tom de voz.

— Você abandonou Laura. Ela chorou dias seguidos depois que foi embora. — Continuou, seco: — Ela não precisa mais de você. Talvez tenha sido educada e não tenha dito nada, mas...

— Quem não é educado é você — Cole replicou.

— Não, não sou. Olhe, Parish, não tenho nada contra você, mas estou muito ocupado pra ficar falando do passado.

Natalie olhou demoradamente para ele, tentando ler nas entrelinhas, porém Drew não estava facilitando muito.

— Desculpe se o importunamos — disse e virou-se para sair.

— Espere um pouco, Natalie — pediu Cole. — Tenho umas perguntinhas pra lhe fazer, MacKinney.

— Sobre o quê?

— Sobre a morte da minha irmã. Pode ser que a morte dela não tenha sido um acidente.

— E quem disse isso a você?

— O autor de um livro de um romance criminal. Talvez tenha ouvido falar.

— Sim, eu ouvi falar — admitiu, apertando os lábios.

— Você se lembra de ter visto Emily naquela noite? Falou com ela?

Beberam alguma coisa juntos?

— Eu não a embebedei, se é isso o que está sugerindo. — Ele pôs as mãos nos quadris, num gesto um tanto quanto agressivo.

Cole não desistiu.

— Falou com ela?

— Não, não falei. A festa estava cheia de gente. Devia ter mais de cem pessoas. Foi o que eu disse à polícia.

— Então não estava na cobertura? Não ouviu Emily discutir com Natalie?

— Não ouvi nada. Já disse. Não estava lá em cima.

— O autor pensa que Natalie empurrou Emily. Você concorda?

Drew lançou um rápido olhar para Natalie.

— Claro que não. Emily caiu. Foi isso o que aconteceu. Embora todo mundo saiba que Emily e Natalie discutissem por sua causa. Houve muitos boatos depois que você saiu da cidade.

— Onde estava quando Emily caiu? Se não se importa em dizer — insistiu Cole.

— Eu me importo, sim. Respondi a essa pergunta dez anos atrás. Se não sabe o que respondi, estou certo de que pode ter acesso aos arquivos policiais. E agora, se não se importa... — Drew foi andando pelo corredor até a porta da frente, abriu-a e não havia outra escolha se não sair.

— Se eu descobrir que você está por trás desse livro, vai se arrepender.
— Cole parou embaixo da porta. — Ninguém brinca com a minha família.

— Nem com a minha!

Natalie seguiu Cole até o portão, estremecendo com o bater da porta.

— Muito bem.

— Acho que temos mais um nome na lista do nosso fã-clubes — disse Cole, enquanto se dirigiam para o carro.

— Não sabia que ele me detestava.

Cole abriu a porta do carro para ela.

— Curioso, não?

Natalie não gostou muito de como ele disse isso.

— Drew fez com que duvidasse de mim de novo. Você é assim tão facilmente influenciável, Cole?

— Só tomo uma decisão depois que analiso os fatos.

— Que, nesse caso, são poucos — disse e foi para o banco do passageiro. — Talvez a gente devesse conversar com algum dos seus amigos. Emily costumava ver Dylan Somerville de vez em quando. Ele pode saber de algo. E quanto a Josh?

Cole não disse nada antes de entrar no carro e fechar a porta.

— Eu já disse que Josh e eu estávamos no apartamento de Dylan naquela noite.

— Mas o Dylan não estava com vocês.

Ela pensou se havia visto Dylan andando pela casa durante a festa.

— O que está insinuando?

— Eu vi Dylan na festa. Acabei de lembrar. — Ela viu que ele estava cético. — Tenho certeza — acrescentou, para se defender.

— Isso é muito conveniente.

— A gente vem conversando tanto sobre isso que acho que a memória está voltando.

— Quem sabe se lembre de outras coisas, como onde estava quando Emily caiu.

— Cole, você me disse que não acredita que...

— Eu não acredito. Olhe, Natalie, Dylan e Josh eram amigos de Emily. É impossível que eles lhe fizessem mal. Mas concordo com uma coisa: a gente devia falar com eles, principalmente com Dylan, porque ele morava em Santa Cruz. Vamos dar um pulo no clube dele. — Pôs a chave na ignição e ligou o carro.

— No clube dele?

— Ele é dono de um clube chamado Club V, no sul de Market. Tem espetáculos de tecnomagia bem pop. Tô percebendo que ainda não estive lá.

— Não. O que é tecnomagia?

— Realidade virtual, ilusões tecnológicas e outros truques. O clube tem um ano e toda noite tem a maior fila.

Dylan sempre gostara de mágica, ela se lembrava. Tinha trabalhado como mágico num bar em Santa Cruz quando eles estavam na faculdade. Emily ia sempre lá; por vezes, fazia o papel de sua assistente. Eles dois eram muito íntimos. Pessoalmente, Natalie nunca fora muito com a cara dele. Ele era um tanto misterioso, chegava de motocicleta, vestido com roupa de couro preto e óculos escuros. Ela não se lembra dele conversando com mais ninguém a não ser com Emily. Aquilo deixava Madison louca. Dylan Somerville era provavelmente o único cara que não dava bola para ela e Madison tinha se apaixonado por ele. Por falar nisso, eles ainda tinham de encontrar Madison.

Madison deu uma olhada no papel com o endereço do Club V. Localizado num antigo armazém, o clube era muito despretensioso, um desses lugares que as pessoas conheciam por meio de amigos e não por propaganda. De fato, a única indicação de que era mesmo o clube era uma placa de bronze pequena numa porta preta. De acordo com o site do Club V, os salões principais do clube, como o bar, o restaurante e a sala de shows de mágica abriam todas as noites. Mas o salão de realidade virtual abria somente nos fins de semana, a partir de uma hora. Ela chegara alguns minutos antes, mas isso poderia ser uma vantagem. Poderia falar com Dylan antes que a multidão invadisse o prédio.

Ia abrir a porta, mas ainda hesitava, pensando em coisas como: Dylan Somerville era uma das poucas pessoas que conhecia, mas que não entendia direito, nem sequer conseguia se controlar na frente dele. Muito provavelmente ele não a receberia nem aceitaria o convite para se apresentar no seu evento e muito dificilmente aceitaria reatar a amizade com ela. Na verdade, era capaz que ele a evitasse, como fazia sempre, e ela não estava muito a fim de enfrentar uma rejeição.

Estava chateada com a súbita onda de insegurança. Isso a fazia lembrar-se da infância, antes que tivesse se transformado numa bela mulher de seios bonitos. Naquele tempo ela vivia com dúvidas sobre si mesma, falta de confiança derivada do fato de ser filha ilegítima de um ator que se recusava a reconhecer a paternidade. Uma das cartomantes que consultara, por insistência de sua mãe, dissera-lhe que o relacionamento difícil com o pai biológico ocasionara uma busca por sucesso, um desejo de que todos a vissem como alguém especial, bonita e importante. Quando, enfim, realizou esse desejo, tanto no sentido pessoal como profissional, ela mudou de vida, o que, com certeza, foi a causa de dois noivados rompidos, o último deles poucos dias antes do casamento.

Preocupada, acabou percebendo que, hoje, estava reagindo assim, tentando impressionar Dylan Somerville, porque, inferno, ele não tinha

prestado atenção nela. Odiava ter de admitir que a cartomante estivera certa. Mas fazer o quê? Não era muito importante. Não se tratava de encontrar "o cara que tinha fugido dela" e provar para ele o que ele havia perdido. De qualquer forma, Dylan havia perdido muito. Ela estava bem melhor agora do que aos 19 anos. Ela era sofisticada, sem dizer que agora sabia mais dos homens e o que queriam. Ela poderia conquistar Dylan, se assim quisesse. Ainda não tinha decidido. Talvez fosse feio agora, gordo, careca, tivesse uma verruga peluda no rosto. Podia ter acontecido um monte de coisas com ele. Ela não saberia a menos que abrisse a porta.

Estremeceu um pouco, mas acabou abrindo a porta pesada, que se fechou silenciosamente atrás de si. O lobby era pequeno, redondo, mal iluminado, madeira escura nos painéis, carpete espesso preto, bancos de couro vermelho em volta da sala e, colada à parede, uma série de monitores que exibiam animações. Havia uma recepção entre duas portas, mas não tinha ninguém no momento. Madison entrou na sala e percebeu um mural com diversos artigos de jornal e revista. Olhando mais de perto, leu que o Club V tinha sido citado diversas vezes, inclusive no jornal dos Parish. O fiel Cole ainda cuidava do amigo Dylan. Nenhuma surpresa. Eles dois eram tão próximos como se fossem irmãos, embora Madison achasse que Cole não soubesse que o amigo era interessado na irmã.

A porta se abriu e Madison prendeu a respiração, até que percebeu que não era Dylan, mas uma mulher que se aproximava dela. De calça jeans azul cintura baixa e top justo, ela se aproximou toda, toda; não devia ter mais de 21.

Abriu um sorriso e disse:

— Não tinha percebido que estava aqui. Ainda não abrimos, mas posso atendê-la. O que está procurando? Uma viagem pelas cataratas do Niágara, um passeio numa corda bamba sobre um arranha-céu ou uma volta nas 500 milhas da Fórmula Indy? Temos experiências virtuais para todo tipo de gosto.

— Verdade? — Madison quis saber se Dylan estava incluído nelas. Com certeza, tivera algumas fantasias com ele ao longo dos anos.

— Verdade. Do que você gosta?

— Essa é uma pergunta e tanto!

A garota riu.

— Bem, todas as nossas experiências virtuais são para menores de idade também.

— Na verdade, vim aqui pra falar com Dylan Somerville. Ele se

encontra?

— Estou sempre aqui — alguém respondeu atrás dela.

Madison virou-se de repente, surpresa com a aparição inesperada de Dylan. Esperava tê-lo encontrado primeiro, e desprevenido, mas foi justamente o contrário. Devia saber que não seria fácil. Ela não facilitaria para ele também. Deu-lhe o sorriso que conquistara milhares de fãs e, de propósito, olhou-o de cima a baixo.

Ele vestia calça de couro preto e uma malha de gola alta preta, bem masculina. Não era muito alto; em compensação, era bem encorpado, ombros largos, sem barriga nem pneus, bumbum firme. E o rosto, bem anguloso, sobrancelhas grossas, olhos escuros, nariz grande, lábios carnudos, barba curta e sexy. Mas o que arruinava seu rosto era a expressão, irritada e ranzinza. A boca estava sempre exprimindo um sinal de desagrado, pelo menos quando ela falava com ele. Somente Emily o fazia sorrir.

— Em que posso ser útil? — Dylan perguntou.

Ela ficou de boca aberta diante da pergunta. Ele estava agindo como se não a reconhecesse. O que havia de errado com ele? Ninguém se esquecia dela. Nunca.

— A pergunta é: Em que eu posso ser útil? Vim pra lhe oferecer uma oportunidade ímpar — respondeu, recuperando-se do susto.

— Não estou interessado em nada do que tenha pra me vender — disse bruscamente.

— Você não sabe o que estou vendendo.

— Faço uma ideia. — Dessa vez fora ele quem a olhara de alto a baixo.
— Você não mudou nada, Madison.

Ah, então ele se lembrava dela. Ela sentiu um alívio meio tolo, mas não deixou transparecer.

— Nem você. Continua de mau humor.

— Então o que é que tem pra me oferecer?

— Queria contratá-lo pra um evento beneficente. É um negócio muito bom. Toda gente importante de São Francisco vai estar lá. Será uma oportunidade incrível pra divulgar seu trabalho.

— Não preciso disso.

— Todo mundo precisa de divulgação. Confie em mim. Eu trabalho

com isso.

— Você divulga as pessoas?

Será que aquilo era um sorrisinho? Não dava para ter certeza.

— Sou relações-públicas. — Explicou. — Promovo pessoas e o trabalho delas. Tenho certeza de que seu clube se beneficiaria com isso.

— Estamos bem assim.

— E isso é suficiente?

Ele pensou um pouco e disse:

— O que quer realmente?

— Já disse...

— Não disse. Você tinha uma agenda quando tinha 19 anos e acho que agora você tem outra. Tem um monte de mágicos nesta cidade. Por que eu?

— Porque está na crista da onda, não é um mágico qualquer. Está todo mundo falando do seu clube. Penso que seria ótimo se fizesse um número de magia tecnológica na minha festa. — Parou para dizer: — Trata-se de um evento beneficente pra crianças portadoras de deficiência. Claro que você não tem nada contra ajudar crianças doentes.

— Boa tentativa, mas não acredito em você.

— É a verdade. Preciso de algo diferente pra distinguir meu evento dos outros e você sempre foi diferente, ousado. — Interrompeu-se de novo. — Sei que nunca gostou de mim, mas tenho certeza de que pode esquecer nossas diferenças pessoais em prol dos negócios. — Porque ele não respondera, ela continuou: — Por que não me mostra o seu clube enquanto pensa na minha proposta? Adoraria ver as coisas dos bastidores.

Ele hesitou, mas cedeu:

— Está certo. Primeiro as damas.

Ela desconfiou da sua súbita aquiescência, mas decidiu não questionar. Mais tempo com Dylan seria extremamente vantajoso. Devia tentar saber mais dele, descobrir o que ele queria e depois ela conseguiria o que havia ido buscar.

— Podemos começar por aqui.

Dylan abriu uma das portas que dava para a recepção e guiou-a para

uma sala que parecia um cenário futurista de ficção científica. Havia telas de computador, plataformas, diversas cabines ao estilo de um laboratório.

— Essa é a nossa sala de realidade virtual. Pode ter a aventura que quiser aqui.

Ela lhe lançou um olhar duvidoso.

— Nunca fui boa de video game.

— Isso não é um video game. A gente criou mundos paralelos pra você explorar e participar. Você se sentirá dentro do que está acontecendo, seja esse um evento da corte do rei Artur, da Casa Branca, ou do Taj Mahal. Unimos o vídeo às figuras digitais de livros ou de filmes antigos.

— Deve ter dado trabalho.

— Passei os últimos dez anos criando uma biblioteca digital incomparável.

Ela tinha de admitir que ele não estava ocupado somente em tirar coelhos da cartola.

— Não posso me imaginar sendo arrastada pra outro mundo só de olhar uma tela. Não conseguiria esquecer onde estou — ela disse. — É como assistir a um filme.

— Ficaria surpresa. A mente é muito poderosa, mas pode ser manipulada através de música, imagens, lembranças, sons e ações.

— Então se eu estiver em um foguete, dentro de uma plataforma, eu vou acreditar que estou viajando pelo espaço?

— Exatamente — disse de um modo arrogante que tanto a irritou como a instigou.

Ela adorava homens confiantes, principalmente na cama, mas havia uma linha fina entre confiança e arrogância e ela duvidava que Dylan pudesse perceber essa diferença.

— Posso fazer você acreditar que praticamente tudo é real.

— Você parece ter certeza disso.

— Eu sou muito bom.

— Agora me lembro porque nunca gostei de você.

— Pensava que fosse o contrário. — Os olhos dele a desafiavam e, infelizmente, uma memória viva e perturbadora de se atirar para ele em

uma noite ainda não se apagara.

— Duvido que se lembre das coisas exatamente como foram. Todo mundo tem a sua própria versão da verdade. — Ela olhou ao redor. — Qual é a próxima coisa que vai me mostrar?

— Por que não experimenta uma de nossas aventuras e aí vê se é realmente isso que deseja promover?

— É, já não tenho muita certeza de que realidade virtual funcionaria bem no nosso evento. — Não conseguia imaginar a relação entre realidade virtual e um baile de máscaras.

— Então não tenho mais nada a dizer. Adeus. — Virou-se para a porta.

— Espere. Vou tentar. Pode ser divertido. — Ela ainda não queria ir embora. Precisava de um tempo para pensar em como juntar realidade virtual e o evento beneficente. Tinha de haver um jeito. Talvez numa sala especial, separada...

Dylan acompanhou-a a uma das cabines.

— Sente-se aqui. Ponha os óculos e o fone de ouvido e fique um pouco pra trás. — Ele parou, pensativo: — Tenho algo especial pra você.

— O que é?

— Você vai ver.

Ele puxou a cortina e tudo ao redor dela ficou escuro. Ela pôs os óculos e não viu mais nada. Os fones isolaram o barulho e de repente ela se sentiu bem sozinha e insegura, em desequilíbrio.

Ficou assustada quando ouviu música. Era Gloria Gaynor, com "I will survive", uma de suas preferidas do tempo da faculdade. Emily punha para tocar toda vez que elas recebiam um fora do namorado ou ficavam chateadas por causa deles. Devem ter tocado umas cem vezes. Emily adorava tocar a mesma música um trilhão de vezes até que você ficava com vontade de matá-la. E se elas reclamassem, Emily diria que elas estavam construindo lembranças. Ela disse uma vez que, dali a uns trinta anos, se elas estivessem dirigindo com seus filhos e tocasse aquela música no rádio, elas se lembrariam dos velhos tempos, da amizade entre elas, e sorriam.

Madison não tinha vontade de sorrir, mas de chorar. E ela quase nunca chorava. Que droga! Por que Emily não tinha vivido mais dez ou trinta anos? Por que ela não tivera a oportunidade de ouvir aquela canção e se lembrar dos velhos tempos?

Na frente dela, a tela se abriu. Ela levou um susto ao reconhecer a casa da sede do clube em Santa Cruz, onde elas moraram, onde Emily tinha morrido. Será que a mente dela estava lhe pregando uma peça? O que era aquilo? Queria olhar para o outro lado, mas não podia.

A porta da frente da casa se abriu e um grupo de garotas surgiu. Garotas que se pareciam com Laura, Natalie e Emily. Ela percebeu, então, que elas estavam vestidas com roupas de dez anos atrás.

Onde ela estava? Por que ela não estava com elas? O coração dela parou quando viu Emily se aproximar; de olhos cintilantes, cabelos castanhos voando ao vento, um sorriso contagiante em seus lábios que sempre fez com que Madison quisesse sorrir também. Emily estava viva, alegre, esperançosa no futuro.

Ela estava tão perto de Emily que quis tocá-la, segurar a mão dela por toda a vida.

Emily levantou um dedo para ela:

— Você é tão ruim. Pare com isso agora.

Madison respirou com dificuldade. Emily estava falando com ela? Meu Deus! Ela não suportaria. Arrancou os óculos e os fones de ouvido, saiu correndo da cabine e encontrou Dylan do lado de fora, sorrindo com ironia para ela.

— Que merda foi isso? — perguntou exasperada.

— Isso foi Emily. Não foi por causa dela que veio aqui, Madison?

Madison olhou para ele espantada. Via raiva e satisfação nos olhos dele. Ele queria acabar com ela e estava quase conseguindo.

— Onde conseguiu esse filme?

— Fui eu que filmei, muito tempo atrás.

— Não me lembro de você filmando a gente.

— Você não estava lá naquele dia.

Bom, isso explicava por que não estava no filme. O que significa que Emily não estava falando com ela, mas com Dylan, pedindo-o para parar de filmar. Isso fazia sentido. O que não fazia sentido era por que Dylan estaria aproveitando aquele material no clube.

— Você usou a voz e a imagem de Emily nos seus games? Como pôde? Éramos amigos. Você não está bem da cabeça.

Seus olhos escuros enfureceram-se:

– Não usei o filme nos games. Eu tenho uma cópia no meu computador, porque guardo tudo o que filmo. Pensei que gostaria de rever o passado e as suas amigas.

Não acreditou nele nem por um segundo.

– Você não estava pensando nisso. Queria era me assustar. Por quê?

– Porque você chegou aqui como a mesma velha menina mimada de sempre. Você foi embora antes do funeral. E agora volta como se nada tivesse acontecido. Como se fôssemos velhos amigos. Acho que é você quem não está bem da cabeça.

Ah, então ele se ressentia por ela ter ido embora antes do funeral. Pelo menos, agora, ela sabia de algo: se Dylan pensava desse modo, provavelmente Cole também pensasse, bem como os pais dele. Teve vontade de ir embora logo, mas pensou melhor.

– Foram meus pais que decidiram que eu partisse logo; não eu. Eles vieram me buscar e me levaram direto para o aeroporto. Tinha 19 anos e nenhum dinheiro. O que queria que eu fizesse? Não tive escolha, Dylan. Você pode acreditar ou não; eu não estou nem aí.

– E não foi pra falar de Emily que veio hoje aqui? Sobre o livro que escreveram sobre ela?

– Como sabe disso?

Estava bem interessada na resposta, embora não estivesse tão surpresa que ele soubesse do livro. Apesar do visual de bad boy, motocicleta, magia, Dylan sempre gostara de ler. Era um hábito que dividia com Emily. Estavam sempre trocando livros um com o outro. Madison não se interessava muito; gostava mais de revistas de moda e de entretenimento.

– Claro que sei sobre o livro. – Dylan cruzou os braços e se inclinou no console. – Você sabe quem foi que escreveu?

– Boa pergunta – disse uma voz de mulher atrás dela.

Madison estremeceu ao perceber a voz conhecida. Natalie! Será que a mente dela estava lhe pregando peças de novo ou era mesmo Natalie? Madison pensou que deveria ter partido quando tivera a chance. Queria ter reencontrado Natalie, mas não assim, não agora.



Capítulo 6



Natalie prendeu a respiração, ao esperar uma resposta de Madison. A última pessoa que imaginava encontrar no clube de Dylan era Madison. Pensou em mil coisas para lhe perguntar. Dylan e Madison estavam juntos? Será que foi ela que tinha fornecido informações para Garrett Malone?

Madison se virou lentamente.¹ Ela estava deslumbrante, Natalie pensou. O rosto bonito de Madison era perfeito: olhos azuis emoldurados por sobrancelhas grossas e bem delineadas. Blush pink nas maçãs do rosto e lábios cor de cereja.

— Mas que surpresa! — Madison falou, enfática.

— Não pode ser! O que está acontecendo aqui, Dylan? Vocês voltaram?

Dylan gesticulou nervoso:

— Ela acabou de chegar, há quinze minutos. Apareceu do nada. E vou fazer a mesma pergunta também: Vocês voltaram?

— Também queria saber — disse Madison.

— Viemos por causa do livro e acho que vocês também estão aqui por isso. — Natalie respondeu, sem querer dar mais explicações. — Algum de vocês dois conhece o autor do livro e como ele descobriu informações a nosso respeito?

— Estou surpresa que me pergunte isso, Natalie. Pensa mesmo que eu criei esta história, que a transformei em vilã? — argumentou Madison. — Você não faria mal a uma mosca quanto mais à sua melhor amiga. Você não aguentava ver ninguém sofrendo.

Natalie se sentiu aliviada.

— Ainda bem que alguém acredita em mim. — Olhou para Dylan e viu somente raiva nos olhos dele. Pelo visto não pensava do mesmo modo. — Quer falar alguma coisa?

Ele deu de ombros:

— Ela conhece você melhor do que eu.

— Sim.

Assim que Natalie terminou de falar, três adolescentes entraram na sala. Alguns funcionários do clube os seguiram e os ajudaram a escolher a aventura virtual. Dylan acenou para elas perto da porta.

— Vamos continuar em outro lugar.

O outro lugar era o escritório dele. Uma sala pequena, onde se amontoavam papéis, uma mesa, duas cadeiras, diversas cabines e alguns objetos estranhos que Natalie supôs que fossem para magia. A não ser que Dylan tivesse um gosto bem excêntrico. Espere um pouco, talvez ele fosse mesmo excêntrico. Ele era meio esquisito, meio dark. Natalie não tinha muito o que conversar com ele. Ela nunca encontrara um cara que a fizesse se sentir tão embaraçada e estranha como Dylan. Entretanto, Dylan e Emily eram bem unidos. Ele deve ter ficado arrasado com a morte dela.

Madison pegou uma longa pena e perguntou:

— Pra que serve isso? Posso ser sua assistente?

Dylan lançou para Madison um olhar irritado, pegou a pena da mão dela e a enfiou entre alguns chapéus. Por um longo minuto, os quatro trocaram olhares. Natalie não sabia por onde começar. Na verdade, ninguém sabia. Ela mal conhecia Dylan. Cole mal conhecia Madison. Não havia como começar uma conversa. Felizmente, um dos funcionários apareceu procurando por Dylan; queria resolver um problema numa das salas virtuais. Dylan saiu se desculpando e resmungando um pouco falsamente e Cole o seguiu, argumentando que teria de cuidar de algo. Natalie suspeitou que ele quisesse conversar a sós com o amigo, o que não era nenhum problema para ela. Movendo um peso de papéis para um canto da mesa, Natalie se apoiou nela, cruzou os braços e olhou para Madison:

— Por onde estive todos estes anos, Maddie? Paris, Londres, Madri? Nunca pensei encontrá-la em São Francisco, nem junto de Dylan.

Madison sorriu e mexeu nos cabelos, como fazia sempre:

— Poderia dizer o mesmo de você e de Cole. Quanto a mim, estive em diversos lugares, mas principalmente em Nova York. Me mudei para cá há três meses por razões de trabalho. Sou relações-públicas.

Natalie concordou com a cabeça; não se surpreendia que ela fosse profissional de relações-públicas. Ela sempre fora uma ótima promotor, uma das melhores.

— Sua vez — Madison pediu. — Espere. Deixe-me adivinhar. Você é médica. Você se mudou para São Francisco porque se apaixonou por essa cidade anos atrás e porque Cole mora aqui.

— Meia-verdade. Sou médica, mas não vim aqui atrás de Cole. Não estamos juntos de maneira nenhuma. — Natalie suspirou. — Tudo começou com esse livro. Os últimos dias foram bem loucos. Toda vez que me viro, vejo alguém que não via há muitos anos. E todos queremos saber a mesma coisa. Quem é Garret Malone e como ele conheceu a gente?

— Talvez Laura saiba.

— Já falei com ela; não sabe. Ela se casou com Drew McKinney, por falar nisso. Dá pra acreditar?

Madison levantou as sobrancelhas?

— Laura e Drew acabaram juntos? Ela deve ter melhorado muito na cama.

Natalie ficou chocada. Madison continuava muito franca.

— Não acredito que disse isso.

— Ora, Natalie. Não me venha com essa. Drew era um jogador e Laura tinha medo de sexo. Ela tinha de tomar três doses de vodca pra que Drew a despisse.

— Isso foi há muito tempo. Todas nós descobrimos um meio de enfrentar nossos problemas.

— Verdade. — Madison foi até a estante de livros. Pegou um retrato de Dylan, sem camisa, calça de couro preta, segurando um chicote ao lado de um tigre. — Isso é o que eu chamo de homem. — Deu um suspiro. — Ele me odeia, porque eu não fiquei pro funeral de Emily. Eu o decepcionei. É isso o que Dylan pensa. — Olhou para Natalie. — Você também pensa assim?

Embora tivesse dito de modo natural, Natalie intuiu que Madison se importava com a resposta.

— Todos fizemos o que deveria ser feito. Eu me transferi de faculdade; Laura fez novas amizades e continuou a morar em Santa Cruz. Agora isso não importa mais. A gente passou por cima.

— E no entanto nos reencontramos. O mundo dá voltas.

— Nos reencontramos por causa de Emily. Ela não está mais entre nós, mas nos uniu de novo, como sempre fazia. Dá pra sentir a sua presença

nesta sala. Que estranho!

— Não é tão estranho. Antes de você chegar eu fui pra uma das salas de realidade virtual e Dylan pôs um vídeo de Emily, Laura e você. Emily tinha ido pra frente da câmera e começou a falar. Por um instante, pensei que estivesse conversando comigo. Foi muito assustador. Tenho certeza de que Dylan fez isso de propósito.

Natalie ficou surpresa.

— Por que Dylan teria um filme de Emily aqui?

— Ele disse que guarda tudo o que filmou numa videoteca, inclusive fotos e vídeos que fez em Santa Cruz. Ele os usa nas salas de realidade virtual. É óbvio que ele ainda está ligado em Emily.

— Ligado nela? Pensei que eram apenas amigos.

— Você passava muito tempo estudando, Natalie.

— Dylan e Emily? Só pode estar brincando.

— Não estou. Emily não era uma santa. Era uma estudante normal que queria viver diversos tipos de experiência.

Natalie estava confusa, sem entender aonde ela queria chegar.

— Está falando de sexo?

— Claro que estou falando de sexo! — exclamou. — A Emily não contou mesmo? Que estranho! Pensei que fossem íntimas.

— Contar o quê? Achei que ela ainda era virgem. Você está me dizendo que ela estava transando com o Dylan? — Natalie forçou a memória, procurando algum detalhe sobre Dylan que talvez ela lhe tivesse dito poucos dias antes de morrer, mas naqueles dias elas não tinham conversado muito porque Natalie estava saindo com Cole.

— Não posso contar.

— Não pode ou não quer?

— Olhe, Natalie. Os segredos deviam morrer com os mortos.

— Mas eles não morreram. E se você souber de alguma coisa...

— A única coisa que sei ao certo é que todas tínhamos segredos.

— Não tínhamos. A gente conversava o tempo todo.

— Nem sempre sobre coisas importantes. Por exemplo, eu nunca soube se você dormiu com Cole. Dormiu?

Natalie deu um passo para trás. Levou um tempo para entender quais eram as suas intenções.

— Olha, você não vai mudar de assunto assim fácil. A gente estava falando sobre a vida sexual da Emily, não sobre a minha. — Natalie viu que Madison acendia um cigarro. — Você ainda fuma? Vai morrer disso.

— Nunca consegui parar.

— Deveria insistir.

— Por que se importa com isso? — Madison estava curiosa.

Por que se importava? Ela não vira Madison em uma década, porém velhos hábitos eram difíceis de largar. Por um tempo, Natalie realmente se importou com ela. E apesar de ser dura na queda, Madison precisava de carinho. Emily fora a primeira a reparar nisso; era sempre a primeira a reparar nas necessidades dos outros. Emily disse a Natalie que Madison levava muito a sério a amizade entre elas, mas nunca admitiria. Ela estava certa? Ou era um modo idealista de ver as coisas?

— Certo. — Madison apagou o cigarro no cinzeiro. — Melhor agora?

— Sim. Voltando a Emily...

— Não posso contar, Natalie. Não posso e não quero. Sei que ela tinha alguém, porque uma vez a gente foi comprar camisinha juntas.

— Você comprou camisinha com a Emily?

— Tinha vergonha de ir sozinha.

— E não perguntou pra que ela ia comprar camisinha?

— Sabia pra que era. Ela queria transar. Tinha minhas suspeitas de com quem ela iria, mas nada concreto.

— Não posso acreditar que Emily não tenha me contado nada. A gente era tão amiga!

— Ela sabia que eu não a julgaria.

— E eu sim? — Natalie estava sentindo um pouco de dor de cabeça.

— Claro que sim. Você estava sempre querendo protegê-la.

— Fiz um trabalho bem ruim no final.

- Emily fez as suas próprias escolhas.
- Ela não se atirou da cobertura. Foi um acidente trágico.
- Provavelmente.

Natalie desaprovou a resposta.

— Provavelmente? Você me disse que acredita que eu não tive nada a ver com o acidente.

— Mas alguma outra pessoa pode. Sempre achei esquisito que ela tivesse caído. — Madison olhou para o relógio. — Me desculpe, mas tenho de ir embora. Tenho um compromisso. — Virou-se, mas parou um instante: — Você deveria ficar atenta, Natalie. Tem alguém que não gosta de você e não mede esforços para colocá-la em apuros. Quem sabe o que vai pela cabeça das pessoas?

— Você ao lado de Natalie Bishop? Pirou? — Dylan perguntou a Cole e ofereceu-lhe uma cerveja que pegou atrás do bar. Depois de consertar o problema na máquina, Dylan e Cole foram para a sala principal no centro do clube, que àquela hora estava vazia.

— Provavelmente. — Cole tomou um gole de cerveja. — De qualquer forma, Natalie está envolvida em tudo isso e não vou deixá-la ir embora até que tudo se resolva. — Não gostou do modo como Dylan o olhou. — O que é? Pensa que ainda gosto dela?

- Ela foi a única que realmente mexeu contigo.
- Isso não é verdade.

Tomou um gole de cerveja e admitiu para si, em silêncio, que nenhuma outra mulher o fizera tão feliz e louco ao mesmo tempo.

— Talvez não queira largar dela agora que a reencontrou. — Dylan especulou.

— É o livro. Por isso que nos vemos. Ela sabe mais do que eu sobre o que aconteceu naquela noite.

- Pensei que ela não se lembrasse de nada. Isso mudou?
- Não. Mas se lembra do que aconteceu na véspera e na antevéspera. Tenho de começar de algum lugar.
- Não confio em nada do que ela diz. Deveríamos ficar longe dela. Traz más notícias.

— Você pensa que Natalie tem alguma coisa a ver com a morte de

Emily? — Ele não conseguia pronunciar a palavra assassinato. — Por quê?

— Ela usou Emily para se aproximar de você e quando aquilo não funcionou, ela se encheu.

— Por que pensa que ela estivesse usando Emily? — Cole perguntou, confuso. — Elas eram amigas antes de Natalie me conhecer.

— Emily me contou que desejava que vocês não ficassem juntos. Ela ficava dividida entre vocês dois.

Cole sentiu um mal-estar:

— Você nunca me disse isso, nem Emily.

— Nunca contei porque você tinha decidido não aparecer na festa. E Emily não contou nada pra não magoá-lo.

Cole nunca considerara a opinião da irmã sobre o seu relacionamento com Natalie. Agora ele percebia que nunca tinham conversado seriamente sobre o assunto. Nos três meses antes da morte de Emily, ele estivera entre São Francisco, onde supostamente tinha um cargo no jornal, e Washington D. C., onde arrumava uns contatos para trabalhar na CNN internacional. Quando vinha a Santa Cruz, ficava o tempo todo com Natalie. As conversas com Emily se tornaram mais raras e superficiais. Ela parecia bem feliz e ele não queria incomodá-la. Agora ele se arrependia de ter ficado distante. Queria ter conversado mais com ela.

— Nunca quis que Emily se sentisse dividida.

— Ela não estava brava com você, mas com Natalie. Queria que ela terminasse com você. Você disse, claramente, a Natalie que estava tudo acabado. Foi ela quem não aceitou não como resposta de nenhum de vocês dois.

Ela queria que Emily interferisse. Quem sabe o que poderia ter feito se estivesse desesperada?

Cole não estava entendendo muito bem o quadro que Dylan estava pintando, talvez porque soubesse apenas uma versão da história. Ele não tinha dito claramente a Natalie que estava tudo acabado. Ele tinha sido vago, impreciso, incerto do que queria. Natalie o invadia com sentimentos que ele não queria ter. Ele tinha planos de viajar, trabalhar fora do país. Apaixonar-se estava fora de cogitação.

— Deixando isso de lado — Cole tentava se concentrar no assunto — , o que acha deste livro?

Dylan deu de ombros:

— Alguém quer se vingar.

— Às custas de Emily? Não é apenas a curiosidade sobre Natalie que vai aumentar. A vida de Emily foi escrutinada. Palavras e pensamentos que nem se sabe se eram mesmo seus foram retratados como verdadeiros. Não adianta terem mudado os nomes. A gente sabe, e logo todo mundo vai saber, que o personagem principal é Emily. Meus pais vão enlouquecer quando souberem. Vão ficar arrasados.

— Eles estão na Europa, não é? Quando voltam?

— Na quarta. Tenho três dias para descobrir uma resposta. Tem alguma ideia? Você estava com as meninas em Santa Cruz. Quem mais sabia dessa história? Havia mais alguém em quem Emily confiasse, além delas? O que me diz de Drew McKinney?

Dylan fez uma careta ao ouvir o nome:

— Aquele cara é um perfeito idiota.

Cole não discordou, mas tinha de perguntar:

— Essa era a opinião de Emily ou a sua?

Dylan respirou fundo:

— A Emily gostava de todo mundo. Não era muito boa para analisar o caráter das pessoas. Era facilmente manipulada. Tentei protegê-la, mas não sou muito grande.

— Então ela pode ter segredado algo para ele. Talvez tenham conversado naquela noite. Porque eu acabei de encontrá-lo e ele estava me escondendo alguma coisa. Ele também não gosta da Natalie. Ele estava no lugar certo, na hora certa. Ele tinha os meios e um motivo: não gosta de Natalie. Mas a reputação de Laura também fica arranhada pelo livro, porque ela é sua mulher, logo, por que ele ajudaria o autor a escrever um livro sobre alguém que ele conheceria dez anos antes?

— Não ponho a minha mão no fogo por ele. E por falar nisso, nem por Madison. Ela tinha um propósito — Dylan interrompeu-se. — Tem outra coisa que precisa considerar: se Emily foi empurrada, talvez esse livro venha fazer justiça. Você não quer que o culpado seja punido?

Cole ficou olhando para o velho amigo e se perguntou por que as palavras de Dylan o faziam sentir-se tão mal. Dylan sabia de alguma coisa? E se soubesse, diria? Já não teria dito faz tempo? Ele era praticamente um membro da família. Não, ele não sabia de nada. Estava apenas chutando, como todo mundo.

— Não é assim que se faz justiça — disse Cole por fim. — Se alguém tivesse escondido alguma prova, teria me procurado ou aos meus pais ou à polícia. Teria encontrado um modo mais discreto e menos sensacionalista.

— Obviamente o autor não tem nenhuma prova.

— Emily odiaria isso — murmurou Cole. Ficou surpreso de ver um sorriso no rosto de Dylan. — Você não concorda? — disse subitamente. — Não acha que ficaria chateada ao saber que tinham invadido a sua privacidade, posto palavras na sua boca, sentimentos em seu coração, fazendo-a de vítima? — Estava de sangue quente com tanta injustiça e acabou provocando Dylan para uma briga. Estava louco para encontrar um motivo para brigar e nesse momento o amigo era o alvo.

— Concordo com você — Dylan disse subitamente, o sorriso desapareceu tão logo veio. — Relaxe, cara.

— Não consigo. Não enquanto não souber quem está por trás disso.

— Vamos descobrir — Dylan prometeu. — Enquanto isso, se você for passear com a Natalie, evite lugares altos.

— Isso não é nada engraçado — Cole afirmou.

— Não era pra ser. Preciso voltar ao trabalho agora.

Cole ficou sentado no bar por algum tempo depois que o amigo saiu, sentindo-se frustrado, irritado. Ele tinha vindo conversar com Dylan em busca de respostas, mas, agora, ia embora com mais perguntas. Por que Dylan não estava chateado com o livro? O que havia de errado com ele? Estava escondendo alguma coisa? Dylan sempre tivera um senso de humor negro. Era o que o tornava um bom mágico. Infelizmente, no momento, não o tornava um bom amigo.

Natalie esperava, perto do carro, quando Cole saiu do clube. Ele não tinha certeza se ficava aliviado ou decepcionado por ela tê-lo esperado.

— Eu teria ido embora, mas preferi aceitar a carona.

— Onde está Madison?

— Ela tinha um compromisso. O que você conversou com Dylan?

Ele meteu a cabeça dentro do carro:

— Por que não conversamos sobre isso num restaurante? Estou morrendo de fome.

Natalie hesitou um pouco, mas disse em seguida:

— Certo. Vamos pra algum lugar com mesas ao ar livre. Está um lindo dia.

— Sei exatamente pra onde vamos.

A cantina da Rosie ficava no Pier 24, perto do Embarcadero. Era um restaurante mexicano bem movimentado, com dançarinos de salsa e comedores de fogo. Por sugestão de Natalie, eles optaram por uma mesa no deck que dava para a baía. Ela pediu um refrigerante e ele uma cerveja. O garçom ofereceu-lhes uma porção de fritas e molho e eles começaram a comer. Era mais fácil comer que falar. Pela primeira vez desde sexta-feira, eles não estavam perseguindo ninguém; estavam simplesmente almoçando juntos.

Ele lembrou-se dos velhos tempos em que fazer as refeições com Natalie era o ponto alto do dia. Ela costumava desafiá-lo de modo inteligente, comentários astutos, raciocínio rápido que ele aprovava. No início, ele a achava incrivelmente atraente. No fim, ele ficou assustado que ela houvesse mexido tanto com ele, coração e mente.

— Esse molho é ótimo!

Natalie lançou-lhe um sorriso de satisfação que lhe tirou o fôlego. Ele se lembrava daquele sorriso, daquele rosto e aquilo não tinha nada a ver com prazer por comida: era prazer com ele. De algum modo, ela ter gostado tanto das fritas com molho o irritava.

— Quer experimentar? — Ela sugeriu-lhe. — Ah, é claro, tinha me esquecido de que não gosta de molho picante.

Para provar que ela estava errada, ele pegou uma batatinha e enfiou-a no molho e, depois, goela adentro. Queimou tudo por dentro. Ele tossiu e quis beber a cerveja, de um gole só.

— Droga! Que forte!

— Você nunca resistiu a um desafio! — Natalie riu.

— Nem você — ele retorquiu, quando recuperou a fala.

— Eu mudei. Aparentemente você não. — Natalie riu de novo quando ele tossiu outra vez. Estava realmente se divertindo e ele lembrou-se de como ela era bonita. Ela havia enrubescido e a boca, a boca tão sexy, era um convite. Ele precisava parar de ficar olhando para aquela boca, antes que fizesse alguma bobagem.

— Me conte sobre a sua vida — mudou de assunto. — Sei que anda trabalhando muito. Tem namorado firme? Ou um gato?

— Se tivesse um namorado não o compararia a um gato. Entretanto, não tenho nenhum dos dois. Mas quero que saiba que tive alguns namorados. Você não foi o único. — Ela mostrou uma batatinha para ele. — Eu me esqueci de você há muito tempo, tive um monte de outros namorados.

— Um monte, é? — disse, meio marrento.

Ela inclinou a cabeça:

— Bem, talvez não tenha sido "um monte", mas alguns. E você? Por que sua namorada atirou um grampeador na sua cabeça?

— Ela estava terminando comigo e eu não estava prestando atenção. Estavam passando uma notícia de uma bomba no Líbano, pela CNN.

— Ah! — Ela pareceu compreender. — Ainda fica vidrado em notícias.

— É o que sei fazer. A Gisela não me entendia. Nem ligava para as notícias.

— Gisela? A modelo de lingerie?

— Ela mesma.

— Não surpreende que não tivesse nada em comum com uma modelo de lingerie. Ainda que conversas inteligentes não devessem ser a coisa mais importante do seu relacionamento.

Cole estava sem argumentos. Ele permaneceu sentado na cadeira, olhando Natalie colocar mais molho na batatinha e comer. Estava gostando da companhia, um pouco demais, pensou. Queria agarrar os seus cabelos, abraçá-la, beijar aqueles lábios gostosos e pintados de batom. Sentia-se mal com aqueles pensamentos; estavam levando-o para um terreno perigoso. Eles não eram mais universitários. Ele não era bobo e descuidado para recomeçar um romance com essa mulher. Os pais dele odiavam Natalie. E ele também deveria odiá-la. Ele havia tentado, principalmente nos primeiros anos após a morte de Emily, quando soube que Natalie tinha decepcionado a sua irmã. Ela a havia embebedado e deixado para que pagasse as consequências. Era culpa de Natalie que Emily tivesse morrido.

Agora, as palavras pareciam vazias e as lembranças de seu comportamento um tanto quanto imperfeito invadiam a mente. Ele também não teria culpa suficiente? Não tinha ignorado Emily? Não tinha feito escolhas erradas também?

Era muito mais fácil odiar Natalie quando ela estava longe. Hoje era

complicado ficar martelando qualquer desgosto. Pensou em tudo o que ela conquistara na vida. Era médica, tinha estudado anos a fio sem a ajuda de ninguém, e achou que havia mais motivos para admirá-la do que para odiá-la. Talvez ele estivesse tonto com tanta beleza, com o seu sorriso, seus olhos azuis, pelos quais ele era vidrado. Talvez fossem as sardas no nariz, a pele macia, os seios bonitos, que mesmo hoje atraíam o olhar dele para o colo dela.

— Pare de olhar pra mim. Estou ficando sem jeito.

— Também estou sem jeito. — Ele viu que ela compreendera seu olhar. — Vamos falar de outra coisa — ela sugeriu.

— Do quê? — Ele apoiou os braços no cotovelo. — No que está pensando?

— Conte-me sobre o seu trabalho. Sei que é dono do jornal, com o seu pai. Você realizou o sonho de ser correspondente internacional?

Ele ficou tenso.

— Não pude, não depois da morte de Emily.

— Por que não?

— Minha mãe estava muito mal; ela teve um colapso nervoso. Não saiu da cama por um ano. Meu pai teve de ficar ao lado dela. Era claro que eu teria de tomar conta do jornal, botar as coisas pra funcionar. Meu tio é um homem de negócios, não um jornalista, e os meus primos são todos mais jovens do que eu. Eu era o único que poderia tomar a frente. Então desisti dos planos pessoais e me dediquei ao jornal.

— Me desculpe. Não fazia ideia. — Parou um instante. — Por que não foi depois, quando seus pais melhoraram?

Boa pergunta. Ele não sabia responder.

— Nunca aparecia uma boa oportunidade. Sempre tive muito o que fazer aqui.

— Se arrepende?

— Não quero falar sobre isso.

— Ainda dá tempo.

— Não, é muito tarde. Algumas coisas simplesmente não têm de acontecer.

— Não vão acontecer se não tentar.

— Ainda tenho obrigações com a família. Sim, as coisas melhoraram, mas sou tudo o que eles têm. Não posso sair pelo mundo, me arriscar. Minha mãe morreria de preocupação. Toda vez que a vejo ela me diz que tem muita sorte de eu estar por perto. Não pode perder outro filho. Seria seu fim. Vou ficar aqui onde estou.

— Tem certeza? Você tem escolhas.

— Olhe, com você é diferente. Não tem ninguém pra se responsabilizar.

— Tem razão. — Inclinou-se para frente, os olhos movidos de compaixão e objetivo. — Não tenho muletas, Cole. Não posso usar a família como desculpa pra não fazer o que quero. Tenho somente a mim pra culpar pelos meus erros e sucessos. Não tem mais ninguém. Sou sozinha.

— Não estou usando a família como desculpa ou muleta.

— Espero que esteja dizendo a verdade, pois Emily não queria que desistisse dos seus sonhos por causa dela. Ela o amava muito. E era uma grande incentivadora das pessoas que viviam tudo até o fim. Ela fez com que eu experimentasse coisas que nunca consideraria. Era muito curiosa e tinha alegria de viver. Emily fez com que eu acreditasse que o mundo era belo e que olhar pra frente é muito melhor do que olhar para trás.

Ele se emocionou com aquelas palavras. Natalie tinha razão. Emily teria-lhe dito para continuar. Ela tinha passado a maior parte do tempo encorajando-o em suas aventuras e quando ele voltava para casa, ela estava lá para escutar cada detalhe. A única aventura de Emily tinha sido entrar na faculdade. Ele desejou ter estado mais junto dela para ouvir suas histórias. Estava começando a acreditar que não conhecia muito bem a sua irmã. E se sentia mal com isso.

— É complicado — disse, ao perceber que Natalie ainda esperava por uma resposta. — Não quero conversar muito sobre isso agora.

— OK. Então conte o que você andou conversando com o Dylan no clube. — Interrompeu-se. Estava um pouco séria, pensando nesse novo problema. — Ele não pensa que eu...

— Ele não põe a mão no fogo por você. — Cole percebeu que ela estava magoada e quis saber por que os homens que passaram por sua vida não gostavam mais dela. Talvez nunca tivessem gostado. Não tinha feito caso disso antes. — Você conhecia bem o Dylan?

— Não muito. Ele sempre vinha pra ver Emily. Eles eram muito íntimos. Ela era a sua assistente em alguns números de magia.

— Verdade? — Ele sabia onde Dylan costumava se apresentar quando ainda estava na faculdade e certamente não era o tipo de lugar para onde levaria Emily. E por que Dylan nunca lhe contara isso? — Onde é que ele estava com a cabeça?

— Emily adorava — disse Natalie. — Adorava magia. Ela vivia dizendo que havia algo de místico acontecendo no universo. Acredite, tentei dissuadi-la. Na verdade, era legal conviver com uma pessoa tão positiva. Qualquer coisinha a entusiasmava.

Ele lançou um olhar demorado para ela, esperando receber a verdade como resposta.

— Quer dizer que ela foi feliz até o fim da vida?

Queria muito que Natalie dissesse sim. Queria acreditar que Emily não morreria com raiva dele.

Natalie hesitou por um instante bem longo.

— Não tenho certeza, Cole. Pensava que sim, mas Madison disse que eu era meio distraída, que tinha coisas na vida de Emily as quais eu desconhecia.

— Que tipo de coisas?

— Parece que ela estava pensando em transar, ou estava transando com alguém, mas nunca me contou. — Natalie prendeu a respiração e começou a fazer círculos com a mão na toalha. Olhou para Cole se sentindo culpada. — Também nunca lhe contei sobre a gente. Acho que tinha coisas sobre as quais nós duas não conversávamos.

Cole ficou apreensivo com o que Natalie lhe fizera lembrar. Estava contente de que ela não contara nada à irmã; satisfeito, de um modo meio ridículo, porque aquilo ficara somente entre eles.

— Madison não sabe quem está por trás do livro. — Natalie continuou. — Estamos quebrando a cabeça, Cole. Pra todo lado que olhamos, ninguém que estava lá parece saber o que aconteceu.

— Alguém não está dizendo a verdade. Pode ser a Madison, a Laura ou o Drew. Há muita informação no livro, o que implica ser de alguém do meio.

Andei pensando nisso. Havia outras pessoas, como as meninas do clube, que poderiam descrever o ritual de iniciação. Também havia uma governanta, Connie Richmond, que sabia de alguns incidentes. E Diane Thomas, que era nossa conselheira e fazia o papel de confidente das garotas.

E havia ainda os meninos, que eram os nossos vizinhos em Paloma Gardens, o Eric e o Anthony. Às vezes eles ficavam até tarde no quarto da gente. Eles escutavam as nossas conversas o tempo todo. Drew sempre aparecia. Dylan e Emily eram íntimos. E havia Jessica Holbrook, a irmã mais velha de Emily dentro da comunidade. Tenho certeza de que Emily tinha altas conversas com ela. A lista continua. Qualquer bom pesquisador poderia ter juntado os fragmentos e escrito o livro depois de conversar com essas pessoas.

— Mas, necessariamente, teria de conversar com as pessoas-chave. — Ele argumentou. — Talvez não com você, porque você é o alvo. Malone teria de ter conversado ou com Madison, ou com Laura, ou com Dylan, ou com Josh. Por que não falar com os atores principais?

— Ele devia saber que você não ficaria contente com o livro, com o fato de ver a vida de Emily transformada em algo sensacionalista. Os outros, eu não sei.

— Ainda penso que podemos reduzir a lista de pessoas que não gostavam de você e sinceramente não deveríamos descartar Madison e Laura. Talvez tenha feito algo que as tenha ofendido. Uma vingança típica entre mulheres.

Natalie se arrumou na cadeira:

— Fico ofendida com isso por vários motivos.

— Pode ficar ofendida o quanto quiser. O que vejo é que tenho pelo menos quatro suspeitos na lista que me deu. — Cole queria descartar Dylan, mas tinha de admitir que ficara surpreso com as insinuações de Dylan contra Natalie. E também ficara com o pé atrás com a reação de Dylan a respeito do livro, quando sugeriu que não era ruim.

— Não progredimos muito desde ontem. — Natalie disse com um suspiro.

— Não diria isso. Conversamos com todo mundo. Agora temos de descobrir quem está mentindo.

— Parece coisa fácil, segundo você. Não deveria me surpreender. Sempre foi bom em conquistar o que quer — ela resmungou.

— E você também.

Ela lhe deu um sorriso de arrependimento.

— Exceto você. Nunca o conquistei.

Ela mal podia saber que chegara mais perto disso do que qualquer outra mulher.



Capítulo 7



Encontrar Malone não parecia tão urgente quando Natalie terminou o seu burrito de frango. Fazia muito tempo que não se sentia tão satisfeita. Eles botaram sobre a mesa todos os assuntos do passado que deveriam ser discutidos e começaram a conversar sobre coisas mais triviais: a residência de Natalie, o que Cole fazia no jornal, cinema e política. Cole sempre lia muito. Sabia de tudo o que acontecia

no mundo e Natalie adorava a sua opinião. Ela conhecera homens mais inteligentes do que ele, médicos brilhantes que discutiam sobre a estrutura celular do cérebro humano, porém Cole sabia de coisas interessantes. Ela não lera muita coisa além de manuais e artigos de medicina nos últimos anos. Natalie não tinha mentido a respeito dos namorados, mas "um monte" era exagero, principalmente se levasse em conta os tipos de relacionamentos decepcionantes que tivera. Não fora apenas o trabalho que lhe impedira de se envolver com alguém; foram também as lembranças de Cole, lembranças de que o amor poderia ser algo grandioso.

Ouvindo-o, agora, contar a história de um ladrão que fora pego com a boca na botija, não dava para não pensar em quantas vezes ele a fizera rir. Apesar da obsessão pelo sucesso, Cole sempre fora muito bem-humorado e ajudava-a a curtir a vida e a esquecer-se das pequenas preocupações que a deixavam maluca. Cole a entendia como mais ninguém. Respeitava seu desejo de se tornar médica, sua necessidade de conquistar alguma coisa na vida.

Infelizmente as ambições deles bateram de frente uma com a outra antes de Emily morrer. Com dez anos de clareza e distância, Natalie podia perceber que Cole via o relacionamento entre eles como um obstáculo ao que ele pretendia. Solteirão convicto, não acreditava que pudesse dar certo. Pelo menos, era isso o que ela pensava. Não tinha muita certeza sobre o que tinha dado errado. Não tinham terminado oficialmente e trocado acusações e queixas nem esclarecido o que acontecera. Em vez disso, o namoro tinha azedado como leite até que a trágica morte de Emily fizera espalhar o cheiro azedo. E, então, as acusações passaram a ser a respeito de Emily e não sobre eles.

— Você não está me ouvindo — disse Cole.

— Desculpe. Estava sonhando acordada.

— Algo interessante?

Por um segundo, ela pensou em lhe perguntar por que tinha dado errado. Mas daí o garçom começou a tirar a mesa e ela perdeu a chance. Melhor assim. Tinham de resolver aquele mistério sobre a morte de Emily antes de qualquer outra coisa. Não que ela quisesse partir para qualquer outra coisa, apressou-se em dizer para si. Apenas queria que Cole tivesse uma verruga, ou fosse mais gordo, ou careca, em vez de ter ficado ainda mais atraente. Ela tinha dinheiro na carteira para dividir a conta, mas ele insistiu em pagar.

Cole pegou o troco e eles foram para a frente do restaurante. Ela estava se aproximando do carro quando ele pegou nas mãos dela. O toque dele era quente, insistente, "ai", tão conhecido! Ela ficou tensa quando ele disse:

— Espere!

— O que foi? Esqueceu alguma coisa? — ela perguntou e largou a mão dele.

Ele apertou os olhos assim que ela se desvencilhou dele, mas não disse palavra. Antes, disse o seguinte:

— Vamos dar uma volta. Preciso fazer a digestão.

E ela precisava de um pouco de ar puro antes de sentar-se perto dele dentro do carro. Era ridículo que um simples toque de mão a tivesse balançado a ponto de pensar em sexo. Estava acostumada com o corpo masculino, afinal, era médica, mas este homem tinha a sutileza necessária e ele nem estava tentando nada. Ela devia sair mais.

Eles deram uma volta pelo Embarcadero, cheio de turistas e habitantes locais que curtiam o veranico de outubro. O cheiro das flores e frutas frescas vinha com a brisa, quando eles andaram pelo mercado a céu aberto, perto das docas. Logo, logo seria inverno, mas hoje o dia estava lindo, havia uma brisa fresca vinda do mar.

Ela gostava mesmo dessa cidade. Como na canção, seu coração tinha ficado em São Francisco^{*} há muito tempo. Por isso, voltara. Tinha mentido para Cole quando disse que fora por causa de uma oportunidade no trabalho. Na verdade, tinha recebido ofertas melhores que a do hospital St. Timothy's, mas não resistira à oferta de viver e trabalhar em São Francisco. Talvez não pudesse viver com Cole, mas ao menos viveria na mesma cidade que ele.

Eles pararam para admirar uma regata.

— Isso é que é vida! — exclamou Cole.

— Você sabe velejar?

— Fui algumas vezes até a Baía; meu tio tem um iate.

Claro que o tio dele tinha um iate. Outro motivo pelo qual suas vidas eram tão diferentes. Bem, Cole não era um esnobe. Ela não o rotularia disso, mas em compensação era arrogante, superconfiante, possessivo, mandão e impaciente.

— E você? O que costuma fazer no seu tempo livre? Sei que não sobra muito tempo, mas algum tem de ter.

— Corro quase todos os dias e, às vezes, vou à academia.

— E filmes? Costuma ver? — perguntou, sorrindo.

Ele se lembrou de que ela gostava de filmes antigos e de filmes estrangeiros. Por algum motivo, ficou comovida e não pôde esconder um sorriso.

— Fui a um festival de cinema italiano no fim de semana passado. Os filmes eram legendados e muito românticos. Mas você detestaria.

— Claro que sim. Gosto de Guerra nas estrelas.

— Você sempre preferiu filmes de ação e aventura.

— Sim — respondeu e voltou a caminhar.

Estavam quase na ponte Bay quando ele assinalou:

— Percebeu que essa é a segunda ponte a que a gente vem hoje?

Ela observou as estruturas de ferro que não eram tão bonitas quanto às da ponte Golden Gate. Na verdade, havia uns andaimes que protegiam-na contra os terremotos.

— Deve ser um sinal. Uma ponte entre o passado e o presente.

— Aquela vai somente a Oakland.

— Sabe o que estou querendo dizer. — O vento decidiu brincar com seus cabelos. E Cole também. Ele afastou umas mechas do cabelo dela do rosto, que poderiam ter se ajeitado sozinhas, para que ele não reparasse naquela boca. Ela engoliu em seco: — Cole, você não quer fazer isso que está pensando.

— Não estou conseguindo me controlar.

- Mas devia.
- Você não se afastou — seus olhos se encontraram —, mas devia.
- Vou ficar parada.
- Tem certeza? Você tem escolhas. — Repetiu as palavras de antes.
- As escolhas certas são difíceis.

Ele não deu tempo para ela responder. Seus lábios se encaixaram perfeitamente. O beijo dele era insistente, determinado, apaixonado, como ele. Ele pôs a mão na nuca dela para que ela sentisse seus lábios. Ela pôs a mão no peito dele para afastá-lo, mas, em vez disso, seus dedos brincaram com o tecido da camisa. Podia sentir os músculos dele. Ele era tão forte, poderoso. Estava se entregando a ele sem que precisasse ser forçada. Ela deveria evitar. No entanto, ele tinha o gosto do passado, dos dias felizes da vida dela, como tudo o que sempre quis. Quando finalmente terminou, estava tonta, sem ar, com o gosto dele nos lábios.

Seus olhos brilhavam de desejo quando olhou para ela.

Será que ainda o queria? Ela temia que a resposta fosse sim.

Mas ele não poderia apagar tudo de ruim com um beijo, poderia? Ela era assim tão fraca?

— Não devia ter feito isso — Natalie disse e se afastou. — A gente terminou há muito tempo.

— Era o que eu pensava.

E agora não pensa mais? O que ela deveria fazer se ele quisesse voltar?

— A gente devia ir embora.

Ela se virou e voltou pelo caminho que vieram. O silêncio não era mais despreocupado, mas tenso, opressivo. Ela estava confusa e insegura. O que Cole queria com ela? Por que a beijara? Era apenas atração? Química? No que ia resultar essa febre? Era apenas uma lembrança que queria reviver? Ou os velhos sentimentos tinham voltado para eles dois? Ela continuou olhando para baixo sem querer falar nem responder àquelas perguntas.

Enfim, chegaram até o carro e ela não pôde mais sustentar aquele silêncio. Dez anos atrás não teria coragem, mas hoje não era mais tão boba.

— Cole, o que está acontecendo? O que quer de mim? — perguntou, olhando firme para ele.

Ele devolveu o olhar por um longo minuto:

- Não sei mais o que quero. Nada mais está claro.
- Não sei se alguma vez foi claro nem mesmo quando Emily estava viva. A gente nunca parou pra conversar.
- Tem razão — ele admitiu. — Mas como disse antes, agora é tarde.
- E você me perguntou se eu tinha certeza...
- Você voltou.

Dylan observou Madison entrar estonteante no seu escritório, depois das 6 horas da tarde. Ela havia trocado de roupa: vestia um pretinho básico e botas de couro até os joelhos. Os cabelos loiros soltos emolduravam o rosto e os olhos azuis estavam pintados. Estava vestida para matar, e ele, em sérios apuros. Não se surpreendera que ela houvesse voltado. Ela sempre fora mimada. Quando queria alguma coisa, ia até o fim. Merecesse ou não.

Bom, ele tinha de admitir que admirava sua persistência. Às vezes, desejava que Emily também tivesse lutado mais para conseguir as suas coisas, principalmente no que se referia às divergências familiares. Não que ele estivesse comparando Emily e Madison; elas não podiam ser comparadas.

- Você sabia que eu voltaria.
- Aposto que tem outra proposta pra mim.
- Tenho. — Ela limpou a mesa e jogou um monte de papéis no chão.
- Espere aí. Eu preciso desses papéis.
- Então arranje uma secretária. Isso aqui precisa de organização.
- O que quer, Madison?

Ela cruzou as pernas e os braços, deixando ver uma parte da coxa. Ela queria que ele olhasse. E foi o que ele fez. Ela era atraente. Sem dúvida nenhuma. E também perigosa.

— Eu quero... — A pausa que ela fez o deixou tenso. — Eu quero que você...

Eu? Ele não sabia o que pensar enquanto ela insistia em sorrir e flertar. Definitivamente fazia o papel de malvada. E ele tinha de admitir; ela era boa nisso. Ele se sentiu mais homem.

— ... Venha pra minha festa. Eu quero que você venha pra minha festa.

— Já disse que não estou interessado. — Ficou irritado com ela.

— Acho que pode mudar de ideia. Tenho uma proposta.

Não queria, mas perguntou:

— O que é?

— Cole. Ele não sabe que você adorava a irmã dele, sabe?

Ele estremeceu. Maldita! Como ela sabia?

— Não sei do que está falando.

Ela se inclinou e ele ficou olhando para os seios dela. Eram firmes, grandes, sobressaíam no decote. Certamente ela sabia como atrair um homem.

— Acredito que você saiba que Emily era uma das minhas melhores amigas.

— Tão amiga que você nem ficou pro...

— ... Enterro. Eu sei. É verdade. Mas isso não muda o fato de que Emily era minha amiga íntima. Que vinha falar comigo sobre sexo.

Ela tinha dito aquilo deliberadamente, mas ele ainda não sabia por quê.

— Emily não podia conversar com Natalie. Ela faria mau juízo da amiga e estava tendo um relacionamento com Cole, o seu melhor amigo. E Laura estava ocupada tentando conquistar Drew. Mas eu... — Ela deu de ombros. — Eu estava por perto. Eu prestava atenção nas coisas.

Ela sempre estava por perto, segundo ele se lembrava. Na verdade, ela tentara seduzi-lo algumas vezes quando Emily não estava olhando, mas ele nunca se interessara por ela. Aos 21, ele só tinha olhos para Emily, que era bonita, sensível, apaixonada, alegre. Ele ainda sofria com a perda. Mas de muitos modos Emily ainda estava perto dele. O clube era um tributo à sua imaginação, a sua fé na magia; ele criara um mundo em que as pessoas poderiam ser o que quisessem.

— Quero propor-lhe um negócio — disse Madison. — Você trabalha no meu evento e a gente mantém o segredo sobre você ter se apaixonado por Emily.

— Não cedo a chantagens. Conte pro Cole. Por que me importaria?

— Ah, acho que se importa, sim. Do contrário, não seria mais segredo. Não está nem no livro sobre a Emily! — Ela se levantou e foi para perto dele, insinuando-se entre ele e a mesa.

Ele limpou a garganta. Estava muito embaraçado.

— Você vai tentar me seduzir agora?

Madison passou a língua nos lábios.

— Não, mais tarde. Ela não era boa o suficiente pra você, Dylan. Se tivesse aberto os olhos, perceberia que não foram feitos um pro outro.

— Não fale nada sobre Emily!

— Não seria capaz. Trabalhe pra mim, Dylan. Vai ser uma boa propaganda pro seu clube. E uma chance pra nós dois darmos uma trégua. Sou tão ruim assim?

Ele acabou rindo:

— De maneira alguma. Olhe pra você agora, uma chantagista e...

— Não diga nada que vá se arrepender depois — disse, com uma fagulha no olhar.

— Por que meu trabalho é tão importante pro seu evento?

— Já disse. Quero que me conheça de verdade. E acho que ambos vamos lucrar com isso profissionalmente. É uma situação em que todos ganham.

— Você é uma pessoa notável. Eu aceito.

— Ótimo! — Cruzou os braços e lançou-lhe um olhar perscrutador. — Você está com alguma mulher? Alguém que eu deveria saber?

Ele estava ao mesmo tempo entediado e surpreso com a audácia dela ao tentar manter tudo sob seu controle, em qualquer circunstância.

— Não tenho que responder isso.

— O que significa que não está com ninguém. Nem estaria. Porque eu estou aqui agora.

— Você não aceita não como resposta.

Ela inclinou-se bem para perto dele, sua boca quase tocando na dele.

— Ainda não ouvi nenhum não.

— Onde é que estava? — Drew perguntou.

Laura parou de andar entre o corredor e o quarto; o bom humor foi embora assim que o viu zangado, com a mala aberta em cima da cama.

— Fui levar as meninas a um show no parque. Elas adoraram.

— Bem, enquanto você estava ausente, Natalie e Cole Parish deram uma passada aqui.

— Verdade? — Ficou surpresa. Natalie fora amigável no dia anterior, mas não a ponto de retomar a amizade como era antes. — Estou surpresa.

— Eu também fiquei surpreso de saber que os reencontrou ontem e discutiram o livro sobre Emily.

— Você sabe do livro?

— A sua mãe me ligou três dias atrás.

— A minha mãe ligou pra você? — Laura repetiu, pensando em quando aquela conversa ia parar de martelar na sua cabeça. — Por que ela não ligou pra mim? E por que você não me contou antes? Eu não sabia nada sobre o livro até que Brenda o trouxe pra reunião de clube na sexta passada.

— Não tive tempo. Estava ocupado, trabalhando. E a sua mãe queria a opinião de um advogado sobre o assunto.

— E o que você lhe disse?

— Até o momento, nada. Mais eis o que você vai fazer. Vou policiar suas ligações e suas visitas. Não quero que fique falando nem com Natalie nem com Cole, nem com ninguém que tenha morado na sede do clube, nem que se relacione com esse livro até que eu descubra o que está acontecendo.

Ela não estava gostando do modo como ele tratava a questão. O comportamento dele já estava passando dos limites, como se insinuasse que ela não sabia pensar.

— Do que você tem medo?

— Do que eu tenho medo? De a imprensa e o público descobrirem que você é "Linda". Estou contente porque meu nome não foi citado.

E por que não fora? Laura não entendia por que tinham deixado escapar Drew. Todas as outras pessoas foram citadas. Ela ficou olhando-o tirar as meias da gaveta e enfiá-las na mala.

— Existe algum procedimento legal que possa impedir essa publicação?

— Nada que não envolva uma batalha pública. Malone foi inteligente. Ele se defendeu usando nomes fictícios. Temos de provar que os personagens são pessoas reais e temos de provar, igualmente, que essas

peessoas sofreram danos, oferecendo evidências de que o que o livro retrata é falso. Não sei se é o caso.

Ela levantou as sobrancelhas:

— Você pensa que Natalie empurrou Emily da cobertura?

— É uma possibilidade real.

— Eu não acho. — Estava chocada que ele pensasse o contrário.

— Você sempre tapa o sol com a peneira quando se trata das meninas.

— Ele fechou a mala. — Fique fora disso, Laura. Faça o que sabe fazer de melhor: cuide da casa e das crianças.

— Não é somente isso o que sei fazer. — Defendeu-se. — Ter revisto Natalie me fez lembrar que um dia quis outras coisas pra mim. Como tocar flauta. Eu era boa nisso, você se lembra.

— OK. — Ele não entendeu muito bem sobre o que ela estava falando.

— Se quiser ensinar as meninas a tocar flauta, vá em frente.

— Não quero ensinar as meninas. Eu é que quero tocar.

O celular dele tocou e ele atendeu imediatamente, sem se importar que estivesse no meio de uma conversa com a esposa.

— Val, acabei de fazer as malas. Que ótimo! Você é o máximo!

Laura ficou muito irritada com o tom afetuoso dele ao telefone. Sabia que estava muito enciumada de Val, mas não conseguiu evitar. Drew achava que Val era bonita, inteligente, uma mulher incrível. E ele olhava para ela e a achava uma esposa previsível, bobona, que só sabia cuidar da casa e das crianças. Se ele ainda não estava tendo um caso, ela tinha o terrível pressentimento de que isso aconteceria logo.

— Drew, por que não posso ir com você? — perguntou num impulso.

— Posso chamar a minha mãe para cuidar das meninas por uns dias. Vai ser divertido.

— Ficou louca? Essa é uma viagem de negócios. Tenho reuniões todos os dias e noites. Não pode vir comigo.

— Muitos homens levam suas mulheres em viagens de negócios.

— Não se eles querem realmente fechar negócio.

— A Valerie vai?

Drew pegou a mala.

— A Valerie trabalha comigo. Preciso dela em Los Angeles, é por isso que ela vai. E ponto final. Já chamei um táxi e agora vou me despedir das crianças.

Passou por ela e deu-lhe um beijinho de leve.

— Drew... — Ela hesitou ao olhar nos olhos dele. Ela tinha a estranha sensação de que ele queria que ela perguntasse se ele estava tendo um caso, de que ele queria que ela abrisse uma porta para uma conversa a qual não tinha certeza se estava preparada. O casamento estava meio balançado, mas será que ela desejava que terminasse? Queria mesmo falar algo de que, depois, se arrependesse?

— Espero que dê tudo certo na viagem.

— Estou certo de que vai dar — disse e saiu.

Laura sentou-se na cama por longos minutos, sentindo-se confusa, perdida. Tinha passado uma tarde tão alegre no parque! Agora, tudo isso se foi. Queria voltar atrás. Houve um tempo em que era tão feliz com Drew e ele com ela! Onde tinha ido parar o amor? Tinha desaparecido completamente? Mudado? Dava para eles recuperarem?

Tinha muitas perguntas sem resposta na cabeça. Queria poder conversar com alguém e, por um instante, pensou em ligar para a mãe. Ainda bem que o pensamento foi embora logo. Admitir que houvesse um probleminha no casamento, por menor que fosse, somente suscitaria mais críticas contra ela e decepção por parte dos pais, que, na verdade, estavam sempre decepcionados com ela. As suas irmãs lhe ofereceriam conselhos e diriam que ela estava confundindo as coisas. Não podia considerar as suas outras "mães" amigas. Os maridos delas trabalhavam com Drew ou jogavam golfe com ele. E ninguém tinha se separado, divorciado ou admitido estar enfrentando problemas. Não queria ser alvo de fofocas como a única mulher a ter problemas conjugais. Queria poder contar com uma amiga. Pensando bem, agora ela tinha.

Ela poderia ligar para Natalie? Drew tinha dado ordens para não ligar. Bem, isso não era motivo suficiente para fazer justamente o contrário? Ela não tinha de obedecê-lo. Ela era uma mulher feita e podia tomar as suas próprias decisões. Pulou da cama, desceu as escadas e procurou o número do telefone de Natalie. Discou e ficou aliviada ao ouvir a sua voz.

— Soube que veio aqui. O que vai fazer hoje à noite?



Capítulo 8



Natalie abriu a porta para Laura logo depois das 7 horas, ainda em dúvida se a convidava para entrar. Mas havia algo de solícito na voz de Laura que combinava com as suas próprias necessidades: o desejo de se conectar com alguém que pudesse entender toda a loucura dos últimos acontecimentos.

— Seu apartamento é uma graça!
— disse, ao entrar. — Adorei os pôsteres de filmes, mas espero que isso não signifique que ainda sofre de insônia.

— Na maioria das vezes estou tão exausta que capoto na cama, mas nos meus dias livres fico pensando na vida. Que cheirinho bom é esse?

Laura trazia algo embrulhado em uma sacola.

— Trouxe comida chinesa, sorvete e chocolate.

— A combinação perfeita! — disseram em uníssono e riram lembrando-se do passado.

— De acordo com Emily. — Natalie acrescentou com ternura.

— É mesmo — Laura concordou, meio triste. — Queria que ela estivesse aqui. Queria que todas nós estivéssemos juntas.

O telefone tocou.

— Vou atender. Pode ser do hospital.

— Espero que não tenha de ir pro trabalho.

— Eu também espero. Alô? — Sentiu um frio na barriga ao perceber que era Madison. Que estranho era olhar para Laura e ouvir Madison!

— Natalie, acho que a gente devia continuar aquela conversa — disse Madison. — Estou no meu carro. Acabo de vir de um coquetel. Quer comer alguma coisa?

— Por que não vem aqui pra casa? Tenho comida chinesa. — Não se deu ao trabalho de explicar que quem trouxera fora Laura. Simplesmente, indicou o caminho para Madison e desligou. — Vem mais gente pra jantar.

Não deu tempo de dizer, mas cruzei com Madison hoje.

Laura se espantou.

— É mesmo?

— No clube do Dylan. Mas isso é outra história.

— Mal posso esperar pra ouvir! Posso abrir o vinho? — Laura segurou a outra sacola. — Achei que devia trazer de tudo.

— Na verdade, não bebo mais. Desde... aquela noite. Foi um momento de consciência pra mim.

Laura virou-se para ela com compaixão e compreensão. Ainda estavam unidas depois de todos aqueles anos. Ainda podiam perceber quando sofriam. Isso era por que eram profundamente amigas? Ou por que foram marcadas por uma tragédia?

— Desculpe, não sabia. Vou deixar de lado.

— Não tem problema. Você pode tomar uma taça de vinho. Não fico chateada.

— Tem certeza? Vivia maus bocados quando fazia dieta e via alguém com um pedaço de bolo! Mas você sempre teve força de vontade.

— Pra algumas coisas.

— Ainda pode comer comida chinesa, não é? — Laura perguntou, enquanto abria as embalagens por cima da mesa.

— Claro! — Natalie respondeu.

— Deveríamos esperar por Madison?

— Ela já vai chegar.

E foi assim mesmo. Natalie nunca pensou em rever Laura e Madison de modo tão natural. Depois que o embaraço inicial foi desfeito, Madison declarou que o apartamento de Natalie era uma desgraça para os profissionais médicos e o cabelo loiro de Laura era uma desgraça para os cabeleireiros. Natalie retaliou perguntando a Madison como era possível que os seios dela tivessem aumentado desde os tempos da faculdade. E Laura teve um troço quando viu a bolsa fashionista de Madison. Elas tiraram os sapatos, enterraram-se nos sofás e cadeiras e se lambuzaram com o jantar com um entusiasmo que dava inveja aos jovens universitários.

Sem clara intenção, evitaram falar de Emily e conversaram sobre suas vidas nos últimos anos. Laura falou da festa de casamento, das crianças, da

vida no subúrbio e das reuniões entre pais e mestres. Madison contou sobre suas viagens à Europa e, mais recentemente, sobre os encontros com as celebridades da Big Apple. Natalie discorreu sobre os desafios de se tornar médica e as histórias fascinantes da sala de emergência. Perceberam logo que a vida tinha tomado caminhos diversos para cada uma. Tinham pouco em comum agora, exceto o que elas tinham sido.

— Com certeza, você vive uma vida de glamour — Laura comentou com Madison, quando ela falava sobre os detalhes da sua última viagem a Paris. — Mas você não contou nada sobre os homens importantes da sua vida. Tenho certeza de que teve alguns.

Maddie ficou um tanto séria. Virou os cabelos de lado.

— Sim, alguns. Quase me casei no ano passado. Estava tudo pronto: vestido, igreja, festa. Já tinha mandado os convites.

— Você largou-o no altar? — Laura estava quase horrorizada só de pensar.

— Pensei nisso, mas teria sido muita maldade da minha parte. E ele era um cara legal. Muito legal pra mim. Agora ele deve estar agradecido por ter tido a sorte grande e ter se livrado de mim. Não teria dado certo.

— Por que não? — perguntou Natalie. — O que deu errado?

— Ele era chato. Olhei pra cara dele um dia e me vi anos à frente. Ele queria uma mulher, filhos, cachorro, uma casa em Connecticut. — Ela balançou a cabeça. — Me dei conta de que não queria nada daquilo. Muito fácil, muito previsível. No futuro, perceberia que teria feito um grande erro. Minha mãe também pensa assim.

— Talvez não tenha cometido nenhum erro — disse Laura. — Se achou que era errado casar-se com ele, vai ver que era mesmo. Se tivesse continuado, teria criado uma grande confusão, talvez envolvido filhos. E aí seria tarde demais.

— Você está falando de mim ou de você? — Madison perguntou de repente.

— De você, é claro.

— Mentirosa — disse Madison. — O que anda acontecendo entre você e

Drew?

Laura se apoiou em uma das almofadas do sofá.

— Ele viaja muito a trabalho. Está sempre ocupado, principalmente com as mulheres que trabalham com ele no escritório, que são lindas e inteligentes e não são a sua esposa.

— Ele está tendo um caso?

— Tenho certeza que não. Bem, não tenho tanta certeza. Pode ser que sim, pode ser que ande pensando no assunto. Não sei o que fazer. Tento ser a esposa perfeita, mas eu falho. Não quero que meu casamento termine. Foi a única coisa certa que fiz na vida. Estou me esforçando bastante, mas acho que ele está escapando de mim. — Parou um pouco. — Nem acredito que disse isso em voz alta.

— Já conversou com Drew? — disse Natalie.

— Tentei, mas ele está sempre muito ocupado. Ele vive dizendo que está trabalhando pra mim, pra família, que é o provedor que eu sempre quis. Me faz sentir culpada.

— Ah, querida, você já nasceu sentindo culpa — Madison disse e deu risada. — E Drew sabe como se aproveitar disso. Sempre soube. Por que foi casar com ele tão depressa? Podia ter curtido mais a vida de solteira.

— Fiquei com medo de continuar curtindo até os 30 anos.

— Ai, ai, ai. Acho que ela está se referindo a nós, Natalie.

— Não estou, não. Por favor, não me interpretem mal. Eu olho pra vocês duas e tenho muita inveja. Das suas carreiras. Vocês construíram algo; a vida de vocês é importante.

— E a sua também — Natalie intercedeu. — Tem duas filhas. Ser mãe é a profissão mais importante do mundo. Acredite, não é pra qualquer uma. — Pensava na sua mãe. — Não se entregue facilmente.

— Minhas filhas estão super bem. — Laura disse com um sorriso orgulhoso. — Quero que as conheça algum dia. São lindas, especiais, inteligentes. Estou determinada a fazer com que cresçam confiantes em si mesmas e que não aceitem pressão dos outros.

— Ótimo! — exclamou Natalie. — Posso servir-lhes algo?

— Não se apresse, Dra. Natalie. — Madison voltou-se para ela interrogativa. — Ainda não nos contou sobre a sua vida amorosa.

Natalie balançou a cabeça.

— Não tenho nenhuma vida amorosa. Posso o tempo todo no hospital.

— Não é verdade. Passa algum tempo com Cole. — Madison disse.

— Disse pra você hoje que a gente está se vendo por causa do livro.

— E você não sente mais nada por ele? — Perguntou Laura. — Ele é um homem bonito e ainda está solteiro. Pode ser que seja a sua segunda chance.

Natalie se recusou a admitir que já tivesse pensado nisso.

— Cole me decepcionou antes. Eu seria uma tola se deixasse fazer isso de novo. Não penso que sobreviveria. — Olhou para as duas e confessou algo que nunca tinha dito a alma alguma. — Quase morri depois que ele me deixou, principalmente depois da morte de Emily. A dor era tamanha. — Respirou fundo. — Nem acredito que disse isso em voz alta — repetiu a fala da amiga.

— Principalmente porque não bebeu nada. — Madison brincou. — E por falar nisso, acho que vou tomar mais um pouquinho. Essa conversa franca me deu sede.

Natalie pôs os pés em cima da mesinha de café e descansou a cabeça no espaldar da cadeira, perguntando-se se tinha perdido a medida das coisas ao se abrir para duas mulheres que não via há dez anos. Talvez ela estivesse fornecendo mais munição para um segundo livro, a continuação de Fallen Angel, cujo provável título seria: Natalie Bishop perde tudo.

— Deveríamos conversar sobre Emily e o livro — disse Laura, assim que Madison voltou com a taça cheia de vinho. — Embora eu deva admitir que Drew tenha me dado ordens para não discuti-lo com vocês.

— Por que não? — quis saber Natalie.

— Sei lá. Ele não gosta de se explicar. Tinha a ver com questões legais e essas coisas. Ele quer me proteger.

— E a ele mesmo — disse Madison.

— O que quer dizer? — perguntou Natalie.

— Sim, o que quer dizer? — ecoou Laura. — Drew nem ao menos foi mencionado no livro. Não precisa defender nada além da minha reputação.

— Drew estava no quarto de Emily naquela noite. — Madison tomou um gole de vinho e continuou: — Ele lhe contou isso?

Natalie estava tão chocada quanto Laura.

— Ele não estava nem perto do quarto de Emily — Laura respondeu.

— í Estava no nosso quarto, preparando uma festinha pra nós. Sabe disso. Ele disse que você o ajudou com as velas e o vinho. — Fez uma pausa. — A gente ia transar naquela noite. Ia ser a nossa primeira vez.

Natalie ignorava tudo isso:

— Na sede do clube? No seu quarto? — Sabia que Drew andava pressionando a namorada para transar, mas fazer aquilo ali, na sede do clube, era algo que se esperava de Madison, não de Laura.

— Madison disse que iríamos ter privacidade total. Seria melhor e mais seguro do que o apartamento dele, onde sempre rolava uma festa. — Laura se defendeu. — Achei que tivesse razão. Não teria me sentido à vontade se tivesse de usar o banheiro dos meninos.

— Não me olhe assim, Natalie. Era o que Laura queria. Não a levei pro mau caminho.

— E nem a livrou do mau caminho! Você sempre dizia pra gente relaxar — comentou Natalie. — Dizia isso pra todas.

— Laura me procurou pra dizer que queria transar com Drew.

— Eu disse que queria fazer amor com ele — Laura a corrigiu.

— Que seja.

— Tudo bem, então. — Natalie estava tentando retomar o fio da conversa. — Se Drew estava planejando seduzir Laura, por que estava no quarto de Emily? Ela sabia disso?

— Sabia? — repetiu Laura.

— Não, isso foi outra coisa — Madison respondeu.

— O quê? — Natalie insistiu.

— Não sei. Drew disse que tinha de falar com Emily antes de se encontrar com Laura. E eu tinha de ficar lá embaixo à espreita. Logo, fui procurar Laura.

— Mas não me encontrou. Eu nem a vi no andar de baixo. — Laura estava confusa.

— Tinha muita gente. Me distraí com alguns rapazes. A próxima coisa de que me lembro foi que todo mundo saiu correndo e gritando. — A voz dela ficou meio distante à medida que voltava a um tempo e a um lugar indesejados.

— Quer dizer que não viu realmente o Drew no quarto de Emily? —

Laura perguntou, por fim. — Não sabe se ele falou com ela ou não?

— Ele me disse que não tinha ido pro andar de cima — afirmou Natalie.

— Ele me contou, e a Cole, que tinha estado na sua casa naquela tarde. Por que ele mentiria?

— Provavelmente porque sabia que o acusariam de algo — disse Laura.

— Olha, ele pode não ser o melhor marido do mundo, mas não é má pessoa. E não teve nada a ver com a morte de Emily. Disso, eu tenho certeza. Têm que confiar em mim.

Natalie se perguntou quem confiava em quem. Havia uma década de distância que as separava e, apesar da atmosfera de acolhimento de agora, havia uma série de coisas que não sabiam uma da outra. Na verdade... Ela olhou para Madison:

— Tem outra coisa que queria saber desde hoje à tarde. Sobre o Dylan. Madison pousou a taça de vinho:

— O que tem o Dylan?

— Eu me lembro de tê-lo visto na sede do clube naquela noite. Ele estava com Emily? Ou com você?

— Com certeza absoluta não estava comigo — Madison respondeu. — Ele não me dava a mínima naqueles tempos. Na verdade, ele não é nenhum maluco por mim, mas estou dando um jeitinho nisso.

— E por que daria um jeitinho nisso? — perguntou Laura.

Natalie sabia por quê. Porque Madison sempre tivera uma queda por Dylan e agora que se encontravam na mesma cidade, ela estava determinada a fazê-lo mudar de ideia.

— Porque ela odeia perder quando se trata de conquistar um homem, não é mesmo, Maddie?

— Ainda não perdi.

— Do que vocês estão falando? — Laura perguntou.

— A Madison quer conquistar o Dylan — respondeu Natalie, olhando firmemente para Madison. — Sempre quis, desde os tempos de Santa Cruz, e aparentemente ainda quer.

— Não é bem assim — Madison respondeu com um sorriso malicioso.

— Quero que ele me deseje. E daí vou ver o que faço.

— Está jogando um jogo perigoso — afirmou Natalie. — Dylan nunca foi uma pessoa fácil. Ele era temperamental, imprevisível, rude, e pelo que pude perceber não mudou. Certamente, ele não se importa comigo. Disse a Cole que não se surpreenderia se eu tivesse empurrado a Emily da cobertura.

— Ele não gostava de você porque estava sempre no caminho dele, incentivando Emily a estudar em vez de ir ao clube para assistir Dylan — Madison aludiu. — E eu apenas jogo jogos que são perigosos. Os outros são muito chatos.

O comentário fez com que Natalie reagisse de modo equivocado:

— Esse é mais um dos seus jogos? Foi você quem armou isso tudo, Madison? Esse livro é outro jogo perigoso? Porque, se for, a sua vida não vai ser nem um pouco chata daqui pra frente. Eu prometo.

— Se estivesse jogando, acha que eu contaria? Bem, pra esclarecer, não estou.

Natalie procurou o olhar de Madison e não viu nada além da verdade.

— Não quero que seja você, Maddie. Não quero. Nem Laura. Não iria suportar que alguma de vocês me apunhalasse pelas costas.

As palavras se sustentaram no ar por muito tempo depois que as disse. E o fato de que nem Madison, nem Laura romperam o silêncio não assegurava a inocência delas. Se bem que, se uma delas tivesse se escondido por trás de Garrett Malone, era impossível imaginar que tudo se esclarecesse assim.

— Não foi nenhuma de nós — Laura disse por fim. — Como pode pensar assim? Não é apenas você quem sai ferida nesta história. Existem coisas no livro sobre mim que preferia que ninguém soubesse, como o lance com a maconha com os vizinhos Eric e Anthony. Não quero que meus pais ou as meninas saibam que andei fumando na faculdade. E estou certa de que Madison não quer que seus colaboradores saibam que uma vez ela correu nua na sede do Sigma Chi^{*}. Não foi um dos seus momentos mais felizes.

— Ei, eu estava lindíssima — respondeu Madison. — Mas tem razão. Não é algo que eu queira divulgar. Então, quem mais poderia ter feito isso? — Tomou mais um gole de vinho, enquanto considerava o problema. — E Jessica Holbrook? Aquela vaca odiava a gente.

Jessica Holbrook era a irmã oficial de Emily na comunidade. Ela

adorava Emily, mas nunca engolira as Quatro Fantásticas. Ela dissera-lhes, em mais de uma ocasião, que dentro da comunidade seria um por todos e todos por um; portanto, panelinhas como as Quatro Fantásticas não deveriam existir.

— Queria saber o fim dela — Natalie murmurou.

— Eu sei — disse Laura. — Ainda está em Santa Cruz. Na verdade, trabalha com Diane Thomas no escritório pan-helênico. É a atual conselheira dos Gamma Delts. Saiu nas notícias do Alumni.

— Que peças... — Madison comenta. — Jessica é a última das irmãs da fraternidade. — Parou um instante e deu um sorriso travesso. — A gente devia ligar pra ela.

— Claro que não! — sentenciou Natalie.

— Quer descobrir quem está apunhalando você pelas costas, não quer?

— Virou-se para Laura. — Aposto que tem o telefone dela, não tem? Deve estar nesta tua bolsa grande.

— O caderninho de endereços pode mesmo estar dentro da minha bolsa. Mas não posso ligar pra ela assim, sem mais nem menos. O que eu diria? Não falo com ela desde a formatura. E nem éramos assim tão amigas.

— Diga apenas que vai programar uma reunião com todo mundo que morou na casa, nos quatro anos que esteve lá. E já que ela é a atual conselheira dos Gamma Delts, você começou por ela. É perfeito!

— E o que digo depois? Não quero falar do livro, porque, caso ela não saiba ainda, vai criar mais burburinho.

— Isso é verdade — Natalie acrescentou.

— Improvise — aconselhou Madison. — Se Jessica souber algo sobre o livro, na certa ela vai comentar. Se ela não falar nada, tente descobrir o que aconteceu com as outras garotas que estavam lá naquela noite, como Marie ou Danielle.

— Drew não vai gostar nada dessa coisa — Laura resmungou, enquanto pegava o caderninho de endereços. — Ele me pediu pra ficar longe disso e estou fazendo o contrário.

— Você é adulta. Pode tomar as suas próprias decisões, não pode? — Madison perguntou.

— Do jeito que fala parece fácil, mas Drew e eu... a nossa vida se

complicou com as crianças e meus pais praticamente adotaram o Drew. Se a gente se separar, eles, provavelmente, vão ficar do lado dele. Eles gostam dele e o respeitam bastante. Não fazem o mesmo comigo.

— Talvez porque não lhes tenha dado um motivo pra que a respeitassem. As pessoas tratam a gente como a gente pede que seja tratada.

— Se deixar que eles a tratem com desconsideração, eles vão fazer isso sempre.

— Não tenho tanta confiança em mim como você e Natalie. Vocês duas são muito inteligentes.

— E você também, Laura — Natalie acrescentou. — E Madison tem razão: se não se levantar pra lutar por seus direitos, ninguém vai fazer por você. Se quiser que a coisa mude, vai ter que mudar primeiro.

Laura respirou fundo:

— Eu quero que mude!

— Então comece agora, com a gente — encorajou Madison. — Ligue pra Jessica. Ajude a gente a descobrir esse mistério. Pense nisso como o primeiro passo pra sua independência.

— Certo. Vou ligar. Me passe o telefone.

Natalie lhe entregou o telefone sem fio, contente que elas estivessem na ativa. Mesmo se aquele telefonema não desse em nada, pelo menos elas não estariam de papo para o ar, esperando alguma coisa cair do céu. Ela ligou o viva-voz assim que disseram "alô".

— A Jessica Holbrook está?

— É ela. Quem fala? — Jessica perguntou meio áspera.

— Oi, Jessica. Aqui é a Laura Hart. Laura Hart McKinney. Lembra-se de mim?

— Claro. Que prazer ouvi-la. Em que posso ajudar?

Laura passou a língua nos dentes e disse em seguida:

— Liguei para convidá-la para uma reunião. Sei que não era da minha í classe, mas pensei que, de repente, pudesse me ajudar a localizar algumas pessoas. Soube que trabalha no escritório pan-helênico com Diane Thomas.

— Sim, trabalho. E eu e Diane adoraríamos ajudá-la. No entanto — fez uma pausa — , espero que não esteja pensando em convidar toda a classe das calouras.

— Mas, em geral, não é todo mundo convidado? — Laura perguntou.

— Não, nesse caso. Sei que era muito amiga de Madison e Natalie, mas não pode convidá-las para qualquer reunião do clube. Você ainda mantém contato com elas?

— Perdi contato com elas depois que deixaram a casa — disse Laura.
— Mas não vejo por que não convidá-las.

— Algumas pessoas acham que Natalie está envolvida na morte de Emily.

— É mesmo? Por quê?

— Parece que alguém viu Natalie na cobertura naquela noite.

Natalie ficou de boca aberta. Laura e Madison também se espantaram.

— Laura, ainda está na linha? — Jessica perguntou, percebendo que um silêncio tinha se instaurado.

— Sim, estou aqui — apressou-se em dizer. — Quem foi que viu Natalie na cobertura?

— Bem, eu não sei. E não deve haver nenhuma prova, mas onde há fumaça há fogo. Reparou que Natalie se mudou bem depressa depois daquele dia? Ela não podia esperar. Talvez Madison também esteja envolvida. Ela foi embora mais depressa ainda. Eu e Diane conversamos sobre isso no outro dia. Emily era uma pessoa tão bonita! Foi uma tragédia a maneira como ela morreu. É uma injustiça. Ela tinha tanto pra contribuir com a comunidade, muito mais do que Natalie ou Madison. Você sabe, a gente só aceitou a Natalie por causa de Emily, porque elas eram amigas. Sei que muitas outras irmãs pensam do mesmo jeito, Laura. Qualquer reunião com Natalie ou Madison pode significar que é má frequentada. Estou lhe contando isso pra que não perca muito tempo e energia. Não é nada contra você. Todas nós amamos você, sabe disso, não é?

— Eu realmente não acho que Natalie tenha alguma coisa a ver com a queda de Emily. — Você sempre foi muito boa, Laura.

— Não é questão de ser boa — Laura respondeu com energia. — Conhecia Natalie e Madison melhor do que todo mundo. E Emily também.

— Às vezes é mais fácil perceber a verdadeira intenção das pessoas se você não está muito perto. Bom, agora tenho de correr, mas me liga amanhã no escritório — disse Jessica. — Tenho a ficha de cadastro dos alunos lá. Posso passar por fax os nomes e endereços.

— Obrigada. — Laura desligou. — Bem, o que acham? Quem é a testemunha? Garrett Malone?

— Ele escreveu no livro que alguém me viu empurrar Emily — Natalie respondeu, sentindo-se desencorajada com os comentários de Jessica. Pensou que fosse uma das irmãs da comunidade, aceita por todos, assim como Emily era. Agora, parecia que só a aceitaram na casa por causa de Emily.

— Sabemos que não foi você — Laura disse.

— Mas se havia alguém lá em cima — Madison continuou —, então não foi um acidente.

Elas olharam uma para a outra e, pela primeira vez, consideraram seriamente que Emily pudesse ter sido empurrada.

— Muitas pessoas não gostavam de mim, mas quem não gostava de Emily? — Natalie ponderou.



Capítulo 9



Natalie ainda estava refletindo sobre tudo o que estava acontecendo quando terminou o turno de trabalho no fim da tarde de segunda-feira. Foi um dia de cão, que começou com um acidente de ônibus logo cedo, com muitas vítimas, seguido por casos de envenenamento, ataque do coração e outras coisas. Largando o boletim médico em cima da escrivaninha, Natalie foi para a recepção. Havia

outros dois médicos lá: um estava esticado no sofá e o outro lia o jornal, o que significava que não teria privacidade. Pegando uma xícara de café, Natalie foi para fora e viu um banco vazio no jardim do hospital. Ligou para Cole do celular.

Ele atendeu rapidinho, provavelmente tendo identificado quem chamava.

— Natalie. Que bom que ligou! Temos um problemão.

Ela agitou-se, incerta de que estivesse preparada para outro problema. Eles não tinham resolvido o anterior.

— Falei com a agente literária de Malone. Ela me disse que ele está em Los Angeles, com compromissos por conta do livro, e seria divulgado no programa Corey Hart Show de hoje. Eu imediatamente sintonizei a tempo de ouvir uma mulher falando sobre o livro, dizendo que tinha se baseado numa história real de uma garota chamada Emily, que morreria numa comunidade de universitários em Santa Cruz. Ela também disse que as Quatro Fantásticas existiam e que conhecia Natalie Bishop, retratada como Nancy no livro.

O coração de Natalie parou.

— Ah, meu Deus! Ela deu meu nome e sobrenome no ar!

— Sim, e, infelizmente, não ouvi o nome da moça que fazia o comentário. Liguei de novo para a agente. Queria desafiá-la a confessar que o livro se baseara em fatos e pessoas reais, mas a ligação caiu na secretária eletrônica.

Natalie teve uma dor de estômago.

— O que vou fazer, Cole? O Corey Hart Show é transmitido em cadeia pra todo o país. Provavelmente, um milhão de pessoas ouviu meu nome.

A cabeça dela foi a mil por hora. Tinha sido identificada publicamente. Não demoraria para que as pessoas, no hospital, relacionassem-na com o livro e o crime, arruinando sua reputação e carreira. Os médicos deveriam estar acima de qualquer suspeita, não se envolver em escândalos, especialmente se fossem residentes procurando uma vaga fixa num futuro próximo.

— Vamos encontrar Malone — respondeu Cole. — Pedi ao repórter investigativo para dar preferência ao nosso caso. Ele acredita que Garrett Malone é um pseudônimo e eu concordo. Talvez demore um pouco, mas vamos descobrir quem ele realmente é. Pode contar com isso.

Ela queria acreditar nele, mas Malone parecia estar um passo à frente.

— Vou para Los Angeles amanhã de manhã — continuou. — Tenho a programação dele comigo e ele estará em diversos lugares amanhã à tarde. Com sorte, eu o pego antes de meus pais voltarem da Europa, na quarta.

Natalie pensou nos pais dele. Era um assunto sobre o qual ela e Cole não tinham conversado.

— Eu ligo assim que conversar com Malone.

— Não — apressou-se em dizer. — Vou com você.

— Não tem que trabalhar?

— Claro que tenho, mas toda a minha carreira está em risco. Vou tirar um dia de folga. Quando partimos?

— Amanhã de manhã. Quer que minha secretária reserve a sua passagem?

— Sim. — Parou um pouco antes de fazer a seguinte consideração. — Cole, você me disse que não ouviu o nome da mulher. Mas chegou a reconhecer a voz dela? Não era Madison nem Laura, né? — Sentiu-se culpada por perguntar, principalmente depois da conversa franca que tiveram no dia anterior, porém estava vulnerável para confiar em alguém.

— Acho que não, Natalie, mas não tenho certeza.

Ela desligou o telefone, querendo ter pelo menos uma resposta definitiva. Quando deu por si, viu Gloria Grayson se aproximando. Era uma das melhores enfermeiras do setor de emergência. Com dez anos de experiência nas costas, ela sabia como trabalhar melhor do que qualquer residente e tinha sempre um sorriso no rosto, em qualquer circunstância.

Naquele instante, porém, não sorria.

— Ah, Natalie, você está aqui! O Dr. Raymond estava procurando por você. Ele quer que ligue para o celular dele urgente. Este é o número — entregou-lhe um pedaço de papel.

— Ele disse o que queria? — perguntou Natalie, ao mesmo tempo surpresa e cautelosa por receber um chamado do chefe dos residentes que, no momento, estava de férias com a família.

— Não, mas ele não estava contente com alguma coisa. Tem a ver com algum problema?

— Acho que sim.

— Se eu puder ajudar, me avise.

— Obrigada.

Natalie ficou olhando para o pedaço de papel e pensando que, dessa vez, teria de se virar sozinha. Ligou para ele e não se surpreendeu ao ouvir estas primeiras palavras do Dr. Raymond:

— Natalie, seu nome foi mencionado na TV há alguns minutos. É você a mulher de quem estão falando, que está envolvida num livro de suspense? Por favor, diga que é outra Natalie Bishop.

— Gostaria muito de poder desmenti-lo.

— Tem algo de verdade nisso?

— Não fiz nada de errado ou ilegal, se é o que quer saber.

— Tem como provar?

— Estou correndo atrás disso.

— Corra depressa, Natalie. O hospital não gosta de má publicidade. E os pacientes não gostam de médicos que estão metidos em crimes.

A temperatura em Los Angeles estava nove graus mais quente quando desceram do avião, na manhã de terça. Cole havia reservado um carro, então eles foram para o balcão de carros para alugar e saíram com um Honda prata do estacionamento. Tinham aterrissado no aeroporto de Burbank porque era o mais perto do Studio City, onde estava acontecendo a sessão de autógrafos. infelizmente, era também perto da antiga vizinhança de Natalie. Fora bastante ruim lembrar os anos de faculdade; agora teria de lançar um novo olhar para os anos de infância. > Ela crescera ao norte de Hollywood, a alguns quilômetros dali. Havia passeado, feito compras e

trabalhado nas lojas daquelas ruas. Acordava com a vista da neblina, no sopé da montanha; o vale, permanentemente coberto de cerração. Era uma cidade onde encontrar a estrela de cinema na lanchonete da esquina ou no supermercado era coisa corriqueira, onde a beleza, as roupas de marca e um belo bronzado eram tudo e aqueles que não tinham nada disso eram "ninguém". Ela tinha caído na categoria "ninguém".

Evitou aquelas lembranças e pensou no presente.

— Vire à direita no próximo sinal e pegue a estrada.

Cole fez como ela sugeriu e, em poucos minutos, chegaram aos estúdios da Universal. A livraria onde Garrett Malone fazia o lançamento era parte da área do shopping do Universal Theme Park. O hotel também era na montanha. Ela conferiu as horas. Eram apenas 11 horas; o evento estava marcado para o meio-dia.

— Sessão de autógrafos ou hotel?

— Vamos tentar o hotel. Ele não deve ter saído ainda.

Pararam o carro no estacionamento, entraram no hotel e foram direto para o elevador. De algum modo, Cole tinha conseguido o número do quarto. Natalie estava agitada quando pararam no 17º andar. Queria dar de cara com Malone, perguntar-lhe por quê. Queria que ele admitisse que era tudo mentira. Cole bateu na porta de Malone. Ninguém respondeu.

— Já saiu — disse, mais uma vez decepcionada. — Vai ver tem uma entrevista antes do evento.

— Tudo é possível. — Cole olhou ao redor, metendo a cara no carrinho da camareira. — Tive uma ideia. Vem aqui.

— Aonde vamos?

Ele não respondeu antes de dobrar o corredor.

— Vamos esperar a camareira abrir o quarto. Daí você entra no quarto do Malone como se fosse o seu.

Ela não gostou muito da ideia.

— Eu? Por que não vai você?

— Porque as mulheres não têm medo de outras mulheres. Não vai levantar suspeita. Comigo pode ser diferente.

Provavelmente ele estava certo, ela pensou. Que inferno! Ela já tinha sido acusada de assassina, por que não juntar ao boletim de ocorrência uma

invasão de domicílio?

Ela suspirou e foi até a janela, cuja vista dava para os estúdios. O panorama assemelhava-se aos hangares de aviões. O vale de São Fernando espalhava-se atrás dos estúdios, cada cidade colada à outra, com pouca diferença nos cenários. Ao redor, havia palmeiras, casas ao estilo de ranchos e piscinas em todos os jardins. O comércio de subúrbio e as cadeias de lojas principais completavam a zona de shopping dessa parte de Los Angeles. As boutiques caras ficavam em Beverly Hills e Bel-Air, ou na zona de comércio mais perto da praia.

— Você já foi lá pra baixo, nos estúdios? — Cole perguntou, jogando conversa fora.

— Na parte turística. Há muito tempo, quando era criança. E você?

— A Emily sempre se adoentava na hora errada. A gente tinha programado, mas teve de cancelar. Depois de um tempo era cômodo ficar em casa. Meus pais fizeram tudo o que puderam pra transformar nossa casa em uma versão pessoal da Disneylândia pra Emily.

Natalie concordou com a cabeça.

— A primeira vez que vi o quarto dela pensei que pertencesse a uma princesa ou fada. Ela tinha aquelas camas com cortina em volta. Era muito legal.

— Ela era feliz naquele quarto. Sei que era — acrescentou, para se defender. — Você disse que ela tinha saído de casa pra se sentir livre, mas nunca pensei que ela se sentisse presa ali.

— Só porque uma gaiola é de ouro, não significa que deixa de ser gaiola.

— Foi construída por causa da doença dela e não porque queríamos mantê-la num local indesejado.

— Nunca disse o contrário.

— Acho que disse sim, Natalie.

— Não, quis dizer que entrar pra faculdade era algo com que Emily sempre sonhara. Ela adorava cada minuto que passava ali.

— Exceto, talvez, os últimos poucos minutos — Cole disse amargamente.

— Nunca se perguntou se ela sabia o que aconteceria com ela? Se por um segundo ela percebeu que morreria ali?

Claro que se perguntara esse tipo de coisa, inúmeras vezes.

— Nos primeiros dias, perguntas como essas não saíam da minha cabeça. Não sabia como lidar com aquilo. Tive de esquecer. — Ela pensou se ele faria algum comentário maldoso sobre ela não querer enfrentar as coisas, ou negar a realidade, mas ele continuou calado. — Foi o único modo que encontrei de andar pra frente. — Disse de um fôlego só. — Quer ver onde está a camareira? Se não entrarmos no quarto logo, podemos perder a sessão de autógrafos. Dura somente uma hora.

— Vou ver. Espere. — Reapareceu pouco depois, os olhos brilhando.
— Hora do show! Seja corajosa. Não deixe que ela a intimide.

— Por favor, eu sou uma médica. Apreendi muito tempo atrás a lutar pelas minhas coisas.

Também sabia fingir quando lhe perguntavam algo para o qual não sabia a resposta, geralmente um médico arrogante que queria demonstrar-se superior a ela. Se ela podia lidar com aquela situação, poderia lidar com esta também. Estava pronta para entrar em ação. Foi para o fim do corredor.

A porta do quarto de Malone estava aberta e a camareira estava passando o aspirador de pó. Ela entrou e jogou a bolsa em cima da cama.

— Olá — disse alegremente. Tirou os sapatos de salto alto. — Nossa, bem melhor assim! Tenho de usar o banheiro. Espero não estar atrapalhando.

A camareira sorriu timidamente. Era jovem, de origem hispânica e provavelmente não falava bem inglês. Natalie entrou no banheiro e fechou a porta. Abriu a torneira e rezou para que a mulher não notasse que havia uma estranha num quarto que era de um hóspede do sexo masculino. Esperou bem uns dois minutos. Em seguida, fechou a torneira e abriu a porta. O quarto estava vazio. A camareira tinha ido embora.

Não dava para acreditar como tinha sido fácil. Um pouco demais para as altas normas de segurança do hotel. Uma leve batida na porta fez com que seu coração disparasse, mas foi Cole quem ela viu pelo visor. Deixou-o entrar e fechou a porta rapidamente.

— Ela não me perguntou nada — disse-lhe.

— É incrível o que você consegue quando se sente confiante.

— Vamos trabalhar. Não dá pra relaxar enquanto não sairmos daqui. Estou até vendo as manchetes: "Natalie Bishop detida por roubo e suspeita de assassinato".

- Você sabe escrever manchetes. Poderia trabalhar no jornal.
- Obrigada, mas prefiro meu emprego de verdade.

Ela deu uma olhada ao redor, enquanto Cole vasculhava as gavetas. Malone era ordeiro ou tinha trazido pouca coisa consigo. Não havia muito mais coisa no quarto além dos móveis do hotel. Ela abriu a porta do closet e viu dois ternos pendurados — um marrom, outro cinza —, duas camisas e mais nada. Havia duas malas no canto do quarto. Ela ajoelhou-se, abriu-as e não estranhou que estivessem vazias. Quando fechou a porta do closet, escutou Cole assobiar. Ele segurava um aplique de cabelo, da mesma cor dos cabelos de Garrett Malone.

- Está parecendo um aplique ou peruca.

Por que usaria uma peruca? Era careca?

Natalie foi até Cole e percebeu que ele examinava uma mala preta.

- Que merda é essa? — resmungou.
- É maquiagem. Malone está usando um disfarce — acrescentou surpresa. — Uma peruca, um disfarce, lápis de sobrancelha preto.
- E lentes de contato coloridas — disse Cole, mostrando a caixinha. Ela olhou para ele e soube que ambos pensavam a mesma coisa:
- Isso significa que ele teme ser reconhecido. Ele é alguém que conhecemos, Cole. A questão é quem.

Laura sabia que não deveria espionar seu marido. Não era correto. Todavia, não conseguia se controlar e revirava os bolsos de todas as peças de roupa de Drew no armário. Por um instante, fingiu que estava simplesmente verificando se tinha alguma coisa neles antes de mandar para lavar. Mas era mentira. Estava procurando uma prova. Ela havia ligado para o quarto de hotel dele tarde da noite e ele não atendera. Tentou o celular de manhã e nada. Se estivesse numa emergência de verdade, como é que conseguiria falar com ele? Ele não pensava na possibilidade de que sua família poderia precisar dele?

A cada minuto, sua raiva aumentava. Claro que ele não pensava naquela possibilidade. Era ela que estava encarregada de cuidar da casa e das crianças. Esperava-se que ela cuidasse de tudo o que dissesse respeito à casa, enquanto ele saía e trazia o pão de cada dia. Alguma coisa devia estar errada. Talvez tivesse acontecido algo com Drew. A imaginação dela era capaz de criar os cenários mais aterrorizantes. Ela devia se concentrar. Na maioria das vezes seu instinto estava errado. Não se orgulhava daquilo, mas era verdade. E aquilo era bom, porque significava que as coisas terríveis com

as quais se preocupava quase nunca aconteciam.

Drew estava bem. Estava apenas ocupado. Apalpou o último bolso de jaqueta no armário e notou um pedaço de papel. Puxou-o do bolso. Era um roteiro de viagem. Mas era um tanto diferente. E logo entendeu o que era. O nome de Garrett Malone estava no topo da página, seguido de uma lista de números de voo, reservas de hotel, sessões de autógrafo e aparições em programas de rádio em Los Angeles. A data era a de hoje.

Laura foi para o quarto e se sentou na cama, ainda olhando para o pedaço de papel. Por que Drew tinha o itinerário de Garrett Malone? Ele pretendia entrar em contato com o autor? Será que Drew tinha viajado a negócios mesmo? Uma viagem a negócios para Los Angeles?

Sentiu um frio na espinha. Ambos Drew e Garrett Malone estavam em Los Angeles.

Ela não podia acreditar que Drew estivesse por trás disso. Não fazia o menor sentido. Não havia nenhum motivo, ele não ganharia nada com isso. Devia ter ido a Los Angeles para se encontrar com Malone. Ou talvez ele quisesse unir na mesma viagem negócios e assuntos pessoais. Com toda a certeza, estava querendo protegê-la. Por isso, não lhe dissera nada. Devia ser esse o motivo.

Entretanto, ela não tinha gostado de saber que ele mantinha segredos. Eles deviam ser companheiros em tudo. Se guardara segredo sobre Malone, o que mais escondia dela? A falta de diálogo no casamento parecia intransponível. Eles deveriam ter conversado sobre Malone, Emily, o livro e tudo o mais que estava acontecendo. Deveriam ter unido forças e não se separado.

O telefone tocou, interrompendo seus pensamentos. Na esperança de que fosse Drew, disse logo "alô".

— Laura McKinney? — perguntou uma mulher.

— É ela.

— Você é Laura Hart que se casou com Drew McKinney?

— Quem é?

— Laura, aqui é Kathy Allen. Lembra-se de mim? Fomos colegas de faculdade.

— Claro que me lembro de você. — Buscou na memória o rosto que combinava com aquela voz. Kathy Allen tinha sido caloura quando ela estava no último ano. Tinham se conhecido apenas por alto. Porém, uma

vez membro da comunidade, sempre se é. — Como vai?

— Bem. Sou repórter do Santa Cruz Sentinel. Adoro tanto essa parte da cidade que decidi ficar por aqui depois de me formar.

— Verdade? — Laura não gostou muito de ouvir aquilo. Por que Kathy ligaria para ela de Santa Cruz?

— Você ouviu falar de um livro chamado *Fallen Angel*? Trata-se de um romance criminal, mas pelo visto descreve aquele fato que aconteceu com a garota que caiu da cobertura, dois anos antes de eu entrar para a comunidade. Vocês eram amigas, certo?

— Tenho certeza de que esse livro não tem nada a ver com a Emily.

— Não é o que as pessoas estão falando.

— Quem?

— Algumas garotas que estavam na festa naquela noite andaram me ligando. Acho que elas pensam que, como sou repórter, posso descobrir o que aconteceu. Você leu o livro, Laura? Eu não estava lá, mas muita coisa me soa familiar pelo que ouvi dizer. Você estava na casa. Embora o autor tenha trocado os nomes, está bem claro quem é você e quais são as outras duas garotas com quem costumava sair. — Ela interrompeu um instante e Laura ouviu que mexia num papel. — Natalie e Madison, certo?

— É apenas um livro — Laura disse e soltou uma risadinha. — Não posso acreditar que tanta gente se interesse por ele.

— O livro sugere que o acidente com Emily foi um assassinato e que a sua amiga Natalie é a assassina.

— Ela não era apenas uma amiga, Kathy. Ela fez parte da comunidade e ainda é uma das irmãs. Espero que as pessoas se lembrem disso.

— Parece que a está defendendo — Kathy reparou.

— Eu fico do lado dos meus amigos, você não?

— Eu não conhecia Natalie. Ela tinha ido embora bem antes de eu entrar na casa. Mas não quero pegar ninguém, estou apenas atrás da verdade.

— A Emily caiu. Essa é a verdade.

— Bom, essa é a versão oficial. Falei com o detetive Boland, do distrito policial local. Ele se lembra do caso. E me contou, em off, que sempre achou que havia alguma coisa estranha na história. Ele também disse que

verificaria o livro.

O coração de Laura disparou. Se a polícia reabrisse o caso, criaria ainda mais publicidade. O que ela poderia fazer para impedir? O que diria a Kathy para fazê-la deixar tudo de lado? Ela era uma repórter. Não iria simplesmente esquecer, principalmente porque se tratava da sua própria comunidade.

— Eu achei você sem dificuldade — Kathy acrescentou. — Peguei o seu telefone da ficha de cadastros dos alunos, mas não consegui localizar o de Madison nem o de Natalie. Sabe onde elas estão?

— Não, não sei — mentiu.

— Vou continuar procurando. Na internet, não vai ser difícil achar.

— Duvido que elas estejam se escondendo.

— Espero que esteja certa, Laura. Seria um escândalo terrível para a comunidade descobrir que uma de suas irmãs é criminosa. E seria muito pior se alguém estivesse encobrindo a culpa de alguém.

— Obrigada por me ligar, Kathy. Preciso buscar as crianças agora.

— Estou certa de que voltaremos a nos falar.

Laura desligou o telefone tremendo. Ela se lembrava de Kathy agora, uma insensível vagabunda que adorava fazer confusão, misturar tudo e ficar olhando o circo pegar fogo. Um pouco parecida com Drew, pensou. Ele adorava brigas. Foi por isso que se tornara advogado. O que mais ele se tornara?

Examinou o itinerário de Garrett Malone e se perguntou se fora esse o motivo da viagem de Drew.

Ela sabia que Natalie, Madison e mesmo Cole tinham Drew na lista de suspeitos como a fonte de Malone. Tinha descartado essa possibilidade antes. Mas agora não conseguia mais. Drew estava tão misterioso nos últimos meses, trabalhando até tarde no escritório e mesmo no estúdio em casa. Lembrou-se de que ele fechou a tela do computador rapidinho quando ela chegou perto, para que não visse nada. Ele dissera que era assunto de negócios, será mesmo?

Era ridículo pensar que Drew estivesse metido no livro. Ele tinha obsessão por seu trabalho como advogado, pela sociedade no escritório, por começar carreira como político. Por que ele pegaria esse longo atalho para o passado? Ele e Emily nem eram tão amigos. E ele não tem nenhum interesse em Natalie. Laura não conseguia encontrar um bom motivo para que ele

estivesse envolvido no livro.

Exceto por dinheiro. Drew tinha tido uma infância pobre e ela sabia que o dinheiro era importante para ele. A segurança financeira era uma de suas grandes preocupações.

Levantou-se da cama, foi até o estúdio dele e abriu as gavetas da mesinha. Drew cuidava das finanças de toda a família. Tinha vergonha de dizer que nos tempos de hoje, em que as mulheres são tão independentes e inteligentes, ela não fazia ideia de como lidar com dinheiro, porque Drew cuidava de tudo. Os papéis deles eram muito tradicionais. Ele era o provedor; ela, a dona de casa. Tinha dado certo, até aquele momento.

Mas agora não estava mais funcionando tão bem. E ela não sabia o que estava acontecendo. Era outra mulher? Era o passado? Ela pegou os extratos bancários do ano anterior e distribuiu-os sobre a mesa. Um por um, acabaria com os segredos de sua vida.



Capítulo 10



Eles perderam o rastro de Malone novamente. Cole olhou para a mesa vazia na frente da livraria onde ele deveria estar sentado e sentiu-se menos confiante. Depois do que encontrara no quarto de hotel de Malone, ele se convencera de que estava muito perto de descobrir a sua verdadeira identidade.

— O gerente disse que ele partiu dez minutos atrás. Os livros acabaram-se muito antes do previsto e eles não tinham outros no estoque — disse Natalie, desanimada. — Que droga!

— Concordo.

— Disse-lhe que deveríamos ter chegado mais cedo.

— Se tivéssemos corrido no quarto do hotel, não teríamos encontrado a peruca nem a maquiagem. Vamos ter de pegá-lo na estação de rádio.

— Não vai ser antes das 3 horas.

— É tudo o que temos. Quer comer alguma coisa? — Ele parou ao perceber que Natalie tinha parado na frente de uma estante de livros, com uma expressão estranha no rosto. — O que foi?

— Nem acredito que não pensei nisso antes! — Apontou para a prateleira de livros à sua frente. — Emily escrevia um diário como este aqui toda a noite, no tempo da faculdade, desde o primeiro dia. — Ela virou-se para ele com um novo brilho nos olhos. — Quer lugar melhor para descobrir os segredos de nossas vidas do que o diário de Emily? Quando eu lia *Fallen Angel*, pensei que parecia a Emily falando. Malone deve ter pegado do diário as informações para o livro. O que ela não escreveu, ele preencheu com a sua imaginação. Faz todo o sentido. A gente costumava brincar que Emily poderia nos chantagear com o diário. — Parou, um tanto confusa. — Mas como Malone adquiriu o diário? Você e seus pais esvaziaram o quarto de Emily na fraternidade, depois do enterro.

Ele contraiu o maxilar ao se lembrar daquela desagradável tarefa.

— Não prestei atenção no que estava encaixotando.

— Onde aquilo tudo foi parar?

— No quarto de Emily, na casa dos meus pais. Se existe algum lugar pra encontrar o diário, é lá.

— Não penso que esteja lá; deve estar com Malone.

— Não estava no quarto de hotel.

— Provavelmente ele não trouxe com ele. Podemos perguntar isso a ele quando o encontrarmos... , se o encontrarmos.

— Nós vamos encontrá-lo — Cole disse confiante. — Vamos encontrá-lo na estação de rádio. E vamos perguntar sobre o diário. Vamos sair daqui.

— E vamos pra onde? — ela perguntou, enquanto eles caminhavam para a saída.

Ele ainda estava pensando. Eles precisavam se distrair, alguma coisa para preencher o tempo por umas duas horas, a fim de que se esquecessem um pouco de Emily e de sua família. Como comer não era algo que lhes interessasse muito, ele pensou nas outras opções. E, de repente, teve uma ideia.

— Me leve pra casa — disse de supetão.

— Agora? Mas temos de encontrar Malone às 3 horas.

— Não pra minha casa, pra sua.

— Não estou entendendo.

— Claro que está. — Ele percebeu que ela perdeu o brilho nos olhos. — Mostre-me onde você se criou, Natalie. Me leve pra sua casa.

— De jeito nenhum.

— Quando foi a última vez que viu a sua mãe?

— Cinco anos atrás. Ela estava numa clínica. Me pediu dinheiro e uma garrafa de uísque. Dei-lhe o dinheiro. Provavelmente, a primeira coisa que comprou quando saiu da clínica foi uma garrafa de uísque.

— Então por que lhe deu dinheiro?

— Não sei, costume, talvez. Senso de dever, responsabilidade, culpa.

— Do que sente culpa?

— Não quero falar sobre a minha mãe.

— Não temos que conversar. Vamos apenas dar uma volta pela

vizinhança. Não vamos parar o carro, a menos que queira.

Natalie balançou a cabeça.

— Alguma vez já teve qualquer ideia que não fosse estúpida ou perigosa?

— Não recentemente — disse com um sorriso.

— Eu deveria fazer um exame na cabeça porque toda vez concordo contigo. — Ela o estudou com atenção. — Por que todo esse interesse agora, Cole? Nunca quis saber as coisas sobre o meu passado. Está querendo apenas matar o tempo?

— Talvez não estivesse preparado para saber na época.

— Essa é uma conclusão sensata.

— Dê-me algum crédito. Amadureci um pouco nos últimos dez anos.

— Penso que vou me abster de fazer comentários — disse, enquanto iam de volta para o carro alugado.

Depois que trancou a porta, ele disse:

— Vou dirigir. Você me explica o caminho.

Ela sorriu.

— Já lhe disse pra onde ir, um monte de vezes. Mas ainda está parado.

— Muito engraçado. Sabe, se não tomar cuidado, vai acabar desenvolvendo um senso de humor...

Natalie sentiu todo o peso dos anos, enquanto Cole dirigia por aquelas ruas da sua juventude. De muitos modos, parecia que tinha sido ontem que ela vivera naquela casa. De outros, parecia que uma vida inteira se passou. Não sabia por que ela o instruíra para seguir caminho. Talvez porque fosse tudo tão distante da sua vida atual que pareceria mais fácil agora. A casa térrea, estilo rancho, ficava ao final de uma rua sem saída, em um bairro modesto ao norte de Hollywood, o tipo de casa procurada por jovens famílias. Era o clássico subúrbio com bicicletas na porta das casas, brinquedos nos jardins e o som de um cão ladrando.

— Foi aqui que se criou? — Cole perguntou surpreso. — Pensei que tivesse morado num apartamento.

— Essa foi a minha primeira casa, onde moramos quando meu pai estava vivo. É menor do que eu lembrava.

— A maioria das coisas é. — Cole parou em frente da casa. — Quando se mudou daqui?

— Quando tinha 8 anos. Cerca de seis semanas depois que meu pai morreu. Não podíamos ficar aqui. Não tínhamos dinheiro nem seguro de vida. Meu pai tinha 36 anos. Não podia prever que teria um ataque do coração, então ele não tinha se prevenido.

— Isso é compreensível.

— Acho que sim.

Ficou observando aquela casa, imaginando-a por dentro, o piso verde no chão da cozinha, a poltrona reclinável na sala, a velha TV onde o gato gostava de tirar uma soneca, o quarto pequeno, onde ela tinha a sua própria cama de solteiro, seus pôsteres, suas coisas. Eles não eram ricos, nem mesmo quando o pai era vivo, mas não lhes faltava nada.

— O que tanto olha? — perguntou Cole tranquilamente.

— Vejo minha mãe e meu pai sentados na sala, conversando e rindo. — Ela deu-lhe um sorriso triste e saudoso. — Eles gostavam de conversar depois das refeições. Eu trazia minha lição de casa para a mesa. Adorava ficar perto deles, escutando-os, mesmo quando eles brigavam. Dava pra sentir o amor na voz deles. Era forte.

— Pensei que não tivesse nenhuma lembrança boa da sua infância.

— Também pensava que não — disse surpresa consigo mesma. — Por um longo tempo, tinha apenas uma lembrança na cabeça: a noite em que meu pai morreu. Minha mãe e eu estávamos sentadas no sofá da sala, vendo TV. Meu pai chegou e disse qualquer coisa sobre uma conta de cartão de crédito. Eu me lembro de que fiquei preocupada porque sabia que a minha mãe gastava mais do que meu pai queria. Ela disse que eu precisava de roupas novas e eu me senti culpada por isso. — Ela fez uma pausa, diante da memória tão viva e detalhada. — Parecia que meu pai ia começar uma briga; e então os olhos dele ficaram enormes e cheios de medo, como se tivesse se dado conta de alguma coisa naquele instante. Ele pôs a mão no peito e caiu no chão. A minha mãe gritou. Ficou ali sentada e gritando. Corri pra ele e tentei chacoalhá-lo, mas ele olhava pra mim sem piscar. Os olhos dele eram tão grandes! Disseram que ele morreu na hora, porém não sei ao certo, pelo jeito com que olhava pra mim...

A voz falhou e demorou um pouco para que recuperasse o fôlego.

— Pensei que estivesse implorando a minha ajuda — disse, levantando os olhos para encontrar os de Cole. Viu compaixão e entendimento neles e sentiu confiança como há muito tempo não sentia.

Nunca tinha contado a ninguém sobre aquela noite. Por algum motivo, quis contar a Cole agora. — Eu não sabia o que fazer. A minha mãe estava imóvel e continuava chorando. Me senti tão impotente e fiquei muito zangada com ela, por não ter ajudado em nada. — Natalie enxugou as lágrimas no canto dos olhos. — Penso que foi a primeira vez que desejei ser médica. Queria que nunca mais me sentisse impotente daquele jeito.

— Nunca soube que fora a morte de seu pai que a motivara a ser médica. Por isso escolheu trabalhar na unidade de emergência?

— Em parte. Pensei em fazer cardiologia ou pediatria. Essas eram as minhas primeiras opções, mas eu percebi rapidinho que me dava melhor ao tratar pacientes nos primeiros socorros do que em longos tratamentos que implicavam relacionamentos demorados com eles. Você sabe que não sou muito boa em relacionamentos pessoais. A morte de Emily, o fim das minhas amizades, minha família, você... — balançou a cabeça desamparada. — Fracasei em tudo. Na sala de emergência, alguém chega com um problema, eu ajudo e mando pra casa. Se não posso ajudar, encaminho pra quem possa.

Cole não tinha parado de olhar para ela. Ela não gostou daquilo e desejou que ele olhasse para outra parte. Ele lia nas entrelinhas, um velho hábito que a deixava chateada.

— Dar entrada e dar baixa. Nada de situações complicadas.

— Exatamente. Eles não têm chance de me conhecer. Nem eu a eles. Acredite: é o jeito mais seguro. Podemos ir embora, por favor?

— Onde foi morar quando deixou esta casa?

— Moramos na casa da irmã mais nova da minha mãe, Gail, por um ano. Depois, Gail se apaixonou por um executivo que não queria que a gente continuasse morando com ela. Gail escolheu a casa grande de dois andares em Brentwood em vez da gente, mas não a culpo. Minha mãe entregou os pontos depois que meu pai morreu. Bebia e tomava comprimidos. Trabalhava como garçonete ou caixa, mas não ficava mais que algumas semanas em cada emprego.

— Deve ter sido muito duro pra você.

— Tive de me tornar mãe dela. Nós mudamos pra casa de um dos namorados dela. Ele era normal, eu acho. Não prestava muita atenção em mim. Pelo menos, tínhamos um teto. Durou dois anos. Depois ele a largou. Minha mãe ficou arrasada. Ela detestava ficar sozinha. É triste pensar nisso.

— Sei que isso lhe irrita, porque ela era fraca. Você despreza pessoas fracas.

— Acho que não sou muito legal, mas tem razão, guardo rancor dela. Eu era uma criança. Alguém deveria me proteger, me sustentar.

— Toda criança merece isso — ele concordou. — Como foi que juntou dinheiro pra ir à faculdade? Sei que tinha dois empregos, mas não devia ser suficiente pra pagar todas as contas.

— Meu avô morreu, um grande choque pra mim, e me deixou 15 mil dólares de herança. Ele nunca quis ter nada com a gente, antes. Acho que ele e minha mãe devem ter brigado e ele a descartou, porém, aparentemente, quis fazer alguma coisa por mim. Se ele não tivesse me dado dinheiro, provavelmente eu não terminaria os estudos, mesmo com o tanto que trabalhava. Ganhei algumas bolsas também e tenho ainda muitos empréstimos pra pagar; um dia quito as dívidas. — Ela quis se certificar disso. Não queria ficar devendo para ninguém. Algum dia seria completamente livre de todas as amarras, todas as obrigações. — Acho que podemos ir agora. Já vimos o suficiente. E você deve estar pra lá de entediado.

Ele sorriu:

— Natalie, você pode ser tudo menos entediante. Foi interessante saber de onde veio. Me ajuda a entendê-la melhor.

Ela se sentiu ainda mais desconfortável. Não queria se tornar foco da atenção de Cole. Não tinha ilusões. Eles estavam apenas matando o tempo até que Cole fosse atrás de Malone. Depois disso, ele esqueceria essa viagem no tempo. Mas, infelizmente, na mente dela, duraria bem mais.

— Sua mãe deve se orgulhar de você, por ter se tornado médica — ele continuou. — Sua vida é cheia de vitórias.

Por acaso ela tinha ouvido um elogio?

— Não sei se ela se sente orgulhosa, mas acredita que eu possa cuidar dela. É isso o que realmente importa.

— Ela mora sozinha agora?

— Ela tem um namorado que mora com ela. Nunca o encontrei, só falei com ele ao telefone.

— Você liga pra ela?

— Sim. Você não é o único a ter responsabilidades com a família. Apesar de tudo, não posso esquecer de que somos parentes, de que ela é minha mãe. Não vou deixar que passe fome ou viva na rua. Mas nunca teremos um relacionamento íntimo. — Ela levantou um dedo. — E não

queira mudar o estado das coisas. Uma conversa de cinco minutos não o torna um especialista na minha vida ou alma. Além disso, isso não é da sua conta.

— Acabou?

— Depende do que vai me dizer em seguida. Eu avisei, Cole. Precisa recuar. Você não é meu namorado nem meu amigo. Minha vida pessoal somente a mim diz respeito.

— Não me parece que tenha uma vida pessoal e estou começando a entender por quê. Você não deixa que ninguém se aproxime de você. Construiu um muro em volta dos seus sentimentos. Ninguém vai machucá-la de novo.

— E daí? É a minha vida. Gosto dela assim.

— Não é saudável.

— E você é um expert em relacionamentos saudáveis? — perguntou incrédula. — Será que tenho de lembrá-lo de uma namorada que atirou um grampo na sua cabeça?

— Não estamos falando de mim, mas de como você lida com o passado.

— Ah, cale a boca — disse exasperada. — Se eu construí um muro em volta dos meus sentimentos não foi por causa da minha mãe, mas por sua causa.

As palavras saíram da boca e, uma vez ditas, não poderiam ser desditas. Nem ela parecia disposta a parar por ali. Ele tinha ido longe demais e agora teria de arcar com as consequências.

— Você sabia que foi o primeiro e único homem a quem disse "eu te amo"? — perguntou-lhe, olhando bem nos olhos dele. — Sabe o quanto me custa dizer essas coisas? E o que você fez? Disse: "Que ótimo, Nat". E dali em diante começou a se esquivar, não respondia mais aos meus telefonemas, me evitava. Fui a garota boba que levou o sexo muito a sério, não é? — Ela não esperou que ele respondesse. — Você me machucou, Cole. E eu deveria ter dito isso há muito tempo. Se existiu alguém que me tornou fria e dura, esse alguém foi você.

Ele ainda sorria para ela:

— Sinto muito.

— Não, não sente.

— Sinto muito — reiterou. — Mesmo. — Olhou fixo para ela. — Quando disse que me amava, eu morri de medo. Não sabia como lidar com aquilo. Eu era jovem, inexperiente. Não sabia o que queria de mim. Não sabia dizer não pra você, porque uma parte de mim também queria ficar com você.

Era verdade. Uma verdade que ela ainda não tinha escutado, mas que sempre soubera.

— Não importa. Esqueça. Isso não vai levar a nenhum lugar. Está tudo acabado.

— Não é o que penso.

— O livro e a morte de Emily não têm nada a ver conosco. Ambos sabemos que estava tudo acabado antes de ela morrer. Apenas não tínhamos formalizado.

— Natalie... — Parou porque o celular interrompeu a conversa. Verificou o nome e xingou. — Isso é a última coisa de que precisava.

— Quem é?

— Meu pai. — Balançou a cabeça. — Tenho de responder. Alô, pai.

Dava para Natalie ouvir os gritos do outro lado da linha. Ele estava extremamente aborrecido com alguma coisa.

— Eu sei. Ia contar amanhã à noite quando chegasse, mas queria juntar mais informação — respondeu Cole. — Estou cuidando disso agora mesmo. — Escutou por um momento. — Se fizer isso, vai atrair mais publicidade. Deixe que eu investigue do meu jeito. Sim, eu sei. Não foi ela, eu entendo. Mas ainda não penso que... — Cole se interrompeu. — Pai? — Ele olhou para o celular. — Droga! Ele desligou na minha cara.

— O que foi? — Natalie quis saber. — Ou eu não deveria perguntar?

Cole colocou o telefone de volta no bolso.

— Meu pai descobriu sobre o livro. Ele ainda está na Europa, mas volta amanhã. Nesse meio tempo, ele quer que eu ligue pra polícia de Santa Cruz e peça que eles reabram o caso.

Era a última coisa que ela queria ter ouvido.

— Por quê?

— Ele quer que encontrem o assassino de Emily. Quer que eles encontrem você.

— Por que não lhe disse que já me encontrou?

Cole hesitou e em seguida balançou a cabeça:

— Não queria conversar sobre isso por telefone.

— Acha que a polícia reabriria um caso baseado em um livro de ficção? Eles não precisam de mais provas concretas?

— Minha família conhece muita gente importante — Cole respondeu polidamente. — Tenho certeza de que meu pai pode mexer os pauzinhos para conseguir o que quer.

— Ótimo! Simplesmente ótimo. Vai ver era tudo o que o Malone queria, envolver novamente a polícia. Não poderia agir sozinho, mas poderia fazer com que todo mundo comentasse o crime. Vamos pra estação de rádio, Cole. Quero chegar antes dele. Quero arrancar a sua peruca e tirar aquela maquiagem. Quero saber quem ele é agora.

— Quando penso que se deu por vencida, você se levanta. — Cole estava admirado. — Você é incrível, Natalie!

— Estou possesa.

— Verdade. Temos de aproveitar esse estado de espírito.

Antes que ela pudesse perguntar o que ele queria dizer exatamente, a boca dele colara na dela, com ardor, insistente, querendo uma resposta, e o corpo dela respondeu desejosamente. Raiva misturada com desejo e todas as emoções que estava tentando controlar explodiram de um modo colossal, num beijo espetacular que mexeu com ela profundamente. Ela se entregou àquele momento, à necessidade que lhe dizia que sempre quisera aquele homem e, provavelmente, sempre o queria.

Agarrando-o pela nuca, ela o puxou para ainda mais perto de si e quando ele pôs a mão em seus seios, ela gemeu dentro da boca dele. Ela queria as mãos dele no corpo dela. Queria despir-se e depois despi-lo. Sem nada entre eles, nem mesmo lembranças. A mente dela começou a vaguar e ela afastou os pensamentos, enfiando mais a língua na boca dele, pegando-o de surpresa dessa vez. Seus beijos pareciam uma batalha sensual. Ele não iria se entregar nem ela. Ela o queria, mas não poderia se perder dentro dele. Seria um desastre.

— Nossa! Você sabe beijar! — exclamou perto da boca dela, enquanto ambos tomavam um pouco de ar.

— Não pare — ela pediu, as palavras saíam soltas da boca.

— Eu lhe asseguro que não quero. Deve haver algo entre mim, você e

automóveis. Não consigo me controlar e começo a agarrá-la.

Agora ele acariciava os cabelos dela. Ajeitou-os e afastou-a um pouco para admirá-la. Os olhos dele estavam mais escuros de desejo; os lábios carnudos, borrados de batom. Ela adorava aquela marca de posse. Talvez este homem nunca fosse completamente seu, mas, por uns poucos segundos, ela o teve bem como queria.

— Você não sabe o quanto quero transar no banco de trás com você. Como fizemos antes — ele disse.

Ela percebeu que enrubescera e fechou os olhos. Mas não fazia diferença. Ela ainda o via. Ele vestia um terno naquela noite. E ela, um vestido de festa vermelho que custara uma fortuna. Eles começaram a se beijar no caminho para o hotel Fairmont durante o Natal. A cada sinal fechado, roubavam beijos um do outro. E em seguida estacionaram a uma quadra do hotel e pularam para o banco de trás como dois adolescentes no drive-in.

Foi bem esquisito. Eles riram, se beijaram e depois as faíscas explodiram em paixão. Tinha sido incrivelmente intenso. Mas Cole era assim. A sua energia e o seu fogo sempre fizeram com que ela quebrassem as regras, soltasse o que andava reprimindo na vida e se transformasse em alguém selvagem e livre, muito diferente da pessoa costumeiramente cautelosa e cuidadosa que era. Natalie Bishop entregara-se a Cole no banco de trás da Mercedes do pai dele. E nem se importava. Estar com Cole era perfeito. Ela esperara por ele toda a vida e, naquela noite, não queria esperar nem mais um segundo.

A respiração dela ficou contida no peito ao pensar que ela poderia ter aquilo tudo de novo, aquela paixão, aquela intensidade, aquele fogo. Ela poderia ser jovem e destemida de novo.

— Olhe pra mim — disse Cole.

Ela não queria olhar, não queria cair na real mais uma vez, mas, enfim, í ela abriu os olhos e pôde ver que ele também se lembrava. — Foi bom — ele murmurou.

— Foi espetacular.

— Finalmente concordamos em alguma coisa. Isso é um começo.

— Um começo de quê?

Cole hesitou por pouco mais de um segundo, o que acabou revelando mais do que ele poderia dizer.

— Esqueça — ela disse, antecipando outra rejeição. — Essa é uma

conversa inútil. Não podemos voltar e não podemos começar de novo. Somos pessoas diferentes agora. E o que tínhamos se acabou.

— Não parecia assim um minuto atrás.

Ela afastou-se dele e arrumou a blusa amassada, como se quisesse apagar a memória das mãos dele tocando os seios dela. Mas, na verdade, ainda estavam formigando, bem como seus lábios ainda estavam quentes e, por dentro, ainda ardesse de desejo e necessidade. Todavia, não lhe diria nada.

Cole sentou-se no banco do motorista, as mãos na direção, mas não tentou ligar o carro.

— Significou muito pra mim, Natalie, aquela noite no carro, aquele Natal e as outras vezes também. Nunca foi apenas sexo com você; queria que soubesse disso.

Ela respirou fundo, sentindo que perigava perder o fôlego novamente.

— A gente devia ir embora agora mesmo e você devia parar de falar antes que diga algo de que se arrependa.

Ele virou-se para olhá-la.

— Não fui honesto contigo antes, Natalie.

— Cole, não quero conversar sobre isso agora.

— Mas nós temos. Dylan disse algo pra mim ontem no clube, sobre como eu deixei claro pra você que estava tudo acabado entre nós e que você não iria desistir. Não foi bem assim. — Fez uma pausa. — Agora sei que estava lhe mandando sinais ambíguos. Havia muita coisa no ar. Eu estava mentindo pro meu pai a respeito dos planos de carreira, tentando negociar um emprego fora do país, de modo que ele pensasse que já estava tudo acertado. Eu estava mentindo pra minha mãe sobre a compra de um apartamento em São Francisco e andava evitando a Emily, pra que ela não me pegasse mentindo. E pior: eu estava mentindo pra mim mesmo, fingindo que a nossa relação era um caso qualquer, porque, se eu acreditasse que fosse algo a mais, talvez tivesse de desistir dos meus planos. Talvez você me empurrasse pra uma vida que eu não queria.

— Acho que ter-lhe dito que o amava não ajudou — disse, agora compreendendo melhor as coisas.

— O amor tem muitos fios, Natalie. Tive medo de ficar preso em um desses fios e nunca mais encontrar a saída.

— Então, cortou-os.

— Gostaria de ter feito isso, mas ambos sabemos que eu acabei afrouxando mais e mais o arreio, confundindo você e as minhas intenções.

— Esperando que eventualmente eu soltasse a mão. Entretanto, sou tão persistente quanto você quando quero alguma coisa e eu o queria. Não podia ver as coisas como eram. Gostaria que tivesse me contado isso antes. Pensei que tinha feito algo errado. — É quase ficara maluca, tentando adivinhar as intenções de Cole, pensando em como ela tinha acabado com a melhor coisa na sua vida.

— Não fez nada de errado. Eu fui um imbecil, infantil. Não sabia como terminar um namoro. Não sabia como mandar parar, diminuir o ritmo, então passei a evitá-la.

Ela pensou naquilo por um instante e teve de perguntar:

— Você mudou mesmo, Cole? Pra um homem da mídia, é notável a sua incapacidade de comunicação.

Ele deu um sorriso de autopunição enquanto balançava a cabeça.

— Tem razão. Ainda não gosto de terminar um namoro. É embaraçoso.

— E não é embaraçoso ficar com alguém de quem você não gosta?

— Sempre estou ocupado — disse com um dar de ombros. — Outra coisa que temos em comum, Natalie. E não me lembro de você ter terminado comigo. O que aconteceu com os direitos iguais entre os sexos?

— Eu não queria terminar com você, seu burro! — exclamou. — Estava apaixonada por você, só Deus sabe o porquê. Você era impaciente, de pavio curto, um chato.

— Vamos lá. Diga o que realmente pensa — ele disse e soltou uma risada verdadeiramente contagiosa. Depois de olhar bastante para ele, ela deu um sorriso e em seguida gargalharam juntos. Estavam aliviando a tensão do dia. Era algo de que ambos precisavam.

— Estou contente que esclarecemos as coisas — disse e deu partida no carro. — Acho que é hora de irmos embora.

— Acho que sim.

Ela deu uma última olhada em sua casa de infância e soube que nunca mais voltaria. Tinha enterrado um fantasma. Era hora de se livrar dos outros.



Capítulo 11



Malone não estava na estação de rádio. Na chegada, descobriram que o evento fora cancelado por motivo de doença. Natalie não acreditou naquilo nem por um segundo. Nem Cole.

— Isso é super frustrante! — disse Natalie, enquanto iam de volta para o carro. — Ele está sempre um passo à frente.

— Acho que agora ele está fugindo. Duvido que ele faça alguma aparição pública tão cedo.

— Então como vamos encontrá-lo?

— Estou certo de que os repórteres de investigação do meu jornal vão achar o rastro dele.

— Até agora eles não o acharam — Natalie lamentou. — Me passe o seu celular.

— Por quê? — perguntou e entregou-lhe o aparelho.

— Porque quero ligar para a agente de Malone. Tem o telefone dela, não tem?

— Sim, procure pelo nome de Malone. O que vai dizer?

— O que deveria ter dito assim que soube do livro — respondeu. O telefone tocou duas vezes antes de uma mulher atender.

— Burke Promoções. Aqui é Tracey.

— Oi, Tracey. Aqui é Natalie Bishop.

Fez-se um breve silêncio do outro lado da linha; em seguida Tracey disse:

— Desculpe, nós nos conhecemos?

— Você deveria me conhecer, mas como diz que não me conhece, vou deixar claro. Sou a mulher que ficou conhecida como Nancy no livro de Garrett Malone.

— O livro do Sr. Malone é uma obra de ficção.

— Sim, pode fingir que acredita nisso, mas não é verdade. Onde ele está,

Srta. Burke? Estou no rádio de Los Angeles e Malone não se encontra em parte alguma.

— Ele está doente. — Tracey apressou-se em dizer. — Teve de cancelar o evento.

— Aposto que está mesmo doente. Bem, pode dar-lhe este recado: Vou processá-lo por calúnia e ele vai desejar nunca ter me conhecido além de se arrepender de ter me acusado de assassinato. — Ela escutou a agente arfar. — Entendeu? E se eu fosse você começaria a procurar outro emprego. Quando eu terminar, não vai sobrar muita coisa para divulgar sobre Malone. — Terminou a chamada satisfeita.

— Sente-se melhor? — Cole perguntou-lhe, enquanto ela lhe devolvia o telefone.

— Na verdade, sim. Sei que queríamos pegá-lo de surpresa, mas como disse antes, provavelmente ele deve estar fugindo, evitando qualquer confronto. — Parou e pensou numa coisa: — Sabe, posso entender por que está me evitando, porém por que evita a você? O livro é sobre vingar a morte de Emily. E você era irmão dela. Teoricamente, vocês querem a mesma coisa e estão do mesmo lado.

— É verdade. Entretanto, não pegaria essa estrada. Ele poderia ter me procurado e ter me dito sobre as suas suspeitas, em qualquer momento, durante esses dez anos. — Cole balançou a cabeça. — Se fosse mesmo sobre vingar a morte de Emily e punir o assassino de Emily, ele já teria feito isso. Deve haver algo a mais.

— Algo escondido, mais sutil — ela concordou.

— Você chamaria esse livro de sutil?

— De certo modo, sim. Não penso que Malone pudesse prever a reação das pessoas ao livro. Me parece que ele quis escrever sobre a Emily de um modo que somente algumas pessoas pudessem perceber que se tratava realmente dela.

— Agora sabemos que não eram poucas pessoas.

— É. — Deu voz a outro pensamento que lhe passava pela cabeça. — Em vez de nos preocuparmos em achar alguém que não gosta de mim, acho que devemos considerar a hipótese de que Malone gostasse, realmente, de Emily, alguém que se envolvera com ela.

— Ele tem uns 40 anos, Natalie.

— Ele quer que a gente pense que ele tem 40 anos. Não esqueça a maquiagem e a peruca. — Ela fez uma pausa. — O que precisamos descobrir, de verdade, é com quem Emily andava saindo pouco antes de morrer. Madison disse que ela estava pensando em transar. Melhor a gente descobrir logo com quem ela tinha se envolvido.

— E o que você sugere que façamos?

— Adoraria encontrar o diário de Emily.

Cole concordou:

— Meus pais chegam amanhã. Hoje à noite seria perfeito que a gente pudesse vasculhar o quarto de Emily. Tenho de adverti-la, Natalie, é um tanto quanto perturbador.

Era muito mais do que perturbador, era terrível. Depois de voarem de Los Angeles, foram direto para a casa dos Parish. Agora que Natalie estava diante da soleira, sentiu como se estivesse voltando no tempo. Tudo era exatamente como se lembrava: a cama com a cortina em volta, amarrada com fitas de cetim, e uma variedade de bichinhos de pelúcia, pequenos tigrinhos, sobre os travesseiros. O carpete era grosso, branco e luxuoso. Uma poltrona forrada com almofadas no estilo otomano estava perto da janela, junto à estante cheia de livros que ia até o teto e, do lado oposto, a TV, o aparelho de som e o computador de dez anos antes. Fotos de amigos e pôsteres tirados de revistas de adolescentes ainda estavam fixos no mural de cortiça numa metade de parede. E tudo estava imaculadamente limpo.

Natalie engoliu em seco, subitamente triste. Nunca mais Emily poria os pés naquele quarto. Não apareceria contente, os olhos castanhos brilhando, o rosto vermelho de excitação por alguma ideia nova. Não dormiria na cama, leria os livros, seguraria os bichinhos de pelúcia. Ela fora embora para sempre. Não voltaria mesmo que esse quarto parecesse estar esperando por ela.

Ela virou-se e buscou os braços de Cole. Ele a abraçou firme, apertando a cabeça dela contra o peito.

— Eu sei — murmurou ele. — Sinto a mesma coisa.

Ela fechou os olhos para conter as lágrimas que ameaçavam cair e se esforçou para que as batidas constantes do coração de Cole acalmassem seus nervos. Nos últimos dez anos ela vira pessoas morrerem bem na frente dela. Vira os familiares das vítimas confortarem uns aos outros. Vira verdadeiras tragédias, mas nunca se sentira tão triste como agora.

— Eu a amava — Natalie disse. — Amava-a muito. Era mais do que uma amiga, era uma irmã. E não me refiro à comunidade. Quero dizer que era alguém que podia ouvir o que ia em meu coração. — Levantou a cabeça e olhou nos olhos dele. — Sinto muito, Cole. Sinto que ela tenha partido. Você deve ter tantas saudades dela!

— Tenho mesmo — disse apressadamente. Os olhos úmidos. — Por isso, nunca entro aqui.

— Quem é que entra aqui? Quem mantém este quarto arrumado? A sua mãe?

Ele anuiu.

— Ela costumava vir toda noite. Às vezes, deitava-se na cama de Emily, segurava estes tigrinhos e chorava. Dava pra escutar do meu quarto, no fim do corredor. Era... horrível. — Ele abraçou-a mais forte.

— Você não podia deixar que eles percebessem que estava triste, não é?

— ela perguntou. — Tinha de bancar o mais forte.

— Alguém tinha de ser. Não entendia por que aquilo tinha acontecido. Num minuto Emily estava aqui e no minuto seguinte não estava mais. Ela tinha tanto pra dar ao mundo. Tanta vida! Não chegou a se casar nem a ter filhos. Não pôde seguir uma carreira, ter seu apartamento, viajar pra Europa. Ela morreu muito jovem. Não é certo isso. Se alguém nessa família devia morrer era eu. Já tinha visto duas vezes mais coisas na vida do que ela.

Natalie podia ouvir as batidas do coração dele pulsando ao ritmo das palavras. A vida não era justa. Pessoas jovens morriam todo dia. Mas saber disso não facilitava as coisas. Ela deu-lhe um beijo terno. Cole respondeu ao beijo como se fosse um salva-vidas e ele estivesse se afogando. Ela sentiu prazer em confortar-lhe, pois também ela precisava daquilo, de estar unida a Cole, de amá-lo, de viver.

Quando Cole levantou a cabeça, a sua expressão era de melancolia e gratidão.

— Obrigado.

— De nada. Melhor a gente procurar o diário. A menos que você não queira... Eu também não desejo desarrumar as coisas por aqui. > — Vamos tomar cuidado. Devemos à Emily a verdade.

Natalie se desvencilhou dele ao mesmo tempo em que respirava

fundo.

— Por onde começamos?

— Pelo closet. Acho que a minha mãe colocou as coisas da faculdade em caixas.

Natalie estava aliviada de ouvir aquilo. Ao entrar no closet, não havia tantas lembranças assim. Abriu a porta e encontrou quatro caixas pelo chão com roupas de Emily de dez anos atrás.

— Não acredito que a sua mãe ainda não doou estas roupas.

— Ela diz que é a única coisa que tem de Emily. Sei que é meio doentio. Mas ela melhorou com o tempo. Meu pai está sempre a levando pra viajar e ela se ocupa com caridade. Todavia, parece que quer deixar este quarto como está. Não posso culpá-la, posso?

Natalie pousou a mão no braço dele, em sinal de apoio.

— Claro que não. Ela é sua mãe e está lidando com a dor como sabe. E este quarto não está causando dor a ninguém. Você não mora mais aqui, certo?

— perguntou, percebendo, subitamente, que não fazia ideia de qual seria a resposta.

— Não, por Deus! Me mudei pro meu apartamento anos atrás.

— Que bom.

Natalie se ajoelhou e abriu a primeira caixa. Cole foi para trás dela e abriu outra. Por algum tempo, vasculharam as coisas de estudante de Emily. Natalie se lembrava de muitos itens. Poderia vê-los no alojamento e depois na casa do clube.

— Veja isto — Cole disse rapidamente, puxando três volumes amarrados.

Natalie se animou com a possibilidade de finalmente encontrar algumas respostas. Porém, a empolgação acabou assim que viu a data nos livros.

— Estes são livros de antes de ela entrar pra faculdade — disse, desapontada. — Me lembro de que Emily os trouxe porque não queria que sua mãe os visse. Acho que ela deve ter escrito algo íntimo neles.

— Vamos continuar procurando.

Vasculharam as outras caixas, mas não acharam nada. O diário de

Emily da época da faculdade não estava em nenhum lugar.

— Deve estar com ele — comentou Natalie.

Cole se esticou, as costas contra uma das paredes.

— Malone?

— Quem mais?

— Madison ou Laura.

— Não creio. — Natalie parou um pouco para pensar em tudo o que tinham aprendido. — E Drew? Madison disse que Drew foi para o quarto de Emily naquela noite. Pode ser que tenha pegado o diário.

— Quando foi que ela disse isso? — ele perguntou abruptamente.

— Eu não contei? Nós três jantamos juntas a noite passada.

— Não, não me contou — ele aborreceu-se.

— Relaxe. Nada de muito proveitoso saiu dali. Exceto esse detalhe sobre Drew. Mas vai além da minha compreensão por que ele tomaria o diário.

— A menos que Emily tenha escrito algo sobre ele, algo que ele queria que ninguém soubesse. Uma vez você me disse que todo mundo sabia sobre a existência do diário, que ele poderia ser usado pra chantagear.

Natalie refletiu.

— Verdade.

— Se o diário de Emily está dando sopa por aí, não podemos deixar de examinar a casa de Laura.

— Vou ligar pra ela, assim que chegar em casa — Natalie acatou. — E pedir-lhe que procure. Pode ser uma boa hora pra isso, pois lembra que Drew disse que ia viajar?

— Dylan está fora da cidade? — Madison perguntou desanimada. Sentou-se num banquinho de bar, definitivamente exausta. Tinha vindo direto do trabalho para o clube de Dylan, decidida quanto às 24 horas de prazo que dera a ele e era o momento de dar o segundo passo. Estava fora de seus planos essa viagem de Dylan.

— Sim — murmurou com um brilho nos olhos. — Enquanto você conversa com a Laura, vou contatar os repórteres. Pode ser interessante descobrir pra onde ele foi.

— Serve eu? — um homem perguntou. Sentou-se perto dela com um sorriso largo no rosto. — Não pude deixar de escutar. Não sou Dylan, mas sou quase tão bom quanto ele.

Reconheceu-o instantaneamente: Josh Somerville, o irmão gêmeo de Dylan. Como sempre, se surpreendera de que duas pessoas de personalidade tão diferentes pudessem dividir os mesmo genes. Josh era alegre, entusiasmado, cabelos dourados, olhos azuis vivos, dentes brancos como pérola e um sorriso que dizia: "Venha, a água está boa". Não havia nenhum traço do jeito escuro e perigoso de Dylan, que parecia dizer: "Não mexa comigo". Mas por algum motivo o "menino dourado" não a atraía, o que era uma pena. Fazia tempo que não ficava com ninguém. Algumas pessoas se surpreenderiam com isso, mas ela estava selecionando mais as companhias.

— Oi, Josh. Faz tempo que não nos vemos.

— Você está ótima, Madison! O que a trouxe ao Club V?

— Queria ver um número de mágica.

— Verdade? Pensei que estivesse procurando meu irmão. — Fez um gesto ao barman para que trouxesse cerveja. — Posso oferecer-lhe um drinque?

— Quero um Martini, obrigada.

— É uma bebida sofisticada.

— Eu sou uma mulher sofisticada. Suponho que não saiba onde anda seu irmão.

— Acho que foi pra Los Angeles. Não tenho muita certeza. Ele viaja muito.

— Foi fazer o quê? Pensei que estivesse ocupado com o clube.

Josh deu de ombros.

— Não faço ideia. Ele não me conta muita coisa. E essa comunicação í intuitiva que dizem que os gêmeos têm não acontece entre a gente.

— Isso deve ser uma bênção. Não posso imaginar como é o cérebro do Dylan. — Fez uma pausa e o barman distribuiu as bebidas. — Ele nunca gostou de mim. Mas agora acho que posso fazê-lo mudar de ideia.

— Ele é muito teimoso quando se decide a respeito de uma pessoa. Isso o torna um amigo leal e um inimigo maldoso.

Ela considerou o comentário com a azeitona na boca.

— E o que ele era de Emily? — Queria saber o quanto Josh sabia.

Josh parou de sorrir.

— Eram bons amigos.

— Um pouco mais do que amigos, talvez? — Ele desviou o olhar e ela sentiu que teria uma resposta. — Não é mesmo, Josh? Sabe do que eu estou falando?

— Do que está falando? — perguntou, seco, virando-se para ela.

— Sei que Dylan era amarradão nela. Era louco por ela. Eles passavam muito tempo juntos, muito tempo a sós juntos.

— Emily não era esse tipo de garota.

Madison balançou a cabeça, surpresa com a sua ingenuidade.

— E que tipo de garota era? Que queria amor, sexo e paixão? Porque Emily era igualzinha a todas as garotas no que diz respeito a isso. Não era uma santa, era uma mulher.

— Era a nossa vizinha, nossa amiga — disse Josh, com a voz emocionada.

— Dylan e Emily tinham uma relação especial muito longa.

— O que era tão especial? — perguntou Madison, inesperadamente ciumenta.

— Emily tinha passado muito tempo doente quando criança, então ela vivia trancada no quarto. Os Parish não deixavam nem que os amiguinhos a visitassem de medo que ela se contagiasse. Porém Dylan não se intimidou. Ele costumava subir na árvore perto da janela do quarto dela pra vê-la. Fazia truques pra ela. Ela era seu melhor público, acredite. Todo mundo se cansava dele rapidinho. Mas Emily não. Ela sempre queria ver outro truque. E ele ficava muito feliz com isso. — Josh balançou a cabeça e tomou um gole da cerveja. — Cole e eu preferíamos praticar esporte, mas Dylan gostava de ler. Chegou a escrever poemas e histórias pra ela, acredite ou não. Fazia qualquer coisa pra diverti-la. Ela era a princesa na torre e ele estava determinado a resgatá-la do tédio. Essa era a missão dele. Pelo menos, até que ela melhorou e começou a sair de casa. Eles se afastaram por um tempo. Dylan foi pra Santa Cruz e acredito que eles voltaram a ser amigos nos dois anos em que Emily morou lá.

Madison tinha dificuldade em ver o rapaz de motocicleta, o bad boy

Dylan, escrevendo poemas, mas nada sobre ele era normal. Havia algo de curioso no que Josh dissera. Então percebeu o que era:

— Você disse que Dylan costumava escrever?

— Sim, principalmente sobre magia, cavaleiros em volta da tábua, esse tipo de coisa. Agora ele usa essas histórias nos jogos de realidade virtual. Já testou algum?

— Na verdade, sim — disse, sem se preocupar em explicar qual era. Ela tinha mais interesse em não perder o fio da meada do que estavam falando. — Quer dizer que diria que Dylan leva jeito pra escrever?

Josh levantou a sobrancelha:

— O que está insinuando?

— É simplesmente uma pergunta.

— Nada é simples pra você, Madison. Sei que Dylan sempre achou que você tinha um propósito escondido. Por que não me conta logo o que está escondendo?

— Está bem. Você pensa que Dylan escreveu *Fallen Angel*, o livro sobre Emily e a gente?

Josh ficou de boca aberta. Ou ele nunca cogitara a hipótese, ou era um grande ator.

— Você enlouqueceu?

— Não, Josh. Obviamente você sabe sobre o livro.

— Falei com Cole antes. Mas você enlouqueceu, Madison. Dylan não tem nada a ver com o livro. Ele amava Emily. Não seria capaz de fazer uma coisa dessas com ela.

— Será? Pense nisso, Josh. Quem melhor do que o cavaleiro de branco pra vingar a morte da princesa na torre?

Laura inclinou-se na cadeira de escritório e observou o extrato bancário. A data era de oito meses atrás e havia um depósito estranho de 15 mil dólares. De onde será que provinha? E por que ele nunca comentara nada? E, sobretudo, o que ele tinha feito com o dinheiro, já que havia uma retirada, no mesmo valor, no dia seguinte?

Ela jogou o papel embaixo da escrivaninha e olhou para o retrato dela com o marido no dia do casamento. Eram tão jovens, tão apaixonados, com tanta confiança um no outro. Agora aquela confiança estava em risco, bem

como o amor. Poderia haver um sem o outro? Queria chorar, mas não conseguia. As meninas estavam no andar de cima e ela não queria que soubessem que estava chateada. Não faria da dor dela um sofrimento para as crianças. Nunca gostara quando sua mãe reclamava sobre o pai ou o casamento. Sempre se sentia embaraçada e de algum modo desleal ao pai. Não colocaria as suas filhas no mesmo papel. Porém, precisava conversar com alguém.

Casualmente, o telefone tocou. Hesitou por um segundo, ao pensar que fosse, enfim, Drew retornando a ligação. Ela queria conversar com ele. Precisava mesmo, mas tinha medo de perguntar algo para o qual não estava preparada para ouvir a resposta. Outro toque e ela atendeu, ainda incerta do que diria se fosse Drew.

Era Natalie. Laura respirou aliviada.

— Preciso que procure algo pra mim — pediu Natalie. — O diário de Emily. Lembra-se do caderno com capa roxa que ela tinha?

— Claro que lembro — Laura estava confusa. — Por que teria de procurar? Não está comigo.

— Tem certeza? Escute o que tenho pra lhe dizer. Cole e eu acabamos de voltar de Los Angeles. Encontramos um disfarce no quarto de hotel de Malone. Ele é alguém que conhecemos, Laura. Ele está se escondendo de nós.

— Vocês não o encontraram, né?

— Não, nós o perdemos de novo, mas enquanto estávamos na livraria, vi uma estante com diários e me lembrei de que Emily costumava escrever toda noite.

À medida que Natalie explicava que o diário era a base para o livro, Laura foi percebendo onde a conversa ia parar.

— Acha que foi Drew, né? — Não acreditou que tivesse dito isso em voz alta. — Como pode pensar que foi ele? É impossível. Conheço meu marido. — Conhecia mesmo? Será?

— Madison nos contou que Drew esteve no quarto de Emily naquela noite. Pode ser que enquanto esteve lá, pegou o diário.

— Por quê? Por que faria uma coisa dessas?

— Ele costumava dizer brincando que Emily poderia nos chantagear, lembra-se disso? — Natalie fez uma pausa. — Quem sabe Drew tinha algo a esconder, algo a respeito do qual ele pensou que Emily tivesse escrito, algum

comentário. Apenas queria que você procurasse, visse se está enfiado em algum lugar na sua casa.

— Está me pedindo pra espionar meu marido.

— Sei disso. Mas ele não está em casa, certo?

— Ele foi pra Los Angeles a negócios.

— Los Angeles? — Natalie repetiu impetuosamente. — Ele foi pra Los Angeles? Mas é lá que está Malone.

— É uma cidade grande. Um monte de gente de São Francisco vai pra lá todos os dias. — Laura se desesperou. — Drew não é Malone. Ele não escreveu esse livro. Ele é um advogado. E meu marido. E pai das minhas filhas. Eu confio nele.

Houve um grande silêncio do outro lado da linha.

— Entendo, Laura. Me desculpe. Tem razão, não pode ser Drew.

Talvez porque Natalie tivesse recuado, porque tivesse feito o papel de amiga leal, priorizando os sentimentos de Laura em detrimento aos seus... fosse qual fosse o motivo, Laura acabou dizendo:

— Espere. — Respirou fundo, desejando não se arrepender do que diria a seguir: — Vou procurar o diário.

— Mas você acabou de dizer que...

— Eu sei o que eu disse. Vou procurar assim mesmo.

Laura desligou e olhou para o extrato bancário. Ela havia encontrado 15 mil dólares que surgiram inexplicavelmente na conta dele. Só faltava encontrar o velho diário roxo com segredos que poderiam incriminá-lo. Isso porque Natalie dissera uma coisa indiscutivelmente verdadeira sobre Drew: que ele faria de tudo para se defender.

Natalie chegou pontualmente ao trabalho na quarta-feira. Eram 11 horas. Depois da confusão emocional das buscas do dia anterior, ela estava aliviada de escapar para o trabalho. Preferia se concentrar nos problemas dos outros em vez dos seus.



Capítulo 12



Quando se aproximava da entrada da sala de emergência, viu um movimento da imprensa e pensou se alguma pessoa importante tinha dado entrada no hospital. Geralmente, a imprensa se aglomerava na entrada principal ou numa das salas de conferência, utilizadas pelo porta-voz do hospital. Estava quase chegando à porta dupla, quando escutou um dos repórteres chamar o seu nome:

— Natalie Bishop? — o homem repetiu.

Ela virou-se surpreendida:

— Sim?

— Você é Nancy Butler do romance *Fallen Angel*?

— O quê? — perguntou atordoada.

— Você estudou com Emily Parish? O livro é sobre vocês duas? — Outro repórter interveio.

— Eu... eu...

— O que pretende fazer quanto às alegações de que você matou a sua amiga?

— Eu... eu tenho de ir — ela se espantou e acabou empurrando os repórteres para dentro do prédio. Eles a seguiram até a sala de espera, mas ela prosseguiu por outras portas e correu direto para o atendimento médico.

— Natalie, estou contente que tenha chegado — disse Rita Mills, tomando-a pelos braços. — Venha comigo. — Ela guiou-a por um bando de enfermeiros curiosos até uma sala vazia. — Os repórteres chegaram há cerca de uma hora. Os pacientes perguntaram de você e alguns estão preocupados se é você quem vai atendê-los. Não entendo por que o interesse da imprensa sobre você. Aparentemente se relaciona com um livro recém-lançado. Espero que possa explicar.

Natalie não sabia por onde começar, mas estava claro, na expressão severa de Rita, que ela não estava contente com a situação. Rita dirigia a emergência com mãos de ferro. Não tolerava erros, trabalho malfeito, ou

médicos que faziam coisas estúpidas nas horas de folga. Até agora Natalie tinha escapado da sua ira.

— Estou esperando — Rita incitou, cruzando os braços sobre o peito.

— O livro conta uma história que se assemelha a um evento que aconteceu quando eu fazia faculdade — respondeu. — É um livro de ficção, não é verdade.

— Mas a família do jornal local, os Parish, está envolvida?

— Sim. Fiz faculdade com a filha deles, Emily. Ela morreu enquanto estávamos na escola. Foi um acidente.

— Uma das enfermeiras me contou que o livro sugere que você está envolvida na morte dela.

— Não a machuquei. É nesse ponto que o livro se distancia da verdade.

— E o fato de ter-lhe fornecido medicamento sem receita médica?

Natalie procurou ar. As fofoqueiras do hospital fizeram um bom trabalho.

— Também não fiz isso.

— Você trabalhava no centro médico da faculdade, não é?

— Sim, mas não roubei ou receitei drogas de modo indevido.

— Pode provar o que diz?

— Não tenho de provar nada. As acusações foram escritas num livro que tem o fim de entreter.

Rita olhou para ela por um momento:

— Você é uma excelente médica, Natalie. Não quero perdê-la. Mas acho que precisa tirar uma licença, uns dias de folga para resolver isso. Pode começar a partir de agora.

— Tem razão: sou uma excelente médica — Natalie disse agressivamente. — E esse livro não passa de um monte de besteiras. A polícia investigou a morte de Emily na época. Concluíram que foi um acidente. O caso foi encerrado. Nunca houve nenhuma cobrança ou mesmo suspeita sobre o meu desempenho como profissional no centro de saúde. — Sentiu raiva porque Rita permanecia sem se mover. — Não acredito que está permitindo que um romance reavalie a sua opinião sobre mim. Trabalhamos juntas por três anos. Você me conhece, Rita. Sabe que tipo de

pessoa eu sou e, mais ainda, sabe que tipo de médica eu sou.

— E você me conhece, Natalie. Faço o que for preciso para que esse departamento funcione direito e neste exato momento você está causando uma grande comoção. Também recebi um telefonema de Bennett meia hora atrás. Ele quer que eu cuide disso.

Aquilo era típico da administração hospitalar.

— Não fiz nada errado.

— Tenho certeza que não, mas precisa encontrar um modo de resolver esse problema e reparar a sua reputação. Não tenho de lembrá-la de que um médico deve estar acima de qualquer suspeita. Principalmente, em se tratando de uma profissional mulher. Resolva isso.

— Que merda! — Natalie xingou, assim que Rita a deixou sozinha. Não dava para acreditar no impacto que aquele livro estava tendo sobre a sua vida. Ao olhar pela sala, observando os instrumentos e as máquinas conhecidos, teve muito medo de que perdesse tudo aquilo. O hospital era o seu lar. Os médicos e as enfermeiras, a sua família. A sua carreira era tudo. Ela dizia a si mesma que aquilo não poderia acontecer, não aconteceria. Ela não tinha culpa de nada. Mas teria de achar um modo de provar. Tinha de fazer o que Rita mandara.

Cole examinava um papel em cima da mesa de trabalho. Já havia lido duas vezes, mas ainda não entendia. Seu primo Marty estava sentado na frente dele. Um tipo magro, nervoso, de 20 e poucos anos, Marty geralmente não entregava nada em mãos a Cole, porém, hoje, ele tinha feito isso. Limpava a garganta a cada trinta segundos, obviamente preocupado com a reação de Cole. Tinha boas razões para isso.

— O que é isso? — Cole perguntou num tom que mal continha a sua raiva. Olhou para Marty; tinha ganas de bater nele. Estava cansado. Não dormira a noite toda, tentando resolver o quebra-cabeça de Malone, o romance, a morte de Emily e o envolvimento de Natalie.

— Temos de cobrir esta história — disse Marty, firmemente. — É notícia.

— É notícia velha. Emily morreu dez anos atrás.

— Sei disso, mas o livro saiu agora. Queria que tivesse me informado sobre isso antes. Fiquei chocado quando uma fonte do Entertainment Tonight me disse sobre o programa que exibirão hoje à noite. A chamada é: "O que realmente aconteceu com Emily Parish, filha dos famosos editores?".

— Merda!

Depois da conversa que teve com o pai, Cole intuiu que a notícia ia vazar. Ele esperava ter mais alguns dias, antes que isso acontecesse, tempo suficiente para localizar Malone. Pelo visto, não aconteceria. Quem tinha dado o alerta? De onde surgira o burburinho? Sabia que não tinha sido nem ele nem Natalie.

— Este breve artigo tem uma série de detalhes pra nos manter no jogo — disse Marty.

Cole ignorou a proposta e se inclinou para trás na cadeira.

— Quero continuar calado no momento.

— Não podemos fazer isso. A integridade do jornal está em jogo. Não podemos deixar que os outros jornais cubram uma história que é sobre a gente.

— Interrompeu para tossir de nervoso. — Sabe que as vendas estão caindo desde o ano passado. Todo dia a nossa circulação cai um pouco mais. Temos jornalistas no mundo todo, mas quase ninguém cobre a nossa cidade. E agora isso. Se nos recusarmos a falar sobre o livro, podemos ficar à beira do abismo.

Cole ouviu cada palavra de Marty. Mas era sobre Emily de que tudo se tratava.

— O melhor jeito de mostrar a nossa versão é deixar que as pessoas saibam que estamos conduzindo o caso — Marty argumentou.

Sabia que Marty estava certo. Eles tinham que se posicionar e esse era o melhor modo de se comprometer.

— OK, publique. Mas não vamos dar nenhum outro comentário até que entrevistemos o autor do livro.

Assim que Marty saiu da sala, Jack Hinkley entrou. Jack era um repórter investigativo de uns 50 anos, que trabalhava para o jornal ocasionalmente. Agora estava tentando encontrar Malone. Ele fechou a porta e sentou-se diante de Cole.

— Malone sumiu do radar — disse de supetão. — Ele cancelou todas as aparições públicas. Sua agente pediu demissão ontem, quando tomou conhecimento de que Malone distorceu os personagens e os fatos no livro. Ela disse que não sabe onde ele está nem mesmo quem ele é. Aparentemente todo o contato entre eles fora por telefone ou e-mail.

— O seu editor deve saber quem ele é.

— Toda a correspondência foi feita pelo correio. Quem atende ao

telefone é uma secretária eletrônica. O copyright foi feito no nome de uma empresa com o CNPJ. Estou revelando o que descobrimos, mas é evidente que esse cara quer manter a sua identidade secreta. Não há dúvida disso.

Claro. Malone tinha planejado esse cenário cuidadosamente, a ponto de usar um disfarce. Por mais que Cole quisesse ignorar a insinuação de Natalie, a de que Dylan estivesse envolvido, ele tinha de admitir que a situação, como um todo, cheirava à obra de Dylan. Não que ele pudesse perceber algum motivo por que escreveria tal livro. A menos que Dylan quisesse culpar Natalie pela morte de Emily. Será que ele teria escrito o livro para puni-la por um crime do qual ele julgara ter se livrado?

— Malone é um fujão de merda, mas vou encontrá-lo — Jack continuou, chamando a atenção de Cole, novamente, para o problema. — Simultaneamente, andei verificando a respeito do outro nome que me deu ontem à noite. — Consultou as anotações. — Drew McKinney. — Parou um instante para olhar para Cole. — Ele foi bem longe das suas raízes de morador de um trailer em Modesto. O pai dele tem um histórico de viciado em jogo. A mãe é cabeleireira. Eles não vivem bem, mas McKinney sim. Ele é um advogado bem-sucedido e ambicioso que entrou para uma boa família.

— Sei disso. O que não sei é o que andou fazendo ano passado.

— Viajando boa parte do tempo. Está em Los Angeles no momento.

— Onde supostamente está Malone — disse Cole, balançando a cabeça e se lembrando da conversa entre Natalie e Laura a noite anterior. — Tente descobrir se qualquer uma das outras viagens coincide com o roteiro de Malone.

— Já estou cuidando disso. Entrarei em contato quando tiver mais detalhes. Alguma outra pessoa que quer que eu investigue?

Cole hesitou, pensando em Dylan, mas decidiu que não. Dylan era seu melhor amigo. Se havia alguma investigação a ser feita, ele mesmo a conduziria.

— Certo, então. — Jack se levantou. — Emily era uma boa menina. Me lembro dela sentada na cadeira do seu pai, desenhando. Foi uma tragédia o que aconteceu com ela. Vou fazer de tudo para ajudar a sua família.

— Obrigado pela consideração.

Assim que Jack saiu da sala, tocou o telefone de Cole. Sentiu um frio na barriga quando identificou a chamada. Não queria atender, mas soube que estaria apenas adiando o inevitável.

— Oi, pai. Está em casa?

— Não, estou no hospital — respondeu. — Tem uma multidão de jornalistas na frente da nossa casa. Sua mãe teve um treco quando lhe perguntaram sobre o assassinato de Emily... — A voz de Richard Parish era um misto de raiva e pesar. — Pensei que tivesse lhe dito pra cuidar disso antes de a gente chegar.

— Estou tentando — disse, mas sabia que a resposta não satisfazia a nenhum dos dois.

— Tente com mais afinco.

O pai dele desligou antes que pudesse perguntar qual era o hospital. Ele confiou em Deus que não fosse o St. Timothy's.

Natalie permaneceu sentada no carro dentro do estacionamento do hospital por uns bons cinco minutos. Parte dela queria voltar para a sala de emergência e convencer Rita a deixá-la trabalhar. A medicina era o que fazia melhor. O hospital era seu refúgio, seu porto seguro, que agora tinha sido invadido pela imprensa. De onde diabos eles vieram? O que tinha acontecido, entre ontem e hoje, para que a imprensa fosse alertada? Talvez Cole soubesse. Ele era a mídia. E isso a fez pensar: algum daqueles jornalistas era do Tribune? Certamente Cole não cobriria a matéria, cobriria?

Mas talvez ele tivesse de cobrir. Ele era um homem da mídia, responsável pelo maior jornal da cidade. Mais do que ninguém, ela sabia que ele levava as suas obrigações profissionais e com a família bem a sério. Se tivesse de escolher entre a família e ela, ela não tinha dúvidas para que lado ele penderia.

Ligou o carro e saiu do estacionamento. Não adiantava nada ficar sentada pensando e ela odiava perder tempo, o que tornava a possibilidade de voltar para casa bastante desagradável. Estaria silencioso lá, muito silencioso. E não havia nada para fazer. Ela precisava agir, resolver as coisas, como dissera a sua chefe.

Mas primeiro... ela precisava de um amigo. Há muito tempo tomara consciência disso. Ao longo dos anos, disse a si mesma que confiar em alguém era simplesmente uma estupidez. A mãe dela a desapontara inúmeras vezes, sem contar os outros parentes que entraram e saíram de sua vida o mais rápido que podiam. Ela tinha de se lembrar de que estava bem sozinha. Estava em apuros somente quando abria a guarda — como havia feito com Emily, Laura e Madison e principalmente Cole. Ele derrubou o muro de proteção como se fosse feito de marshmallow. Ela deixou que ele invadisse a sua vida, o seu coração e ela pagou um preço alto por poucos meses de amor. Levou um tempo até que o reconstruísse de volta e ela pensava que tinha ficado forte e impenetrável. Agora estava balançando novamente.

Analizou depressa a vida passada com as amigas e Cole. Tinha fome daquela vida como se estivesse de dieta por muito tempo e, de repente, visse um suculento pedaço de bolo de chocolate. É só um pedacinho, disse para si, mais uma conversa ou outra, era tudo de que precisava. E não veria Laura somente por causa da amizade; tinha de falar-lhe sobre o diário.

As suas conclusões continuaram durante todo o caminho para a casa de Laura. Natalie pensou em voltar mais de uma vez, mas continuou dirigindo pelas ruas de três pistas de Atherton. Estacionou em frente da casa bonita de Laura, saiu do carro e caminhou para a porta dianteira. Ao levantar o braço para tocar a campainha, parou para escutar uma música. Era tão doce, tão conhecida. Laura tocava flauta.

Natalie sempre adorara ouvir Laura tocar. Era como se ela afastasse todas as suas inseguranças e dúvidas e lhe restasse apenas serenidade, paz. E como se todo mundo que a ouvisse fosse contagiado por esses sentimentos. A música parou e Natalie tocou a campainha. Abriram a porta pouco depois.

— Natalie — disse Laura, sorrindo. — Que surpresa boa!

— Sei que deveria ter ligado primeiro, mas havia uma multidão de repórteres no hospital e eu tive de sair.

— Havia repórteres onde trabalha? Isso não parece ser coisa boa. Entre.

— Ela gesticulou para que Natalie entrasse e fechou a porta. í — Acabei de ouvi-la tocar — disse Natalie, ao ver a flauta na mesinha da sala. Ela foi até lá e pegou o instrumento. — Essa é aquela que você tocava na faculdade, não é?

— Sim. Comecei a tocar de novo uns dias atrás. Estou enferrujada.

— Parecia ótima.

— Verdade? — Laura perguntou um tanto insegura. — Não diz isso só pra me agradar, não é? Não precisa. Faz dez anos que não toco. Sei que não estava bom.

— Você sempre teve um domínio natural do instrumento. Os únicos concertos de música clássica a que assisti foram nos tempos da faculdade, quando insistia pra que a gente fosse.

Laura sorriu:

— Queria que tivessem um pouco de cultura.

— Eu precisava. Então por que não continuou?

Laura pegou o instrumento da mão dela e guardou-o no estojo.

— Não houve nem tempo nem espaço pra música depois que Drew e eu ficamos juntos. Primeiro foram os planos pro casamento. Aquilo me tomou muito tempo no último ano da faculdade. Depois, quisemos ter filho logo e Drew fazia faculdade de direito; a vida era uma loucura. Desisti. Eu não ia seguir a carreira de musicista mesmo.

— Mas era boa o bastante pra isso.

— Provavelmente não era. Mesmo se tivesse talento, não teria a força de vontade. Desde sempre coloquei na cabeça que encontrar um marido, me casar, ter uma família era tudo de que precisava.

Natalie concordou, lembrando-se de tantas discussões a respeito daquele assunto. Elas queriam que Laura desse um tempo. Ela não precisava se casar logo. Tinha tempo para ser jovem e boba. Mas Laura escutava as amigas por um ouvido e escutava a mãe pelo outro, que lhe dizia que devia encontrar um homem bom, porque ela não era suficientemente inteligente para se virar sozinha. Natalie não ligava muito para os pais de Laura, nas poucas ocasiões em que se encontraram, muito porque eles sempre deixavam Laura para baixo, fazendo troça dela. — Você se deixou influenciar demais pela sua família. Sempre foi mais inteligente do que seus pais achavam.

— Talvez não. Veja onde estou agora: nesta casa perfeita, com uma família perfeita, mas não estou feliz. — Piscou rapidamente, a boca tremeu.

— Laura, o que há de errado?

— Está tudo errado. Era pra ser o contrário, mas não. E não sei o que fazer.

Natalie segurou a mão da amiga e puxou-a para o sofá.

— Vamos sentar e aí você me conta quais são as suas possibilidades.

— Não sei quais são as minhas possibilidades — Laura reclamou. — É esse o problema. Me sinto numa cilada em que eu mesma me meti. — Fez uma pausa. — Procurei o diário como me pediu; não o encontrei, mas achei outra coisa. — Laura respirou bem fundo e continuou: — Fizemos uns depósitos e retiradas estranhos na minha conta. Tem que entender que não acompanho as movimentações financeiras. É Drew quem faz isso. Ele é quem paga as contas. Ele sempre se gabou de ser o provedor. Eu tenho tanto o que fazer que nunca me opus. Mas verifiquei os extratos e não sei de onde vem esse dinheiro nem pra onde foi.

Natalie não gostou nada daquilo, mas queria ser amigável.

— Podia ser algo legal, bônus no trabalho.

— Tem razão. Sei que ele ganha bônus em grandes casos, então pode muito bem ser isso. Apenas não gosto do fato de ele não me ter dito nada. Quinze mil dólares que entram, quinze mil dólares que saem. O que foi que ele pagou? Não entendo.

— Talvez devesse perguntar a ele.

— Ele só volta amanhã. Não vou perguntar por telefone. Honestamente, tem muita coisa que quero conversar com ele, mas Drew tem andado muito irritadiço ultimamente. Não digo nada certo. Acho que ele pode estar tendo um caso.

— Espero que isso não seja verdade.

— É minha culpa. Tento me manter em forma, mas eu como muito e...

— Pare com isso. — Natalie cortou-a deliberadamente. — Se Drew está í tendo um caso, isso não tem nada a ver com você e tudo a ver com ele. Pra mim você é a mesma com mais cinco ou mais 50 quilos. Não pode se culpar pelas atitudes de seu marido.

— Você sempre vê tudo preto no branco, as coisas são mais complicadas

— disse Laura, um tanto lamentosa como sempre.

— É você quem complica, Laura.

— Provavelmente sim. — Laura hesitou, dando-lhe um olhar observador. — Acha que as pessoas podem desapaixonar? Ou pensa que o verdadeiro amor é pra sempre?

Natalie não sabia o que responder.

— Não sou conselheira sentimental, Laura, mas acho que dá trabalho manter um relacionamento. Vai haver bons e maus momentos ao longo dos anos.

— Eu estava ouvindo um talk show e tinha uma mulher que era casada há 40 anos e eles perguntaram pra ela qual era o segredo. Ela respondeu: "A gente nunca se desapaixonou ao mesmo tempo. Sempre um dos dois tentava segurar as pontas". Eu acho que sou a única que estou segurando as pontas no momento. Na verdade, às vezes penso que Drew quer que eu o pressione. Quer uma desculpa pra estourar comigo e ter um caso ou ir embora, mas tem algum motivo egoísta que o impede. Meus pais o adoram pra valer, mas não gostariam tanto se ele me abandonasse. Por outro lado, se soubessem que fui eu quem ferrou com tudo, provavelmente eles

ficariam do lado dele. — Laura suspirou.

— Me desculpe. Você não tem que ficar ouvindo os meus problemas conjugais.

— Não me importo. Queria poder dar um bom conselho, mas não entendo nada de casamento. A única coisa que sei é que precisa ser feliz, Laura. Não pode esperar que outra pessoa a faça feliz. Não pode continuar procurando o apoio de pessoas que não querem apoiá-la. Tem que partir de você mesma.

Laura olhou para ela bem séria:

— Você é tão inteligente!

— Não, apenas tive mais experiência com pessoas que não me apoiaram. Me parece que você fica tão ocupada cuidando da vida alheia que se esquece de cuidar da sua. Tem que pensar em si.

— Curioso que diga isso. Vi um anúncio de audições para a orquestra local. Coisa de cidade pequena. A orquestra se apresenta em centros de lazer nos fins de semana e durante as férias.

— Você vai tentar?

— Não deveria.

— Acho que é uma ótima ideia.

— Minhas filhas vão pensar que eu perdi a cabeça.

Natalie balançou a cabeça.

— Penso que elas vão se orgulhar da mãe. As crianças querem se orgulhar dos pais. Sempre quis que a minha mãe tivesse a vida dela, em vez de depender de algum namorado.

— Você nunca cometeria esse erro — Laura disse sorrindo. — Nunca viveria para algum cara.

— Com certeza, vou morrer sozinha.

— Acho que não. — Fez uma pausa. — Bem, vou pensar. Os testes serão daqui a uma semana e preciso ensaiar. Ei, quer um café?

— Adoraria. — Natalie seguiu Laura pelo corredor até uma cozinha grande e luminosa. Sentou-se num banquinho na bancada central. — É muito bonita a sua cozinha.

— Obrigada. Fizemos uma reforma uns anos atrás.

Laura ligou a máquina de café, enquanto Natalie observava ao redor. Havia ímã de geladeira prendendo fotos e letrinhas coloridas. Para todo lugar que olhasse havia indícios de uma família. Muito embora estivesse com problemas no casamento, Laura ainda tinha uma bela vida.

Natalie ficou sentida ao pensar que nunca teria uma vida normal como essa. E de repente era o que ela mais queria. Nos últimos dez anos ela não pensara em nada a não ser na carreira. Agora, por um instante na cozinha de Laura, Natalie desejou ter mais, principalmente um marido, crianças, um lar para chamar de seu. Ela afastou o pensamento, porque o homem em que pensava se parecia com Cole e aquilo era uma ideia muito maluca.

— O que foi? — Laura perguntou.

— Nada.

— Vamos esperar pelo café lá embaixo. Tenho algumas coisas no porão que acho que não vê há muito tempo.

Laura a levou para um lance de escadas perto da cozinha. O porão era semiacabado, numa metade dele havia coisas de artes e ferramentas, e na outra metade, muitas caixas, malas e baús. Em cima de uma mesa, no meio da sala, havia uma pilha de livros. O coração de Natalie disparou diante daquela visão. Laura sempre fora a rainha do álbum de recortes e registrava tudo em Santa Cruz.

Natalie abriu um dos livros. As primeiras páginas eram cheias de fotos do primeiro ano de faculdade.

— Ah, meu Deus! Olha o meu cabelo! Está enorme!

Laura riu:

— Sempre teve muito cabelo, grosso e enrolado. As pessoas pagam uma fortuna pra ficar com um cabelo como o seu e você alisa!

Natalie virou a página: a foto era a primeira delas quatro juntas e tinha sido tirada no corredor do alojamento. Fizeram uma pose típica, braços em volta dos ombros e cada uma com os shorts dobrados para mostrar mais a perna. Eram super diferentes uma da outra: uma alta, a outra baixa; uma loira, outra morena, outra ruiva, mas todas traziam um sorriso no rosto. Quanta inocência, Natalie pensou, emocionando-se. Não faziam ideia do que viria pela frente, pelo que passariam, por quanto tempo estariam juntas. Ela reparou no sorriso aberto, alegre e esperançoso de Emily. Mordeu os lábios. Era tão difícil olhar para Emily agora e perceber que toda aquela esperança fora em vão.

— Emily parecia feliz — Laura comentou. — A verdade é que sempre parecia feliz. É muito difícil acreditar que alguém a tenha empurrado de propósito da cobertura. Todo mundo gostava tanto dela. Como a sua morte trágica foi virar um misterioso assassinato? E como você se tornou a principal suspeita?

Natalie andava pensando muito naquilo.

— Emily deve ter escrito algo sobre mim em seu diário, algo que fez com que Malone acreditasse que tínhamos brigado naquela noite.

— Ou ele simplesmente inventou. Por isso, nomeou de ficção, em vez de não ficção.

— Na verdade, acho que ele fez isso pra dificultar um processo. — Ela fez uma pausa, pensando se devia falar sobre Drew outra vez, mas não queria deixar pedra sobre pedra. — Não acha esquisito Drew não ter sido mencionado no livro? Como foi que ele escapou da atenção de Malone? Ele sempre estava com a gente. E Drew não gosta de mim. Quando eu e Cole viemos aqui outro dia, ele me disse que eu havia decepcionado todos vocês, que ele não tinha tempo pra mim. Não entendi bem, Laura, porque não me lembro de ter me desentendido com ele no passado ou algo assim. Nunca fomos íntimos, mas também não éramos inimigos. Entretanto, agora parece que somos. A menos que ele diga coisas pra você que ainda não sei.

Laura olhou fixamente para o álbum de recortes, obviamente em busca de uma resposta. Natalie sentiu a pulsação aumentar. Laura sabia de algo, mas o quê?

— Ele não desgostava de você naquele tempo, Natalie, mas acho que você o faz lembrar-se de coisas que ele não quer — disse por fim.

— OK, agora estou bastante confusa. Do que está falando?

— Drew vivia num trailer. Ele era pobre como você. Ele tinha vergonha dos pais, do passado. Quando entrou pra faculdade queria ser outra pessoa, alguém importante. Penso que ele temia se aproximar de você, de que você o pudesse expor de algum modo. Ele costumava me dizer que você era muito esperta.

Natalie sentou-se na cadeira perto da mesa, vencida pelas palavras de Laura.

— E por que eu o exporia? Eu nem sabia sobre o passado dele, nem mesmo me importava.

— Sei disso. Convivi com ele mais de dez anos. Sei como a cabeça dele

funciona e ele gosta de estar entre as pessoas ricas. Ele gosta de fingir que sempre teve dinheiro e luxo na vida. Vimos os pais dele umas cinco vezes durante todos esses anos. Nunca voltamos a Modesto, onde ele cresceu. É como se ele quisesse apagar essa parte da vida dele.

— Posso entender — Natalie disse, compreendendo todas as complexidades de Drew McKinney. — Ele me enganou. Pensei que fosse um cara de classe média alta que vivia na praia e que iria se divertir nos anos da faculdade.

— Isso era o que ele queria que todo mundo pensasse.

— Fez um bom trabalho ao reinventar-se — disse Natalie.

Laura franziu o cenho e olhou para ela com uma expressão perturbada. — Entrei numa situação difícil sem perceber, não é? Mas não acho que seja ele, Natalie. Não penso que Drew seja Malone.

— Bem, você o conhece melhor do que eu. — Natalie foi cautelosa.

— Sim, é verdade. Acho que o café está pronto. Quer trazer os álbuns pra cima?

Natalie olhou para a foto das Quatro Fantásticas e negou com a cabeça:

— Já vi o suficiente.

— Tem certeza? Tem fotos de você com Cole.

Era a última coisa que ela queria ver. Uma fotografia vívida da sua juventude. A paixão somente dificultaria mantê-lo a distância.



Capítulo 13



A mãe de Cole estava sendo liberada do hospital Bom Samaritano, localizado do outro lado da cidade com relação a St. Timoth/s, quando ele entrou na sala de emergência. Agradeceu a Deus por esse pequeno favor. A última coisa de que sua mãe precisava, hoje, era dar de cara com Natalie. Saiu de seu carro e ajudou o pai a colocá-la dentro do carro deles. Estava muito abatida, tinha chorado

muito e os cabelos estavam suados. Quando o viu, praticamente caiu nos braços dele.

— Ah, Cole! Estou tão contente em vê-lo — disse, aos prantos.

— Eu também — murmurou. Sua mãe sempre fora pequena e franzina, mas, hoje, caíra frágil nos braços dele, como se pudesse ser facilmente quebrada. Ele refletiu que passara uma parte da vida preocupado com a irmã e a outra parte, preocupado com a mãe. Pelo menos, o pai dele era forte, exceto no que tangia à mulher. Ela era o seu tendão de Aquiles. Cole podia ver a preocupação nos olhos do pai, por cima dos ombros dela.

— Você devia estar dentro do carro, Janet — disse Richard. — Está fresquinho aqui fora. Não deve pegar um resfriado.

Janet voltou-se para Cole e pôs a mão no queixo dele. Seus olhos castanhos eram tristes.

— Você parece cansado, Cole. Está tudo bem?

— Ei, eu é que deveria lhe perguntar isso. O papai disse que a senhora caiu.

Richard deu-lhe um cutucão, mas era tarde para remediar.

— Não pude acreditar no que aqueles jornalistas falaram sobre Emily — Janet respondeu. Ela implorava que ele lhe dissesse que era mentira, que era um terrível pesadelo e ele gostaria de poder dizer-lhe exatamente isso, mas não podia.

— Vamos resolver isso. Não se preocupe com nada. Cuide de si mesma e fique bem.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Pensei que tivesse acabado, Cole. Devia ter acabado. Por que ainda não acabou?

— Vai acabar — Richard Parish disse com pulso firme. — Vamos descobrir tudo o que precisamos saber, Janet. Mas agora você precisa ir pra casa e descansar. Ordens médicas. Repouso absoluto.

— Você vem conosco, Cole? — ela perguntou. — Ainda podemos jantar juntos conforme planejamos.

— Não se preocupe com o jantar. Descanse e conversamos amanhã.

— Está certo. Não trabalhe muito. — Ela entrou no carro e Cole fechou a porta.

— Ela está bem mesmo? — Cole perguntou ao pai.

— Ela nunca está bem, quando se trata de Emily — Richard disse com pesar. — A gente fez uma viagem muito boa. Ela estava feliz na Itália. Adorou Veneza. Não conseguia tirá-la das gôndolas. Mas teve um mal-estar no estômago nos últimos dias. Isso, mais o voo longo e os repórteres que nos esperavam na porta de casa: foi muito pra ela. Quando escutou que Emily tinha sido...

Ele ficou pálido, balançou a cabeça sem conseguir terminar a frase. Cole não o culpava. Ele tinha lidado com aquilo por um pouco mais de tempo e, mesmo assim, vacilava toda vez que pensava em Emily sendo empurrada da cobertura.

— O médico prescreveu um sedativo — o pai continuou um instante depois. — Quero que ela vá direto pra cama e durma umas doze horas.

Cole concordou:

— Parece um bom plano.

— O que anda acontecendo? Já descobriu alguma coisa? Falou com a polícia?

— Ainda não.

— E por que não?

— Porque primeiro precisamos encontrar Malone.

— E você não acha que a polícia pode ajudar?

— O Hinkley está cuidando disso — Cole respondeu. — Você me disse

que ele é o melhor. Queria evitar publicidade.

— Pelo visto, não conseguiu. Tinha repórteres de todos os meios na nossa casa. Somos a maior notícia da cidade. E por falar nisso, estamos cobrindo o caso?

— Marty escreveu um artigo sob um ponto de vista neutro, enfatizando o processo de investigação. Vai sair amanhã.

— E Natalie Bishop? Mal posso acreditar que ainda não considerara esta possibilidade. Pensei que ela e Emily fossem amigas.

— Elas eram amigas.

— Talvez não. Você rompeu com ela. Talvez Emily tivesse algum problema com ela também.

— Entre nós era diferente. — Cole começou a explicar, mas seu pai o interrompeu.

— Não dou a mínima para o seu relacionamento com ela. Quero saber o que aconteceu entre Natalie e Emily. Assim que chegar em casa, vou ligar pro detetive Boland. Com sorte, ele ainda trabalha na delegacia de Santa Cruz.

Cole ficou aliviado quando sua mãe abriu a porta e lhe perguntou se havia algum problema.

— Nenhum problema — mentiu. — Estamos falando de negócios.

— Já estou entrando — disse Richard, fechando a porta do carro. — Mais alguma coisa que eu precise saber?

— Sabe de um diário que Emily escrevia no tempo de estudante? — Cole perguntou.

— Não, mas sua mãe pode saber. É importante?

— Pode ser.

— Vou falar com ela quando se acalmar. — Os olhos se estreitaram. — Por acaso foi no diário que Malone baseou suas informações?

— É possível. Andei procurando no closet de Emily ontem, dentro das caixas que trouxemos de Santa Cruz, mas não encontrei nada. — Interrompeu-se de novo, quando viu a mãe olhar para eles com preocupação. — É melhor você ir. Cuide da mamãe. Vou resolver esse problema.

— Não me desaponte, Cole. Mais importante, não desaponte a sua

irmã.

Enquanto via os seus pais irem embora, pensou que já havia desapontado a irmã uma vez e não o faria de novo. Descobriria a verdade sobre a morte dela de uma vez por todas. Não desistiria até conseguir. Mas, primeiro, teria de avisar Natalie que os seus pais tinham chegado e que o pai dele queria a cabeça de uma certa pessoa: a dela.

Às duas da tarde, ao voltar para casa, Natalie viu muitos jornalistas e câmeras na frente do prédio. Parou no fim da rua e caminhou para casa, pensando, a cada passo, se não seria melhor voltar. Entretanto, não podia ficar fora toda a vida. Uma hora ou outra tinha de passar por eles.

Uma mulher a viu e chamou-a. De repente um grupo feito enxame correu na direção dela, metralhando-a de perguntas. Havia uma câmera e um homem com um microfone. Meu Deus! Ia passar na televisão?

Ficou tonta. Não conseguia escutar as perguntas. Vieram todas de uma vez, um monte de acusações. As palavras pulavam: assassina, crime, vítima, tragédia, Emily, melhores amigas, Quatro Fantásticas, seguidas de por que, por que, por quê?

— Natalie.

A voz dele correu clara pelo ar, alta como um apito de navio de volta para o porto. Procurou-o na multidão. Lá estava ele.

Cole se meteu no meio dos repórteres, segurou na mão dela e puxou-a para a calçada. Eles correram para o carro dele com os jornalistas no encalço. Felizmente, Cole conseguiu se desvencilhar deles sem bater em nenhum, o que Natalie considerou um mini milagre. Por algum tempo, não disseram uma só palavra. Ela sentia como se tivesse corrido uma maratona. Estava ofegante e o coração a toda.

— Tudo bem? — disse Cole.

Ela balançou a cabeça. Ele pôs a mão no joelho dela.

— Vai ficar tudo bem.

Ela balançou a cabeça de novo. Não era bem assim. Todo mundo pensava que ela era uma assassina, uma criminosa, uma pessoa horrível. O pior de tudo é que ela não podia negar o crime com 100% de firmeza porque não tinha provas; apenas acreditava em si.

— Pensei que estivesse tendo problemas com a imprensa.

— Parecia que era hora de alimentar os animais no zoo. Quando isso vai acabar?

— Espero que, no máximo, em quinze minutos.

— Já passou do tempo. — Ela franziu o cenho, percebendo que aquilo era rotina para Cole. — Algum desses jornalistas pertence ao seu jornal?

Pedi desculpas com o olhar.

— Sim.

— Você está cobrindo essa história no Tribune? Como pode?

— Não tive escolha.

— Entendo. — Ela olhou para frente, analisando os dados. — O que falam de mim?

— O artigo é sobre Emily, minha família e o livro. Vai direto ao ponto.

Boa explicação, mas ela não estava acreditando muito. Ela virou-se para ele e ele evitou o seu olhar.

— Vamos lá, Cole. Sou a parte mais interessante da história, a adorável membro da comunidade que se tornou assassina. É por isso que os jornalistas estão atrás de mim. Sabia que me forçaram a tirar uma licença no trabalho? Minha chefe me disse para resolver essa situação depressa. Por favor, me dê uma boa notícia.

Cole mudou de faixa numa das ruas tranquilas da vizinhança e desligou o carro.

— Bem que eu gostaria — disse e se virou no banco. — Meus pais chegaram e tiveram a mesma recepção frenética que você. Minha mãe teve um treco e foi parar no hospital. Agora está bem — apressou-se em dizer. — Foi estresse. Meu pai está insano. Essa é a melhor palavra para descrevê-lo. Ele vai ligar para a delegacia de Santa Cruz; quer que eu lhe encontre.

— Você não lhe disse que já tinha me encontrado?

— Eles não entendem o que está acontecendo.

— Então o que vamos fazer? Alguma ideia brilhante?

— Acho que precisamos de um tempo. Não sei quanto a você, mas eu preciso sair desse redemoinho e respirar. Não dá pra dizer como me senti quando meu pai me contou que minha mãe tinha passado mal. Pensei nela estendida no chão como minha irmã. — Ele encostou a cabeça no banco do carro e fechou os olhos. — Ainda a vejo. — Fez uma pausa longa. — Quando Josh e eu chegamos na casa, ouvimos música e, a seguir, o que pareceu ser um grito. Não descobri o que era até que vi todo mundo correndo para o

jardim. Quando chegamos lá, Emily estava de costas. Parecia estar dormindo, mas saía sangue do canto da boca. Eu me inclinei pra limpar, mas continuava saindo. — A sua voz ficou embargada.

— Não pense nisso, Cole — Natalie colocou a mão no ombro dele; sabia que tinha de pará-lo imediatamente. — Não faça isso consigo.

Ele abriu os olhos e observou-a:

— Você a viu naquela noite? Antes que a cobrissem?

Natalie tentou engolir, mas sentiu um nó na garganta, ao se lembrar da multidão de pessoas no jardim, todos gritando e chorando. Madison puxava-a pela mão. Ela saía do banheiro e descia as escadas, dizendo que tinham de chegar até Emily. Mas ninguém as deixava passar. Enfim, chegaram à frente da casa. Natalie viu Cole agachado ao lado da irmã. Dylan e Josh estavam nervosos num canto, olhando os paramédicos que tentavam salvar a vida dela, mas era muito tarde. Ela morreu instantaneamente.

— A única coisa que consegui ver — ela disse e parou — foi o cabelo lindo de Emily espalhado pelo chão como se estivesse espalhado no travesseiro quando dormia. — Ela segurou-o mais forte, sentindo necessidade disso. — Não pude chegar mais perto. Não acreditava no que estava acontecendo. Parecia um pesadelo. Demorei semanas pra acordar.

— Eu também — disse rapidamente, puxando-a, pela nuca, para mais perto dele. Ele pousou a testa nela. — Ainda quero acordar, mas não consigo.

Estou parado aqui. Acho que fui pra frente e então algo me puxou pra trás.

Como me livro disso? í — Não sei. — Eles haviam tentado fugir, mas o passado os assombrava com uma vingança.

— Não posso passar por isso de novo. Também não posso perder minha mãe. — Ele se afastou dela para que se olhassem. — No ano em que Emily morreu, eu pensava todo o tempo que minha mãe ia se machucar ou desistir de viver. Me sentia incapaz de ajudá-la. E se isso acontecer agora? E se ela não conseguir superar?

Natalie queria abrir o coração para Cole. A sua honestidade, a sua confiança nela, tocaram-na profundamente. Ela sabia que ele não diria essas palavras a mais ninguém e se sentia honrada que ele lhe dissesse. Queria fazer com que se sentisse melhor:

— A sua mãe conseguiu passar por isso naquela época e vai conseguir

de novo — disse com convicção. — As pessoas são mais fortes do que a gente pensa, principalmente as mães. Ela ainda tem você.

— Sou uma pequena consolação. Emily era a luz da vida dela. Sempre soube disso. E não era ciumento. Emily era especial. Podia entender isso.

— Emily era especial, mas você também é. Sei que tem um lugar no coração dela. Ela costumava me dizer que era muito inteligente; ela se orgulhava de você.

— Nada... — respondeu cético.

— Sim. Naquele Natal que passei na sua casa e ficamos assistindo aos filmes caseiros. Você tinha saído com o seu pai, mas eu, a sua mãe e Emily ficamos vendo os filmes e falando de você. Ambas sabiam que eu tinha me apaixonado perdidamente e elas quiseram me mostrar como você era incrível quando criança. Mas não tinham de me convencer; eu já sabia disso.

Ele deu um sorriso relutante.

— Agora você está exagerando. Estou certo de que mudou de opinião logo depois do Natal quando eu lhe tratei super mal.

— Claro que sim! Você me irritou pra caramba. — Em seguida, disse cândida: — Mas tivemos alguns anos pra esclarecer as coisas. — E aqueles anos de clareza fizeram com que ela se desvencilhasse dos braços dele e voltasse a se sentar no banco do carro.

— Deve ser uma boa médica — Cole comentou. — Sabe cuidar das pessoas direitinho. Já estou me sentindo melhor. > — Bom. Como agora sou sua médica, vou passar uma receita.

— Estamos brincando de médico? — perguntou, bem-humorado.

— Muito engraçado. Não; acho que tem razão quando diz que temos de dar um tempo.

— Bem, eu disse isso, mas não foi uma boa ideia. Muita coisa precisa ser feita. Meu pai deve estar, neste exato momento, telefonando para a delegacia. Preciso ter outra conversa com o repórter investigativo. Preciso localizar Dylan e...

— Pode fazer tudo isso depois. Devia ir pra casa, tirar uma soneca, ver o canal de esportes ou, como gosta, ver as notícias e se distrair.

— E você? O que vai fazer?

— Não sei. Acha que os jornalistas já foram embora?

— Duvido. Vão esperar um pouco e ter certeza de que não voltamos.

— Sei...

Fizeram silêncio por alguns minutos. Em seguida, Cole disse:

— Podemos fingir que somos turistas em São Francisco e fazer todas as coisas que os habitantes daqui nunca fazem. Aposto que passa a maior parte do tempo dentro dos muros do hospital. Acertei?

— Acho que sim.

Cole balançou a cabeça.

— Sabia. Vamos!

Cole ligou o carro.

— Pra onde?

— Bem, primeiro temos de arranjar um disfarce.

Ela pensou no disfarce que encontraram no quarto de Malone. E se sentiu culpada ao desejar um tempo livre, considerando o problema que tinha de solucionar. Mas os últimos dias, principalmente os últimos minutos, foram

Um boné do time de beisebol São Francisco Giants cobria os cabelos ruivos; óculos escuros encobriam os olhos e um moletom grande e cinza fazia com que parecesse mais gorda, mas Cole ainda pensava que Natalie era a mulher mais linda que já vira. Bem, aquilo não era toda a verdade. Ele podia ser atraído pelo seu corpo e ser fascinado pela mente brilhante, pela generosidade da alma, pela ternura do sorriso. Entretanto, ela era uma mulher complicada: compulsiva, ambiciosa, empreendedora, dura quando tinha de ser e, ainda assim, ele podia ver nela aquela menininha solitária que apenas queria ser amada do modo que merecia. Uma vez ele fora este homem. Mas acabou com tudo em grande estilo e feriu-a. Ela não precisava jogar-lhe isso na cara. Ele sabia. Sempre soubera.

Natalie se inclinou sobre o parapeito para olhar a água embaixo. Eles levavam o Blue e o Gold Ferry para a Alcatraz. Era um dia de outubro meio frio, principalmente perto da água, mas Natalie estava adorando o ar fresco. Ela parecia mais relaxada agora e fazia tempo que Cole não a via assim. Impulsivamente, abraçou-a. Ela lhe deu um olhar questionador, mas não se afastou. Se ele ia tirar uma lasquinha, podia tirar uma lascona, e decidiu: puxou-a para perto de si.

— Assim está melhor — sorriu. — Estou ficando com frio.

— Essa é a sua melhor cantada? Dez anos como o solteiro mais cobiçado de São Francisco e ainda diz que está com frio? Não causa muita impressão, Cole.

Natalie sempre chamaria sua atenção. Nunca tinha sido uma mulher fácil. Embora aos 19 fosse mais fácil lidar com ela. Engraçado. Era quase como se ele gostasse mais dela agora por conta de sua obstinação, sua autoconfiança, sua liderança. Ele sentiu um aperto no peito e foi pego de surpresa pensando na situação ridícula que seria se ele se apaixonasse por ela outra vez. "Não", pensou, era somente o desafio de estar com uma mulher que não o bajulava o tempo inteiro. Era disso que estava gostando. Não era amor.

Meu Deus! A palavra "amor" nem ao menos fazia parte de seu vocabulário. De onde teria vindo? Ele não tinha a intenção de amar ninguém para sempre. Necessitava do sexo e da amizade, era isso o que desejava. E Natalie nunca se contentaria com isso, certo?

Talvez sim. Talvez sexo e amizade caíssem bem na sua vida atarefada. Talvez fosse isso, exatamente, o que pretendia.

— Cole — perguntou Natalie, interrompendo seus pensamentos, o que era uma boa coisa —, não disse nada nos últimos cinco minutos. Foi uma brincadeira, você sabe, sobre a cantada.

— Eu sei. — Ele virou-a para frente, passou os braços em sua cintura e pousou o queixo no topo da cabeça dela. Ambos olhavam para a ilha Alcatraz, que crescia a cada minuto. — Já estive nesta ilha?

— Nunca.

— Deve ter sido um inferno pros prisioneiros que viviam aqui, mas hoje é um dos lugares mais bonitos das redondezas. Da prisão tem-se uma bela vista do jardim.

— Quer dizer que eles eram duplamente torturados — disse Natalie. — Eles podiam ver exatamente o que não podiam ter. Isso deve tê-los enlouquecido!

Cole estava começando a se sentir da mesma maneira. Estar com Natalie, abraçá-la, sentir o cheiro da sua pele estava criando nele um desejo incontrollável. Ele não poderia tê-la, não só porque eles tinham tido uma história, mas muito mais por conta do presente. A família dele a responsabilizava pela morte de Emily. Eles nunca a aceitariam como sua namorada, amante, ou qualquer outro título. E ele não poderia preferi-la a eles, mesmo se tivesse a escolha, o que não era o caso. Natalie não o queria mais. Claro, havia um clima, mas isso acontecia com qualquer casal que se revia, principalmente em se tratando do primeiro amor, um amor poderoso.

O que havia de errado com ele? Tinha pensado em "amor" três vezes. Estava definitivamente perdido.

— Minha mãe quase foi presa uma vez. — Natalie o surpreendeu ao mudar de assunto rapidamente.

— Por quê?

— Um de seus namorados roubou uma garrafa de bebida numa loja. Ela estava dentro do carro, desmaiada. Felizmente ela se livrou por estar bêbada.

— Onde você estava? — Cole perguntou, decididamente desgostoso da mãe dela.

— Estava na biblioteca da escola, estudando depois das aulas. Ficava horas lá. Era seguro, você sabe. Na escola eu era alguém, uma boa estudante, alguém que poderia ter sucesso, eu adorava aquilo tudo. O sinal tocava a toda hora. Sabia onde devia estar, o que fazer. Em casa, a vida era bem menos previsível.

Ele deu um beijo terno no rosto dela.

— Sinto muito.

— Não sinta. Nem sei por que contei isso. — Fez uma pausa. — Minha mãe não era má pessoa. Era apenas fraca e doente. Beber só piorou as coisas. Não sei por que fui beber, Cole. Sabia que era errado. Sabia que iria arruinar a mim e às pessoas ao meu redor. Tinha experiência. — Torceu os braços para encará-lo novamente. — Pensei que poderia lidar com aquilo, que seria diferente, afinal, eu era mais forte do que a minha mãe.

— Acredito em você. Todo mundo comete erros.

— Não foi o que me disse antes — lembrou-lhe com um sorriso triste.

— Naquela época, pensava que sabia de tudo. Estava errado. — Ele puxou uma mecha do cabelo dela para trás da orelha e sorriu. — Agora entendo por que é tão inteligente. Todo o tempo na biblioteca.

— Adoro aprender, mas estou quase no fim dos meus estudos, fazendo residência. É difícil acreditar que eu tenha quase tudo o que sempre quis. — Ficou séria de repente. — A menos que...

Não precisou terminar a frase. Ele sabia o que ela estava pensando. A menos que esse livro destruísse a sua carreira, a vida que construíra para si.

— Estou um pouco surpreso que tenha escolhido trabalhar na emergência — disse, tentando distraí-la. — Não parece ser o setor mais

estruturado, ou organizado, o tipo de ambiente que disse preferir. Por que não escolheu algo menos estressante?

— É organizado de um modo estranho. É como o caos controlado. Nunca se sabe o que vai atravessar por aquelas portas, quando as ambulâncias chegam, a sirene toca, as pessoas gritam, mas a loucura para por aí. Ou pelo menos eu a deixo lá dentro. Não levo nada pra casa. Percebi, há muito tempo, que não sou boa em relacionamentos.

— Isso não é verdade.

Ela colocou a mão no peito dele e interrompeu-o com um sorriso.

— É verdade. Depois que Emily morreu, depois que me afastei das í garotas, evitei fazer novas amizades. Não quis me aproximar de mais ninguém. Quando tive que escolher em que ia me especializar, percebi que se fosse pediatra teria de conhecer as famílias. Elas contariam com a minha ajuda. Dividiriam suas vidas comigo. Veria as crianças crescerem, teria laços com elas. E se eu me atrapalhasse? Se eu os decepcionasse? Na sala de emergência, não tenho de lidar com as pessoas, apenas com seus problemas físicos. Posso pensar nos meus pacientes com um braço quebrado, um corte na cabeça, uma queimadura na mão direita. Não preciso nem mesmo saber o nome deles, ou onde moram, ou a sua história de vida. É mais seguro assim.

— Você mudou a área em que queria se especializar por causa da Emily?

— perguntou surpreso.

— Teve alguma coisa a ver com Emily, sim. O que aconteceu marcou a minha vida.

— A minha também. — O barco atracou nas docas e Cole percebeu que tinham chegado à ilha. — Pronta pra explorar?

— Claro.

Desceram do barco e começaram uma caminhada para o topo da ilha, onde ficava a antiga prisão. Era uma subida longa que eles fizeram a passos rápidos. Começaram devagar, mas Cole logo apertou o passo, a fim de testar se Natalie iria acompanhá-lo e claro que ela o fez. Quando chegaram ao topo, estavam correndo e quase sem fôlego.

— Você faz de tudo uma corrida — ela riu.

— Precisa de dois pra apostar corrida — disse e gostou de ver que os olhos dela brilhavam.

— Graças a Deus que você me fez comprar tênis de corrida. Nunca

teria chegado aqui de salto alto. — Ela olhou ao redor e acenou. — Tem razão. É uma vista belíssima.

Ele teve de concordar. A brisa tinha afastado todas as nuvens e São Francisco espalhava-se diante deles como um cartão-postal. Ele podia ver a pirâmide do Transamérica e a sua torre mais elevada do que os outros edifícios; o Coit Tower, um prédio com a forma de uma mangueira de bombeiro, localizado nas colinas depois da North Beach; e os barcos coloridos, no píer, que manchavam a terra à margem da água. Ele havia passado muito tempo pensando em como sair desta cidade e agora se surpreendia em como estava ligado a ela. Esta era a sua cidade. A família dele morava aqui há quatro gerações. Aqui estavam as suas raízes. Afinal, ele estava aqui. E não parecia que iria embora tão cedo. Ele esperara por um sinal que virasse sua vida para constituir uma família, mas isso não acontecera. Por que não?

— A gente deveria procurar um guia? — Natalie interrompeu os pensamentos dele.

— A gente pode apenas andar por aí.

— Mas então não saberíamos nada sobre a prisão e a ilha. Você conhece a história da ilha?

Ele fez uma careta.

— Eu não, mas parece coisa de escola.

— É verdade. — Do jeito que ele falou, ela só podia rir.

— Certo, a gente pega um guia. Deve ter uns fones de ouvido logo ali.

Uma hora mais tarde, Cole estava satisfeito com a visita guiada. Ele descobriu a história da prisão e de seus habitantes e foi interessante ver cada cela. Na certa, a prisão era desoladora, um lugar horrroso para passar boa parte da vida. Não podia imaginar o que aqueles homens tinham vivido ali, isolados na ilha. E pensou nos fugitivos que nunca haviam sido capturados, se eles realmente encontraram a liberdade, ou se se afogaram nas correntes ao redor da ilha, como sugeriu o guia.

— A gente deveria filmar a ilha — ele disse enquanto voltavam para a luz do sol, uma hora mais tarde. — Talvez investigar esses fugitivos. Queria saber se algum dos seus familiares ainda vive. — Percebeu que Natalie olhava para ele de modo particular e sorrindo. — O que foi?

— Era pra você tirar uma folga e, em vez disso, está pensando em uma nova matéria.

— Temo que o espírito investigativo de jornalista esteja enraizado em mim.

— Sempre foi muito curioso. Gostava disso — comentou Natalie.

— Gostava, no passado?

— Certo, você venceu, ainda gosto.

— Gostar não é a mesma coisa do que amar.

— Não penso que queiramos falar de amor, Cole. Ei, acho que um dos íbarcos está de partida. Vamos voltar?

Ele hesitou e depois concordou. Ela estava certa. Amor não era um assunto que ele quisesse discutir com ela.

— Claro, o que quer fazer agora? — perguntou, enquanto voltavam para a balsa.

— Quero comer caranguejo fresco no cais ou, quem sabe, um ensopado de mariscos num pão francês. Quero tomar sorvete de casquinha, olhar as focas no píer 39 e pegar o bondinho pra montanha.

— Acabou?

Ela riu contente.

— Me desculpe, mas foi você quem perguntou e acho que acabou criando um monstrinho quando sugeriu que agíssemos como turistas.

— Fico feliz que goste disso — ele aprovou.

— Também fico feliz por estar gostando. — ela respondeu. — Sempre que estou com você me sinto assim. Tinha quase me esquecido de como é bom relaxar e se divertir. Obrigada.

Ele se aproximou e deu-lhe um beijo na boca, sentindo o gosto de sal que vinha do mar.

— Não me agradeça ainda. Temos muito o que fazer. E se você está se divertindo agora, ainda não viu nada.



Capítulo 14



Natalie enfiou os pés descalços na areia úmida da praia de Ocean Beach e soltou um suspiro de satisfação. Depois de andar de bondinho e se fartar de comida, eles foram para a praia e arrumaram um lugar para ver o pôr do sol, na base da montanha, em Great Highway.

— Adoro esta hora do dia — ela disse a Cole. — É uma hora intermediária. Me faz lembrar uma história que a Emily costumava nos contar.

— Parou de repente, dando-se conta de que citara novamente o nome de Emily. — Me desculpe.

— Continue.

— Concordamos em que não iríamos conversar sobre o livro.

— E não estamos. Estamos falando de Emily. Diga. — Cole se esticou e começou a brincar na praia, cavando e em seguida soltando areia por entre os dedos.

— Era sobre fadas e duendes que viviam em lugares intermediários, como portas e janelas, e todos saíam pra brincar nas horas intermediárias: os momentos entre o dia e a noite, sendo a melhor hora a meia-noite. Emily dizia que se olhássemos bem de perto dava pra vê-los. — Natalie riu, sentindo-se meio besta de ter-lhe contado essa história. — Não que eu acredite, mas era uma boa história. Emily costumava contá-la à noite. Acendia uma vela e a gente se sentava no escuro e contava contos e segredos. Era mais fácil ver as sombras desses seres criadas pela luz de vela. Creio que pra um homem pragmático como você isso é bem louco.

— Não sei nada sobre isso. Mas acredito que haja muitas coisas neste mundo que são inexplicáveis.

— Verdade? — Ela se espantou. — Achei que fosse um realista irrecuperável.

— Não, essa é você. — Ele sorriu para amenizar as coisas. — Meu vizinho era um mágico e minha irmã costumava se sentar toda noite perto da janela do quarto e inventar histórias sobre as estrelas. Embora ela não

tenha me contado uma história sobre as horas intermediárias, eu escutei outras ao longo dos anos. — Ele se sentou e abraçou o joelho para observar o pôr do sol no mar.

— Acho que não deveria estranhar que Emily estivesse na cobertura da casa naquela noite. — Ela adorava ficar olhando as estrelas. — Natalie concordou. —

Gostava dessa paisagem também, do mar, do céu. A gente vinha caminhar na praia a esta hora e Emily dizia: "Dá pra acreditar que estamos na extremidade do país? Do outro lado tem outro país, outro modo de viver a vida". Acho que Emily tinha um pouco dessa sede, de correr o mundo, típica dos Parish.

— Mas ela não pôde ir a lugar algum — disse Cole, com pesar.

— Na verdade "sede de correr o mundo" não é a expressão mais adequada. Emily seria uma viajante sonhadora. Ela mais observaria do que agiria.

— Está tentando me alegrar.

— Um pouquinho. — Ela fez uma pausa para observá-lo de perfil. Ela poderia olhar para o rosto dele umas cem vezes e nunca se cansar. Para ela, ele era muito atraente. O queixo bem marcado, o rosto anguloso, a pele bronzeada, a barba curta. Ele deve se barbear todos os dias, pensou. O nariz era comprido; as sobrancelhas grossas e os cílios emolduravam um par de olhos vivos, curiosos, interessantes.

Forçou-se a olhar para o outro lado, respirar longamente, pensar em outra coisa que não o desejo crescendo por dentro e o sentimento de atrevimento que mendigava por uma via de escape. Ela estava vendo o pôr do sol no mar com o homem dos seus sonhos. Só que ele não era seu e aquilo não era para ser um momento romântico. Ela precisava falar qualquer coisa, descobrir um modo de enganar o próprio corpo que dava ordens ao cérebro para se entregar.

— Algo errado? — Cole perguntou. — Está muito quieta.

— Estou só pensando — disse, desesperada. — Quais... quais são os seus planos para o futuro?

Ele alçou a sobrancelha.

— Daqui a quanto tempo você se refere?

— Um ano, dois, talvez três. Prevê que vai mudar qualquer coisa na sua carreira? Ainda vai tentar ser correspondente internacional?

— É um pouco tarde pra mudar agora.

— Não é tarde demais. Tem 32 anos, não 80. Entretanto, não dá pra voltar no tempo; então faça algo logo. — Obrigado por me lembrar.

— Falando sério, Cole, se quer realizar esse velho sonho, tem de correr atrás.

— Eu já disse, tenho muitas amarras, responsabilidades, compromissos

— levantou o braço dizendo estar frustrado. — Caí numa armadilha.

— Só na sua cabeça.

— Isso não é verdade.

— É verdade, Cole. Você tem escolhas. Apenas não quer escolher.

— Não sabe o que está dizendo. Tem um monte de gente que depende de mim pra mandar o jornal pros bancas todos os dias.

— E, ainda assim, conseguiu tirar um dia de folga ontem e outro hoje sem que o jornal parasse.

— Foram os únicos dias de folga em dez anos. Meu pai e meu tio passam mais tempo na pista de golfe do que no escritório. Não estou reclamando, eles merecem um descanso. Todos eles trabalharam muito por um bom tempo, mas agora sou eu quem segura o rojão. Sou o primo mais velho. Ninguém mais está preparado pra tocar o negócio e sempre houve um Parish na mão de obra. Eu sou a bola da vez. O Marty vai ser o próximo. Ele não é ruim, mas tem apenas 26 anos.

Ela riu:

— E quantos anos você tinha quando assumiu o cargo?

— Foi diferente. Estávamos em crise. Tem uns cinco anos... — Diminuiu a voz. — Ok, você ganhou. Acho que tinha a idade de Marty.

— Eis o que penso, Cole: Você nunca vai estar satisfeito com a própria vida até que pegue um avião pra bem longe e escreva uma notícia sobre este lugar. Costumava ser um homem de ação, então aja!

— Quer que eu tome uma iniciativa?

— Sim — disse e deu de cara com o olhar dele.

— Tem certeza?

Viu tarde demais o olhar malicioso dele. Antes que pudesse responder,

ele a agarrou, pulando em cima dela. O coração dela quase saiu pela boca, ao ver como ele olhava para ela. Queria dizer-lhe para parar, mas não havia como deixar escapar qualquer palavra. Em vez disso, beijou-o e viu o brilho nos olhos dele. Um segundo longo e tenso se passou, mas ele não se moveu. Seus nervos estavam à flor da pele.

— Não espere — ela disse.

E ele a beijou intensamente, demoradamente. A boca dele experimentou, explorou, provocou, acariciou e ela acompanhou cada movimento, até que se perderam um no outro. Nada mais parecia ser importante. O barulho do mar ia ao ritmo das batidas do coração. As pernas deles se entrelaçaram. O corpo dele pressionou as curvas dela. Seus dedos percorreram os cabelos dela. As mãos seguravam-na firmemente para que ele conseguisse o que queria. Ela queria fazer amor com ele bem ali na areia, onde o sol e o mar se encontravam, onde passado, presente e futuro se colidiam. Queria que tudo se acertasse no seu mundo, um mundo que nunca mais fora completo desde que ele a deixara. Agora ele voltou. Por quanto tempo, ela não sabia. Entretanto, ela o tinha agora. Podia ter tudo.

Mas isso era tudo? O que ela estava fazendo?

Ele a ferira uma vez; feriria de novo.

Natalie empurrou Cole. Teve de ter muita força de vontade, mas fez. Ele rolou para o lado, respirando pesadamente enquanto se observavam.

— Acho que isso foi um não.

— Acho que foi — ela murmurou. — Por agora. — Deveria se torturar por ter dito essas duas palavras. Viu que os olhos dele ardiam diante da promessa, do desafio, da possibilidade.

— Por agora.

— Não deveria ter dito isso.

— Tarde demais. Já disse.

Ela balançou a cabeça:

— Não sei o que quer de mim.

— Nem eu, Natalie. Mas sei que quero uma coisa. E acho que você também. Quer me dizer o que é?

Ela pensou por um bom tempo. Sabia a resposta, mas se dissesse ele fugiria. Talvez isso fosse bom. Talvez ela quisesse que ele desse um fim nisso agora mesmo, porque ela pensava que não era capaz.

— Acho que quero que me ame de novo — Natalie disse, olhando para o mar, não ousava olhar diretamente para ele. — O que você quer?

Fez-se silêncio. Um silêncio que acabou mexendo com os nervos dela. Natalie não estava aguentando. Então, ela fez o que esperava que ele fizesse. Ela fugiu.

Madison sentiu uma ponta de culpa, enquanto entrava no apartamento de Dylan, acima do Club V. Sentiu outra ponta de culpa porque pegara as chaves reserva do escritório, depois de dizer à recepcionista que tinha esquecido uma blusa lá, alguns dias antes. Ela era má. Mas Dylan poderia ser pior. Ele poderia ser Garrett Malone. Ainda estava pensando na conversa que tivera com Josh. Imaginava Dylan subindo para o quarto de Emily como um Romeu seduzindo Julieta e tinha vontade de vomitar. Isso queria dizer que Emily e Dylan eram muito íntimos. Ela suspeitou de que a paixão de Dylan por Emily tivesse se fortalecido quando os dois tinham se reencontrado, sozinhos, em Santa Cruz.

Ela pôs a chave na fechadura e a porta se abriu com facilidade. Madison se sentia um pouco como Alice no País das Maravilhas ao entrar no loft, que antes era, obviamente, um depósito. Foi entrando na sala e viu três computadores num canto, uma TV grande, um som e uma câmera de vídeo. Num outro canto, havia microfones, caixas pretas de todas as formas e tamanhos e outras parafernálias de mágico. A cama king-size no meio do quarto estava desarrumada; os lençóis e travesseiros amontoados de qualquer jeito. Será que Dylan passara a noite sozinho ou com uma mulher?

Bem, ela não estava ali para descobrir esse tipo de coisa. Tinha entrado lá para encontrar uma prova de que Dylan era Garrett Malone. Se tivesse escrito o livro, provavelmente estaria gravado no computador. Decidiu ligar um deles. Enquanto isso, passou os olhos nas roupas de Dylan, penduradas nas araras. Certamente, ele tinha um caso de amor com a cor preta. E couro era a sua textura preferida. Suas mãos suaram ao pensar que poderia deslizá-las na calça preta de couro.

Limpou a garganta e virou-se para o outro lado. Achou uma porta fechada. Era a única porta e estava trancada. Isso poderia ser um empecilho, mas não para Madison, que sempre abria todas as portas trancadas. Ela tentaria. No molho de chaves de Dylan, havia cinco delas. A última abriu a porta. Era um quarto pequeno, um closet. Estava escuro lá dentro e Madison levou um tempo para encontrar uma cordinha que acendesse a luz. Subitamente, pulou para trás ao ver o rosto de Emily. Piscou rapidamente e só então percebeu que havia fotos de Emily por toda a parte. De quando era criança, de quando tinha ido para a faculdade, fotos de todas as fases da vida dela. Na verdade, aquela foto na frente dela tinha sido tirada com todas as quatro no dia em que completara dezenove anos.

Elas tinham comemorado num restaurante. E Dylan tinha tirado a foto; agora ela lembrava. Lembrou-se de todas as vezes que ele andava por perto com uma câmara na mão.

— Encontrou o que queria?

Ela pulou ao ouvir a voz dele. Virou-se para encontrar os olhos furiosos de Dylan. Um motivo para estar dentro do apartamento, dentro do closet, simplesmente lhe escapou. Tinha sido pega. Não havia como se defender; então ela decidiu atacar.

— Você é obcecado por Emily, não é? O Cole sabe disso?

Dylan cruzou os braços. Com cara de estátua. Uma estátua bem irada.

— Poderia prender você.

— Mas não vai — disse em tom de desafio. — Não quer que ninguém saiba disso.

Dylan agarrou-a pelo braço e expulsou-a do closet, batendo a porta. Ela esfregou o braço.

— Doeui.

— Estou me lixando pra isso. Que diabos você está fazendo aqui?

— Queria falar com você.

— E por isso invadiu meu apartamento? Já ouviu falar de telefone?

— Você é Garrett Malone?

— Não. É você?

— Que eu me lembre, sou uma mulher. — Ele a olhou de cima a baixo e ela tremeu na base.

— Não tenho dúvidas — ele resmungou. — Dê o fora.

— É isso? Vai me despachar?

— Sim.

Ela o olhou, sem ter certeza de como reagir. Ela deveria ser grata que ele só tivesse feito isso. Mas agora ela não estava muito a fim de aceitar aquela opção.

— Penso que deveríamos conversar.

— Não veio aqui para conversar, veio, Maddie?

Dylan deu um passo para frente e de repente ela percebeu que eles estavam sozinhos no apartamento dele. E que havia uma chance muito grande de que ele estivesse insano. Olhou para a porta. Era um longo caminho.

— Nervosa? — um sorrisinho brincava na face dele. — Gosta de estar no controle, não é mesmo?

— É melhor eu ir andando.

— Perdeu sua chance.

Subitamente, ele agarrou-a pela cintura e a empurrou para trás bem depressa, tão rápido que ela se desequilibrou e caiu de costas em cima da cama. Ele segurou a cabeça dela e afastou as pernas de Madison; a calça de couro arranhava as pernas nuas dela.

Ela ficou, ao mesmo tempo, aterrorizada e empolgada com a intensidade do seu olhar.

— É isso o que quer, não é?

Madison molhou os lábios, tentando não demonstrar medo. Ela podia lidar com Dylan. Ele estava apenas descontando por ela ter invadido o seu apartamento. Estava tentando amedrontá-la, certo?

— Foi assim que tratou Emily?

Ele enfureceu-se. Ah, meu Deus! Ela tinha jogado mais lenha na fogueira. Quando é que aprenderia a pensar antes de falar?

— Não me fale de Emily — disse impulsivamente. — Nunca seria tão boa quanto ela.

— Nunca quis isso. Mas você não a tratou desse modo. Ela não era uma mulher de verdade pra você. Era uma santa. Foi por isso que construiu um

— Ela o amava? — Madison ousou perguntar, mesmo que a mente lhe dissesse para se calar.

Dylan não disse nada por um bom tempo. Em seguida, levantou-se e passou a mão no cabelo.

— Saia já daqui, Madison.

Ela se sentou devagar.

— Você a amava, mas ela não, não é?

— Quer morrer?

— Não me respondeu.

Dylan saiu rapidamente dali. Demorou algum tempo até que Madison percebesse que ele a deixara falando sozinha, por assim dizer. Levantou-se, atravessou a porta, desceu as escadas e foi para a rua. Dylan subia na moto.

— Espere — ela gritou. — Tem que me contar sobre ela.

Ele balançou a cabeça e pôs o capacete.

— Dylan, precisa conversar com alguém. Com quem mais pensa que pode conversar sobre isso? Não dá pra falar com Cole. Provavelmente nem mesmo com seu irmão.

Ele hesitou; em seguida, puxou um segundo capacete do compartimento da moto.

— Suba.

— Nisso aí? Pensei que a gente podia entrar no clube e pedir uma bebida.

— Parou porque percebeu que tinha apenas uma escolha. — Vou subir. Me dê o capacete.

Ela o colocou e montou na moto. Já tinha feito um monte de coisas ousadas na vida, mas essa era, provavelmente, a maior. Passou os braços na cintura de Dylan, agarrou-se ao fio de vida que lhe restara e Dylan acelerou na descida.

Cole alcançou Natalie bem no final da praia, onde uma montanha rochosa cortou qualquer esperança de fuga. O céu era roxo-escuro agora, o sol tinha cruzado o horizonte e a lua aparecia devagarzinho atrás deles. As ondas batiam nas pedras ao lado dela com uma fúria branca e espumosa que combinava com sua agitação emocional. Era o único som na Terra. Não havia casas por perto nem barulho urbano, somente o oceano e as batidas do coração.

Natalie deu uma olhada rápida ao redor e percebeu que eles eram os únicos habitantes da praia. Não havia ninguém para salvar Cole ou ela mesma e, naquele momento, seu coração ferido estava em grande perigo. Por que não o largara?

— Natalie.

Ele veio por detrás dela; sua voz profunda e rouca lhe causava calafrios. Queria que ele dissesse o nome dela de novo... apaixonadamente,

enquanto ele encostava o corpo no dela, quando ele a fazia se sentir inteira. Ela mordeu a língua a fim de refrear o desejo de convidá-lo a fazer somente aquilo.

— Por que você correu?

— Queria ser a primeira a ir embora dessa vez. Não era pra você correr atrás de mim.

— Era sim. — Ele pôs as mãos na cintura dela e a virou para si. Ela mal podia vê-lo na sombra. Melhor assim.

— Não me deu tempo de responder à sua pergunta — ele disse.

— Dei uma chance. Seu silêncio me falou a verdade.

— A verdade é que não sei o que quero de você. Só sei que não quero que vá embora.

— Ainda não sabe, mas um dia vai saber. — Tal convicção era dolorida.

— Seria uma tola se pensasse o contrário. Não quero fazer papel de boba de novo.

— Não ponha palavras na minha boca. Posso falar por mim mesmo.

— Isso não vai levar a lugar algum. Estamos andando em círculos. Deixe-me ir.

— Eu já disse: não consigo.

E em seguida abraçou-a e comprimiu a boca dela embaixo da dele.

Ela queria lutar contra ele, resistir, mas sucumbiu com a sensação prazerosa da língua dele em sua boca; as mãos procurando os seios. Era isso o que queria, de que precisava. Ela passou os braços em volta da nuca dele e se entregou ao beijo. Não tinham mais passado nem futuro; somente este momento perfeito.

— Natalie — ele murmurou — , quero fazer amor com você. Posso levá-la pra casa?

Ela balançou a cabeça.

— Aqui — ela suspirou, empurrando-o para baixo, até que se ajoelharam um na frente do outro. — Faça amor comigo aqui, antes que eu, ou você, mudemos de ideia, antes que a realidade nos faça ver como tudo isso é louco e errado.

— Errado, não; talvez louco — resmungou e deu-lhe outro beijo. — Tem certeza?

— Sim. — Sentiu-se atrevida. A praia, às escuras, fazia com que ela pensasse que eles eram os únicos habitantes da Terra. Por que não poderiam ter um ao outro? Era o que ambos queriam.

— Droga! Não tenho nada comigo. Não podemos...

Ela pôs as mãos na boca dele.

— Está tudo sob controle. Estou tomando pílula. Questões médicas — acrescentou diante do olhar inquisidor.

— E eu fiz o teste. Mas...

— Está tudo bem. Confie em mim, Cole.

— Eu confio. Confio de verdade — Cole puxou-a para a areia. — Quero tanto você!

— Então me tome — ela disse, simplesmente.

Ela passou os dedos no cabelo grosso dele e eles se beijaram, se acarinharam e exploraram um ao outro com uma paixão que superava a da juventude. Naquela época, Natalie não sabia bem o que queria, mas agora sim. Moveu os dedos com o propósito de abrir os botões da camisa dele e passou a mão em seu peito. E, quando Cole errou ao tentar abrir o moletom, a blusa, o sutiã, ela sentou-se e soltou tudo, sentindo-se mais livre do que nunca. Nus, deitaram-se na areia fria e o calor do corpo fez com que a água do mar crescesse como vapor em volta deles.

Sem barreiras, o último resquício de pensamento racional falhou. Natalie aninhou-se ao corpo de Cole, jogando as pernas em volta dele.

— Precisamos ir mais devagar — murmurou. — Não quero machucá-la.

— Estou pronta. Há muito tempo. — Ela agarrou sua cabeça e olhou bem nos olhos dele. — Não me faça esperar.

Ele foi em frente. Ela gemeu de felicidade, contente com a paixão selvagem e incontida entre os dois. Ela não ligava que a areia fosse áspera e que machucasse suas costas, pernas e nádegas. Tudo o que pensava era que Cole estava com ela, em volta dela, envolvendo-a de todo modo possível. Ela quis se perder. E quando tudo terminou, ela o abraçou e quis ficar assim até a eternidade.

A eternidade durou cerca de cinco minutos.

— Estou machucando você — disse Cole.

E estava mesmo, mas ela estava gostando e ficou desapontada quando ele deitou-se ao lado dela. Ele a puxou para debaixo do braço e beijou seu rosto.

— Isso foi...

— Sim, foi. — Ela deu um sorriso. Em seguida tremeu de frio com a brisa do mar. Afinal, eles estavam em São Francisco, não em uma praia no Caribe, o que a fez lembrar-se de uma antiga conversa, em que Cole dizia que eles viajariam, dormiriam debaixo da lua numa praia e a brisa quente acariciaria a pele deles.

— Você deve estar com frio — disse Cole, enquanto ela tremia mais uma vez.

— Acho que sim.

Ele sentou-se e começou a passar para ela as peças de roupa. Eles se vestiram depressa. Natalie tinha recobrado a consciência e sentiu vergonha pelo modo como pedira para transar com ele. O que ele pensaria dela? Ela sempre se orgulhara de ter senso de responsabilidade, mas, nas últimas horas, ou nos últimos dias, não fora nada responsável.

— Não pense muito — Cole disse e sorriu. — Não infringimos nenhuma lei.

— Tem certeza? Meu Deus, espero que ninguém nos tenha visto. — Ela olhou ao redor, mas a praia estava tão escura que não dava para ver dez passos à frente. Pelo menos, não tinha ninguém por perto. — Perco a cabeça com você.

— Eu também — Cole segurou-a pelo braço quando ela quis ir embora.

— Não me arrependo e você?

— Não, não me arrependo — disse com convicção. — Foi ótimo.

Ele concordou.

— Da próxima vez, quero fazer na cama, devagar, bem devagar. Quero explorar cada parte do seu corpo, Natalie. Quero vê-la sob a luz. Quero olhar pros seus olhos azuis lindos. Quero olhar pro seu rosto, sentir a sua pele. — Ele passou os dedos pelo queixo dela e ela tremeu. — Você é bonita, Natalie, por dentro e por fora.

Ela se emocionou:

- Pensei que me odiasse.
- Eu tentei.
- Isso... a gente... isso não vai dar certo, você sabe...

Ele a cortou com um beijo.

— Eu disse pra parar de pensar um pouco, pelo menos hoje. Pode fazer isso? Pode nos dar uma noite?

A súplica nos olhos dele encontrou a necessidade dela.

— Posso fazer isso. Vamos pra casa.



Capítulo 15



— Ah, meu Deus! Isso é melhor do que sexo! — Madison declarou quando, enfim, Dylan desligou o motor da moto. Eles voaram pelas ruas de São Francisco, subiram e desceram as ladeiras, sem se preocupar com o limite de velocidade. Ela ficou apavorada mais de uma vez e estava certa de que ele fizera de propósito, porém ela aguentou firme, ainda estava viva. Mas não sabia bem onde estava. Eles

passaram pela ponte Golden Gate em direção ao norte e deviam estar na remota Sausalito, de onde se tinha uma vista noturna fantástica de São Francisco.

Dylan desceu da moto e foi até a beira do precipício. Ela decidiu segui-lo, esperando que ele não tivesse a intenção de empurrá-la lá de cima. O flash de pensamento, de repente, tomou novo significado enquanto ela se aproximava de Dylan. Talvez ele a trouxera aqui justamente por esse motivo. Talvez tenha sido ele quem estivera com Emily, naquela noite, na cobertura.

Ele a amava. Não teria feito mal a ela.

Mas ele puniria a pessoa que pudesse ter feito mal a Emily. Será que ele pensava que fora ela?

Madison parou a poucos metros dele e passou os dedos pelos cabelos ao vento:

— O que estamos fazendo aqui?

Dylan não respondeu de imediato. Tinha os olhos fixos na vista da cidade.

— Aqui era um dos lugares preferidos de Emily.

Dava para entender por quê. As luzes de São Francisco eram maravilhosas, os edifícios altos quase atingiam o céu escuro, as duas pontes da cidade eram a moldura perfeita para a paisagem.

— É lindo — disse. — Emily sempre gostara da vista de edifícios altos. — Titubeou quando percebeu que a conversa sobre a morte de Emily podia se tornar perigosa num lugar daqueles. Quis mudar de assunto. — Você a

trouxe aqui de moto? Com um cobertor e uma garrafa de vinho?

Ele riu, revelando sua personalidade fria e obscura.

— Acha que os Parish a deixariam vir aqui de moto? Eu a trouxe aqui no carro dos meus pais e demos a desculpa de que íamos ao cinema.

— É difícil pensar em você com seus pais, embora seu irmão seja legal. Tivemos uma conversa interessante sobre você e Emily e sobre quantas vezes subiu na árvore pra conversar com ela.

— Josh fala demais.

— Por que me trouxe aqui?

Dylan deu de ombros.

— OK, vamos em frente. — Ela parou, respirou fundo e continuou: — Ainda a ama?

— E você? — Ele disparou a pergunta de volta, com um olhar perscrutador. — Alguma vez a amou? Ou era apenas conveniente naquele tempo? Vocês moraram no alojamento e pediram pra entrar na comunidade juntas. A amizade dela significava algo pra você? Ou é tão fria e baixa quanto sempre pensei que fosse?

Madison instintivamente deu um passo para trás, ao perceber como ele estava com raiva. Ela sempre pensara que não se ofendia facilmente, mas as palavras de Dylan a atingiram em cheio. Demorou um pouco para ela se recuperar. Em seguida, disse:

— Pensa que sou fria e baixa? Foi Emily quem disse isso? — Tinha esperanças de que não fosse esse o caso. Ela poderia lidar com o desprezo dele, não com o de Emily.

— Tenho opinião própria. Você é uma festeira, um flerte. Tentou até mesmo comigo uma noite.

— Muitos homens considerariam isso uma honra e você não me disse claramente "não". — Ela o viu pegar uma pedra e jogar do precipício. — Isso o aborreceu, não é mesmo? Porque você deveria querer somente a Emily. E mesmo assim, por um momento, você me desejou.

— É diferente. Você sempre se considerou em alta conta.

— Sei dos meus pontos fortes; sexo é um deles. Sou muito boa. — Em seguida, disse candidamente: — Não sabe o que está perdendo. Embora não seja tarde demais, se jogar direitinho. Sempre gostei de homens que tivessem habilidades manuais e aposto que pode fazer coisas incríveis com essas mãos

de mágico.

Dylan a olhou demoradamente e em seguida balançou a cabeça.

— Você não existe, Madison. A Emily ficaria chocada com as coisas que diz.

— Ela gostava que eu fosse honesta e que lhe dissesse as coisas que precisava ouvir. Eu a tratava como a uma amiga, não como a uma criança.

— Nunca a tratei como a uma criança, embora fosse inocente. Ela precisava de proteção.

Madison balançou a cabeça, estranhando, verdadeiramente, que tantas pessoas achessem que Emily precisasse ser protegida.

— O que ela tinha que fazia com que todo mundo quisesse cuidar dela?

— perguntou em voz alta. Pensou que quase nenhum homem da sua vida tinha considerado fazer isso por ela; na verdade, nenhum. — Não dá pra imaginar um cara fazendo isso por mim — murmurou. — Eu sempre cuidei de mim mesma sozinha.

Dylan enfiou as mãos no bolso e declarou:

— E o seu pai? Ele deve ter protegido você.

— Na verdade, meu pai não se preocupou em ficar por perto depois que fui concebida. Ele era uma grande estrela de cinema e, aparentemente, uma criança teria arruinado o seu estilo de vida. Os outros homens da minha mãe estavam mais interessados em levá-la pra cama e em despi-la do que em proteger a sua filha. Meu último padrasto não era tão mau assim. Ele me ajudou no dia em que decidi não me casar mais, no ano passado. Mas, provavelmente, fez isso porque minha mãe ameaçou não dormir com ele.

— Então as mulheres da família Covington sabem se virar quando se trata de sexo?

— Aprendi no colo da minha mãe. — Madison sentou-se no chão e deu uma pancadinha no monte de terra ao seu lado. — Sente-se aqui. Me conta da Emily; como foi que se tornaram amigos?

— Por que lhe diria isso?

— Porque está morrendo de vontade de conversar com alguém sobre a Emily e eu sou a única pessoa disponível. Conta, vai?

Ele hesitou, mas sentou-se, esticando as pernas. Não disse nada por

alguns minutos. Enfim, começou:

— Emily era a minha inspiração. Desde criança sempre acreditara em mim. Eu errava nos truques; Cole e Josh riam até não poder mais, mas Emily me dizia pra tentar novamente. Quando tentava, ela me olhava com aqueles olhos castanhos enormes e aplaudia como se tivesse feito o maior milagre do mundo. Faria qualquer coisa por ela.

Madison sentiu no seu tom de voz que ele a amava e era muito forte esse amor, muito poderoso, de tirar o fôlego. Nunca ninguém a amara daquele jeito. Era algo de outro planeta. Talvez fosse isso mesmo, porque ambos, Emily e Dylan, sonhavam com outro mundo desde crianças. Fez-se silêncio outra vez. Madison não sabia o que dizer. Não conseguia pensar em nenhuma resposta automática. As últimas palavras que ele lhe disse martelavam em sua cabeça: "Faria qualquer coisa por ela".

— Provavelmente, ela também faria qualquer coisa por você — disse Madison, pouco depois. — Ela dizia que você era um dos melhores amigos do mundo. Não dava pra entender direito, porque vocês dois eram muito diferentes. Você aparecia de moto, o motor roncando, calça preta de couro, cigarro na boca, bem convencido e vinha pra pegar a Emily, provavelmente a garota mais ingênua que encontrei na vida. Mesmo Laura era mais vivida do que ela. Não compreendia sobre o que vocês conversavam.

— Tudo e nada. Não importava o assunto, ela sempre se interessava.

Ele riu com alguma lembrança que não quis dividir com ela.

— Ela o amava, Dylan? Mais que a um amigo? Estavam dormindo juntos?

— Isso não é da sua conta — disse abruptamente.

— Que mal faria em me contar? — Ela esperou pela resposta. Como não veio, continuou: — Acho que Emily o amava como a um amigo muito querido e íntimo; um irmão. Ela nunca soube que você queria algo mais, certo? É isso?

Dylan não respondeu de pronto:

— Ela nunca soube. Não queria estragar a nossa amizade. Não queria que ela se sentisse na obrigação de me falar alguma coisa ou fazer algo por mim.

— Então não foi pra usar com você que a gente comprou camisinha — resmungou para si. Por alguma razão se sentiu melhor ao saber que Emily nunca fora apaixonada por ele. Significava que não teria de se sentir culpada por ter uma mórbida atração por Dylan.

— Do que você está falando? — Dylan perguntou de supetão, virando-se para ela. — Camisinha?

— Eu falei alto?

— Sim. Explique-se.

— Não sei se ela usaria ou não. Ela disse que queria se precaver numa eventualidade.

— Então foi com ela comprar camisinha, em vez de dissuadi-la da ideia! — Estava furioso.

— Claro que fui. Queria que ela se protegesse se o cara fosse um imbecil. Sei que você, Cole e Josh pensam que Emily era a Virgem Maria, mas ela era uma garota normal, com desejos e curiosidades.

— Com quem usaria? Com quem usaria camisinha? — Dylan arguiu.

— Não sei. — Madison tentou relembrar as conversas que tinha tido com a amiga pouco antes de ela morrer. — Eu me lembro de ela dizer que era alguém com quem ela não poderia ficar junto. Ela falou em inatingível. Mas quem ela não poderia ter? Devia ser alguém que andava saindo com outra menina. Só posso pensar nisso.

E aí teve um estalo: o único homem que se encaixava nessas condições era Drew McKinney. Como não lhe ocorrera isso antes? Era possível que tanto Emily como Laura estivessem apaixonadas por Drew?

— Em que está pensando? — Dylan perguntou, olhando firme para ela.

— Nada — mentiu. — Não sei o que vai pela minha cabeça.

— Sabe sim. Estava pensando em alguém. Quero saber quem é.

— Por quê? Vai bater nele? Passaram-se dez anos.

— Pode ser que eu queira lhe fazer umas perguntinhas, como onde é que estava naquela noite.

— E que importância isso tem? Não significa que ele a empurrou. — Seu coração palpitou diante do olhar de Dylan. — Ah, meu Deus! Acha que alguém empurrou da cobertura, não é mesmo? Por quê? Por que pensa isso? Onde estava?

Dylan apenas olhou para ela, sem responder.

— Você estava lá. Natalie acha que o viu na casa.

— E eu vi Natalie discutindo com Emily. Por isso não entrei no quarto dela. Elas estavam no meio de alguma coisa e eu desci as escadas. Deveria ter permanecido. Se tivesse, talvez Emily ainda vivesse.

— Está afirmando que foi a Natalie? — Ela não gostou do modo como ele virou o rosto. — Acha que Emily e Natalie subiram pra cobertura, discutiram e Natalie a empurrou, assim como está escrito no livro? — Dylan teria mentido para ela quanto a não ser Malone? Parece que ele e Malone dividem a mesma opinião.

— É uma possibilidade.

— Não acredito nisso. E Natalie não foi a única a conversar com Emily naquela noite. Outras pessoas entraram no quarto dela.

— Tipo quem?

— Tipo Drew.

— McKinney? — ele perguntou impetuosamente.

— Sim. Ele estava saindo com uma das suas melhores amigas — acrescentou acusatoriamente.

Sabia que ele iria captar, rapidamente, a mensagem. E foi assim mesmo. Ele franziu o cenho:

— Ela não teria gostado de McKinney.

— Ele era muito charmoso quando queria.

Dylan balançou a cabeça e olhou para os pés:

— A conversa acabou.

— Espere um pouco, não acabou nada. — Ela o seguiu com dificuldade enquanto ele ia para a moto. — Vai deixar essa mulher para trás? Vai continuar com a sua vida sem Emily? — Ela queria perguntar se algum dia lhe daria uma chance, mas não ousaria tanto. — Ela não queria que você perdesse tempo, lamentando-se — acrescentou.

Ele parou e olhou-a:

— Não me diga o que ela desejaria.

— Por quê? Porque sabe que estou certa? Emily desejava que fosse feliz.

— E você pensa que eu seria feliz com você? Como disse, você sempre se considerou em alta conta.

— Acho que seria mais feliz do que está hoje.

— Você não sabe nada da minha vida, Madison. Agora, ou sobe na moto ou vai ficar aqui. Pouco me importa a sua decisão.

— Por que quer ir embora logo?

— Tenho uma coisa pra fazer.

Ela viu algo nos olhos dele, por um segundo, e seu instinto lhe dizia o que era.

— Você sabe, não sabe? Descobriu enquanto eu falava. Sabe por quem Emily estava apaixonada. Me diga, Dylan.

— Eu não sei de nada — negou.

— Mentiroso.

Ele deu de ombros:

— Você vem ou não?

Madison observou Dylan colocar o capacete e entendeu que ele não pensaria duas vezes em deixá-la no meio do nada.

— Está bem.

Ela pegou o capacete. Faria com que ele contasse do que se lembrou ou descobriria sozinha. Enquanto isso, tinha muito no que pensar. Mal podia esperar para contar para a Natalie o que tinha descoberto.

— Está me torturando — disse Natalie, enquanto Cole brincava com a parte da frente do sutiã. Eles foram para a cama dele em tempo recorde, mas depois que ela tirou a blusa, Cole diminuiu o ritmo consideravelmente.

Ele sorriu maliciosamente e beijou-a no canto da boca.

— Precisa mesmo aprender a ter paciência, Natalie.

Ela não ligava para a paciência. Ela queria suas mãos e sua boca. Mas í Cole parecia mais interessado em seguir a costura do sutiã, os dedos roçando como se marcasse a ferro quente. Ela sabia como apressá-lo. Ela o escutou puxar o ar, enquanto um despia o outro.

— Não está jogando justo — ele sussurrou.

— E quem liga pra isso? Eu quero. Então faça logo.

— Adoro quando fala desse jeito sexy.

Ele desabotoou o sutiã e tirou-o do corpo dela.

— Sua vez.

Cole não hesitou e tirou o jeans de uma só vez. Caiu um pouco de areia e ambos riram. Mas a tensão voltou quando Natalie se deixou olhar para ele. A respiração dela acelerou e o coração batia forte dentro do peito. Ele era realmente muito bonito.

— Sua vez, Natalie. — Com o polegar, ele puxou a calcinha até as pernas. Ela chutou-a e a seguir tentou se cobrir, um pouco envergonhada.

Ele separou os braços de Natalie, os dedos entrelaçados com os dela.

— Quero vê-la no claro.

Ele balançou a cabeça; havia um brilho intimidante no olhar.

— Linda.

Ela enrubesceu dos pés à cabeça. Podia sentir a onda de calor percorrendo seu corpo, enquanto os olhos dele percorriam esse mesmo trajeto.

— Vamos deitar — ela disse, empurrando-o.

— Achei que nunca mais fosse pedir isso.

Natalie se deitou de costas, querendo apressar as coisas. Era mais fácil não pensar, não se preocupar, quando ele a tocava e beijava, fazendo com que esquecesse seu próprio nome.

Cole virou de lado e a sua mão deslizou preguiçosamente de cima a baixo na perna dela e ainda assim ele estudava sua boca e seios.

— Dá pra avançar mais rapidinho? — ela pediu.

Ele se inclinou sobre ela e a beijou na boca, um beijo longo e molhado. O corpo dela formigava, quando ele terminou:

— Melhor? — ele perguntou.

— Não se for só isso — ela reclamou.

— A gente está só começando.

— Eu preciso de você — ela sussurrou. E por um tempo tudo se acertou no mundo.

Laura se sentou à mesa da cozinha, na quarta-feira, tarde da noite,

olhando para os dois pratos que ainda deveriam ser usados. Os bifes que preparara há tempo tinham esfriado. As batatas assadas estavam enrugadas e moles. A alface tinha escurecido. Passava das 20h30 e Drew ainda não tinha voltado para casa nem telefonado. Conferira com o aeroporto uma hora antes e descobrira que o avião tinha pousado na hora, às 17h42. Onde diabos ele estava?

Ela tinha virado a sua mãe, Laura pensou com tristeza. Fechando os olhos, era capaz de vê-la sentada à mesa da cozinha, na casa luxuosa em Atherton, a porcelana bonita servida com comida caseira que ela adorava preparar para o homem que não se preocupava em telefonar para avisar que se atrasaria, de novo. Sua mãe esperaria e esperaria e, enfim, desligaria a luz e iria para a cama, onde choraria a noite toda.

Quando se casara com Drew, Laura tinha decidido que teria uma vida diferente. Pensou que ele seria seu amante, seu marido, seu melhor amigo, o pai das filhas dela, o homem dos seus sonhos e, sobretudo, seu companheiro. Sabia que ele era ambicioso e determinado, mas nunca acreditou que ele priorizaria tudo menos ela, ou que ele a traísse com outra mulher.

Ele a estava traindo? Ou as suas frequentes ausências eram algum outro segredo? Como, quem sabe, um romance best-seller?

O relógio batia estupidamente alto, a cada batida ela se sentia mais frustrada. Levantou-se, foi até o telefone, pegou no gancho e pensou nas opções. Ela poderia ligar para Drew pela décima quinta vez ou desistir.

Antes de decidir, ela pulou com o toque do telefone.

— Alô?

— Laura, é o Drew.

Suspirou aliviada.

— Graças a Deus! Fiquei tão preocupada. Onde você está?

— Ainda em Los Angeles.

— Pensei que voltasse hoje.

— Aconteceu uma coisa. Não vou voltar tão cedo.

Sentiu um mal-estar no estômago.

— Por que não?

— Não posso explicar agora. Mas preciso de um pouco de tempo e de espaço. Pode ser?

Ela hesitou:

— Acho que não. Por que anda tão misterioso?

— Estou trabalhando numa coisa particular. Não posso falar nada nem mesmo pra você. Tem que confiar em mim.

Laura queria confiar nele, mas como? Havia muitas perguntas sem resposta. E passava da hora de ela começar a interrogá-lo. Respirou fundo e disse:

— Drew, achei o itinerário do Garrett Malone no seu bolso. Você falou com ele?

O silêncio veio ao encontro da pergunta. Sabia que ele se irritara. Dava para sentir.

— Não posso explicar agora — ele tergiversou. — As pessoas estão chegando pra reunião.

— Acho que não dá pra esperar. Uma repórter me ligou de Santa Cruz.

Ela sabe que fui uma das Quatro Fantásticas. Disse que conversou com o delegado da cidade e que eles estão considerando reabrir o caso.

— Eles não têm provas pra isso.

— Tem certeza?

— Sou advogado, não sou? Olha, Laura... não precisa se preocupar com o livro. A Natalie é quem deveria se preocupar, não você. Você não fez nada contra Emily. Tem as mãos limpas. Entretanto, seria uma boa ideia se você e as meninas sássem um pouco da cidade. Por que não vão para Tahoe? Fique na cabana dos seus pais por uma semana. Pode voltar, quando tudo estiver resolvido.

— As crianças têm aulas; eu tenho um compromisso — disse, surpresa com a sugestão.

— Elas podem faltar à escola e você pode remarcar. Não quero que fiquem rodeadas pela imprensa. E não quero que diga nada errado.

O que provavelmente era a sua principal preocupação. Que cínico!

— Não posso sair da cidade. Tenho uma audição pra orquestra na segunda. O que acha?

— Do que está falando?

— Quero tocar flauta na orquestra da cidade.

— Você não é tão boa pra isso, é? Faz anos que não toca e já tem bastante o que fazer cuidando das crianças e da casa.

Ela se sentiu culpada. Madison tinha razão. Drew sabia exatamente como provocar o sentimento de culpa nela. Mas agora ela ouvia a Madison. E a Natalie. Mesmo a voz de Emily podia ser ouvida. E elas diziam que não era um crime fazer algo por si. Antes que dissesse que faria o que queria, ele falou novamente.

— Tenho que correr — disse Drew. — Conversamos sobre isso quando eu voltar.

— Eu te amo — disse mecanicamente. Mas ele já tinha desligado. Ele não dissera que a amava. Talvez não a amasse. Talvez ela já não o amasse. Agora, mesmo as suas palavras amáveis ecoavam no vazio. Eles precisavam conversar, dividir, voltar a confiar um no outro. Mas isso não aconteceria antes de ele

retornar, antes que esse caso secreto de que ele estava cuidando terminasse. Ela esperava que não tivesse nada a ver com o livro de Malone, porque havia muitas coisas que ela poderia perdoar, mas isso não.



Capítulo 16



Natalie acordou com o sol batendo na veneziana do quarto de Cole na quinta-feira, de manhã cedo. Reparou no relógio que não era assim tão cedo: eram quase 8 horas. Rolou na cama e suspirou de deliciosa satisfação; não dormia assim tão bem há anos. Estava triste porque o dia seguinte havia chegado. Eles teriam de conversar sobre o passado, o presente e, quem sabe, o futuro. Não seriam

mais apenas eles dois. O resto do mundo teria o que dizer. E ela não estava pronta para devolver Cole para o resto do mundo.

Talvez nunca tenha estado.

Ela lhe dissera antes que nunca lhe pediria nada: nenhuma promessa, nenhuma aliança, nenhum felizes para sempre. E era mesmo verdade. Nunca pronunciara aquelas palavras em voz alta, mas no fundo era o que queria. Talvez ele fugisse se olhasse nos olhos dela, mas não se escutasse o que ela diria. Talvez a mesma coisa acontecesse de novo. Porque ela estava se apaixonando por ele pela segunda vez. Seu coração queria acreditar que haveria outro final dessa vez, mas a mente dela sabia que era uma expectativa com pouca possibilidade de sucesso.

A porta do banheiro se abriu e Cole apareceu; seu peito e seus cabelos estavam úmidos do chuveiro. Ela engoliu em seco quando o viu. Teria gostado de ficar observando-o mais um pouco, mas, depois de um sorriso sexy que a desmontou, ele pulou na cama, prendeu-a debaixo de si e continuou beijando-a como se nunca mais a deixasse ir embora.

Dava-lhe um beijo atrás do outro. Não lhe concedeu nenhuma chance de protesto nem mesmo se fosse para lhe dizer que continuasse fazendo o que estava fazendo. Que, na verdade, era tudo o que sempre quisera dizer. Ele lhe beijou o pescoço, os ombros e a clavícula... e ela gemeu de puro prazer. Ela não queria que ele parasse. Não queria mais pensar nem se preocupar com o que aconteceria com eles.

— Adoro esses barulhinhos que você faz — Cole murmurou, olhando-a fixamente e ardendo de desejo. — Me deixa louco toda vez que escuto. Sei que tem que se levantar agora. Deve estar com fome. Provavelmente vai querer tomar um banho. Ir pra casa. Fazer alguma coisa.

Ela pôs as mãos ao redor da nuca dele, puxou sua cabeça para baixo,

tocou seus lábios com um beijo que fez Cole suspirar.

— A única coisa que quero é que me ame de novo — suspirou perto da boca dele. — Sabe, a noite não acaba oficialmente até que eu saia da cama. Isso é uma regra. E a gente prometeu outra noite juntos.

— Verdade? Bem, eu não quero quebrar nenhuma regra.

— Estou pronta pra você, Cole — disse suavemente, apertando-o com as coxas. — Estou sempre pronta. — O toque insistente da campainha finalmente trouxe Natalie de volta à consciência. Cole estava espalhado, deitado de costas ao lado dela, os olhos fechados, mas dava para perceber que estava acordado pelo suspiro que se seguiu e pelo modo como piscou os olhos.

— Quem é?

— Não faço ideia — disse, desconfortável. — Quem quer que seja é conhecido do seu porteiro.

— Então não é nenhum repórter. — Cole disse, pulando da cama e vestindo uma calça. — Provavelmente é Josh ou Dylan.

— Assim que Cole saiu do quarto, Natalie juntou as roupas ao pé da cama. Pretendia correr para o chuveiro, mas, ao ouvir vozes, parou e decidiu se vestir. Podia ouvir um homem e uma mulher discutindo. Ela quase não reconheceu; talvez Madison e Dylan?

— Onde ela está? — o homem perguntou. — Ela está aqui com você?

Natalie sentiu um aperto no coração. Agora reconhecia a voz. Era o pai de Cole, Richard Parish, e ele não estava nada contente. Tinha um terrível pressentimento de que ele se referia a ela.

Abriam a porta do quarto e Natalie pulou. A blusa dela ainda estava aberta e ela rapidamente puxou as pontas para cobrir-se. Richard Parish parou a meio caminho, uma criatura enfurecida e angustiada. Os cabelos, que antes eram castanho-claros, agora eram completamente grisalhos. Seu corpo, que antes era musculoso e forte, estava magro, flácido. Seus olhos, ou os olhos de Cole, não a perdoavam e ele parecia não acreditar no que via. Então ele se virou para Cole.

— Dormiu com ela? Dormiu com a assassina de sua irmã?

— Ela não matou ninguém — Cole disse em sua defesa, o que fez com que Natalie ficasse imensamente grata.

— Não é o que o livro diz.

Natalie respirou fundo uma segunda vez, quando a mãe de Cole entrou no quarto. Era uma versão de Emily mais velha, cabelos cor de chocolate, olhos da mesma cor, nariz pequeno e arrebitado e rosto perfeitamente oval. Mas Janet Parish não envelhecera tão bem quanto ela pensara. Havia linhas de expressão em volta dos olhos e da boca e a sua pele era pálida e triste.

— Natalie — sussurrou, como sem querer acreditar —, é realmente você?

— Sim, sou eu.

— Richard disse que a viu na televisão ontem à noite. Você e ele corriam pela rua juntos. Não acreditei nele, mas aqui está você.

Droga. Os repórteres haviam filmado a fuga deles. Natalie não previra isso. Agora se sentia culpada por ter passado as últimas doze horas dentro de uma bolha de fantasia. Bem, aquela fantasia tinha oficialmente terminado. Ninguém sabia o que dizer a seguir. Natalie não gostava do silêncio, mas temia que desgostasse da conversa ainda mais. E estava certa.

— Você empurrou Emily da cobertura — disse Richard, desafiando-a a negar. — Não sei como não percebi isso antes.

— Não fui...

Ele a cortou com um gesto.

— Tudo o que está no livro é verdade. Vocês brigaram. Você queria ficar com Cole. E queria que Emily a ajudasse. Porque ela não o chamaria, você a empurrou.

— Não fui eu.

— Mas você não se lembra, se lembra? — perguntou Janet de um modo doce e triste. — Emily era tão doce, tão boa. E ela a amava como a uma irmã. Ela me disse isso. Você era a sua melhor amiga.

Natalie ficou ainda mais compungida.

— Sentia a mesma coisa por ela. E vou provar que Malone está mentindo.

— O Sr. Malone deve ter retirado as informações de algum lugar — Richard continuou. — A polícia de Santa Cruz vai lhe procurar, Srta. Bishop.

— Sou a Dra. Bishop — ela retorquiu, sem desanimar. Os Parish poderiam feri-la, mas não pretendia ser chicoteada por muito tempo. — E

esperarei ansiosa pra falar com a polícia.

— E eu também — disse Cole. — Parece que existem muitas perguntas sem resposta.

— Não, não quero que se envolva nisso, Cole — disse Janet, impulsivamente, com o que lhe sobrou de energia. — Não posso imaginar que algo possa lhe acontecer também. Tem que ficar fora disso. Você é a única coisa que me resta. Não posso perdê-lo. Prometa-me uma coisa. Deixe que seu pai cuide disso. Deixe que os investigadores façam o seu trabalho. Quero você a salvo. Tem que fazer isso por mim.

Natalie pôde ver, com as palavras de Janet, que Cole carregava um peso nos ombros. Era fácil agora entender por que Cole nunca deixara sua família ou o jornal. Sua mãe era muito frágil, como uma boneca de porcelana que poderia se quebrar em mil pedaços a qualquer momento. Emily sentira aquele peso também, ela percebia. No passado, Janet não era muito frágil, mas precisara do amor e da atenção da filha. E Emily sempre se sentira presa por essa necessidade.

— Nada vai me acontecer, mãe. Posso lhe prometer isso — disse Cole.

— Não pode me prometer isso. Emily me disse que tudo ficaria bem, mas ela estava errada. — Janet lançou a Natalie um olhar de tormento e em seguida olhou de novo para o filho. — Acho que vocês não deveriam ficar juntos.

— Natalie quer limpar seu nome e eu quero descobrir a verdade.

— Essas duas coisas podem estar em conflito — disse Richard.

— Não estão. Estou confiante — respondeu Cole.

— Porque está dormindo com ela. Está cego por fazer sexo com uma mulher bonita. Pensei que tivesse lhe educado melhor.

Cole ficou tenso com as palavras duras do pai.

— Olhe, sei que está aborrecido, mas eu posso lidar com isso. Sei o que estou fazendo e com quem estou fazendo.

Natalie franziu o cenho, pois esperava que ele fizesse uma defesa mais clara que essa.

— Deveria ter mais respeito pela memória de sua irmã e se afastar dessa mulher — Richard disse abruptamente.

— Eu me afastei dela... por dez anos — Cole respondeu. — Quantos mais você quer?

— O resto da sua vida. — Ele olhou feio para Natalie. — Nós dividimos a nossa vida com você, levamos você para as férias, a tratamos como filha e o que você fez? Embebedou Emily. Discutiu com ela. Deixou que ela subisse para o topo da casa, quando ela mal podia ver direito à sua frente. Ou você a empurrou, ou deixou que ela caísse. De um jeito ou de outro, você a matou. Natalie não podia respirar. Ela se sentia como se tivessem apunhalado seu coração.

— Vai ter de escolher, Cole. — Richard encarou Natalie. — Entre ela e a sua família.

Cole empalideceu.

— Não me dê um ultimato — ele disse, mas suas palavras atingiram somente o ar. Seus pais foram embora, batendo a porta.

Devagar, Natalie abotoou a blusa, percebendo com atraso que havia conversado seminua. Outra mácula contra ela. Enfim, Cole foi até a cômoda, pegou uma camiseta e vestiu-a. Ambos estavam vestidos agora. Tinham de novo suas carapaças.

— Acho que agora a noite acabou — ela disse, sentindo uma grande onda de arrependimento, apesar de sua intenção de não sentir nada.

— Acho que sim.

Ela detestou que ele não olhasse para ela e pensou se teriam de ignorar o que tinham acabado de viver. Antes que pudesse perguntar, Cole saiu do quarto. Aparentemente, iam ignorar toda aquela noite. Ela o seguiu até a sala, onde ele procurava pelas chaves.

— A gente ainda está junto nisso? — ela perguntou. — Ouviu o que o seu pai disse a meu respeito. E a sua mãe: ela lhe implorou pra que me deixasse sozinha.

— Eu estava aqui. Não precisa recapitular.

Ele estava irritado, mas com quem?

— Eles são sempre assim? Tão carentes?

— Perderam muito com a morte de Emily — disse gravemente. — Têm o direito de ser carentes. Parece que eu nunca dou o suficiente.

— Emily costumava dizer a mesma coisa — Natalie murmurou.

— A gente já discutiu isso. Emily foi uma criança doente. Devia ser protegida.

— Mas você não era doente. Não precisava ser protegido. E também se sentia preso. E ainda hoje. — Olhou nos olhos dele e soube que estava certa. — Foi por isso que fugiu de mim antes, Cole? Essa é a verdadeira razão por que quis acabar com o nosso relacionamento logo depois que eu disse que o amava?

Cole passou a mão no cabelo.

— Não sei, Natalie. Não sei mais. Pode ser.

De um modo estranho, Natalie estava satisfeita que os pais de Cole tivessem aparecido. Dava para entendê-lo melhor. Cole sentia medo de ser sufocado de amor. E ela temia que nunca tivesse o suficiente. Como eles poderiam ficar juntos?

— Vou levá-la pra casa. Preciso trabalhar.

Natalie passou a maior parte da manhã limpando o apartamento, cuidando da roupa, das contas, dos e-mails, tentando ignorar as lembranças que martelavam sua cabeça. Não queria reviver o ontem ou a noite anterior. Não queria pensar como tinha sido bom com Cole e quão mais difícil seria se encontrar, de novo, sozinha. Apenas podia culpar a si mesma. Ela tinha feito amor com ele de olhos abertos. E escolheu não pensar no amanhã. Então, por que estava surpresa de que o amanhã fosse amargo? Sabia que o tempo que estiveram juntos era apenas um breve interlúdio. Restava-lhe aceitar e partir para outra. Mas ela não sabia como partir para outra.

E havia ainda o problema do livro, dos jornalistas, não poder voltar ao trabalho. Estava numa cilada. E precisava escapar.

Quando o telefone tocou, à tardinha, ela deixou que a secretária eletrônica atendesse, pois pensava que fossem novos jornalistas perguntando coisas que ela não saberia responder. Surpreendeu-se de escutar outra voz familiar que vinha do passado.

— Natalie, aqui é Diane Thomas. Não sei se está lembrada de mim, mas...

— Diane — Natalie pegou o telefone. — Oi, acabei de chegar e escutei a sua chamada.

— Levei alguns dias para localizá-la — disse Diane. — Andei pensando em você desde que o livro saiu. Queria dizer que foi horrroso o que escreveram sobre você.

Natalie se comoveu com aquelas palavras. Diane havia sido conselheira no clube e confidente das meninas e era bom saber que ela não acreditava nos rumores que o livro suscitara.

Sentou-se no sofá.

— Obrigada. Não sabe o quanto isso significa pra mim.

— Sei que era muito próxima de Emily. Isso deve ser muito dolorido.

— É.

Fez uma pausa.

— Jessica Holbrook trabalha no meu escritório. Ela é a nova conselheira dos Gamma Deltas. A sua opinião diverge da minha. Achei que devia avisá-la, Natalie. Algumas das garotas pensam, realmente, que você tem alguma coisa a ver com a queda de Emily.

Natalie suspirou. Muito embora ela já soubesse disso, era duro de ouvir.

— Entendo, mas não sou culpada.

— Sei disso. Emily era uma menina tão doce e vocês eram muito amigas. Falei com Connie Richmond ontem — Diane se referia à governanta da comunidade — e tanto ela como eu adoraríamos ajudar no que for preciso. Podemos fazer algo?

— Nesse momento não. A menos que saiba quem é o autor do livro.

— O que quer dizer?

— Não creio que o nome verdadeiro dele seja Garrett Malone. Acho que ele está usando um pseudônimo.

— Mesmo? E por que faria isso?

— Deve estar encobrindo alguém. Não sei. — Natalie levou um susto quando a campainha tocou. Esperava que não fosse a imprensa. — Pode esperar um minuto? — Viu Madison pelo visor. Abriu a porta, pegou de novo o telefone e acenou para que Madison entrasse. — Desculpe por isso. Queria perguntar uma coisa, Diane. A Emily falou sobre um garoto com quem estava saindo? Sei que ela considerava muito a sua opinião. Sempre dizia que dava bons conselhos. — Não sei bem se era assim, mas eu me esforçava. — Diane deu uma risada. — Quanto ao garoto, não me lembro de ninguém em particular. A gente conversava sobre as relações entre as irmãs, as amigas, esse tipo de coisa.

O que queria dizer que provavelmente conversaram sobre ela e Cole.

— Ela disse alguma coisa sobre não querer que eu me envolvesse com seu irmão? — Natalie arguiu.

Houve uma pequena pausa e em seguida Diane completou:

— Ela mencionou que as coisas não iam bem entre vocês três. Tenho certeza de que não era nada tão sério quanto o livro retrata, não é mesmo?

— Não, claro que não.

— Bem, preciso ir. Por favor, sinta-se à vontade pra ligar pra mim ou Connie em qualquer eventualidade. A morte de Emily foi um acidente trágico, mas foi um acidente.

— Sim, foi, e obrigada. Foi muita generosidade da sua parte. Sou muito grata a você pelo apoio. — Natalie desligou e prestou atenção na sobancelha levantada de Madison: — Era Diane Thomas.

— Verdade? Outra voz fantasma.

— Ela não acredita no livro e me ofereceu ajuda. Disse que andou conversando com a Sra. Richmond sobre o caso outro dia e ambas pensam que sou inocente.

— Bom. Estou surpresa que a Sra. Richmond ainda seja a governanta do clube. Ela devia ter uns 80 anos quando moramos lá.

— Mais ou menos 50, Madison.

— Com certeza parecia mais velha.

— Isso é porque a gente era jovem. — Natalie sentou-se no braço do sofá.

— O que aconteceu com você?

— Vi Dylan ontem à noite. — Madison sentou-se numa cadeira e cruzou as pernas. — Ele tem um santuário pra Emily dentro do seu apartamento: centenas de fotos dela em cada espaço livre do closet trancado.

Natalie se espantou.

— Verdade? Como sabe disso?

— Eu entrei lá. É uma longa história. A parte principal é que Dylan era loucamente apaixonado por Emily. Ele escutou você e ela discutindo em seu quarto naquela noite da festa.

— Então ele estava na festa. Achei que sim.

— Ele disse que foi embora, porque não queria se intrometer entre vocês duas. Queria ter ficado, pois...

— ... assim Emily poderia ter sobrevivido. Ele pensa que fui eu, não é?

— Está quase certo. A gente discutiu outra possibilidade, que conto daqui a pouco. — Madison interrompeu-se. — Acho que Dylan pode ser Malone.

Natalie concordou.

— Também acho.

Madison franziu o cenho.

— Nossa! Pensei que a notícia fosse uma bomba, mas está claro que não. Por que pensa que Dylan é Malone?

— Porque Cole e eu seguimos Malone em Los Angeles e descobrimos um disfarce no quarto de hotel dele: peruca, maquiagem, o escambal.

— Dylan estava em Los Angeles. Foi Josh quem me disse. — Madison disse excitada.

— E quem melhor pra ter um disfarce do que um mágico? — Natalie pensou por um momento. — Disse que tinha muita coisa da Emily dentro do closet de Dylan. Será que o diário também está lá?

— Droga, deveria ter pensado nisso!

Natalie se levantou.

— Temos de ir até lá.

— Eu dirijo. E Cole?

Ela hesitou.

— Ele tá no trabalho e, francamente, não estou a fim de ligar pra ele agora. Tivemos uma ceninha de manhã. — Natalie se preocupou que tivesse dado essa informação de lambuja para Madison e viu que os olhos de Madison brilhavam de curiosidade. — Não me pergunte nada.

— Ei, espere aí, vai ter de me contar o que aconteceu.

Natalie titubeou. Ela queria mesmo se abrir? Provavelmente, Madison seria a única pessoa que não a julgaria pelo que fez. Respirou fundo e disse:

— Dormi com Cole a noite passada; daí os pais dele chegaram e nos pegaram quase nus.

— Que merda!

— Pode repetir isso, se quiser. Eles estavam furiosos e nos magoaram. Disseram coisas horróricas a Cole. Basicamente disseram pra ele escolher entre mim e a família.

— Odeio conversas do dia seguinte! — Madison disse, amenizando.

Natalie sorriu.

— Essa foi muito ruim.

— O que Cole falou?

— Ele defendeu a sua posição, dizendo que não estávamos em lados opostos, mas não esclareceu as coisas e ele... — Ela deu de ombros, incapaz de terminar a frase ou o pensamento. — Sei que foi idiotice transar com ele. Não sei onde estava com a cabeça. No que diz respeito a Cole, a minha mente entra de férias. De todo o modo, não vai acontecer novamente. Então, foi isso.

Madison riu:

— Boa tentativa, Natalie, mas tanto eu quanto você sabemos que isso não vai acontecer. O caso entre vocês está longe de terminar.

Cole saiu do trabalho pouco depois das 16 horas, sem ter conseguido trabalhar durante todo o dia. Não podia se concentrar. A mente voltava para a noite de paixão com Natalie, seguida do confronto intempestivo com os seus pais. Ele precisava conversar com alguém. Josh não atendera ao telefone, então decidiu falar com Dylan.

A hostess do Club V disse que Dylan ainda não chegara, Cole foi para a porta lateral e subiu as escadas até o apartamento. Um instante depois, alguém respondeu à batida de porta: Josh. Usava jeans desbotado azul e camiseta branca. Segurava uma cerveja numa das mãos e o controle remoto na outra.

— Cole, o que faz aqui?

— Eu ia perguntar a mesma coisa. Não devia estar trabalhando?

— Estou cobrindo um jogo hoje; então decidi fazer um intervalo.

— Não tem sua própria casa?

— Acabou a cerveja e Dylan tem uma TV grande.

Cole concordou e se perguntou por que fazia um tempão que suas necessidades não se resumiam a cerveja e TV.

— Onde está Dylan?

— Saiu.

Sentiu um frio na barriga.

— Como assim saiu?

— Ele deixou um bilhete hoje de manhã, dizendo que voltaria em poucos dias.

— Para onde foi?

Josh deu de ombros.

— Não perguntei e ele não me disse. Sabe que ele nunca dá satisfações.

— Ficou pensativo. — Qual é o problema? Dylan está sempre fora. Por que se preocupa?

— É esse maldito livro. Acho que Dylan sabe algo a respeito.

— Melhor entrar — disse e fechou a porta. — Quer uma cerveja?

— Não, obrigado. Acha que acontecia alguma coisa entre Dylan e Emily em Santa Cruz? — Cole mal podia acreditar que fizera aquela pergunta, mas tinha rondado a cabeça dele por alguns dias.

— Pergunta interessante — Josh refletiu por um instante. — Madison me perguntou a mesma coisa outro dia. Eu lhe disse que eram como irmãos, certo?

— Pensava que sim. — Sentiu-se melhor por ter a sua opinião confirmada. Josh era irmão gêmeo de Dylan. Ele saberia caso estivesse acontecendo algo mais? — Claro que eram apenas amigos — acrescentou. — Estou enlouquecendo tentando descobrir o autor do livro. Malone sumiu. O meu melhor investigador não me forneceu nenhum dado. Parece que o homem desapareceu da face da Terra. E agora meus pais voltaram com a carga toda.

— Posso fazer alguma coisa?

— Podia me ajudar a encontrar o seu irmão. — Assim que Cole terminou de falar, bateram na porta. — Eu atendo.

Dizer que ele ficou chocado de ver Madison e Natalie era pouco. Aparentemente, elas reagiram da mesma maneira.

— O que está fazendo aqui, Cole? Pensei que tinha ido trabalhar — Natalie falou.

– Queria falar com Dylan.

– E a gente também – Madison respondeu, olhando em volta. – Onde ele está?

– Não está aqui – Cole respondeu. – E ninguém sabe pra onde ele foi.

– Viu que Natalie estava desapontada, mas, instintivamente, ela evitava o seu olhar. Como fora que, de íntimos, se tornaram estranhos tão depressa? Ele sabia a resposta. Os pais dele o lembraram que Emily ainda estava entre eles.

– Está certo – Madison respondeu decidida. – Pode ser uma boa coisa que Dylan não esteja aqui. Ele não vai poder nos impedir.

– Impedir de quê? – Josh perguntou, curioso.

– De entrar no closet dele.

– Espere um pouco, Madison – falou Josh. – Não posso permitir que faça isso.

– Tente me impedir. – Ela indicou uma porta fechada no fim do quarto.

– Já estive lá dentro?

Cole seguiu seu olhar, perguntando-se o que ela sabia e ele não. Não demorou muito para ele descobrir.

– Dylan construiu um santuário pra Emily – Madison continuou. – Eu o vi ontem. Precisamos da chave. – Olhou de relance pra Josh. – Você tem?

– Talvez. – Josh disse com calma. – Mas respeito a privacidade de meu irmão. Assistir à sua TV e roubar uma cerveja é uma coisa; fuçar dentro do closet é outra.

– A gente tem de ver – pediu Cole. – Me dê as chaves.

Josh hesitou, mas em seguida foi até a mesa e pegou-as. Entregou-as a Cole.

– Deve ser uma dessas.

Cole estivera no loft dezenas de vezes e nunca reparara no closet. Agora parecia um tanto agourento. Tinha um pressentimento ruim de que não deveria abrir a porta. Mas algo o impeliu a cruzar o quarto. Depois de

algumas tentativas, encontrou a chave certa. Com facilidade, destrancou e girou a maçaneta.

Natalie, Madison e Josh vieram atrás dele.

— Tem uma luz — disse Madison, alcançando a cordinha comprida.

Iluminou-se o quarto e Cole abriu a boca, enquanto o rosto de Emily o olhava de centenas de modos diferentes. Fotos dela estavam por todo o canto do quarto.

— Merda! — disse Josh. — Que diabo é isso?

— Um pesadelo — Cole murmurou e virou-se de lado. Pensou que ia passar mal.

Natalie segurou-o:

— Você está bem?

— Não.

— Pra onde você vai? Precisamos procurar o diário de Emily.

Cole balançou a cabeça.

— Não posso. Tenho de sair daqui.

OLaura estava consciente e nervosa quando entrou no escritório de Drew, localizado em um andar cheio de outras pequenas salas. A sua secretária, Pamela Fryer, estava sentada em frente ao computador, os dedos no teclado. Como quase todas as funcionárias do escritório, havia sido contratada por seu pai e era jovem, atraente e bem-vestida. Há seis meses era a secretária de Drew e Laura mal tinha trocado duas palavras com ela. Isso ia mudar.

— Sra. McKinney — Pamela se surpreendeu, quando ela se aproximou. — Posso ajudá-la? O Drew não está.

— Sei disso — disse Laura, tentando se lembrar da história que havia maquinado. Depois da conversa insatisfatória com Drew na noite anterior, tornara-se claro para ela que, se queria respostas, teria de buscá-las sozinha. Se Drew estava tramando alguma coisa, ela não encontraria nenhuma prova em casa. Ele a manteria no trabalho, porque ela nunca aparecia por lá; bem, não até hoje. — Por engano, Drew trouxe pro trabalho um documento da minha filha do qual precisamos. Drew disse que está na escrivaninha. Ficou misturado entre os papéis dele na semana passada. Vou lá ver.

— Quer que eu a ajude a procurar? — Pamela se levantou.

— Não, posso fazer isso sozinha.

— O Sr. McKinney não gosta que ninguém mexa nas coisas dele — Pamela disse hesitante.

— Acredite em mim. Sei exatamente o que o Sr. McKinney gosta ou desgosta — Laura respondeu, decidindo que era hora de ver quem mandava por ali. — Sou a sua mulher.

— Claro que é. Não quis...

O telefone tocou na mesa de Pamela como por intervenção divina. Laura escapou para dentro da sala, enquanto Pamela atendia. Sabendo que tinha apenas alguns minutos, ela vasculhou nas gavetas o mais depressa que pôde. Nada, nada e nada. Deu uma rápida olhada pela veneziana da porta e percebeu que Pamela ainda estava ao telefone. Ainda tinha alguns minutos, então voltou-se para os arquivos. Ao fazer isso, lembrou-se do computador. Ele adorava fazer tudo on-line.

Ligou-o e tamborilou, impaciente, os dedos na mesa, mantendo um dos olhos sobre Pamela e o outro na tela do computador. Seria difícil explicar isso, quando a sua desculpa era um documento para a filha.

Finalmente, conseguiu. Ela deu uma olhada nos arquivos pessoais e sua pulsação acelerou quando viu um intitulado "Malone". Abriu e passou os olhos no conteúdo. Havia outro roteiro de viagem. Seria uma cópia daquele que encontrara em casa? Não, não podia ser, porque neste havia uma viagem a Nova York. O Drew não tinha ido a Nova York no mês passado? As datas pareciam coincidir, pelo que se lembrava. Ela rolou a barra, esperando encontrar algo mais, porém não havia nada. Fechando o arquivo, ela voltou a atenção ao arquivo principal. Procurou os nomes numa lista, mas nenhum deles era significativo para ela. Até que leu SC e quis saber se aquilo se referia a Santa Cruz. Era uma lista de nomes e telefones. Ela reconhecia todos eles.

Jessica Holbrook, a irmã mais velha de Emily.

Connie Richmond, a governanta do clube.

Diane Thomas, a conselheira.

A lista continuava com os nomes das garotas que moraram na casa, no tempo de Emily. Laura ficou olhando para isso por longos minutos. Por que Drew tinha uma lista dessas? E o que ele andava pesquisando?

Ele queria descobrir quem escrevera o livro?

Ou havia usado essas pessoas para obter informações para escrevê-lo?

Ela balançou a cabeça, tentando frear a imaginação. Drew era um advogado, não um romancista. Ele não tinha escrito aquele livro. Não tinha nenhum motivo; a não ser dinheiro. Mas ele ganhava bastante na firma, obviamente mais do que o suficiente para movimentar altas somas na conta bancária. A menos que aquele dinheiro não tivesse vindo da firma.

Laura desligou o computador e se levantou, quando Pamela se aproximou da porta, com uma expressão curiosa.

— Achou o que estava procurando? — perguntou Pamela.

— Sim. Obrigada.

— Laura?

Escutou-o antes mesmo que entrasse na sala. Seu pai, Thomas Hart, era um homem alto, forte, com um rosto quadrado que intimidava as pessoas. Ela sempre o temera e, agora, não era exceção. Não importava que tivesse 30 anos, fosse casada, mãe de duas filhas. Quando o assunto era o seu pai, ela voltava a ser a menininha insegura.

— Oi, pai — disse, forçando um sorriso.

— Pamela me contou que estava aqui, mas não me disse o motivo.

Ah, então a secretária já tinha reportado a sua presença a seu pai? Ela dirigiu à mulher um olhar penetrante e Pamela voltou alguns passos, como se dizendo "desculpe".

— Um dos documentos de Jennifer veio parar entre os papéis de Drew. Vim pra recuperá-lo.

O pai entrou no escritório, fechando a porta atrás de si.

— Foi por isso mesmo que veio?

— Por que mais seria? — disse, nervosa.

Seu olhar a perfurou e ela teve a terrível sensação de que ele podia adivinhar o que ela pensava.

— Drew está quase sempre fora do escritório, ultimamente. Tem algum problema em casa, algum motivo que explique por que tenha de se ausentar da cidade tantas vezes?

Ela o olhou, espantada.

— Ele foi viajar a trabalho. Estou certa de que sabe melhor do que eu de que tipo de negócio se trata.

— Temo que não. Drew anda se dedicando imensamente a coisas pessoais. Ele disse que cuidaria de problemas pessoais. Tentei não interferir, Laura, mas isso está se tornando patente para os outros sócios. Não posso ficar encobrindo-o para sempre.

"Drew estava cuidando de coisas pessoais? Ele estava mentindo para os dois?"

— Olhe, Laura, não sou de dar conselhos, mas vou lhe dizer isso: se quiser ter seu marido em casa, certifique-se de que ele tenha algo em casa pra voltar.

— O que isso quer dizer?

— Saiba o que quer dizer. Os homens que são felizes em casa, não vão procurar fora de casa.

Seu pai saiu do escritório e ela teve vontade de correr atrás dele e perguntar se ele havia dado a mesma desculpa para trair sua mãe. Ela sempre suspeitara de que ele tivesse mais de um caso ao longo dos anos. Mas não se atreveu a dizer uma palavra.

Ela estava se comportando como a sua mãe? Tapando o sol com a peneira, fingindo que as coisas estavam certas quando não estavam? Drew estava tendo um caso? Era por isso que ele passava tanto tempo fora? Ela precisava conversar com ele. Precisava fazer aquelas perguntas de uma vez por todas. Nada de desvios. Nada de esperar que os problemas se resolvessem sozinhos. Ela tinha de se encontrar com Drew agora.



Capítulo 17



Natalie passou a maior parte da sexta-feira de manhã procurando por Cole. Foi ao seu apartamento, na redação; tinha até mesmo dirigido até a casa dos pais dele para verificar se seu carro estava lá. Nada. Ela estava ficando preocupada. Desde que Cole tinha saído perturbado da casa de Dylan, ele tinha desaparecido. Ela decidira dar-lhe um tempo, antes de conversar sobre o que Dylan sentia por

Emily, mas, agora, esse tempo acabou. Ela precisava, ou melhor, queria falar com ele, ver se ele estava bem.

Dirigiu para a marina e andou até a ponte Golden Gate. Tinha quase certeza de que ele estaria lá, inclinado para baixo, olhando as águas. Acertou. Agasalhou-se melhor, pois uma brisa fria a fez tremer e caminhou na direção dele.

— Como soube que eu estava aqui? — Cole perguntou, sem virar a cabeça.

Ela se inclinou também, soltando os braços, enquanto ele se encostava em seu ombro.

— Palpite feliz. Está com frio? — Ele vestia camisa e calça, mas nenhum casaco.

— Não sei, não pensei nisso — parou por um instante. — Encontrou o diário de Emily?

— Não. Não estava no closet de Dylan. — Ela percebeu que ele se agitara e que ainda pensava no quartinho. — Não foi tão mau assim, Cole.

— Como pode dizer isso? — Virou-se e ela viu dor e fúria nos olhos dele.

— Dylan tem obsessão por minha irmã de um modo estranho, doentio. E eu nunca soube. Pensei que ele era meu amigo. Confiei nele. Todos nós. Meus pais se alegraram quando Emily foi para Santa Cruz, pois assim Dylan poderia cuidar dela. Meu Deus! A gente a encorajava a vê-lo! — Ele balançou a cabeça, odiando-se. — Não posso acreditar que confiei nele.

— O Dylan cuidou realmente de Emily. De acordo com Madison, ele

foi apaixonado por Emily, mas nunca lhe contou. E nunca agiu se não como amigo. Não penso que ele avançou o sinal de verdade, apenas na sua imaginação. — Natalie não sabia por que estava tão determinada em convencê-lo, mas o fez. Talvez porque ele já perdera a irmã; não poderia deixar que perdesse seu melhor amigo agora. — Houve muitos desentendimentos. Não deixe que esse seja mais um. Converse com Dylan antes de julgá-lo.

— O que foi que eu não vi, Natalie? — perguntou, abrindo os braços, frustrado. — Meu melhor amigo mentiu pra mim. Mesmo se for uma omissão; ainda assim é uma mentira. E por que o defende? Você o odeia.

— Obrigada por me lembrar — disse seca. — Sei que ele não é o meu maior fã, e é verdade que existem toneladas de fotos de Emily, mas não são fotos dela nua. Também encontramos desenhos que devem ter sido feitos quando ela era criança. Parece que ela e Dylan tentaram criar os seus próprios truques de mágica. E escreveram contos juntos sobre lugares mágicos. Acho que Dylan se baseou nessas histórias para criar alguns dos jogos. Os que li eram muito bons. O closet era como um grande álbum. Vai ver ele não é nenhum monstro.

Cole olhou para ela como se ela tivesse duas cabeças.

— Não entendo você, Natalie. Parece muito compreensiva. Ainda não percebeu que existe uma boa possibilidade de que Dylan seja o Garrett Malone, ou que tenha fornecido material para o livro, porque quisesse puni-la pela morte de Emily?

Na verdade, ela já tinha pensado nisso.

— Claro que percebi, Cole. Se Dylan acredita que eu machuquei Emily, então se equivocou e eu farei de tudo para que ele entenda isso. Principalmente, se for ele quem está querendo arruinar minha reputação. — Ela parou e desejou que ele entendesse que ela havia se emocionado com as coisas que viu no closet.

— Tenho de dizer que estou meio admirada com o amor que Dylan tem por Emily. Ele a adora. Isso é evidente. O que quer que tenha feito, fez por amor.

— Um amor doentio certamente.

— Por que doentio? Por que ele era seu amigo?

— E ela era a minha irmã — Cole disse com desgosto. — E ele tirou vantagem dela.

— Não, não tirou. E estou começando a entender por que ele nunca

lhe contou nada.

— Não me contou porque sabia que eu não gostaria.

Natalie suspirou, sentindo como se estivesse batendo a cabeça contra um muro.

— Apenas os jornais são preto e branco, Cole. O resto da vida é mais complicado, principalmente os relacionamentos. Dylan tinha todo o direito de amar Emily. E tenho certeza de que ela se importava com ele também. Eles eram bons amigos. Você tem de conversar com Dylan.

Cole não respondeu. Era claro que ainda estava zangado.

Natalie olhou para as águas e para um veleiro que cruzava a ponte. Tentava velejar de volta à baía, para fora do alto-mar, fora do vento e das correntes. Os marinheiros não desistiam, virando à esquerda, em seguida, à direita, na tentativa de pegar uma brisa. Ela sentia que tinha se engajado na mesma luta e não desistiria. Não perderia, não agora que estava tão perto de conseguir tudo o que sempre quis.

E também não podia deixar que Cole desistisse.

— Precisa se concentrar — disse-lhe. — Está se deixando levar pelas circunstâncias. Ainda precisamos encontrar Malone, o diário, a verdade. Pelo menos, estamos chegando perto.

Ele a olhou cético.

— Como pode pensar assim? Toda vez que me viro, descubro algo novo sobre a minha irmã. Emily não passa de uma estranha agora. Será que é a garota da qual me lembro no coração e na mente? Ou é alguém completamente diferente?

— Talvez seja um pouco das duas coisas. Geralmente, não mostramos para a família a nossa verdadeira face, principalmente quando somos adolescentes. Emily tinha 19 anos quando morreu. Ela não tinha amadurecido plenamente. Não havia se tornado tudo o que poderia ser. E não era perfeita.

— Pensei que fosse perfeita — Cole disse seriamente. — Toda vez que penso nela vejo-a rindo com seus olhos castanhos e sorriso bonito, e odeio que ela tenha partido. Ela tinha tanto o que viver! Poderia ter se tornado quem quisesse.

Natalie deslizou a mão pelo braço dele para confortá-lo.

— Sinto a mesma coisa, Cole. Emily está congelada no tempo pra todos nós. E é por isso que não a deixamos ir. Não superamos o fato de que a gente

teve uma chance de seguir em frente e ela não. Talvez seja por isso que Dylan tenha querido mantê-la viva nas fotos. Talvez não devêssemos criticá-lo tão duramente por causa disso. í — Eu a quero de volta — Cole disse com o peito apertado. — Quero mais cinco minutos com Emily.

Suas palavras a emocionaram e ela mordeu o lábio para se controlar. Onde tinham ido parar as suas defesas? E por que não conseguia mais reconstruir os muros?

— Apenas mais cinco minutos — continuou, olhando nos olhos dela.
— Queria dizer que tenho orgulho dela, que a amo e que venderia a minha alma pra reviver aquela noite, pra trazê-la de volta. É muito pedir isso?

Natalie negou com a cabeça, incapaz de falar. Ela também queria mais cinco minutos com Emily: tempo para pedir desculpas por ter confundido as coisas, por não ter prestado atenção na vida dela e por ter sido egoísta. Mas eles não ganhariam mais cinco minutos. Deixe estar como está.

Quando Cole a abraçou, Natalie se rendeu. Descansou o rosto perto do coração dele e pôs as mãos em volta de sua cintura. Permaneceram assim por vários minutos. Queria que durasse para sempre. Agora se dera conta de que não havia voltado a São Francisco por causa da beleza da cidade ou das suas lembranças; havia voltado para isso. Essa era a única casa que ela sempre quis, os braços de Cole.

Como em todo lugar que havia morado, sabia que seria temporário. Não haveria segunda chance. Não para eles.

Pouco depois, o telefone de Cole tocou e ela se afastou para que ele atendesse. Ele verificou o número e balançou a cabeça:

— Josh, de novo.

— Ele está preocupado com você. Vai responder?

— Falo com ele mais tarde. Preciso de tempo pra pensar. Acha que ele sabia...

— Não. A relação de Dylan com Emily, qualquer que fosse, era uma coisa só deles.

Ele ficou sério: — Acha que ela tinha medo de Dylan?

Natalie balançou a cabeça.

— Não, absolutamente. Eu os vi juntos em Santa Cruz. Não havia medo entre eles. Nem um pouco. Emily fazia com que ele sorrisse. E ele a ela. Adoravam conversar. Não era nada estranho.

– Quero acreditar nisso.

– Então acredite. Temos outras coisas com que nos preocupar.

– Como o quê?

– Madison e eu nos sentamos e comparamos as nossas observações. Isso é o que sabemos: Emily estava interessada em alguém pouco antes de morrer, alguém que ela pensava ser inatingível. A única pessoa que se encaixa nessa descrição é Drew, por causa de seu relacionamento com Laura.

– Drew? – Cole repetiu. – Pensa que Emily e Drew tinham alguma coisa? Sério?

– Acho que não podemos descartar isso. Sabemos que Drew foi para Los Angeles ao mesmo tempo em que Malone. – Ela fez uma pausa. – Não é curioso que hoje nem Drew, nem Dylan possam ser rastreados?

– Não é nada curioso, é frustrante.

– Poderiam Drew e Dylan estar trabalhando juntos? – Natalie questionou. – Dylan gosta de escrever; Drew, secretamente, planeja um modo pra que não processem o autor do livro. E ambos me detestam.

Cole não respondeu. Ficou olhando para ela demoradamente e podia sentir as engrenagens girarem na sua cabeça.

– Suponho que é possível.

O telefone dele tocou outra vez.

– É o meu investigador. Melhor eu atender.

Natalie percebeu que a sua expressão mudava ao longo da conversa. Foi de nervoso a tenso, triste, agitado, ansioso.

– As coisas mudaram – disse, assim que a ligação terminou. – O investigador encontrou Malone. Descobriu que o nome dele é Jerry Williams.

O nome não era conhecido.

– Não entendo. Quem é esse Jerry Williams?

– Não faço ideia. Mas ele conseguiu o endereço de Santa Cruz. Acho que a gente deveria verificar.

– Não sei – Natalie titubeou. Será que ela queria voltar ao lugar onde Emily morrera? Onde tinha passado a pior noite da sua vida?

— Como assim? — Cole insistiu. — Essa é a nossa primeira pista de verdade. A gente deveria seguir. — Olhou com doçura para ela. — Sei que vai ser difícil, mas acho que a gente não tem escolha, não se quisermos a verdade.

— Tem certeza de que quer que eu vá com você? Depois do que os seus pais disseram? A última coisa que quero é ficar no meio de vocês, Cole.

Uma emoção apareceu nos olhos dele, mas veio e se foi tão depressa que ela não conseguiu ler.

— Estamos juntos nessa até descobrirmos uma resposta. Isso é tudo o que posso pensar agora.

Até descobrirmos uma resposta. Pelo menos, estava lhe dando uma previsão de tempo.

— Certo — concordou, tomando uma decisão rápida. — Eu vou. Santa Cruz foi onde tudo começou. Com sorte, será onde vai terminar.

Madison tamborilou sobre a sua escrivaninha. Ela precisava mesmo trabalhar, mas estava tendo problemas para se concentrar. Não parava de pensar no passado, especialmente em Dylan. Ele ficaria furioso quando descobrisse que todo mundo sabia sobre sua paixão por Emily. Provavelmente, nunca mais falaria com ela, muito porque ela fora a responsável por espalhar a notícia. Por algum motivo, sentia-se mais triste do que zangada. Ela tinha começado a ver Dylan sob outra perspectiva nesses dias e o que vira a tinha impressionado. Havia mais nele do que uma imagem de bad boy, muito mais. Só queria que ele se abrisse com ela. Agora havia pouca chance de isso acontecer.

Sacudiu a cabeça e tentou se concentrar nos detalhes do baile à fantasia, que, por Deus, seus funcionários tinham dado conta de organizar. Mas, mesmo lendo, a cabeça vagueava e as palavras embaralhavam-se diante de si. Agradeceu quando a porta se abriu e a sua secretária, Theresa Myers, entrou com um bando de recados na mão.

— Algumas pessoas procuraram por você enquanto estava em reunião. A primeira delas foi um detetive chamado Robert Boland, da delegacia de polícia de Santa Cruz. Pediu para retornar a ligação o quanto antes.

Madison sentiu um nó na barriga. Droga! Não era o que queria ouvir.

— Está tudo bem? — Theresa perguntou, curiosa.

— Sim. Algo mais?

— Tem um recado de Natalie Bishop. Ela disse que estava indo pra Santa Cruz e que, se precisasse falar com ela, era pra ligar no celular. Precisa de alguma coisa? Eu ia pegar os convites impressos do baile.

— Isso é tudo.

Madison acenou para que saísse da sala. Ela precisava pensar. Levantou-se e começou a andar em volta da mesa. A polícia queria falar com ela. Isso não era bom. E Natalie estava a caminho de Santa Cruz. Também tinha recebido um telefonema da polícia? Parecia que as respostas estavam em Santa Cruz. Talvez fosse hora de ela voltar para lá.

Pegou a bolsa da gaveta, abriu a carteira e pegou um papelzinho em que Laura escrevera o número de seu telefone. Discou, esperando que ela estivesse em casa.

Laura atendeu no segundo toque.

— Alô?

— É Maddie.

— Graças a Deus! Acabei de receber um telefonema do detetive. Quer tomar outro depoimento sobre a morte de Emily.

— Eu sei. Também me ligaram. Escute, a Natalie está indo pra Santa Cruz. Acho que a gente deveria ir também.

— Pra Santa Cruz? Não sei. Tenho medo. Tenho maus pressentimentos.

— Eu também, mas eu vou.

Laura hesitou, depois disse:

— Vou pedir à minha mãe pra buscar as crianças na escola.

— Bom. E o que vai dizer a Drew?

— Nada. Ele ainda está fora da cidade e não tenho ideia do que anda fazendo. Mas isso é outra história.

— Pode me contar no caminho. Vou pegá-la em uma hora. Passa o endereço. — Madison anotou e desligou o telefone com um sorriso de satisfação. Estava contente de tomar a iniciativa. E parecia estar dando certo.

— Santa Cruz, aí vamos nós — sussurrou e saiu.

Quando Natalie viu a Giant Dipper, uma velha montanha-russa de

madeira na praia de Boardwalk, ela se sentiu em casa. Essa cidade bonita do litoral fora palco de uma das melhores fases da vida dela e embora tivesse vivido ali por dezesseis meses apenas, para todo lugar que olhasse havia algo conhecido.

— Lembra quando a gente foi pra montanha-russa? — perguntou a Cole, que quase não tinha falado nada nas duas horas de viagem.

— Como poderia esquecer? Acho que foi lá que parei de escutar com o ouvido direito.

Natalie estava contente que ele voltara a brincar. Estava preocupada com ele, mas achava que estava melhorando.

— Não gritei tão alto. E além do mais todo mundo grita na montanha-russa. É esperado: que as garotas gritem e que os rapazes as agarrem.

— Ah, então é esse o plano. Muito espertinhas, vocês mulheres.

— Já era hora de saber disso — sorriu. Ela detestava mudar o tom da conversa, mas viu que ele observou a placa na rua e quis saber se sabia para onde estava indo.

— Quer que eu olhe no mapa?

— Acho que estamos na direção certa. Haller Avenue deve estar bem perto. — Interrompeu-se. — É o seu telefone?

— Ah! — E logo percebeu que tocava dentro da bolsa. Atendeu: — Alô?

— Oi, Natalie — disse Madison. — Já chegou em Santa Cruz?

— Estou perto da praia. — Relaxou ao ouvi-la. — Acho que recebeu o meu recado.

— Está difícil de me concentrar entre as chamadas da polícia. O detetive Boland procurou você?

— Não. — Natalie sentiu a pressão. — O que ele queria?

— Pegar meu depoimento. Ainda não falei com ele. Se souber de Malone, me avise. A Laura também quer saber. Ela está comigo.

— Oi, Natalie. — Dava para ouvir a voz de fundo.

— Então, o que conseguiu? — Madison perguntou.

— Talvez o endereço de Malone. Parece que ele se chama Jerry Williams. Conhece?

— Acho que não, mas vamos chegar em uma hora. A gente se encontra na casa do clube?

Natalie hesitou. Estava pensando naquela casa desde que Cole tinha sugerido ir a Santa Cruz, mas uma parte dela queria evitar esses pensamentos. Entretanto, seria absurdo vir até aqui e não passar na casa. Era o centro dos acontecimentos. — Ok, espero encontrar Malone antes disso. Ligo pra você nesse caso. — Desligou e guardou o celular na bolsa. — Madison e Laura estão vindo pra cá.

— Deu pra entender. — Cole tentou ler outra placa de rua. — Aquela é a Haller Avenue?

— Sim, o número é 2302. — Natalie procurou pelos números enquanto eles desciam a rua. — Deve ser no próximo quarteirão. Lá está. — Cole estacionou em frente a um prédio de dois andares cuja placa dizia "SUNRISE LIVING CENTER". — É um retiro pra idosos — disse, espantada. — Garrett Malone não é velho. Mesmo com o disfarce, não deve ter mais de 50. Tem alguma coisa errada. Mas é o endereço que o seu investigador forneceu.

Cole desligou o motor.

— Vimos até aqui. Vamos verificar.

Desceram do carro e foram para a porta da frente. Uma mulher vestida de modo casual estava sentada a uma escrivaninha do que era, obviamente, um lobby, com sofás confortáveis e cadeiras em volta de mesinhas. Havia uma TV num canto e uma senhora tricotando. — Posso ajudar? — perguntou a recepcionista.

— Vimos visitar Jerry Williams — disse Cole.

— O Sr. Williams? — Parecia surpresa. — São parentes?

— Não, amigos. Tem algum problema?

— Não, claro que não. É que ele não costuma receber muitas visitas. Segundo andar, quarto 210. Alguns dias são bons, outros ruins, você sabe. A vida é assim. Precisa assinar antes. — Ela lhes mostrou uma prancha. Cole assinou e em seguida falou: — Obrigado. — Subiram para o segundo andar.

Quando entraram no quarto, Natalie viu um homem velho numa cadeira de rodas. Era só pele e osso, muito magro, fraco, olhar vago.

— Sr. Williams? — Cole perguntou. O homem nem piscou. — Queremos falar com o senhor. — Cole repetiu. Nenhuma resposta. Cole olhou curioso para Natalie. — O que há de errado com ele?

— Deve ser Alzheimer ou algum tipo de demência. Sei de uma coisa: ele não é Garrett Malone. Talvez seja outro Jerry Williams. É um nome comum.

— Acho que não. O fato de que Williams viva em Santa Cruz é uma grande coincidência. Malone deve ter usado a sua carteira de identidade. É a única explicação.

— E por que se meteria numa encrenca dessas?

— Porque escreveu sobre fatos reais e vendeu-os como ficção. Não queria que ninguém soubesse a sua verdadeira identidade, nem seu agente nem o editor, talvez nem mesmo seus amigos.

— Queria se proteger. Distanciar-se do fato, enquanto jogava a gente na fogueira. — Natalie completou. — Isso faz sentido. Mas como Malone teria acesso a sua carteira de identidade?

— Deve ter alguma relação com ele.

Enquanto Cole tentava atrair o homem, Natalie se moveu pelo quarto e abriu a gaveta da cama. Havia alguns blocos de papel em branco e lápis, a Bíblia, caixas de chocolate, um tocador de CD e um livro de poesia. Natalie abriu o livro e perdeu a respiração ao ler o carimbo. — Olhe pra isso. —

Mostrou a Cole. — Greg Martin, PhD, professor de literatura inglesa na

Universidade de Santa Cruz. Lembro do nome dele. Ele dava aulas quando eu era estudante. Estou quase certa de que ou Emily, ou Laura tiveram aula com ele. Eu me lembro, porque ele era considerado um homem bonito para os padrões de um professor.

— Se ainda estiver ligado à universidade, podemos encontrá-lo. Acho que encontramos Malone. As iniciais são as mesmas: Greg Martin/Garrett Malone.

— Pode ser. — Natalie ainda não entendia por que um professor de inglês da universidade escreveria um livro sobre Emily e ela. — Difícil de acreditar que pudesse saber tanto sobre nós.

— Não se ele tivesse o diário de Emily.

— Não sei, vamos dar um passo de cada vez. E pensar nisso: um professor de inglês provavelmente sabe escrever.

— Acho que sim.

— Não parece convencida. — Cole olhou sério. — O que foi?

— Estava tão certa de que era ou Dylan, ou Drew, ou alguém que a gente conhecesse melhor. Mas o professor Martin... Por que ele se esconderia? Qual é a sua relação com esse homem? — Ela acenou para o Sr. Williams, que ainda não dera nenhum sinal de conhecimento da presença deles em seu quarto. — Não têm o mesmo nome, mas está claro que veio visitar este homem.

— Provavelmente são parentes. Vamos procurar o professor na universidade. Ele deve saber melhor do que a gente como responder a essas perguntas.

Ela concordou:

— Vamos esperar por Madison e Laura. Talvez saibam de mais alguma coisa. Elas estão na casa do clube.

Cole empalideceu:

— É o último lugar pra onde gostaria de ir.

— Eu também. Mas não penso que isso vá acabar sem que a gente se disponha a ir pra lá.

Enquanto Madison parava o carro no estacionamento, Laura caminhou pela calçada em direção à casa de dois andares que fora seu lar por três anos. Ela teve de proteger os olhos do sol para poder observar bem. Tinha vivido tantos momentos naquela casa, bons e ruins. Voltar não significaria tanto para Natalie ou Madison quanto para ela. Depois que elas se foram, a comunidade se tornara sua família. Embora Natalie, Madison e Emily tivessem sido as amigas mais íntimas, as outras garotas riam com ela, estudavam, dançavam, festejavam e algumas tinham feito o baile de formatura juntas.

Ela não tinha voltado para a casa desde a formatura, mas tudo parecia igual, talvez só tenha sido repintada de branco por fora. Colunas brancas indicavam o caminho do estacionamento para a casa. Havia flores ao longo dele e uma pilha de lenha na calçada. O andar de baixo era ocupado pela biblioteca, sala de estar, sala de jantar, cozinha e pelo quarto da governanta, ao fundo. O segundo andar era repleto de janelas e quartos em todas as direções, bem como banheiros comuns no meio do andar.

No primeiro dia, Laura ficou esperando na calçada com as amigas para poder entrar. Fora a primeira casa que elas haviam visitado e não faziam ideia do que significava um "bota-dentro". Ficaram assustadas quando a porta da frente e as janelas do segundo andar se abriram para mostrar dezenas de garotas com roupas coloridas, cantando e convidando-as para entrar. Tudo parecia meio bobo e brega e elas riram muito e entraram em seguida. Um mundo novo se abria para elas.

A vida em comunidade parecia muito divertida. Elas decidiram que fariam uma tentativa de serem aceitas na casa, no segundo ano de faculdade. E fizeram um pacto: entrariam todas juntas ou nada feito. Felizmente, a casa da Gamma Delta aceitou todas elas.

A porta da frente se abriu e uma jovem garota saiu, com os fones de ouvido e uma mochila num dos ombros. Não devia ter mais de 19 anos. Para Laura, parecia um bebê. Elas haviam sido mesmo tão jovens e livres? A garota nem notou a presença dela e continuou andando até uma bicicleta que estava ao lado da casa. Montou e saiu pedalando, quem sabe para uma aula.

— Parece igualzinha — disse Madison, sobre a casa, e aproximou-se de Laura.

De minissaia preta, bota até o joelho e camisa de seda, Madison parecia bem-sucedida e sofisticada. Laura parecia uma dona de casa malvestida, com a calça da Dockers e blusa na cor creme.

— Caretas vão enrugá-la — comentou Madison com um sorriso.

Laura parou de franzir o cenho.

— Acho que foi a primeira coisa que disse pra mim. A gente estava no alojamento e eu pensava que era muito pequeno, as camas muito estreitas e me perguntava o que estava fazendo ali. Então, você apareceu, uma pessoa atordoante com um sorriso atrevido, e me disse: "Caretas vão enrugá-la".

— Ah, por favor, eu nem era atordoante aos 18 anos.

— Era sim e continua sendo. Não finja que não sabe.

— OK, não vou fingir. Deve ter sido estranho morar aqui depois que a Emily morreu e a gente foi embora. — Madison lançou um olhar curioso. — Principalmente na primeira semana.

— Foi muito duro por um longo período. O quarto da Emily e da Natalie ficou vazio durante o ano todo. Eles o pintaram no verão seguinte. Algumas estudantes se mudaram, garotas que não estavam aqui naquela noite. Tinham ouvido boatos, mas depois que ajustaram as coisas no quarto, parecia diferente. Eu não ficava muito aqui, não dava. Não ia pro jardim nem pra cobertura. Na verdade, eles mantiveram as janelas trancadas até colocarem uma cerca de segurança. Quando eu cursava o último ano, todo mundo andava pela casa toda, como se nada tivesse acontecido.

— Menos você.

— Menos eu. Nem com o passar do tempo eu poderia me esquecer de

que Emily tinha caído de lá de cima. — Madison não comentou nada e Laura quis saber no que ela estava pensando. Madison parecia normal, despreocupada e ainda assim estava aqui. Ela tinha tirado um dia de folga no trabalho para vir para cá; logo, deveria estar preocupada com alguma coisa. — Sei que não veio pra Santa Cruz porque a polícia telefonou, Madison. Ou porque Natalie tenha uma pista de Malone. O que procura? E não me dê uma resposta leviana. Quero a verdade.

Madison não respondeu por um minuto. Depois, afirmou:

— Quero saber se Dylan está metido no livro.

— Acho que é um pouco mais do que isso, mas vou parar de perguntar.

— Graças a Deus! Por falar no assunto, tenho uma pergunta pra você: Sei que Emily estava interessada em alguém pouco antes de morrer. Ela mencionou algo?

Laura se espantou e tentou se lembrar:

— Não sei... Por quê?

— Porque esse homem pode ser a chave do problema.

Laura balançou a cabeça:

— A gente estava sempre falando de garotos. Não me lembro de nenhum em particular.

— Acha que Drew pode saber?

— Mas por que Emily se abriria com Drew e não com a gente? — Não gostou muito do tom da pergunta.

— Eles eram muito amigos, não eram?

— Penso que sim. Não está insinuando que... — Podia adivinhar pela expressão de Madison que era exatamente o que ela insinuava. — Acha que Emily estava interessada em Drew? Está falando sério?

— Ele entrou no quarto dela naquela noite.

— Sim, mas eu e ele tínhamos planejado passar a noite juntos. Se ele quisesse ficar com a Emily, não teria insistido em ficar comigo, teria? — Estava insegura e detestava se sentir assim. Drew tinha se casado com ela. Ele a amava. Ainda a amava. — E Emily não teria ficado com ele, pois sabia que eu estava interessada nele.

— Por isso perguntei. Emily usou o termo "inatingível" quando me

descreveu o cara. Eu estava apenas pensando quem poderia ser "inatingível".

— Inatingível? Acha que era em Drew que Emily estava interessada?

— Me passou pela cabeça.

— Está errada. Eles eram amigos, nada mais. Talvez seja um dos gêmeos,

Dylan ou Josh. Emily costumava dizer que ser a irmã de Cole eliminava uma série de possibilidades com os garotos, porque todo mundo pensava nela como a caçula.

— Não era o Dylan. Ele era super apaixonado por ela, mas diz que não era correspondido. Embora eu nunca tenha considerado Josh. Ele não aparecia muito. Vinha de vez em quando, com Cole.

— Quando vinham, Josh passeava com Emily, enquanto Cole saía com Natalie.

— Isso é muito interessante — disse Madison. — Josh... Vou ter de pensar nisso. — Ela olhou em volta. — Por que Cole e Natalie estão demorando? Detesto esperar.

Duas garotas viraram a esquina e vieram pela calçada na direção delas. Vestiam-se completamente de vermelho: blusa, camiseta, cachecol, chapéu com o logotipo da universidade. Quando passaram por elas, Laura as escutou rirem e falarem: "Acha mesmo que ele gosta de mim?" — "Sei que gosta, mas ele acha que você não está a fim." — "Ai, meu Deus, como é que ele não percebe?" Laura se virou para Madison e ambas riram:

— A gente era assim — disse Laura.

— A gente não era tão boba, era?

— Eu era.

— É, você era. — Madison concordou, dando um sorriso. — Isso foi há um milhão de anos!

— Pelo menos — Laura disse, sentindo-se velha. O que não daria para se sentir jovem e livre novamente?

A porta da frente da casa se abriu e outro grupo de garotas vestidas praticamente iguais, e de vermelho, saiu. Elas repararam em Madison e Laura. Uma delas se aproximou:

— Oi, vocês estão aqui pro bota-dentro?

— S-sim — Laura respondeu impetuosamente. — Na verdade, a gente morou aqui.

— Legal. Mas não tem ninguém em casa. Foi todo mundo pro jogo de futebol. A festa de boas-vindas vai começar às 7 horas. Se quiserem voltar...

— Obrigada — Laura se virou para Madison, enquanto elas iam embora.

— Tinha me esquecido de que era o fim de semana das boas-vindas.

— Era por isso que estavam vestidas daquele jeito. Estava começando a achar que elas não tinham noção de moda. Na verdade, isso pode ser uma vantagem. Quero dar uma olhada na casa, enquanto está relativamente vazia.

— Acho que a gente devia esperar a Natalie — Laura comentou. — Trata-se de algo que devemos fazer juntas.

Natalie ficou tensa enquanto se dirigiam para a casa do clube. A cada quilômetro rodado aproximava-se mais e mais do passado que ela ainda não sabia como encarar.

— Lá estão elas — disse Natalie, ao avistá-las na esquina. — Elas parecem que esperam por uma festa. A gente estava parada exatamente nessa posição quando chegamos pela primeira vez aqui, esperando que as meninas nos convidassem pra entrar.

— Queria que nunca tivessem feito isso — Cole disse.

— Sei disso.

Ela percebeu que aquela viagem poderia ser ainda mais difícil para Cole do que para ela. A única relação dele com a casa era a sua irmã. Além do mais, se Emily não tivesse entrado na casa, ela ainda poderia estar viva.

Cole parou na frente de Madison e Laura. Natalie abriu o vidro:

— Entre. Encontramos Malone. Eu explico no caminho.

Madison abriu a porta de trás do carro e elas entraram.

— O que está acontecendo?

Natalie virou-se no banco, enquanto Cole pegava o retorno para o campus.

— O investigador do Cole localizou Malone e descobriu que o seu nome é Jerry Williams. Acontece que o Sr. Williams é um idoso que sofre de Alzheimer e mora numa casa de repouso. É claro que não pode ser o autor

do livro. Entretanto, eu encontrei na sua gaveta um livro de poesias com um nome carimbado: Greg Martin, professor da Universidade de Santa Cruz.

— O professor Martin? — Laura repetiu. — Emily e eu tivemos aula com ele no outono, no segundo ano. Natalie se agitou com essa informação.

— Humm, lembro-me de Emily me contar. Era uma classe pequena?

— Não, as aulas eram no auditório. Devia ter uns 100 alunos, ou mais.
— Laura respondeu. — Acha mesmo que o professor Martin é Garrett Malone? Como poderia ter escrito um livro sobre nós?

— Isso a gente precisa perguntar pra ele — Natalie comentou. — No mínimo, o professor vai ter de nos informar sobre esse tal de Jerry Williams e se está, de algum modo, ligado a alguém que possa ser o autor do livro.

Estacionaram e, em seguida, foram para o prédio do departamento de inglês. A sala do professor era no terceiro andar. Passaram pelo elevador e subiram de escada.

— Está tão deserto. Onde está todo mundo?

— No jogo de futebol. — Laura respondeu. — É o fim de semana de boas-vindas. Meio irônico, né?

Natalie não se preocupou em responder e elas pararam em frente à porta com o nome do professor indicado. Cole bateu e em seguida tentou abrir a porta. Ninguém respondeu; a porta estava trancada.

— Merda!

Deu um murro na porta.

— Devia ter adivinhado que não estaria aqui. Ele nunca está onde deve estar.

Natalie suspirou, desanimada tal qual Cole. Antes de poder decidir o que fazer a seguir, o telefone dele tocou. Atendeu:

— Parish. O quê? Está brincando? Na verdade, neste momento estou em Santa Cruz. Tudo bem. Vou já para aí.

— Aí onde? — Natalie perguntou, assim que ele desligou.

— Na delegacia de polícia de Santa Cruz. Parece que eles estão interrogando Dylan.

— Dylan? A respeito de quê? — Natalie questionou. — Ele não pode ser Malone, se Malone é o professor Martin.

— A gente ainda não tem certeza disso. Melhor eu ir pra lá.

— Vou com você.

— Não; é o último lugar para o qual deveria ir — disse Cole. — Só iria complicar mais as coisas.

— Ele tem razão, Natalie — acrescentou Madison. — Não precisa descambar pra delegacia neste momento. Temos de descobrir o que aconteceu primeiro.

— Está bem.

Enquanto Cole descia correndo pelas escadas, Natalie se virou para Madison e Laura:

— O que devemos fazer? Alguma ideia?

— Acho que a gente deveria descobrir onde o professor Martin mora.
— Laura sugeriu. — Talvez alguém por aqui saiba.

— Quem sabe Diane? — Natalie comentou. — Ela me disse que ficaria feliz de me ajudar. Ei, ela não era casada com um professor?

Laura empalideceu de repente.

— Ai, meu Deus, Natalie! Tem razão. Acho que Diane era casada com Greg Martin.



Capítulo 18



Cole mal podia acreditar que Dylan estivesse na delegacia de Santa Cruz. Eles deveriam estar interrogando-o sobre a morte de Emily. O que Dylan sabia e ele não? Não dava nem para adivinhar. Depois de ter visto o santuário para Emily, ele não sabia o que pensar do amigo com quem crescera junto. Uma vez, eles disseram que não haveria segredos entre eles. Agora era claro que havia muitos. Bem,

Dylan tinha bancado o homem misterioso por muito tempo. Os segredos seriam revelados.

Quando Cole entrou na delegacia, avistou Dylan sentado perto de uma escrivaninha, conversando com o detetive. Vestia jeans azul, camiseta, a costureira jaqueta preta de couro; a expressão sombria fez com que Cole se sentisse ainda mais desconfortável. O detetive estendeu a mão.

— Cole Parish, certo? Sou Robert Boland. Talvez se lembre de mim. Fui o responsável pelas investigações sobre a morte da sua irmã dez anos atrás.

Cole concordou, lembrando-se vagamente. Olhou para Dylan e se assombrou que estivesse com a barba por fazer e com olheiras.

— Está com uma aparência péssima. O que foi que você fez?

— Ele invadiu uma das salas na universidade — o detetive respondeu por Dylan. — A sala do professor Greg Martin.

— Ele é Malone — Dylan disse de supetão, ao encontrar os olhos questionadores de Cole. — Martin é Malone. Sei que é.

— E como sabe? Falou com ele?

— Ele não se encontrava. E a porta não estava trancada. Eu simplesmente entrei. Deveria estar interrogando Martin, não a mim.

— Ele está certo — Cole intercedeu. — Penso que o professor Martin seja Garrett Malone, o homem que escreveu o livro sobre a morte de Emily. Ainda não posso provar isso, mas tenho um homem investigando o caso. Posso fornecer o nome e o telefone. Ele pode mostrar a pista que segui.

— Está certo — comentou o detetive. — Tenho certeza de que sabe, Sr. Parish, que o seu pai exerceu bastante pressão para que o meu chefe

revisse o caso. Telefonei para três mulheres que eram amigas íntimas da sua irmã. Eu gostaria de interrogá-las novamente. Tenho de lhe dizer que não possuo nenhuma prova de que não se trata de um acidente. Dito isso, estou muito interessado em conversar com o Sr. Malone a respeito de onde ele encontrou as informações para o livro. — O detetive virou-se para Dylan. — Quanto ao senhor, pode ir. Mas não pra longe. Eu tenho o seu telefone e se ele tocar, espero que atenda. Sr. Parish, eu já mandei alguém pra casa do professor Martin. Daremos conta disso.

Cole não se preocupou em responder. Não pretendia fazer nenhuma promessa que não cumpriria. Faria de tudo para encontrar Malone, mas primeiro...

Cole esperou que estivessem fora da delegacia e na metade do quarteirão, para dar um murro na cara de Dylan.

Dylan cambaleou para trás.

— Que porra deu em você? — gritou e levou a mão ao rosto.

— Eu ia fazer a mesma pergunta a você — disse Cole, pronto para dar outro golpe com a direita. — Eu vi o closet, Dylan. E as fotos de Emily. Sei que tinha obsessão por ela. Nem pense em negar.

— Invadiu o meu apartamento?

— Isso não vem ao caso. Agora vai me contar ou vou ter de encher sua cara de pancada? — Cole fechou os punhos novamente.

Dylan deu um passo para trás.

— Não é o que está pensando.

— Não sabe o que estou pensando. Nem mesmo eu sei. — Cole sacudiu a cabeça. — Parecia que eu o conhecia, mas não. Você e Emily...? — Ele não conseguia completar a frase. — Deus! Eu a confiei a você. Pedi-lhe que tomasse conta dela. Cuidasse dela. Verificasse se estava segura. E todo o tempo, você era...

— Eu tomei conta dela e nós não fizemos nada de errado — disse Dylan.

— Éramos amigos. Só isso. Ela nunca soube que eu a amava. OK? Nunca soube.

Cole ouviu o sofrimento de Dylan, a agonia nos seus olhos e então a raiva começou a passar. Por um longo instante, apenas se olharam fixamente. Enfim, perguntou:

— Por que não me contou o que sentia por ela?

— Isso não quer dizer que o assunto lhe dissesse respeito. Emily tinha direito à privacidade. Os seus pais não davam um momento de trégua pra ela. Quando ela veio pra cá, finalmente se sentiu livre. Não podia tirar isso dela e lhe contar sobre a sua vida. Ela estava mais feliz do que nunca.

Cole sentia que Emily era mais feliz em Santa Cruz do que em casa, mas apenas naquela semana ele pôde entender melhor isso. Ele só queria que ela tivesse confiado mais nele.

— Eu poderia ter ajudado — disse em voz alta. — E meus pais; eu poderia ter dito pra lhe darem mais liberdade em casa, se soubesse que se sentia tão presa. Ela deveria ter me contado. Ou você. — Fez uma pausa. — Por que nunca me contou o que sentia por ela?

Dylan enfiou as mãos no bolso e deu de ombros.

— Nunca achava a hora certa. E não queria que as coisas mudassem entre a gente. Não queria criar um clima tenso. Bem, tarde demais.

— Tarde demais — repetiu Cole e suspirou bem profundamente.

— Podemos falar sobre isso mais tarde.

— Agora devo voltar pra universidade. Pode me levar?

— Sob uma condição. Que você me diga por que pensa que Greg Martin é Garrett Malone.

— Tem certeza de que Diane Thomas é casada com o professor Martin?

— Natalie perguntou, ainda ponderando o último arrebatamento de Madison, enquanto cruzavam o campus em direção ao escritório pan-helênico, onde Diane trabalhava. — O sobrenome não coincide. Não me lembro de ela dizer que tinha marido.

— Uma vez ela me disse que manteve o nome de solteira. — Laura respondeu. — Naquele tempo, achei tão sofisticado. — Fez uma pausa. — Posso estar errada. Pode ser outro professor. Ela era muito reservada. O que vamos fazer? Não podemos simplesmente entrar e perguntar se o marido dela escreveu um best-seller sobre nós.

— Acho que a gente devia fazer exatamente isso. Está um pouco tarde pra rodeios — disse Madison.

— A Madison está certa — Natalie concordou e elas entraram no prédio.

— Não temos tempo a perder. Precisamos de respostas agora. — Parou por um momento diante da porta de Diane. — Antes de entrarmos, queria dizer que estou contente por estarmos juntas nessa. É muito bom, sabiam?

— Sim — Laura sorriu.

— Sim, sim, sim — enfatizou Madison. — A gente fala das coisas sentimentais outra hora. — E, com isso, fechou a porta.

Natalie sentiu correr a adrenalina nas veias quando Diane as chamou. Elas estavam chegando perto da verdade. Ela podia sentir.

No momento em que as viu, Diane levantou-se da cadeira. Era dez anos mais velha, mas, ainda, uma loira atraente. Vestia calça preta, blusa turquesa, jaqueta preta: um visual bem sofisticado, como Natalie se lembrava. Ela devia ter 20 e tantos anos quando Natalie frequentou a faculdade. Tinha sido a conselheira perfeita: jovem o suficiente para compreendê-las; madura o suficiente para aconselhá-las.

— Natalie! Que surpresa! Não me avisou que vinha, quando conversamos ontem. Madison, Laura — acrescentou.

— Ainda não sabia que viria. As coisas mudaram.

— Que coisas? — apressou-se em dizer. — Tem algum dado novo?

— Sim — respondeu Natalie. Parou ao ver que Madison havia pegado, e estava mostrando a elas, um porta-retratos da estante por trás da escrivaninha de Diane.

— Este é o seu marido, Diane? — Madison perguntou.

— Sim — disse Diane, cautelosamente.

— É o professor Martin — completou Laura.

— Algum problema? — Os olhos de Diane percorreram a sala como se estivesse procurando uma saída.

— Foi pra isso que me telefonou, Diane? — Natalie perguntou. — Estava tentando descobrir o quanto eu sabia? Pra então reportar ao seu marido?

Diane não conseguiu disfarçar o medo.

— Do que está falando?

— Já sabemos, Diane. Seguimos Malone até Jerry Williams e depois até o seu marido. É apenas uma questão de tempo pra conectar o Sr. Williams ao seu marido. Se quer esperar o interrogatório da polícia, por mim tudo bem.

Tenho certeza de que vai ser bem mais depressa. Ou você pode falar comigo.

— OK, está certo — Diane foi fechar a porta. — Greg escreveu o livro, mas eu não sabia de nada até poucos meses atrás.

— Ah, por favor! — Madison comentou, descrente. — Como é que não sabia?

— Sabia que andava escrevendo um romance. Faz anos que se tornou um escritor. Ele é professor de inglês, pelo amor de Deus! Adora livros. Nunca pensei que fosse sobre isso. Obviamente, ele não me contou.

— Onde foi que conseguiu as informações sobre a gente? — Natalie perguntou. — Ele possui o diário de Emily?

— O quê? — Diane estava confusa. — Não penso que tenha um diário. Ele me disse que inventou a história baseado em relatos de outros estudantes depois da morte de Emily. — Ela lançou a Natalie um sorriso de desculpas. — Reconheço que ele não a retratou muito bem.

— Isso é um eufemismo. O seu marido me chamou de assassina. Disse que empurrei Emily da cobertura, que a matei.

— Ele me disse que ninguém saberia que era você nem que a história era sobre um fato real.

— Nem por um segundo acredito nisso. Penso que ele queria que todo mundo soubesse. — Natalie afirmou. — Foi por isso que escreveu o livro: para contar a história de Emily. Só que ele está errado.

— É mesmo? — A voz de Diane endureceu. — Está protegendo a Emily ou a si mesma? Todo mundo sabe que se embebedou naquela noite, Natalie, e que não se lembra de nada. E sabe-se, igualmente, que vocês brigaram. Se tivesse continuado por aqui, teria ouvido os rumores e tudo o mais. Pergunte a Laura, ela vai lhe contar.

Natalie não se preocupou em perguntar nada para Laura e manteve a atenção fixa em Diane, que, claramente, tentava se safar. — Quero falar com o seu marido. Onde está?

— Não sei.

— Sabe, sim. Ele está em apuros. Posso processá-lo por calúnia.

— Não vai ganhar.

— Não tenho de ganhar pra fazer da sua vida um inferno — Natalie atacou. — Não cometa o erro de pensar que estou com medo, Diane, porque

não estou. Estou furiosa. E se pensa que vou ficar sentada esperando que o livro de seu marido acabe com a minha carreira, bem como com a vida das minhas amigas e, principalmente, com as memórias de Emily, pensou errado.

Diane levantou uma bandeira branca.

— Olha, honestamente, não sei onde ele está no momento. E você tem de entender que não tive nada com isso. Se tivesse sabido que Greg estava escrevendo sobre Emily, eu teria posto um fim nisso, mas não soube de nada antes de ser publicado. Tem de acreditar em mim.

Natalie não sabia se acreditava ou não, mas era um ponto discutível.

— A questão não é sobre quando você soube, mas o que vai fazer agora.

Antes que Diane pudesse responder, bateram na porta. Diane atendeu depressa. Havia uma mulher esperando no corredor, com um olhar de expectativa:

— Pronto pro jogo? — perguntou. — Me desculpe, não tinha percebido que estava com visitas.

— Estou pronta — disse Diane rapidamente. — Pode me dar um segundo? — Fechou a porta outra vez e virou-se para Natalie. — Vou localizar Greg e pedir pra ele entrar em contato com você. Vai passar a noite em Santa Cruz? Ou vai voltar pra casa?

— Isso depende do seu marido. — Natalie escreveu o número do seu celular num pedaço de papel da escrivaninha de Diane.

Diane colocou o papel dentro da bolsa e apanhou o casaco no espaldar da cadeira.

— Vai pra casa do clube?

— Sim, estamos indo pra lá.

— Pode ser que não seja bem recebida, Natalie. Muitas garotas leram o > livro.

— Não tenho medo delas também.

Diane abriu a porta e indicou o caminho para elas. Trancou o escritório e em seguida saiu com a amiga que a esperava.

Natalie respirou fundo. Depois, olhou de relance para Madison e Laura, percebendo que as duas não haviam aberto a boca por um bom

tempo. Elas a observavam com muitas expressões de espanto.

— O que foi? Disse algo errado?

— Você foi incrível! — comentou Laura. — Foi tão dura com Diane.

— Bom trabalho — Madison continuou com um sorriso de aprovação.
— Você deu um pé na bunda dela!

— Obrigada. Mas a bunda em que eu realmente preciso dar um pé é a do marido dela.

— Vamos — Madison apertou o passo.

— Para que a pressa? — Natalie perguntou, enquanto ela e Laura se esforçavam para alcançar Madison.

— Acho que a gente devia seguir Diane. Na verdade, eu vou segui-la. O meu palpite é que ela vai direto se encontrar com o marido. Vocês duas, voltem pra casa do clube. Talvez, estando lá, lembre-se de mais alguma coisa, Natalie.

— Vamos com você — Natalie percebeu que Madison estava certa quanto ao fato de Diane ir se encontrar com o marido.

— Vai ser mais fácil se eu for sozinha — Madison respondeu. — Vou poder me esconder na multidão e andar mais depressa que vocês duas. Se ela nos vir juntas, pode desistir de se encontrar com ele. Procuro vocês depois — acrescentou, enquanto elas saíam. Ela andou mais depressa para acompanhar Diane e a amiga, que cruzavam a esquina, desaparecendo de vista.

— Acho que é isso — Natalie disse para Laura. — A gente devia ir pra casa?

— Podemos pegar o atalho pelo bosque — Laura disse e elas tomaram outro rumo.

— Sim, eu me lembro. É estranho estar aqui de novo. Muito tempo se passou e mesmo assim parece que foi ontem. Provavelmente, deve ser pior pra você, Laura. Passou quatro anos aqui.

— É mais fácil pra mim. Tenho boas e más memórias. — Laura suspirou, enquanto caminhavam por árvores grossas. — A última vez que vim aqui foi depois da formatura. Drew e eu voltávamos pra casa, de beca e diploma. E ele...

— Ela parou e indicou uma árvore ali por perto. — Ele me beijou bem ali. Disse que me amava e que mal podia esperar pela nossa vida juntos. —

Uma lágrima escorreu do canto do olho e ela enxugou. — Esses, realmente, foram os anos dourados.

— Me desculpe — Natalie não sabia ao certo o que responder. Não tinha nenhuma experiência com relacionamentos e casamento. — Talvez você possa recuperar os anos dourados.

— Não acredito que isso seja possível. Não consigo nem mesmo localizar Drew. Deixei centenas de recados e ele não me retornou. Da última vez, contei-lhe que viria a Santa Cruz descobrir quem escrevera o livro. Pensei que isso fosse chamar a sua atenção, já que ele queria que eu ficasse longe disso. Deve estar mentindo. Provavelmente não está nem aí comigo.

— Claro que isso não é verdade.

— Pelo menos sei que ele não é Malone. Tenho de admitir que suspeitei que fosse.

Natalie viu a culpa nos olhos de Laura e soube que tinha certa responsabilidade por isso.

— Desculpe se a fiz pensar assim quando lhe pedi que procurasse o diário. É que Drew se encontrava em Los Angeles e ele sabia tanto sobre a gente...

— Eu sei. Também pensei no que Madison disse, que Drew fora pro quarto de Emily naquela noite e fiquei pensando se tinham subido juntos pra cobertura. — Laura colocou a mão na boca. — Não posso crer que disse isso em voz alta.

— Nem eu — Natalie imaginou se a intuição de Laura estava certa.

— É que algumas coisas se casavam: os extratos do banco, as viagens de negócios. — Laura disse, demonstrando uma coragem que Natalie não pensou que tivesse. — Ontem eu fui ao escritório de Drew e meu pai me disse que ele não fora a Los Angeles a trabalho. Fora por razões pessoais. Por quê? O que anda fazendo? Ele está tendo um caso? Ou isso tem a ver com o livro, com Malone? Encontrei o itinerário de Malone no bolso da calça de Drew. Mas isso não explica a origem do dinheiro, certo? — Laura implorou com o olhar. — O que falta pra eu entender? Você sempre foi inteligente. Sempre tirava boas conclusões. Conclua pra mim.

Natalie sacudiu a cabeça. Estava atordoada com essa informação. Se Drew tinha estado no quarto de Emily, o que será que tinha visto? Ouvido? Ele estivera com Emily na cobertura? Eles haviam brigado? Era ele quem estava por trás do livro? Isso explicaria o dinheiro? Antes que pudesse perguntar, Laura voltou a falar.

— Preciso falar com Drew. Esclarecer as coisas. Perguntar o que anda fazendo e com quem. Tenho medo de fazer essas perguntas porque não tenho certeza de que quero obter as respostas.

— É bem melhor saber — comentou Natalie, ao se lembrar do quanto ficara frustrada com Cole, durante todos aqueles anos, por não ter tido uma conversa cara a cara. — Daí você pode lidar com o fato real em vez de com o que poderia ser.

— Tem razão. É que eu e o Drew estamos juntos desde que nos conhecemos e eu não quero que ele vá embora. Eu me casei com ele porque ele era o cara mais fofo, mais sexy, mais inteligente com quem tinha saído e porque meus pais o achavam perfeito. Tive filhos logo depois, então se tornou difícil pra ele me abandonar. Eu até mesmo o encorajei a comprar uma casa grande, porque, no fundo, pensava que as prestações seriam mais um nó entre a gente que ele não teria como desatar. Apesar de todas as amarras com que o envolvi, parece que ele está escapando de mim.

Natalie olhou para Laura com perplexidade.

— Uau, isso é o que eu chamo de autoanálise!

— Assisto a muitos programas de entrevistas na TV — Laura admitiu com um sorriso culpado.

— Talvez devesse desligar a TV.

— Acha que isso pode ajudar?

— Mal não vai fazer. Se quiser mudar o seu estilo de vida e seu relacionamento, me parece que tem de programar algumas mudanças. Talvez tenha de se arriscar a perder Drew. E se quiser continuar com ele, vai ter de lutar com toda a força.

— Fácil falar; difícil fazer. Não tenho de arcar com nenhuma consequência. É muito mais complicado tomar decisões sobre a própria vida.

— Falando nisso...

Natalie soltou uma risadinha.

— Lá vem ela!

Laura ignorou-a:

— O que vai fazer com Cole?

— Não tenho ideia.

— Deve ter alguma ideia sobre o que quer.

— O que quero e o que vai acontecer são duas coisas completamente diferentes. Entendo-o melhor agora, Laura. Sei por que fugiu de mim. Talvez agora aqueles motivos não existam mais, mas há outros problemas novos e intransponíveis entre nós.

— Como o quê?

— Como os pais dele. Richard e Janet me odeiam. Toda vez que olham pra mim lembram-se da morte da filha. O pai de Cole disse-lhe que deveria escolher entre mim e a família. Ele não pode tomar essa decisão. Não gostaria que fizesse isso. Eles fazem parte de uma família e sei o quanto isso é importante e precioso. — Ela suspirou. — Assim que tudo isso acabar, vou dizer adeus... pra sempre. Vou embora de São Francisco. Vou começar de novo em outro lugar. É assim que tem que ser. Vamos cuidar de nossas vidas, mas separados.

— Não quero que faça isso — disse Laura desanimada. — A gente acabou de se reencontrar. Eu, você e Madison. Não quero perdê-la, Natalie.

— Não vai. A gente vai manter contato dessa vez. Mas não quero falar sobre isso agora. Temos muito com o que nos preocupar no momento. Vamos deixar as questões do futuro pra outra hora.

— Ainda estou esperando você me explicar como deduziu que Malone era Martin — Cole disse, enquanto descia da moto de Dylan estacionada perto do departamento dos professores, na universidade.

— Estava conversando com a Madison outro dia e ela mencionou que Emily estava interessada em alguém pouco antes de morrer. Comecei a me lembrar de coisas que ela me dizia e soube que Madison tinha razão. Havia outro homem na vida de Emily. Quando voltei pra casa, me tranquei no closet, onde guardei todas as coisas dela...

— Quando me ajudou a limpar o quarto em Santa Cruz, você pegou algumas coisas, não foi? — Cole interrompeu-o.

— Apenas coisas em que tínhamos trabalhado juntos. Naquele tempo, Emily estava me ajudando a criar o clube. A gente teve umas ideias para os jogos, números de mágica, shows, histórias de realidade virtual. Sabia que tinha colocado dentro de uma gaveta, então joguei as coisas dentro de uma caixa e guardei. Outra noite, quando fui verificar a caixa, achei uma dessas tiras de filmes que se tira em maquininha. Quando vi o cara da foto, reconheci o professor com quem Emily se encontrava, supostamente pra receber orientação. Todas as peças do quebra-cabeça se encaixaram. Emily disse a Madison que o homem era inatingível e o professor era casado. Descobri que era por ele que Emily estava... apaixonada.

A julgar pelo tom amargo da voz de Dylan, Cole sentia que dizer

aquela frase lhe custava muito. Ele não estava pronto para perdoá-lo por ter mentido e mantido segredo, mas uma coisa era clara: Dylan amava Emily.

— E aí você veio até aqui para confrontar o professor. Por que não me procurou e me contou sobre as suas suspeitas?

— Ignorava o que o professor sabia sobre mim. Queria descobrir primeiro.

— Porque não queria que eu soubesse.

— Sim, estava tentando evitar um olho roxo — Dylan disse.

Cole não sentiu nem um pingo de remorso pelo olho direito de Dylan estar roxo e inchado. Ele tinha merecido aquela pancada por ter mantido tantos segredos.

— Tenho de fazer outra pergunta: E quanto à viagem que fez a Los Angeles? Disse que tinha acabado de descobrir que Malone era Martin, então por que foi pra Los Angeles?

— Viajei pra me encontrar com um mágico meu amigo. Não teve nada a ver com Malone ou o livro. — Dylan interrompeu-se. — Podemos cuidar disso depois. Preciso lhe mostrar uma coisa. Venha.

— Você foi pego invadindo a sala do professor. Vai fazer isso de novo?

— Não vamos entrar. — Dylan o guiou para a parte de trás do prédio, em meio aos arbustos. — Quando vi que chegava alguém, eu joguei pela janela.

— Jogou o que pela janela?

Dylan cavou por entre as folhas dos arbustos e puxou um caderno roxo.

— Isto. É o diário de Emily. Encontrei dentro da sala do professor.

Cole sentiu um frio na barriga quando Dylan lhe entregou o diário. A letra de mão de Emily decorava a capa com desenhos e adesivos de menina que ela havia colado havia mais de dez anos. Ele balançou a cabeça, emocionado, um misto de raiva, dor e incomensurável tristeza.

— Natalie estava certa. Ele estivera com o diário o tempo todo. As palavras no livro são mesmo as de Emily. Pelo menos, algumas. — Fez uma pausa. — Preciso ligar pra Natalie. Contar-lhe que encontramos o diário e que Martin é mesmo Malone. Com certeza ela quer saber por onde andamos.

— Veio aqui com Natalie?

— Sim. — Cole olhou feio para Dylan. — Não entendo por que não gosta de Natalie. Por que pensa que ela pode ter empurrado Emily da cobertura? O que acontece realmente?

— Eu as escutei discutindo naquela noite sobre você. Sabia que Natalie estava bêbada e que era possível que tivessem continuado a discussão no andar de cima. A alegação de que não se lembra é muito conveniente pra mim.

— É isso? É tudo o que tem contra ela? Isso é pouco.

Cole inclinou a cabeça.

— Certo. Tudo bem. Natalie não gosta de mim. OK? Ela não queria que Emily fosse trabalhar comigo no clube. Ela não gostava da minha moto nem de que eu fumasse. Ela pensava que eu estava desviando Emily do bom caminho.

Eu não gostava dela. A recíproca é verdadeira. í — Bom para ela. — Estranhamente, Cole sentiu orgulho de Natalie. Ela fez o que prometera aos pais dele: tentou proteger Emily.

— Com certeza, está fascinado por ela.

— Na verdade, acho que estou começando a ver Natalie como ela é realmente e não como eu gostaria que fosse, ou como os outros pensam que ela deveria ser. Natalie não ficou devendo nada pra gente, Dylan. Ela não precisava cuidar da Emily nem protegê-la; ela não era a sua mãe. Era a sua companheira de quarto, sua amiga. Penso que ela fez o melhor para preservar a amizade que tinham. O que aconteceu comigo não devia ter ficado no caminho entre elas duas. Eu me culpo por isso. Eu não esclareci as coisas com Natalie; foi por isso que ela foi tirar satisfação com Emily. Fui eu quem enfiou a Emily no meio.

— Não foi você quem a empurrou.

— Nem Natalie. Aposto a minha vida.

Cole respirou fundo.

— Existem outros segredos? Mais alguma coisa que sabe sobre Emily, Natalie ou os outros? Foi você quem lhe deu as pílulas que encontramos na gaveta?

— Claro que não. Foi McKinney.

— Drew McKinney? — Cole se surpreendeu. Será mesmo? Drew

sempre fora um pouco fraco.

Dylan concordou com a cabeça.

— Vi que estavam na bolsa da Emily. Tentei tomar dela, mas ela me disse pra cuidar da minha vida e parar de agir como se fosse o irmão dela. E como eu queria me livrar da categoria "irmão", aceitei. Ela me contou que foi Drew quem as conseguiu. Acho que estava tendo problemas de nota em várias matérias e não queria desapontar os pais por ter sido reprovada ou perder a chance de se tornar livre, morando longe de casa. — Dylan parou um instante; seu olhar tornou-se reflexivo. — Por um tempo, pensei que Drew pudesse ser Malone. Ele sempre estava por perto. Penso que ele pudesse saber de muita coisa que foi retratada no livro. E sempre se vangloriava. Foi por isso que ele deu as pílulas pra a Emily antes de qualquer um. Ela tinha dinheiro e ele precisava de grana.

Cole se lembrou do que o investigador lhe contara: que as raízes de Drew estavam num trailer em Modesto.

— Está me dizendo que Drew vendia as pílulas pra ela e você achou que não era importante me contar isso? O que há de errado com você, Dylan?

— Não era heroína, cara. Emily me jurou que me diria caso as tomasse.

— Fez uma pausa. — Mas reconheço que cometi um erro.

— Certamente. Bem, agora sei por que Drew estava tão nervoso quando eu e Natalie passamos na casa dele. Provavelmente se perguntou se a gente sabia desse fato. E se, de alguma forma, fariamos um escândalo.

— Isso aconteceu faz tanto tempo. Por que acha que ele se preocuparia com isso agora?

— Porque Laura me disse que ele vai se candidatar a um cargo político. Tenho certeza de que não quer se envolver com nenhum incidente com drogas, principalmente se era ele quem as vendia. Pode ser que a Emily não fosse a única cliente.

O telefone de Cole tocou. Ele viu o nome de Natalie no visor.

— Onde está? — ela perguntou. — Encontrou Dylan?

— Estou ao lado dele agora mesmo.

— Bom. Por que não vem pra casa do clube? Está vazia. Todo mundo está no jogo de futebol. A governanta, a Sra. Richmond, deixou que eu e Laura entrássemos. Laura está conversando com ela pra que eu possa dar uma volta pela casa. No momento, vejo a janela do meu quarto e estou

pensando se vou ter coragem de dar um pulo lá... Ai, meu Deus!

— O que foi? — E repetiu porque ela não respondeu: — O que há de errado?

— Não vai acreditar em quem acabou de chegar... Drew.

Drew estava em Santa Cruz? Sentiu uma pontada no estômago.

— Natalie, precisa saber algo sobre o Drew...

— Pode me contar quando chegar aqui. Quero ir pra cobertura antes que as pessoas cheguem. Acho que vai me ajudar a lembrar do que aconteceu naquela noite.

Natalie desligou antes que ele lhe pedisse para ficar longe de Drew e, mais importante, longe da maldita cobertura. Ele tentou ligar de novo, mas ela não atendeu.

— Temos de ir pra casa — disse a Dylan.

— O que está acontecendo?

— Natalie está prestes a ir pra cobertura. E Drew acabou de aparecer por lá.

Cole foi correndo para o carro, querendo chegar à casa do clube o mais breve possível.

— Calma! Ele não vai fazer nenhum mal a ela.

— Tem certeza? McKinney tem muito o que proteger: esposa, família, negócios, reputação.

— Se Natalie soubesse que Drew havia dado as pílulas pra Emily, teria revelado anos atrás. Drew não teria medo dela.

— Ou ele pode pensar que Natalie tenha bloqueado na memória essa informação com o que aconteceu naquela noite. Se ela se lembrar de uma coisa, pode se lembrar de tudo. Ou talvez não. — Cole balançou a cabeça quando chegaram ao carro. Tinha pensado algo: — Droga! Talvez Malone tenha se equivocado. Natalie não matou Emily. Foi Drew.



Capítulo 19



Natalie segurou a respiração ao olhar pela janela que levava para a cobertura. Ela percebeu que, por algum tempo, a janela fora bloqueada, mas, em alguma época nesses dez anos, tinha sido reaberta e, agora, deslizava facilmente. Ela poderia? Poderia subir até a cobertura onde Emily dera seu último suspiro? Ainda não.

Seu estômago revirou. Natalie virou-se de costas para a janela, focando, dessa vez, o quarto onde estava. Duas meninas dividiam o quarto no momento. Havia lençóis coloridos, bichos de pelúcia, travesseiros fofinhos, pôsteres nas paredes e laptops nas mesinhas. Ela quis saber se aquelas garotas tinham ideia de que uma garota, assim como elas, tinha ido para cima para olhar as estrelas e acabara morrendo.

Fechando os olhos, disse a si mesma para esquecer o presente e voltar no tempo. Precisava imaginar o quarto como era naquela época, não como estava hoje. Esforçar-se para lembrar tudo sobre aquela noite.

Havia uma colcha, na cama de Emily, que a avó dela tinha feito. Os bichos de pelúcia incluíam tigrinhos de todos os tipos e tamanhos. Emily tinha um pôster do mágico David Copperfield na parede da cama. Tinha também uma foto de Cole e dos pais na escrivaninha e na cômoda. Natalie podia imaginar essas fotos, a família Parish feliz, sem se preocupar com nada.

Ela os amava, não somente a Cole. Eles preenchiam sua necessidade de ter uma família; de as pessoas cuidarem dela. E Cole... estava completamente apaixonada por ele. Ele a fizera sonhar de novo. Ele a fizera querer algo mais da vida do que simplesmente sobreviver. Ele a mostrara como relaxar, se divertir, como ser ela mesma. Ela o amava... apaixonadamente, de corpo e alma. Fora a primeira e única vez que entregara seu coração. E tudo o que ela precisava fazer era persistir. Foi por isso que pediu a Emily para convidar Cole para a festa. Mas o que aconteceu depois?

Ela tentava, desesperadamente, se lembrar. O que vira e ouvira naquela noite martelava na sua cabeça. Podia ouvir as risadas, a música, as pessoas conversando. O andar de baixo estava lotado de jovens. Ela mal podia atravessar a sala e ir para as escadas. Mas tinha de subir e encontrar

Emily.

"Deram algo para ela tomar. Olhou para a lata de refrigerante e percebeu que estava vazia e não era refrigerante que tomava, era vodca. Ela tinha despejado o líquido no banheiro. Supostamente a vodca a deixaria mais feliz.

Todos os outros adolescentes ficavam mais felizes quando bebiam. A sua mãe, com certeza, ficava melhor quando bebia; então por que Natalie não se sentia melhor? Por que ainda estava tão triste? Talvez tivesse de beber mais.

Andar de cima. Queria ir para o andar de cima encontrar Emily, tomar outra dose e, quando Cole chegasse, ela seria a última garota na festa. Ele esqueceria que ela dissera que o amava. Seria como antes.

Ficou mais desesperada conforme subia as escadas. Nunca mais seria como antes.

Quando entrou no quarto, viu Emily sentada na cama. Estava de shorts e vestido de festa preto. As pernas estavam nuas e usava uma sandália de tirinhas preta. Tinha pintado as unhas do pé e da mão de vermelho. Elas haviam pintado as unhas de vermelho antes, sob insistência de Madison, pois não fariam nenhum rito de iniciação se não as pintassem. Emily levantou a cabeça para olhar para Natalie entrando no quarto. Os seus cabelos compridos e castanhos caíam até os ombros. Seus olhos mostravam culpa e tristeza. Na verdade, parecia que tinha chorado. Antes que Natalie pudesse perguntar por que, avistou o pacote de pílulas na mão de Emily.

— O que está fazendo? Onde conseguiu estas pílulas? — Natalie perguntou.

— Preciso tomar alguma coisa que me deixe acordada de noite. Tenho de estudar depois da festa. Vou bombar em inglês. O meu orientador... não posso mais vê-lo. Ele não pode me ajudar. Estou com tantos problemas. Preciso destas pílulas. Todo mundo toma. É seguro.

— Não são boas pra você. Podem fazer mal. Quem foi que lhe deu isso? Madison?

— Não, foi Drew. Ele disse que todo mundo toma. Ele costumava tomar. É seguro.

— Não pode ter certeza — Natalie se opôs. — Pra cada um é um efeito diferente. — Ela pensou em todos os motivos por que a amiga deveria evitar tomar a droga, mas o raciocínio estava lento e a fala enrolada.

— Eu não ligo. Eu fiz tanta besteira, Natalie. Estou apaixonada. Fiz uma bobagem. Estou tão envergonhada.

Natalie não sabia o que Emily estava querendo dizer.

— O que fez?

— Eu me apaixonei por um homem casado, um professor.

— Ai, meu Deus! Quem? Quando? — Natalie cambaleava ao se aproximar dela.

Emily se decepcionou.

— Você está bêbada, não está?

— Tomei umas doses de vodca.

— Natalie, o que está fazendo? Esta não é você!

— Estou bem, só um pouco tonta. Estou feliz. O Cole vem? Ligou pra ele?

— Sim, eu liguei e ele não vem, Natalie. Ou se vier, vai chegar tarde. Ele não quer que espere por ele. Me desculpe.

— Você não quer que a gente fique junto, não é? — Natalie a acusou.
— Está tentando nos separar.

— Como pode dizer uma coisa dessas? Você é como uma irmã pra mim!

— Os olhos de Emily encheram-se de mágoa.

Natalie não ligava. Estava sofrendo também.

— Mas não me ajuda a ganhá-lo de volta. E ele tem de voltar pra mim. Nem mesmo sei por que o perdi. Eu o amo, Emily. Preciso dele.

— Você tem de soltar ele, Natalie. Cole está saindo com outra pessoa em São Francisco.

— O quê? — Sentiu uma punhalada no coração. Levou a mão ao peito para ver se não estava sangrando.

— O nome dela é Cynthia. E os pais dela são amigos dos meus pais. Foi por isso que ele não apareceu no fim de semana passado. — Emily esticou a mão para Natalie, mas esta a evitou.

— Está mentindo.

— Não estou. Não quero que sofra, mas acho que Cole vai machucá-la. Ele não se prende a ninguém. E não está pronto pra um compromisso sério. Vai ter de esquecê-lo.

— Não posso fazer isso. Eu lhe disse que o amava. E você quer que eu o esqueça? Não posso. E não acredito que esteja saindo com outra pessoa. — Ela foi em direção à porta. Tinha de se afastar de Emily. E precisava de outro drinque. Seu copo estava vazio. í Saiu e foi para o quarto de Madison. Madison conversava com Drew.

Natalie não queria vê-los. Logo, entrou no quarto de Jody, que era conhecida por esconder uma garrafa de Johnny Walker no closet. Natalie estava com sorte. A garrafa estava pela metade. Ela despejou uma dose e depois outra, até que não sentiu mais nada.

Em poucos minutos, convenceu-se de que Emily havia inventado tudo. Cole não a estava traindo. Ele não faria isso. Ela se levantou, caminhou pelo corredor, determinada a conversar com Emily de novo. Ao se aproximar do quarto, ouviu um grito agudo. Não estava certa de onde vinha, mas era um grito horroroso, tão horroroso que ela pensou que fosse passar mal. Ela cambaleou para o banheiro, em tempo de segurar o vômito."

Os olhos de Natalie se abriram quando a verdade a atingiu em cheio. Ela ouvira o grito de Emily, mas não sabia o que tinha acontecido. Correria para o banheiro, onde Madison a encontrara pouco depois. Talvez, se tivesse vindo para este quarto, em vez do banheiro, teria sabido se Emily estava sozinha ou não. Era frustrante ter chegado até este ponto e não conseguir as respostas de que gostaria.

Com um suspiro, ela soube que havia apenas uma coisa a fazer. Teria de ir para a cobertura. Tinha de terminar. Tinha de ficar na mesma posição de Emily. No mínimo, poderia dizer-lhe adeus.

Subiu para o último andar, observando a cerca de segurança que fora instalada ao redor do deck. Ela foi para a beira, mas parou no ponto onde não podia ver o andar de baixo. Ainda não estava pronta para isso. Prendendo a respiração, quis saber por que Emily viria para cá naquela noite. Obviamente tinha se chateado. E era silencioso ali. Mesmo agora havia um sentido de isolamento, um sentimento de que o que acontecera aqui nunca seria descoberto por ninguém.

Emily deve ter vindo aqui para ficar sozinha, para pensar ou mesmo chorar... por aquele homem por quem se apaixonara. Quem teria sido? Pensou um pouco e percebeu que a resposta estava na cara.

— Você sabe, não sabe?

A voz vibrou na cabeça e ela se espantou ao reparar que não era a

única ali.

— Você sabe que eu estive aqui com a Emily. Percebi que se lembraria assim que voltássemos para esta casa.

— Você? — Emily perguntou espantada. — Você esteve aqui com a Emily? — De repente tudo parecia fazer sentido.

Cole dirigiu como um louco para a casa do clube. Tinha apenas um pensamento: Drew... Um homem que faria de tudo para conseguir o que quer.

— Se ele ferir a Natalie, eu juro por Deus que o mato!

— Eu ajudo — Dylan disse inflexivelmente. — Se tiver algo a ver com a morte de Emily, vai pagar por isso.

Cole deu um murro na direção do carro, ao pararem no sinal.

— Que merda! Não posso perder Natalie também. Preciso lhe dizer isso.

— Que ainda a ama?

— Algo parecido com isso. — Pôs o pé no acelerador quando o sinal ficou verde. Pouco depois chegaram ao seu destino e desceram do carro. A porta da frente estava aberta. Laura estava à entrada, conversando com Drew. Cole parou de repente quando os viu.

— Onde está Natalie?

— Lá em cima, suponho. — Laura respondeu. — Por quê? Algo errado?

— Foi você, não foi? — Cole acusou, lançando um olhar furioso para Drew.

Drew recuou, os olhos atentos.

— Do que está falando?

— Você empurrou a Emily. Ficou com medo de que ela contasse a alguém que tinha lhe vendido as drogas.

— Você vendeu drogas pra Emily? — Laura perguntou surpresa.

Por um breve segundo, Drew pareceu um cão acuado. Em seguida, ele deu de ombros:

— Não tem nenhuma prova disso, Parish.

— Não preciso de provas pra enchê-lo de porrada. Todo mundo sabe que estive aqui naquela noite. Falou com Emily. Até a sua mulher sabe disso.

— Fiquei sabendo mesmo. Por que entrou no quarto da Emily, Drew?

— Estava procurando um negócio.

— Talvez isto? — Cole mostrou-lhe o diário. — Acha que Emily escreveu sobre o seu envolvimento com drogas?

— Onde conseguiu isso? — Drew tentou pegar o diário, mas Cole deixou-o fora de alcance.

— Não importa onde foi que consegui — respondeu Cole. — O que você fez a Emily?

— Nada.

— Drew, tem de nos contar — Laura suplicou. — O que quer que tenha acontecido temos de saber. Do contrário, isso nunca vai acabar.

— Eu não feri a Emily — Drew disse impetuosamente.

— Então por que foi para o quarto dela naquela noite?

— Quer mesmo saber? Está certo. Fui procurar o diário. Tinha ouvido Madison brincar um dia que, provavelmente, ela poderia chantagear as pessoas com ele e concluí que podia ser que ela tivesse escrito algo sobre mim. Não tive chance de procurar, porque Emily estava lá, falando ao telefone, portanto, eu fui embora. Tenho certeza de que alguém a viu depois de mim. Talvez Madison.

— Madison? — Dylan perguntou. — Madison esteve com Emily naquela noite?

— Não tenho certeza — disse Drew — , mas...

— Que merda! — Dylan xingou.

Cole olhou curiosamente para Dylan.

— O que foi?

— Madison disse que me amava, quando estávamos na faculdade, mas ela se irritava porque eu nunca dava bola pra ela; porque eu estava sempre ocupado com a Emily.

Cole ligou os pontos e de repente viu uma nova figura, que ninguém

havia ainda considerado. í — Onde está Madison agora?

— Ela nos deixou um tempo atrás pra seguir Diane, a mulher do professor Martin. — Laura parecia confusa e atordoadada. — O que está acontecendo? Não está pensando que Madison tenha alguma coisa a ver com a queda de Emily, está?

Cole subiu as escadas de dois em dois degraus. Tinha de achar Natalie antes de Madison.

— Você empurrou a Emily? — disse Natalie, olhando para a mulher na frente dela. De repente tudo fazia o maior sentido.

— Foi um acidente. Ela escorregou.

— Isso é o que quer que pensem.

— Isso é o que todo mundo realmente pensou. Certamente, você não podia se lembrar, mas a sua memória voltou, não é? Sabia que voltaria. Sabia que se lembraria de ter me visto sair correndo do quarto de Emily logo depois de ela gritar. Eu já tinha uma explicação pra isso. Fiquei esperando as pessoas me perguntarem. Mas isso nunca aconteceu.

Natalie olhou para a mulher que pensara conhecer. Será que ela a tinha visto sair correndo do quarto de Emily? Ela piscou, ao se lembrar da sensação de tontura e náusea ao sair do banheiro, seu estômago revirado. Um flash passou pela sua cabeça, depois foi-se embora.

— Não tinha me lembrado até agora. Não deveria ter me contado.

Os olhos da mulher brilhavam inseguros, ao perceber que tinha cometido um erro.

— Não vai contar pra ninguém. Não vou deixar.

— Como vai me impedir? Eu não vou escorregar daqui do mesmo modo que Emily.

— Não, não vai — Cole as interrompeu, assim que passou pela janela.

Natalie se surpreendeu ao vê-lo, mas se sentiu aliviada e mesmo contente quando avistou Dylan, Drew e Laura.

A mulher percebeu que estava encurralada.

— Foi um acidente — disse, levantando a mão. — Um acidente estúpido. > Ninguém pode provar o contrário.

— Eu posso... Diane — Madison falou, ao subir para a cobertura. — E o seu marido também. Venha, professor Martin.

Natalie abriu a boca ao ver o homem por quem passara a semana inteira procurando atravessar a janela. O professor Martin não se parecia minimamente com Garrett Malone. Não tinha barba nem óculos grossos nem cabelos compridos. Era pálido, cabelo rente ao pescoço e olhos castanhos comuns.

— Diga a eles o que me contou — Madison ordenou, segurando o braço do professor.

Greg Martin olhava com descrédito para a sua mulher.

— Eles acabaram de me dizer que você empurrou Emily da cobertura. Como isso é possível?

— Foi um acidente. Vim aqui naquela noite pra dizer àquela destruidora de lares pra ficar longe de você — Diane respondeu. — Teria motivos pra empurrá-la, mas a verdade é que ela escorregou. Foi um acidente e ninguém saberia se não tivesse publicado esse maldito livro, Greg.

— Eu não sabia que tinha sido você; pensei que fosse Natalie. Quando vim pra casa naquela noite vi duas mulheres na cobertura. E vi... — A voz dele falhou e ele lutou para se controlar. — ... vi Emily cair. Ouvi-a gritar. Nunca vou esquecer a sensação de terror daquele grito. — Ele olhou para Natalie. — Pensei que tivesse sido você.

— Como pôde pensar isso? — perguntou Natalie.

— Porque a Emily tinha me ligado, aos prantos, naquela noite. Ela me disse que vocês tiveram uma briga terrível. Foi por isso que vim. Sabia que ela se aborrecera, mas cheguei muito tarde. — Balançou a cabeça arrependido. — Depois, encontrei o seu diário. Ela tinha deixado na minha sala, depois de uma aula de orientação. Li sobre as discussões que tiveram a respeito de Cole. Juntei as duas coisas.

— Mas dois e dois não são cinco — Natalie se apressou em dizer. — Se suspeitava de mim, por que não conversou com Cole ou com os Parish? Por que escreveu o livro?

— Não poderia revelar meu envolvimento com Emily. Perderia meu emprego e Diane seria humilhada. Sabia que já a ferira antes, com o caso. — Ele olhou de relance para Diane, que rapidamente evitou seu olhar. — Por isso usei um pseudônimo e tomei providências para garantir que ninguém me reconhecesse. Daí o disfarce, para usar nas sessões de autógrafo. Não tinha ideia de que o livro faria tanto sucesso. Mas fiquei contente que as pessoas reconhecessem a história. Não me importava que tivessem descoberto os verdadeiros nomes. Queria que você pagasse pela morte de Emily, Natalie, porque eu a amava e pensava que tinha se livrado do assassinato. A Emily era bonita e inocente e não merecia ter morrido — disse

apaixonadamente. — Meu Deus, Diane! Por que você fez isso? Ela era apenas uma criança, uma doce criança. Não tinha culpa; o culpado fui eu. Por que foi atrás dela? Eu tinha dito que havia terminado com ela. Estava tudo acabado. Não precisava ter vindo aqui naquela noite.

— Precisava, sim. Tinha de contar para aquela vagabunda o que eu pensava sobre ela — Diane disparou. — Ela não era doce e inocente. Sabia muito bem o que estava fazendo. E não se arrependia.

— Ela tinha se arrependido — Natalie interrompeu. — Ela me contou naquela noite.

— Não importa. Nenhum de vocês pode provar nada — disse Diane.

— Vamos deixar que a polícia decida — Cole disse cáustico. — Posicionou-se para ficar bem de frente para Diane. — Eu vou lhe dizer: se eles não a fizerem pagar, eu farei.

— Não pode me ameaçar. — Olhou ao redor desvairada. — Se algo me acontecer, todo mundo vai saber que foi você. Tenho testemunhas. Todo mundo escutou você.

— Se algo lhe acontecer, serei eu a responsável — disse Madison.

— Ou eu — replicou Dylan.

— Ou eu — continuou Natalie.

— Greg, você tem de me ajudar. — Diane se virou para o marido num gesto de súplica. — Fiz por você, por nós. Eu só queria que ela nos deixasse em paz. Nunca quis que ela caísse.

— Mas, na verdade, não se importou que isso tivesse acontecido — ele disse, insípido.

— E você não se importou em me ferir — ela retorquiu. — Se não tivesse escrito aquele maldito livro, isso não estaria acontecendo logo agora.

O que, ironicamente, era verdade. Natalie percebeu. Greg quis expor o verdadeiro culpado e conseguiu: era a sua mulher.

— Vamos embora — Dylan agarrou Diane pelo braço. — É hora de você ter uma conversinha com a polícia de Santa Cruz.

Diane não teve escolha, a não ser segui-lo. Madison, Laura e Drew foram atrás deles, deixando Cole e Natalie com o professor.

— Me desculpe — Greg disse a ela. — Por favor, me desculpe. Realmente acreditei que estava certo sobre você.

— Mas não estava e terá que fazer um depoimento público, esclarecendo o seu erro, sobre a morte de Emily, bem como sobre as pílulas, dizendo que não fui eu quem as forneci — Natalie comentou. — Só depois vou decidir se entro com uma ação legal.

Ele concordou:

— Não importa. Tudo vai se esclarecer agora. E estou contente. Emily era uma pessoa muito boa para ter segredos torpes, mesmo que o segredo fosse eu.

— Olhou para Cole. — Era uma garota maravilhosa. E louca pela família. Foi por isso que nos aproximamos. Ela me pediu orientação. Não queria desapontar ninguém se bombasse nas minhas aulas.

— Você a seduziu — Cole se enfureceu. — Fez com que uma garota inocente pensasse que não tinha escolha, exceto...

— Não, não foi assim — Natalie interrompeu. Viu os olhos de Cole enfurecidos, mas já havia muitos mal-entendidos. — Emily me disse que o amava. Disse que tudo tinha partido dela. Eu me lembro dessa conversa. Me lembro de tudo.

— Obrigado por dizer isso — disse o professor. Olhou para ela e depois para ele. — Melhor eu ir conversar com a polícia.

Natalie observou-o atravessar a janela, deixando-a sozinha com Cole. Eles olharam um para o outro por um longo minuto. Agora, que todos tinham saído, ela tomava consciência de onde estava e do que havia acontecido naquele lugar. Parece que Cole sentia a mesma coisa porque o olhar dele passou por ela e foi parar no andar de baixo. Ela queria dizer-lhe para que não olhasse, mas sabia que não podia. Depois de um tempo, ele virou-se; estava pálido, o queixo tenso. Ela notou que ele lutava para se controlar e quis ajudar. Logo, aproximou-se dele. Ela passou os braços na cintura dele e segurou-o firme, pousando o rosto no ombro dele. Percebeu que ele tremia, mas não se ouviu nenhum som dos seus lábios colados. Ele não era o tipo de homem emotivo, mas tinha que se soltar. Natalie levantou a cabeça e beijou-o. O gemido, que soou mais como um soluço, passou pela boca e ele retribuiu o beijo com tanta paixão e desespero que a arrebatou como uma onda do mar. Queria confortar Cole, mas no meio do beijo ela se sentiu confortada também. Ela pôde falar todas as palavras que não conseguia e todos os sentimentos que não devia sentir. Era simultaneamente doloroso e libertador.

Lágrimas começaram a sair dos olhos e escorrer pelo rosto. Cole se afastou, a respiração vinha pesada. Ele enxugou delicadamente as suas lágrimas com as mãos.

— Não chore, Natalie.

— Estou tentando — disse, fungando. Ela recuou e inspirou o ar fresco.

— Está tudo desabando sobre mim.

— Eu sei.

E sabia mesmo. Ela podia ver nos seus olhos.

— A gente deveria ir pra delegacia, terminar com isso de uma vez por todas.

Ele concordou:

— Tenho de ligar pros meus pais também. E depois, eu e você... nós precisamos conversar.

— Eu me lembrei de outra coisa sobre aquela noite, Cole. Emily me disse que você estava saindo com alguém em São Francisco. Chamava-se Cynthia.

— Eu a vi algumas vezes — Cole admitiu. — Ela era uma amiga da família. E eu queria me distrair um pouco... de você.

— Funcionou?

Os olhos dele eram claros e honestos quando cruzaram os dela.

— Não. Nunca passou de alguns jantares. Isso tem alguma importância agora?

— Não, mas não posso deixar de pensar que um dos motivos da minha falta de memória é que eu não queria me lembrar da dor de ser consciente desse fato. Sei que fiquei ferida na época, porque não entendia o que acontecia com você. Mas agora entendo. Você pensou que as minhas palavras de amor fossem uma armadilha e tentou escapar.

— Provavelmente isso é verdade.

— Provavelmente? De qualquer modo, isso é passado.

— Verdade? — Cole desafiou. — E agora? O que sente agora?

— Acha realmente que vou lhe dizer o que sinto depois do que aconteceu da última vez? Não sou burra. Por que não me diz o que você sente? — desafiou.

Ele hesitou por um tempo um tanto longo para a réplica. Obviamente,

não era capaz de dizer as palavras que ela queria ouvir.

— Natalie...

— Não, Cole, não. — Ela o impediu com a mão, percebendo que não suportaria outra rejeição daquele homem. — Melhor que eu não saiba. — Respirou fundo. — Não existem segundas chances, Cole. Nem para Emily nem para mim. Você precisa continuar a sua vida e eu preciso fazer a mesma coisa. Acabou. Finalmente, acabou. Terminamos.

— Acabou, Drew. — Laura se inclinou na porta do carro e cruzou os braços no peito. Ela descobrira mais sobre o seu marido na hora que se passou do que em dez anos. — Não posso acreditar que vendeu drogas pra Emily. Como pôde fazer uma coisa dessas?

— Não era perigoso. Todo mundo tomava. E eu precisava de dinheiro. Nem todo mundo tem pais que têm dinheiro, Laura.

— Mesmo assim, agiu errado. Não entende, Drew?

— Isso foi há muito tempo. Éramos muito jovens.

— Isso não é desculpa.

— Aquele incidente não tem nada a ver com a nossa vida. — Drew deu de ombros, abriu a porta do carro e entrou. — Podemos conversar em casa? Aqui não é o melhor lugar pra isso.

— Nunca é a melhor hora, ou nenhum lugar é apropriado pra gente conversar, concorda? — Estamos no estacionamento da casa do clube onde morou.

— Exatamente onde tudo começou, Drew. Onde nos apaixonamos. Ou fui somente eu que me apaixonei? — Procurou os olhos azuis dele em busca da verdade, mas como sempre Drew era muito bom em esconder seus pensamentos e sentimentos.

— Eu me casei com você, não foi? — disse, de modo exaustivo.

Não era exatamente uma declaração de amor.

— Por que se casou comigo? Por causa dos meus pais? Pelas ligações de trabalho de meu pai? Por dinheiro?

Ele olhou duro para ela.

— Tem certeza de que quer que eu responda?

Ela sentiu um arrepio na espinha. Estava sendo corajosa ou burra? Estava quase arruinando a vida dela e a das filhas? Virou-se para olhar para

a casa, a fim de juntar forças pelas lições que aprendera com pessoas que tinha conhecido, principalmente Emily. Emily não queria desperdiçar a vida com superficialidade, em vez de enfrentar os desafios.

— Sim. Quero que me responda.

"Deus, por favor, que sejam as respostas certas."

— Por tudo isso — Drew respondeu.

Ela ficou sem chão. Bem, agora sabia, certo?

— E eu... eu te amava — ele acrescentou. As palavras não saíram suaves da boca, mas é que Drew nunca se sentiu à vontade ao falar de sentimentos.

— Ainda me ama?

— Estou aqui, não estou?

— E por que está aqui? E por onde andou? Deixei dezenas de recados que você não retornou. Sei que foi pra Los Angeles, por razões pessoais. Meu pai me contou. — Laura respirou fundo e perguntou aquilo que andava martelando na cabeça por um bom tempo. — Você está tendo um caso?

— Não! — respondeu vigorosamente.

— Então, por que tem sido tão misterioso? Onde esteve na semana passada? E por que não podia me contar? — Laura, realmente não quero conversar sobre isso aqui. Vamos entrar no carro e voltar pra casa.

— Não, tem que ser aqui e agora. Porque mais tarde vai inventar outra desculpa pra não conversarmos. Responda à pergunta, Drew.

— Senão o quê? — Desafiou-a. — Isso soa a um ultimato.

Ela selou os lábios de nervoso. Será que queria dar um ultimato? E se ele fosse embora? E se o seu casamento acabasse agora? O que ela faria?

Ela sobreviveria. Partiria para outra. Ficaria bem.

As respostas vieram do fundo da alma.

Manteve o pulso firme, endireitou-se e disse:

— Não vire o jogo, Drew. Quero saber o que foi fazer em Los Angeles.

Ele a estudou como se fosse uma vítima.

— Está certo. Fui pra Los Angeles pra conversar com Garrett Malone.

Quando voltei, descobri que ele era o professor Martin. Sabia que ele tinha tido um caso com Emily. Eu os peguei juntos uma vez. Ela me fez prometer que não contaria — disse, levantando a mão, quando Laura quis interromper: — E eu concordei. Todos temos segredos. Ela merecia ter um também.

— Se Emily tinha um segredo, ela sabia outro sobre você. — Laura repentinamente montou o quadro. — Ela não podia contar a ninguém que fora você quem lhe dera as drogas, ou você revelaria que ela estava tendo um caso. Foi isso que pretendeu lhe dizer naquela noite?

— Já tinha lhe dito isso. Fui lá ver se ela havia escrito qualquer coisa no diário sobre mim.

— Fico pensando por que não o fez.

— Provavelmente ela não queria se incriminar também.

Laura balançou a cabeça, desgostando de todas as respostas de Drew. Mas pelo menos estava sendo honesto.

— OK. Então foi a Los Angeles pra falar com o professor. O que aconteceu?

— Eu o encontrei antes da sessão de autógrafos. Disse-lhe que sabia quem era. — Como soube? Eu o vi e não o reconheci.

— O disfarce dele era bom — Drew admitiu. — Mas imaginei que era ele quem estava por trás do livro. Eu simplesmente blefei e ele confessou tudo. Disse-lhe pra se afastar dos circuitos publicitários e que se certificasse de que o livro morreria por ali mesmo, ou eu contaria tudo.

— Foi por isso que ele cancelou todos os compromissos. — Ela fez uma pausa; ainda estava curiosa. — E por que continuou em Los Angeles? Porque isso parece suspeito.

— O resto não teve nada a ver com Emily ou o livro.

— Quero saber mesmo assim.

— Tudo bem. Estou pensando em sair da empresa do seu pai. Quero mais autonomia, mais liberdade, mais dinheiro. Seu pai quer que eu siga a carreira devagar. Nunca fui um homem paciente, Laura, sabe disso. Ofereceram-me um emprego em Los Angeles e ontem e hoje fui entrevistado por diversos sócios.

Laura ficou de boca aberta:

— Está falando sério?

— Não contei antes porque ainda não decidi o que quero fazer.

— Não decidiu? Isso não é uma decisão só sua. Eu sou sua mulher, sua companheira.

— Acalme-se — Drew pediu, olhando para os lados.

— Cansei de ser calma. Estamos discutindo a minha vida. Se não é feliz trabalhando para o meu pai, então deve largar. Mas precisa conversar comigo antes de decidir mudar com a família toda para Los Angeles. Ou planejou ir sem nós?

Drew pôs a mão na cabeça.

— Não sei mais, Laura. Pode me dizer honestamente se está feliz?

Ela olhou para ele desanimada:

— Acho que seria feliz se a gente... mudasse umas coisas.

— Como o quê?

Normalmente, esses modos abruptos a intimidariam, mas ela parecia ter amadurecido um pouco na última semana.

— Como você aparecer pra jantar pelo menos três vezes por semana. A gente passar algum tempo de qualidade juntos. — Agitou os braços no ar. — Quero que faça parte da família. Quero que me escute quando falo com você, em vez de fugir de mim.

— Acabou?

— Não. Quero saber pra onde vai o seu dinheiro. Vi depósitos e retiradas na nossa conta que não entendi. Tem algum negócio paralelo?

— Fiz alguns trabalhos extras. Consultor particular. — Drew admitiu. — Mande o dinheiro pro meu pai cobrir dívidas de jogo. Alguém andava ameaçando quebrar as pernas dele. Eu devia ter deixado isso acontecer, mas ele é meu pai.

A vergonha em seus olhos a comoveu. No fundo, ela sabia que a ambição de Drew e a pulsão por dinheiro e segurança, um lar perfeito, eram resultado de uma criação itinerante, mas nunca fora tão claro para ela como agora.

— Devia ter me contado, Drew. Não quero que haja segredos entre nós. Em qualquer coisa que seus pais precisarem, eu estarei com você. — Respirou fundo, percebendo como demonstrar-lhe que isso não deveria ser uma empresa para uma só pessoa. — Sei que não é somente culpa sua,

Drew. Eu me agarro a você como se fosse a única tábua de salvação. Quero ser mais independente. Não sei bem o que isso significa, mas inclui voltar a estudar música, tocar flauta, ter amigas que me entendam e me inspirem. E vou parar de me preocupar se meus pais vão aprovar ou não cada movimento que eu faça.

— De onde vem tudo isso? — ele perguntou, obviamente surpreso com o seu discurso. — O que aconteceu, Laura?

— Emily. O livro. O reencontro com Natalie e Madison e me lembrar de quem, um dia, fui. Eu me lembrei de como era bom nós dois juntos, como a gente equilibrava um ao outro. Mas em algum ponto do caminho caímos nesses papéis que existem num plano paralelo. Não quero que tenha a sua vida e eu a minha; quero que as nossas vidas sejam interligadas. Quer isso também? Porque se não quiser, se não quiser mesmo, precisa me dizer.

Drew não respondeu. Foi o instante mais longo da vida dela.

— Quando eu a conheci, sabia que seria a esposa perfeita. Seria o tipo de mulher que preferiria ficar em casa com as crianças, construir um lar, uma família. E eu queria isso. Alguma coisa sólida, permanente, não como a casa em que eu vivi. Meu pai nunca estava por perto. Quando estava, ou bebia, ou jogava. Ele era um perdedor de primeira. Minha mãe se matava de trabalhar pra manter um teto sobre as nossas cabeças; logo, estava sempre muito cansada pra cuidar de mim. Não era isso o que eu queria pras nossas filhas. — Respirou e depois continuou: — Quero me entender com você, Laura, mas tem de abrir os olhos. Não sou o seu pai, que é um homem de negócios, um marido e um pai perfeito. Na verdade, nunca fui o cara que pensou que fosse. Eu apenas fingia ser pra não perdê-la. Mas cansei de fingir. Sou o que sou. Ambicioso. Por vezes, atropelo. Realmente, não conheço bem meus limites. Não tenho certeza de como ser um bom marido e pai. Não tive um bom exemplo. Então, talvez tenha de se perguntar se quer continuar comigo, em vez de me perguntar se eu quero ficar com você.

Ela o olhou surpresa, incapaz de acreditar no que ouvia:

— Acho que foi a coisa mais honesta que disse pra mim.

— Bem, sim, acho que foi um dia propício para isso.

— Drew, não quero que seja meu pai. Nem gosto tanto assim do meu pai. Ele tornou a vida da minha mãe miserável. Estava sempre trabalhando, tinha amantes, a sua ideia de família é bem diferente da minha. Nos últimos dois anos, me apavorei ao pensar que estivesse se tornando parecido com ele, e eu com a minha mãe. Isso é a última coisa que quero. Quero que a gente seja a gente mesmo. Quero que você, eu e as crianças façamos o nosso próprio caminho. E quero que divida comigo as coisas do modo como acabou

de fazer, com honestidade e ternura. — Fez uma pausa. — Estou unida a você por dez anos, Drew. Se quer que eu fique, se quer que eu fique na sua vida, vai ter de se unir a mim. É a sua vez.

Drew olhou firme nos olhos dela, abriu os braços e pegou na sua mão.

Apertou-a e disse:

— Vamos pra casa.

Os olhos dela se encheram d'água. A casa nunca pareceu tão boa.

A volta para casa parecia durar uma eternidade. Natalie escolheu voltar para São Francisco com Madison, deixando que Cole e Dylan cuidassem dos detalhes de Greg e Diane, na delegacia. Tinha, finalmente, acabado. Limparia seu nome, recuperaria a sua reputação. Ela poderia voltar ao trabalho, continuar a sua vida. Deveria estar se sentindo super bem.



Capítulo 20



— É a terceira vez que suspira em cinco minutos — disse Madison, olhando de relance para ela. — Quer me dizer alguma coisa?

— Nada em particular.

— Tem alguma coisa a ver com o fato de preferir voltar comigo, em vez de com Cole?

Natalie suspirou de novo.

— Realmente não quero tocar neste assunto.

— Arrependeu-se de sair com Cole?

— Sim. Não. Não importa. — Passou os cabelos para trás da orelha, percebendo que a resposta não satisfizera a Madison, que estava olhando de soslaio a cada segundo. — Olhe, Madison, a gente terminou. Sabemos tudo o que se tem pra saber. Não existe mais nada pra ser descoberto. Cole vai voltar pra sua vida; e eu, pra minha. Fim da história.

— Não penso que esse seja o fim da história. Está apaixonada pelo cara e tenho uma leve suspeita de que ele também.

Natalie balançou a cabeça.

— Não está. Dei-lhe uma chance na casa de se expressar. Ele não fez nada. Cole sabe tão bem quanto eu que nosso relacionamento vai dar em lugar nenhum.

— Por quê? O passado ficou no passado. Por que não pode ter um futuro?

— Porque existem mais coisas entre a gente agora do que antes. Os pais dele não podem olhar pra mim sem pensar na perda de Emily. Mesmo se se convencerem de que não fui eu quem a empurrei, continuarão a me culpar por não ter estado com ela quando caiu. Não posso dizer que estão errados. Se não tivesse me embebedado, se não tivesse sido tão egoísta, talvez tivesse estado lá pra ela.

— Talvez, talvez, talvez. A vida não é talvez, ou se, ou deveria ter sido. Todos nós fazemos escolhas, algumas ruins, outras boas. Emily fez escolhas também. Foi ela quem dormiu com um homem casado. Foi ela quem

subiu na cobertura. Foi ela quem discutiu com Diane. Você não teve nada a ver com nenhuma dessas coisas. A Emily perfeita não existe. Já está na hora de nos conscientizarmos disso e deixarmos que ela se vá.

— Tem razão — disse Natalie. — E também não quero julgá-la.

— Então, não julgue.

— Mas desde que voltei pra cobertura hoje, não paro de pensar naquela noite. Deve ter havido um momento em que Emily viu a loucura nos olhos de Diane, em que recuou, em que percebeu que ia se aproximar da... — Natalie não conseguiu terminar o pensamento.

— Acha que Diane a empurrou?

— Provavelmente, num momento de transtorno. Ou ela simplesmente avançou pra Emily e esta recuou e escorregou. Não penso que possamos provar se foi de um jeito ou de outro. Pelo menos, provamos, com a presença de Diane, que não fui eu. infelizmente, o romance de Emily se tornará público. A menos que os Parish possam encobrir o caso. Não me surpreenderia se tentassem. Não os culpo. Não acho que o mundo precise saber que Emily estava apaixonada por um homem casado. A propósito, tem algo que eu queria perguntar. Como encontrou o professor e o convenceu a vir pra casa?

— Fácil. Segui Diane e a amiga até o estádio. Fiquei lá fora, pensando no que faria a seguir. Então Diane surgiu novamente, um homem corria atrás dela, falando alto e brigando. imaginei que fosse o professor. Depois da discussão, ela deu no pé e eu fui até ele.

— Só isso? — Natalie se surpreendeu. — Segui esse homem dias e dias e você apenas apareceu e disse "oi". Incrível.

— Tive sorte. Não que precisássemos dele no final. Diane é a verdadeira vilã. E foi o livro de seu marido que esclareceu tudo. Se não tivesse escrito *Fallen Angel*, nunca saberíamos a verdade.

— Tem razão.

— Engraçado que pensamos que ninguém havia conversado com Emily naquela noite — Madison continuou. — Na verdade, houve um maldito desfile naquele quarto. Você conversou com ela enquanto Dylan espiava vocês no corredor; em seguida, Drew entrou no quarto dela. Ele disse que ela estava conversando ao telefone com alguém... creio que fosse o professor. Não surpreende que fosse pra cobertura. Provavelmente queria ficar sozinha.

— Em vez disso, uma mulher se aproximou dela, a mulher do homem

com quem estava dormindo.

— Ei, pelo menos ela transou antes de morrer!

— Madison!

— Desculpe, mas você não queria que ela morresse virgem, queria? Não é melhor saber que ela amou alguém, que teve essa experiência?

Natalie pensou naquilo por um momento.

— Acho que é melhor saber que sim. Ela sempre quis encontrar o amor. E encontrou. Penso que Greg Martin a amava de verdade, mesmo que fosse casado e o que eles estivessem fazendo fosse errado.

— O amor não é sempre certo. — Madison interrompeu-se. — Falando de amor, qual é a sua previsão a respeito de Drew e Laura? Pensa que eles vão ficar juntos?

— Espero que sim. Eles têm muita história, sem mencionar as crianças e a casa. — Natalie olhou curiosa para Madison. — E quanto a você?

— E quanto a mim?

— Por um momento, me passou pela cabeça que estava interessada em

Dylan.

Madison soltou uma risada dissonante.

— Mesmo se estivesse, que é que tem? Ele ainda ama Emily. E sempre a amará. Você viu o santuário no closet do apartamento dele. Como alguém pode competir com uma deusa como Emily?

— Se há alguém que pode, esse alguém é você. — Natalie afirmou. — Você é extremamente bonita. isso é verdade — Madison balançou os cabelos loiros.

— E é inteligente, ambiciosa, competitiva. Me diga uma coisa: quer realmente conquistar Dylan ou é apenas um desafio? É o homem que fugiu de você?

— É apenas um desafio. — Madison pensou por um momento. — Às vezes, penso que ele seja um lunático, embora interessante. É criativo, diferente, corajoso, querido... não é nada chato.

— Parece que está vidrada nele.

— Nem um pouco. Estou intrigada. Queria que Dylan me visse como

realmente sou. Ele me julgou cedo demais e estava errado. Quero que ele perceba o erro. Depois, vamos ver aonde podemos chegar com isso... se é que chegaremos a algum lugar. Não é que eu precise de um homem na minha vida. Estou bem sozinha.

— Eu também — Natalie afirmou, mas quando se ajeitou no banco e olhou o espelho retrovisor através da janela, percebeu que não estava nada bem.

Cole voltou a trabalhar na segunda-feira. Garrett Malone, também conhecido como Greg Martin, deu uma entrevista coletiva naquela manhã, esclarecendo que ele inventou todo o enredo, que não tinha nenhuma prova que incriminasse Natalie ou qualquer outra pessoa citada no livro. A família Parish também liberou uma declaração segundo a qual estava satisfeita com os resultados da investigação policial e que acreditava que a morte de Emily fora mesmo um acidente.

Cole teve uma conversa delicada com os pais e eles concordaram em fechar o caso. Sem provas concretas de que Diane Thomas empurrara Emily da cobertura, não viram motivo para iniciar um longo processo na Corte, que só mancharia a reputação de Emily. No entanto, no modo Parish de ser, eles pressionaram para que a reitoria da universidade despedisse Diane e o seu marido, Greg Martin. E, por mais que Cole detestasse a ideia de que Diane se livrasse do crime, ele também sabia que seus pais, principalmente a sua mãe, não poderiam lidar com um escândalo que revelasse o caso entre Emily e o professor. Ele fora criado para proteger sua irmã e este era o último ato de proteção.

Cole se inclinou na cadeira de trabalho, o painel com as telas de TV na parede à sua frente, mostrando eventos que aconteciam ao redor do mundo. Em breve, seria um desses repórteres. Era hora, já tinha passado da hora. Tarde, naquela noite, ele decidira que, finalmente, tomaria a decisão de mudar de vida.

Ele percebeu Josh meter a cabeça na porta. — Ei, como vão as coisas?

— Isso depende se os boatos são ou não verdadeiros. — Josh se sentou na cadeira em frente a Cole e o observou bem: — Vai largar o jornal?

— As notícias correm por aqui. Não vou largar o jornal. Vou me transferir para o Oriente Médio.

— Por quê?

— É tudo o que sempre quis. Sabe disso.

— Sei que era o que queria antes. Pensei que tivesse mudado de ideia, principalmente depois dos eventos da semana passada.

Cole balançou a cabeça, relutante em admitir a Josh que a sua paixão por aventura não era tão intensa como costumava ser.

— Falou com Dylan?

— Ele me informou sobre tudo, exceto sobre o que acontece entre você e Natalie.

— Nada. Acabou.

Josh se inclinou para frente; seus olhos sabiam de algo:

— Isso foi o que disse da última vez.

— Agora é verdade. Vou embora. É isso o que tenho de fazer.

— O que tem de fazer? Pensei que tivesse dito que era o que queria fazer.

— Sabe o que quero dizer.

— Acho que você não sabe o que quer dizer. Preciso atirar um grameador na sua cabeça para chamar a sua atenção? O que quer, quem quer, está bem aqui em São Francisco, não no Oriente Médio.

Cole se levantou, não tão feliz de ter Josh no seu escritório.

— Preciso "brifar" o Marty em algumas coisas. Por que não me paga um drinque depois? Vou embora só amanhã.

— Quando vai voltar? — Josh perguntou, ao se levantar.

— Quando tiver me cansado.

Josh acompanhou-o até a porta.

— Natalie é a mulher certa pra você, Cole. Ninguém mais chegou perto. Não acha que está na hora de dizer isso a ela?

— É muito tarde pra isso. Natalie não acredita em segundas chances.

— Mas você sim. Consegui uma segunda chance na carreira como sempre quis. Por que não pode ter Natalie também?

— Porque ela não me quer.

— Tem certeza?

— Dra. Bishop? Tem uma pessoa na sala de espera que gostaria de falar com você.

— Um paciente? — Natalie perguntou, escrevendo algumas anotações sobre o último paciente que viu. Era bom estar trabalhando novamente. Os médicos e outras pessoas importantes no hospital, todos se desculparam e acolheram-na. Na verdade, ofereceram-lhe uma vaga fixa, o dia inteiro, no St. Timothy's. Estava ainda cogitando. Não tinha certeza se queria ficar perto de Cole. São Francisco era a cidade dele. Sempre seria.

— Ela não está doente. Apenas quer conversar contigo — a enfermeira respondeu. — Está sentada perto da porta, usando um casaco preto caro. Vai reconhecer de cara.

— Já vou.

Natalie terminou de escrever e foi para a sala de espera. Não sabia quem iria encontrar, mas, na certa, não esperaria por Janet Parish. Engolindo em seco, olhou firme para a mulher idosa, notando as rugas debaixo dos olhos e os cabelos grisalhos. Tinha envelhecido na última semana. Ainda assim havia algo doce em seu olhar, que, da última vez que a vira, no encontro que, é claro, tinha sido um dos momentos mais embaraçosos da vida de Natalie, não estava aparente.

Janet se levantou, segurando junto de si a bolsa.

— Natalie, espero não a estar perturbando, mas não sabia onde poderia procurá-la, sem perguntar a Cole ou a Richard, e queria fazer isso eu mesma.

— Não tem nada por que me agradecer.

— Tem sim. Eu li o diário de Emily ontem à noite. Você leu?

— Não. Não faz meu gênero.

— Nem o meu, mas a minha curiosidade foi maior. Pensei que conhecesse minha filha, mas havia tanta coisa que eu não sabia. — Janet levou um momento para juntar os pensamentos. — Não havia percebido que estava impedindo o progresso de Emily. Não sabia que ela não queria atender nossos telefonemas, que ela pensava que nós não acreditávamos que ela pudesse tomar conta de si sozinha. Somente depois que li o diário entendi que ela foi pra faculdade pra ficar longe da gente. — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Eu a amava tanto, Natalie. Ela era o meu mundo. Queria saber tudo o que fazia e pensava. Tinha tanto orgulho dela. Pensava que era uma pessoa muito especial.

— Emily era especial. E ela foi pra faculdade pra se encontrar — Natalie corrigiu, desejosa de que Janet não cometesse mais nenhum mal-entendido. — Como todo mundo, ela queria experimentar a vida e ser independente. Era uma típica universitária.

— Bom ouvi-la dizer isso. — Janet respirou fundo, obviamente procurando se controlar. — Ela amava você, Natalie. Ela a considerava como a irmã que nunca teve. Não sei se Emily contou, mas eu engravidei duas vezes depois que ela nasceu. Perdi os dois filhos. Da segunda vez, fiquei seriamente doente. Eles me contaram que não poderia ter outros filhos. Talvez seja por isso que sou tão apegada a Cole e Emily. — Fez uma pausa. — Me desculpe por termos culpado você por tudo. Não soube lidar com a coisa toda. Estava sofrendo tanto que quis que outra pessoa sofresse também. E você estava lá.

— E eu estava lá — Natalie repetiu.

— Você parecia tão culpada. Não sabia nos dizer o que tinha acontecido. Foi simples pensar que era, de algum modo, responsável.

— Entendo por que pensou que eu estivesse envolvida e eu me arrependo muito do meu comportamento naquela noite.

— No fundo, sempre soube o tipo de pessoa que era. Esteve em nossa casa. Passou as férias conosco. Eu a conhecia. Me desculpe, Natalie. Espero que algum dia possa me perdoar e ao Richard. Ele agiu sem pensar.

— Não existe nada pra ser perdoado. Verdade. Todos cometemos erros. Mas todos amávamos Emily. É isso o que importa. É hora de deixar o passado pra trás.

— Cole me disse que é uma mulher incrível e não se referia à menina que um dia foi, mas à mulher que é hoje. — Janet deu-lhe um olhar demorado, estudado. — Não sei o que aconteceu com vocês dois, mas queria dizer que Richard e eu não vamos atrapalhar a sua relação, se é isso o que vocês querem.

Imediatamente, Natalie balançou a cabeça:

— Não é o que Cole quer.

— Não tenho certeza do que meu filho quer. Parece que vai partir para o Oriente Médio amanhã. Vai ser nosso correspondente internacional.

O coração de Natalie parou um instante.

— Cole vai embora?

— Sim. Amanhã. A não ser que o impeça.

De repente, Natalie pensou se não fora por isso que Janet viera.

— Foi por isso que veio? Porque eu não posso impedi-lo. Não vou nem tentar. E você também não deveria.

— Ele é o único filho que me sobrou — disse desconsolada.

— Cole não é uma criança. É um homem. Ele precisa viver a vida dele. Faz muito tempo que ele quer ser correspondente internacional. Fico contente por ele.

— Pensei que o amasse.

— O suficiente pra desejar que seja feliz. — E queria mesmo que isso acontecesse. Ele vivera muitos anos para os pais e Emily. Merecia essa liberdade.

Janet enxugou uma lágrima.

— Sei que está certa, mas é duro deixá-lo ir. Não sente a mesma coisa?

— Mais do que imagina. Vou acompanhar a senhora.

A primeira reportagem de Cole apareceu no San Francisco Tribune numa sexta; o artigo era sobre um ataque terrorista na Turquia. A segunda matéria foi publicada na terça e discutia a condição dos refugiados na fronteira do Afeganistão. Para a edição de domingo, escreveu sobre a formação dos novos governos que estavam abalando o poder no frágil Oriente Médio. Na quinta-feira seguinte, o artigo focava a mudança do câmbio do dólar na Ásia. No fim de semana seguinte, ele escreveu sobre o terremoto na China e quatro dias depois escreveu sobre a proliferação dos jornalistas e da mídia em todo canto do mundo, inclusive nas zonas de guerra. O artigo trazia uma foto de Cole num tanque.

Natalie olhou demoradamente para a foto, suspirando de amor por ele. Ela aprendera muito sobre os eventos ao redor do mundo nas últimas três semanas. Com certeza, Cole estava rodando por aí, vivendo a vida que sempre quisera. E ela fazia a mesma coisa. Tinha aceitado a vaga no St. Timothy's. Como Cole estava fora de São Francisco, não havia motivo para ela ir embora. E estava se divertindo com Madison e Laura.

Pousou o jornal e inclinou-se para botar o tênis. Era domingo e ela não tinha nada para fazer a não ser à tardinha, quando ia para o primeiro concerto da orquestra de Atherton, apresentando uma nova flautista, Laura McKinney. Sorria só de pensar na aventura independente de Laura. Todas estavam levando a vida de uma maneira positiva. Ela sabia que Drew e Laura ainda tinham uns probleminhas para resolver, mas Laura dissera que a relação entre eles era muito mais honesta agora e estavam batalhando para manter assim. Drew decidira recusar a oferta de emprego em Los Angeles, mas fora chamado para nova entrevista em uma empresa em São Francisco.

Natalie se levantou, alongou-se por alguns minutos e em seguida desceu as escadas e saiu. Era um dia claro e bonito de novembro. Havia

algumas nuvens brancas e finas no céu azul, mas as tempestades de inverno estavam longe ainda. Virando a esquina, parou de uma vez, sem acreditar no que via. Cole vinha correndo na direção dela, vestido de calça azul-marinho e camiseta cinza. Mesmo de roupas largas, ele parecia mais magro do que a última vez que o vira e, ao se aproximar, viu as sombras de cansaço ao redor dos olhos.

— O que faz aqui? — perguntou surpresa. — Pensei que estivesse do outro lado do mundo.

— Cheguei ontem à noite. Começou tarde hoje. Pensei que tivesse perdido você.

— Estava lendo o jornal. Tem um correspondente internacional que escreve reportagens fascinantes.

— Gostou? — perguntou com um sorriso orgulhoso.

— Muito. São sensacionais. Está fazendo um ótimo trabalho, Cole. Sinto como se estivesse lá com você.

— Mas não está — disse, o sorriso murchando. — Não está lá comigo e...

Ela o esperou terminar a frase. Maldito homem. Ele podia escrever histórias articuladas sobre os eventos mundiais, mas quando se tratava de dizer-lhe como se sentia ele ficava totalmente sem fala.

— E... — ela incentivou.

— Senti saudades de você.

Os olhos dele escureceram, ao olhar para ela intensa e demoradamente.

Ela sentiu um arrepio na espinha.

— Também senti saudades de você, mas estou contente de que esteja fazendo o que sempre quis. É importante não desistir dos sonhos.

— Não é mais meu sonho, Natalie.

— Tem certeza? Não faz tanto tempo assim, apenas algumas semanas.

— Depois de dois dias percebi que ser correspondente internacional não era o que eu queria. Fiquei mais duas semanas porque queria ter certeza dessa vez.

— Certeza do quê?

— Do que eu sinto.

Ela respirou com dificuldade diante do desejo nos olhos dele. Tinha medo do que ele diria e ainda mais do que não diria.

— O que sente?

— Venha comigo. Vou lhe mostrar.

— Pra onde? — perguntou confusa. — Não pode me dizer aqui?

— Não. — Ele se virou e começou a correr pelo caminho de onde tinha vindo, parando no meio da rua. — Você não vem?

— Estou indo.

Não tinha ideia do que iriam fazer, mas sabia que teria de descobrir.

— Está pronta? — Dylan perguntou.

Madison olhou para o homem que apareceu na porta de sua casa. Seu primeiro pensamento foi que era uma ilusão, porque fazia três semanas que ela não ouvia falar dele. Agora, ele estava parado ali, falando com ela como se ela soubesse o assunto. E ela não sabia. Na verdade, ela mal podia se concentrar no que ele dizia. Estava muito fixada na calça justa dele, em como ficava bem de jaqueta preta de couro e em quanto ela gostaria de passar a mão no seu peito.

— Maddie?

— O quê? O que faz aqui?

— Vim convidá-la pra dar uma volta de moto.

— E por que aceitaria?

— Porque sim — ele disse simplesmente.

Ela franziu o cenho, odiando pensar que ele estava certo. O homem tinha dado uma gelada nela. Ela deveria fazer a mesma coisa com ele. Mas ela estava curiosa...

— Pra onde vamos?

— Já vou mostrar. — Ele lhe entregou o capacete.

— Estou furiosa com você. Você não me ligou. Recusou-se a aparecer na minha festa, que, diga-se de passagem, foi um tremendo sucesso. Teria feito muitos negócios. E agora, simplesmente, aparece e espera que eu suba na moto e vá pra não sei onde. Acha que sou completamente louca?

— Sim. E eu também. Você vem ou não?

Ela pensou por dez segundos. Dylan ameaçou ir embora:

— Estou indo. Espero que valha a pena.

Cole não disse uma palavra durante a corrida, mas, rapidamente, ficou claro para Natalie, enquanto passavam pela Marina Greens, o Palácio das Artes Finas e o Iate Clube St. Francis que eles estavam se dirigindo para o costureiro local na base da ponte Golden Bridge. Quando chegaram ao fim do caminho, pararam e se alongaram, inspirando ar, enquanto olhavam para a ponte e as águas azuis espumosas embaixo.



Capítulo 21



— Senti saudades disso também
— Cole disse com um gesto. — Esta é a
minha cidade, Natalie.

Ela sorriu:

— Eu sei.
— Não me dava conta disso
antes de partir.
— Às vezes ajuda ir pra longe.

— Exato. Sabe, estava sentado num tanque no deserto e fiquei pensando no aumento da taxa de parquímetro da Union Square. Nem mesmo queria fazer uma reportagem sobre isso no jornal, mas o assunto não me saía da cabeça. Percebi que o que é importante é relativo ao lugar onde você está, o que quer e do que precisa. E agora sei que quero continuar a tradição do jornal da família Parish. Quero que seja ainda maior e melhor do que era antes. Quero que os habitantes de São Francisco saibam tudo o que merecem, seja notícia local ou mundial.

— Tenho certeza de que seus pais se alegrarão de ouvir isso.

— Contei-lhes ontem à noite e ficaram alegres. — Parou e sorriu para ela.

— Minha mãe está melhor do que pensei, mesmo com tudo o que aconteceu. Começou até a limpar o quarto de Emily.

— É um grande passo.

— Ela me disse que conversou com você antes de eu ir embora. Queria que você me convencesse a ficar, mas você se recusou até mesmo a tentar.

— É verdade — Natalie admitiu. — Queria que você fosse, que tivesse a chance de realizar o seu sonho.

— Você queria que eu voltasse?

Ela podia ver nos olhos dele que ele estava lhe pedindo mais do que aquilo. Como poderia dizer-lhe que o queria de volta? Ela havia avançado os sinais uma vez e ele pisara duro.

— Sempre teve mais perguntas do que respostas, Cole.

— Isso é porque sou repórter. — Olhou ao redor, como se procurasse por algo e em seguida checkou as horas.

— O que está acontecendo? — perguntou com suspeita. — Disse que ia me mostrar uma coisa. O que é?

— Vai ver.

— Logo?

— Espero que sim.

— Vou gostar?

— Espero que sim — repetiu com um sorriso.

Madison desceu da moto quando ele parou no mesmo lugar que a havia trazido da outra vez. Não havia luzes na cidade desta vez, mas o panorama de São Francisco, os edifícios altos, as colinas ondulantes e os veleiros coloridos, eram bonito como um cartão-postal.

Dylan pegou do compartimento um saco plástico de lixo e andou até a beira do precipício. Madison o seguiu, perguntando-se o que diabos estava acontecendo.

— O que tem dentro do saco? — ela perguntou.

Ele hesitou por um longo momento.

— Lembranças.

— OK, estou começando a me desesperar — disse, sem ter certeza do que havia no saco, mas ela não deixaria para lá.

— Foi você quem me disse pra esquecer o passado, não foi? Não foi você quem me disse, bem aqui neste lugar, pra andar para frente?

— Sim. Mas estou surpresa que tenha me ouvido. Nunca me ouve.

— Porque até agora você nunca disse nada que fizesse sentido.

— Não creio que isso seja verdade. Porém, o que exatamente você fez?

— Eu limpei o closet.

Ela fez que sim com a cabeça, tentando não demonstrar o quanto estava chocada.

— Continue.

— Queimei tudo: fotos, histórias, tudo.

— Por quê?

— Emily foi embora.

— Bem, foi um pouco drástico. Poderia ter ficado com algumas lembranças. Não precisava ter queimado tudo. Você é oito ou oitenta, hein?

— É o único jeito que sei ser. Não preciso dessas coisas pra me lembrar de Emily. Pode não acreditar, mas a verdade é que não toquei nessas coisas por um bom tempo; não até o livro sair e você aparecer.

Ela se sentiu aliviada ao saber que ele não tinha ido para o seu santuário toda noite nos últimos dez anos.

— Quando vi o closet através dos seus olhos, pensei que fosse algo doentio.

— Sim, parecia mesmo — ela disse, enfática.

— Então, agora acabou. — Mostrou o saco de plástico. — Está tudo aqui.

— Poderia ter simplesmente jogado no lixo. Por que ainda não fez isso? A menos que tenha uma boa razão, devo dizer que esse seu comportamento ainda pertence à categoria "doentio".

— Gosto de cerimônias; ritos de passagem. Eles são importantes, ajudam-nos a ir pra frente. — Interrompeu-se. — Me ocorreu que não veio ao enterro de Emily, então não teve a chance de dizer-lhe adeus formalmente.

— Quer dizer que isso é como um funeral?

Seus olhos se encontraram.

— Sim. O que acha?

Ela pensou por um instante considerável.

— Realmente não tive escolha e parti antes do enterro. Minha mãe me obrigou. Não queria que eu me envolvesse em um escândalo. Eu senti falta de não ter dito adeus. Por vezes, é difícil acreditar que ela realmente se foi. Parecia um sonho. Não consegui voltar pra casa e reconhecer que não era um sonho. Era estranho, surreal. Talvez um enterro tivesse ajudado.

— Bem, agora tem escolha. Quer me ajudar a espalhar as cinzas dessas coisas pelo vento?

— Provavelmente vão nos prender por jogar lixo em lugar indevido.

— E desde quando se preocupa com a lei?

— Desde... nunca. Tudo bem. Vamos lá.

Caminharam juntos para o precipício e viraram o saco de pontacabeça. A brisa levou as cinzas das fotos e dos papéis pela colina abaixo.

— Adeus — Madison sussurrou. — Descanse em paz.

Eles olharam fixamente para a vista por muitos minutos. Madison se sentiu como se tirasse um peso dos ombros. O passado havia, verdadeiramente, ido embora.

— Algum arrependimento? — perguntou a Dylan um pouco depois.

— Nenhum.

— O que vai fazer agora?

— Continuar vivendo. — Ele lhe olhou de relance, mas logo voltou os olhos para o panorama. — Andei pensando uma coisa. Talvez eu e você pudéssemos sair um dia desses.

— Quer dizer num encontro?

— Se quer chamar assim...

— Uau, esse é o tipo de convite que é difícil recusar.

— Isso é um sim?

— Eu deveria fazer um exame de cabeça — ela resmungou. — Porque estou quase aceitando a sua proposta. Mas primeiro quero saber por que quer sair comigo, se nem mesmo gosta de mim.

— Está subindo no meu conceito — disse asperamente e virou-se para olhá-la. — E caso ainda não saiba, é muito atraente.

— Não; quero que me chateie, que me fale coisas honestas com essa sua boca sexy e...

— Cale a boca e me beije — disse Madison.

Dylan segurou o rosto dela e deu-lhe um beijo longo e apaixonado.

— Uau. Faça de novo.

— É o que pretendo.

Antes disso, um avião em voo rasante chamou a atenção no céu.

— O que esse cara está fazendo? — Madison perguntou.

— Parece algum tipo de mensagem — Dylan respondeu, quando as letras começaram a se formar.

Madison suspirou.

— Está escrito "Natalie"?

— Olhe — pediu Cole, apontando para o céu.

Natalie obedeceu-lhe, embora, na verdade, estivesse mais interessada nele do que num avião sobrevoando a ponte. Mas logo as letras começaram a se formar...

— "Natalie"? Você que fez isso?

— Continue a ler.

O coração disparou no peito. "Natalie, eu te amo".

— Você é louco — disse e abraçou-o. — Por que fez isso?

— Porque nunca consegui dizer em palavras. Sei que pensa que foi somente com você que isso aconteceu, mas eu sou assim.

— Ainda não me disse.

— Acabei de escrever no céu.

— Eu te amo, Natalie. Desde o primeiro dia em que a conheci e todos os dias depois daquele, mesmo quando pensei que odiasse você.

— Isso não faz o menor sentido, Cole.

— O amor não faz sentido. Temos uma ligação, Natalie. Tentamos lutar contra isso, mas os sentimentos estão mais fortes do que nunca. Como Emily diria, somos almas gêmeas.

Natalie concordou que Emily pudesse dizer isso.

— Agora, tem algo pra me dizer? — Cole perguntou.

Ela poderia? Arriscaria mais uma vez?

Mas desta vez fora ele quem dissesse primeiro.

— Eu te amo também, Cole, mas tenho medo. Você tem tanto poder sobre mim. É assustador.

— Posso dizer o mesmo.

— É isso. Não quero que se sinta preso por minha causa. Percebi como lida com o amor sufocante e afável dos seus pais. Não quero fazer a mesma coisa.

— Não está me prendendo. É isso o que quero. Quero você.

— Tem de ter certeza, Cole. Certeza absoluta. Porque teve muito amor e eu não. E quero tudo agora. Não pensei que quisesse. Pensei que pudesse viver sem amigos e família, que apenas meu trabalho me faria feliz, mas entendi nessas últimas semanas que isso era um erro. Logo, se quer entrar na minha vida de novo, tem que ser tudo ou nada.

— Estou aqui, Natalie, e não vou deixá-la.

— E a sua família? Não quero ficar no meio. Não aguentaria.

— Eles me deram a bênção ontem à noite.

— Contou a eles?

— Queria que soubessem que a amo e que não queria perder mais um dia sem você na minha vida. Já perdemos tempo demais. > Ela lhe fez um carinho no rosto.

— A gente não estava pronto antes, nenhum dos dois.

— Mas agora estamos. Emily nos uniu.

— Acho que foi o professor — disse e sorriu.

— Não, foi a Emily. De algum lugar, lá em cima, está nos observando. Sei disso.

Natalie olhou para o céu, onde a declaração de amor se transformara em manchas brancas.

— Espero que ela aprove.

— Sei que sim. Queria que fôssemos felizes e, honestamente, não penso que possamos ser felizes longe um do outro. — Ele tirou uma caixinha preta de veludo do bolso.

O coração de Natalie parou.

— Não vai me... — Ela não podia dizer nada, quanto mais acreditar que aquilo estava acontecendo. Cole, o homem dos seus sonhos, o homem que sempre amara, mas que, no fundo, sempre suspeitara que não pudesse tê-lo, bem, até agora.

— ... Pedir em casamento? — ele perguntou. Abriu a caixinha e

mostrou-lhe o anel de diamante. — É exatamente isso o que vou fazer. Quer se casar comigo, Natalie? Faria de mim o homem mais feliz do mundo?

Ela olhou para ele, para o seu rosto forte e bonito, e soube, sem nenhuma dúvida, que era o único homem com quem sempre quisera passar a vida junto.

— Isso não pode estar acontecendo.

— Está acontecendo. Preciso de uma resposta pra que fique bom.

— Sim. Sim — ela disse.

Cole colocou o anel no dedo dela, puxou-a para si e beijou-a querendo nunca mais parar de beijar. Aplausos interromperam, abruptamente, o beijo, e eles perceberam que eram o centro das atenções.

— Finalmente, ela disse sim — Cole disse à multidão.

— E, finalmente, você me perguntou — ela devolveu e, apesar de toda a gente, não resistiu a outro beijo. — Mal posso esperar para passar o resto da minha vida com você, Cole.

— Vamos começar agora mesmo.

— Ou em algum lugar mais vazio — ela sugeriu.

Ele riu.

— Não posso fazer promessa nenhuma, a não ser que corra bem depressa.

— Eu corro — prometeu e desceram a rua.

Estavam sem fôlego, quando chegaram ao apartamento dela. Cole bateu a porta e foi até ela.

— Um dia vamos fazer isso devagar.

— Não hoje — ela disse e tirou-lhe a camisa. — Porque esperei muito para tê-lo e não quero esperar mais nenhum segundo.

— Gosto do modo como pensa. — Ele a interrompeu quando ela pegou na calça dele. — Um minuto.

— O que foi agora? — ela resmungou.

— Quero que saiba realmente que faço isso por mim. Não vou deixá-la nunca mais. Você é a minha família agora. Eu, você e quantos filhos quisermos ter. O passado se foi; o futuro é nosso.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Puxa, quando enfim começa a falar, faz tudo direitinho.

— Me ama?

— Para sempre — ela disse e selou a promessa com um beijo demorado e apaixonado.



Epílogo



Natalie e Cole entraram furtivamente para o fundo da sala onde a orquestra da comunidade de Atherton afinava os instrumentos, às 7 horas da noite no domingo. Madison, que estava ao lado de Dylan, apontou duas cadeiras vazias perto deles.

— Achei que ia chegar atrasada, Natalie — Madison disse, levantando o olho. — E veja quem veio contigo!

Que interessante! Acho que a fumaça no céu funcionou.

— Você viu? — Natalie perguntou.

— Acho que toda a cidade viu. Está feliz?

— Extasiada. Estamos noivos — Natalie mostrou o anel.

— Legal. — Madison fez um gesto de aprovação para Cole. — Fez a coisa certa.

— Sim, finalmente. — Cole concordou e olhou com curiosidade para o casal. — Estou surpreso de vê-los juntos. Perdi alguma coisa?

— Eu ia fazer a mesma pergunta — disse Natalie. Se bem que não precisava de resposta. Podia ver a felicidade nos olhos de Madison.

— É o nosso primeiro encontro — Madison disse e sorriu. — Finalmente, ele me pediu pra sair. Demorou dez anos. Os homens de São Francisco são um pouco devagar.

— Mas vale a pena esperar — Dylan retalhou.

— Absolutamente certo — Cole acrescentou, dando um sorriso malicioso para Natalie. — Posso provar.

— Posso tomar-lhe a palavra — ela murmurou. Ao sentar, sentiu-se ridiculamente feliz. Teve um pressentimento de que Madison e Dylan iriam se dar bem juntos. E Laura? Laura estava linda na primeira fila da orquestra, segurando a flauta e vestida de preto. Acenou para Natalie. Sorriso confiante e orgulhoso. Em seguida, olhou para Drew e as adoráveis crianças que se pareciam muito com a mãe. Drew os cumprimentou com um aceno. Era distante, mas não hostil como antes. Ele também mudara. Todos tinham mudado.

As luzes se apagaram e o maestro fez um gesto para começarem.

A música era bonita, emocionante, intensa, e então as flautas entraram. Natalie pensou que podia ouvir os anjos cantarem. Talvez fosse verdade. Emily sempre gostara de cantar. E tudo o que ela queria era que seus amigos fossem felizes.

Natalie pousou a mão em Cole e soube que as Quatro Fantásticas nunca foram tão fantásticas.

Fim!

*-Golden significa dourado. (N. T.)

*-Famosa canção, dos anos 1950, gravada por Tony Bennett, "I left my heart in San Francisco". (N. T.)

*-Comunidade masculina de estudantes que nasceu em 1855, na Universidade de Miami. (N. T.)